

DA MESMA AUTORA DE O LADO BOM DE SER TRAÍDA

S U E H E C K E R

Tutor

UM HOMEM MARCANTE, COM OLHAR PENETRANTE



TUTOR

SUE HECKER

Copyright © 2016 Sue Hecker

Todos os direitos reservados

CRIADO NO BRASIL

Arte da Capa: Denis Lenzi

Revisão: Suzete Frederico Ribeiro e Livia Salmazo

Revisão Final: Silvia Ligieri

Diagramação Digital: Evy Maciel

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

AGRADECIMENTOS

Bem amigos da Sue Hecker, vai começar a partida!

O jogo é entre a história Tutor e o amor dos leitores.

Na comissão técnica, elas, as *Suezetes*: Suzete, Lívia, Nathalia, Sylvia, Gabriela Canano e os amigos do Wattpad, que me acompanharam durante a história.

Ainda no apoio de equipe os autores: Joice Bittencourt, Evy Maciel, Bya Campista, Sylmara Martins, Ana Sóh, Ariela Pereira, Kacau Tiamo, Camila Ferreira, Nathalia Viana, Marcia Lima, Danilo Barbosa e Míddian Meireles, que me ajudaram no desafio da história.

O time tem reforços imensuráveis como sustentáculo, blogueiras e grupos amigos: Tardes Sensuais, Viciados no Watppad, Lendo no amazon, Cris Vieira, No Limite De Um Livro, Lunáticas por Romance, Universo das Periquetes Literárias, Livros do Coração, Clube do livro e Grupo Pegasus, como parceiros queridos.

E como não poderia faltar: a base, minha família, meu marido e filho que ficam na retaguarda torcendo de longe.

Ainda como colaboração Dr. Daniel Gabarra com o *Brainspotting* e o Diogo Milani, como interprete da música exclusiva para a história e o capista, Denis Lenzi.

E finalizando e possibilitando esse jogo, a editora HARPER COLLINS, que acreditou no meu trabalho.

Vamos a escalação desse time querido.

Na verdade, um time convencional precisa de uma escalação inicial e nesse caso, essa história foi escalada por todos que o adotaram. Não precisei criar um padrão, pois a escalação foi gerada aleatoriamente, pela confiança a ela depositada e o desempenho está sendo o melhor que esperado.

Os leitores que a ela escolheram, levaram essa história a um mundo de vitórias na torcida, vibrando, comentando e ovacionando a cada capítulo.

Nesse caso, não há posições determinadas nesse time. Simplesmente o jogo acontece e todos jogaram em todas as posições, com um único intuito: marcar um golão! E olha, são muitos os golões marcados.

A literatura apita o início dessa história.

Sue Hecker tem uma motivação inicial que é uma lição de vida, passada com o ensinamento do que é o amor com a superação e, passa a história para frente. Seu time pega a imaginação e curte ela, passando a um amigo a história que conheceu, um divulga para o outro e a história vai se alastrando. Vários gols de placa! Um atrás do outro. Que maravilha!!

Resultado final: Vitória!

Obrigada meu time querido por todo apoio, carinho e por suar essa camisa. Amo todos vocês.

Vai que é sua, Tutor!

SINOPSE:

Tutor Pedro Salvatore, um homem submerso em sua virtude e honroso de sua palavra. Será capaz de emergir de um juramento onde foi capaz de colocar toda sua vida em segundo plano? Convicto que o poder do NÃO pode ser o bastante para ir contra seu coração. Um homem marcante, com olhar penetrante. O que esperar de uma história, quando os desejos são substituídos pela autoflagelação?

Tutor. Um homem marcante com olhar penetrante.

PRÓLOGO

Sentado diante do laptop depois de um banho, em um dia cansativo no escritório, observo a Bya sair do quarto, vestida para matar. Uma onda incontrolável de calor me inunda. Com rabo de cavalo preso no topo da cabeça dizendo, me prenda em suas mãos, com o olhar de castanheira onde sua marca registrada é me desafiar desde o primeiro momento que me viu e com os lábios carnudos que dariam inveja a qualquer mulher do mundo, pintados de vermelho. Espero-a falar onde pensa que vai deste jeito.

— Pedro, não tenho hora para voltar — disse segura de si, como se mandasse no próprio nariz. — Estou indo cobrir uma amiga em um bar — ela emenda as palavras enquanto age rápido, ciente que uma série de perguntas será feita. — A mãe dessa amiga está em fase terminal e ela não pode ir trabalhar hoje, pois ficará com sua mãe no hospital e ela não pode perder esse emprego. Fiquei morrendo de dó, sabe? Você vive dizendo para mim, que na vida precisamos ajudar o próximo e por esse motivo, decidi cobrir o seu lugar, para seu chefe não descontar o dia, ou até mesmo mandá-la embora. Não sei o que me espera e nem que horas termina o horário dela no bar. Não espere por mim! — Seus argumentos são rápidos, ela fala tudo sem ponto e vírgula, sem pausa, mistura boa ação em sua atitude para lapidar minhas objeções antes mesmo de fazê-las.

— Espera aí mocinha! — Sem tempo de pensar, seguro seu braço. — Antes de abrir esta porta pode me falar onde fica esse bar e por que uma bartender precisa trabalhar com um short tão curto?

Não olho para ele, só de ouvir sua voz firme e imponente meu coração dá palpitações. Direciono meus olhos para qualquer ponto do espaço que estamos não posso agora dirigir meu olhar para o dele. Seu olhar é penetrante, como um amuleto de hipnose, a cada vez que olho para ele me sinto sem ar, fantasio o sabor do seu beijo, o toque de sua carícia. Imagino a acolhida dos seus braços em torno do meu corpo, fantasio ainda o hálito quente dele próximo do meu ouvido dizendo “SIM, eu quero ter você pra mim”. Ele é o homem que marcou minha vida e me arruinou para todos os homens do mundo, mas ainda assim não o deixarei continuar ditando regras do que devo ou não devo fazer, como se eu fosse para sempre apenas uma responsabilidade em sua vida. Respiro fundo, crio forças de onde não sei que existe e respondo rápido, como fiz para avisá-lo que estou saindo.

— Em qual século você vive mesmo? Definitivamente você não é deste planeta! — Ela me desafia e eu seguro o ar preso em meus pulmões, dando-me conta do quanto sua pele é quente e macia. — Este não é um short curto é uma bermuda e esse bar tem o uniforme, como você pode ver. — Ela aponta as mãos de cima embaixo no seu corpo. — Estas roupas não são minhas, se tenho que ajudar minha amiga, preciso vestir o uniforme dela, eu sou manequim 38,5 e ela apenas 38, agora sem perguntas. Tá legal? Estou realmente 4 minutos atrasada! — Ela puxa o braço delicadamente e com a mão livre abre a porta e antes de fechar, ela me olha com um sorriso maroto parecendo fascinada com o rumo do acontecimento e diz:

— O nome do bar é Honolulu! — Olho para ele tentando ser inocente, acho que percebe quando o estou cobiçando, por mais que tente não exagerar nas caras e bocas, sempre o provoco.

— Beatriz?! — Apenas pronuncio seu nome quando quero a sua total atenção. — Será que o que venho pagando a você como estagiária no escritório não é suficiente? — Arrependo-me de falar assim que termino a pergunta. Que droga! Por que será que do nada, tenho esse sentimento banal que sou dono do seu direito de ir e vir?

— Pedro, pela forma como você fechou os olhos assim que fez essa pergunta, vou levar em consideração que você já sabe a resposta. — Um sorriso lento e irônico abre em seus lábios vermelhos, ela certamente sabe me irritar quando usa meus gestos como resposta.

— Talvez! Bya, você pensa que sabe a resposta, mas como responsável por você, fico preocupado que depois de um dia de trabalho. — Ela cruza os braços, objetivando qualquer desculpa que eu queira dar. — Você pode estar encarando uma boa ação para ajudar uma amiga como certo, mas você tem que pensar que seu corpo pode estar cansado e você acabe não aguentando. Um bar não é fácil de trabalhar, sei que não concordamos sempre com as mesmas opiniões, mas tenta considerar, liga para sua amiga e diz que não pode encarar esta jornada. Sem contar que ainda tem aqueles bastardos que bebem a noite toda e não são capazes de ter um bom papo com uma mulher e decidem cantar as garçonetes do local. — Só de pensar em um homem olhando para ela, meu estômago revira. Sem dúvida o corpo dela é lindo e não faltarão azarões com cantadas idiotas vendo suas pernas torneadas e bronzeadas à mostra, mas isso eu não pretendia dizer a ela, na verdade nem sei por que pensei nas suas pernas. O deboche estampado em seu rosto me intriga.

— Você está preocupado com o meu bem-estar, meu querido e todo poderoso Tutor? Ou está com medo que eu não saiba me defender de galãs bêbados? — Prometi que não iria olhar em seus olhos, mas quando ele quer me provar que é indiferente a mim e que só pensa em mim como sua responsabilidade, tira-me do eixo. Será que ele não percebe que seus olhos são como espelhos, onde a imagem refletida nele é a mesma que sinto por ele? Pura e intensa atração! Por que ele não é verdadeiro com os seus sentimentos?

— Sei que você sabe se defender muito bem! — Meço-o dos pés a cabeça, querendo mostrar que só consigo enxergá-lo como homem. No fundo sei que ele gosta de ser observado por mim e isso o deixa tenso.

— Então talvez seja uma pontinha de ciúmes — a malícia toma seus olhos.

— Deixa de ser pretensiosa. A ideia desse sentimento é algo que você tem que passar longe e não fantasiar coisas. — Alerto. — A vida não se resume apenas ao seu umbigo. Estou apenas preocupado.

— Tem certeza? Olha que posso ser uma mulher bem malvada para bêbados indefesos. — A ira me faz dar um passo à frente e ela recua um passo em direção para fora da porta. Sou tomado por um calor, não sei definir se pela petulância dela ou pela proximidade dos nossos corpos. Ela tem um talento todo especial de saber causar reações diversas em mim, do desejo à autocondenação.

— Ainda não estou convencida que não sejam ciúmes — dou de ombros para provocar, essa é a parte mais divertida na nossa talvez relação. — Você inventa mil desculpas para eu não sair de casa e ainda acrescenta que posso ser assediada por um bêbado. Você acredita mesmo que só posso ser cantada por uma pessoa alcoolizada? — Olho para ele, mas sem vê-lo, afetada demais

pelas suas atitudes contraditórias. — Ou prefere encarar que um possível flerte com um carinho legal pode representar um perigo iminente para mim? E tudo isso você prefere nomear como apenas preocupação com meu bem-estar?

— Isso mesmo! — Entendo seu apelo em frisar que é algo mais do que preocupação, mas tento ser o mais indiferente possível, afinal não quero alimentar as caraminholas que ela insiste em me questionar sempre e ir contra ao que meu membro está concentrado. Ela franze a testa.

— Vamos lá Pedro! Você vive me proibindo de tudo ou tentando me convencer que a vida é cruel, que as pessoas são más e que só você pode me defender de mim mesma, como um super-herói, mas seus olhos sempre me provam o contrário, vejo neles.

Interrompo-a, não quero ouvir o que tem a me dizer, não agora que não estou pensando direito, vulnerável à atração que sei que não posso sentir.

— Bya para de ser infantil! Liga para sua amiga e diga que trabalhou o dia todo e precisa descansar, que está cansada e que ela arrume outra pessoa para ficar com a mãe.

— Então você acha que posso ligar para a Elaine agora e falar: “Elaine larga sua mãe no seu leito de morte e vá trabalhar, porque hoje atendi alguns telefonemas, sentada, levei alguns papéis ao meu chefe e acho que vou me cansar trabalhando apenas algumas horas para você”. — Enceno como se tivesse com um telefone na mão.

— Olha para mim Pedro! — Grito magoada com lágrimas que começam a invadir meus olhos. — Se pudesse ter a chance de ficar apenas 5 minutos a mais com meus pais, eu largaria o mundo e o amanhã só pensando nos minutos.

Esfrego a nuca pensando na besteira que acabo de fazer, ela bate a porta deixando-me olhar para a madeira morta, mas que ao mesmo tempo é a coisa mais viva no momento. Quando projetamos a importância e o tamanho dela, não imaginamos os sentimentos que pode transmitir quando aberta ou fechada. Para muitos é passagem de entrada e saída, mas quando é fechada por alguém que é machucado, dói não termos forças para abrir e dizer que não era o que queríamos dizer.

— Porra! Não deveria ter dito isso.

Arquitetar e planejar são o que minha profissão exige, mas jamais as linhas e as formas de uma porta fechada podem significar o sentido figurado a um arquiteto sonhador. Digamos que criar e brincar de criador, jamais dará sentido sobre as coisas que acontecem na escola da vida. Estudei por anos para dominar a forma, distribuir espaços, mas confesso que ao lado dela me sinto fora de esquadro, perdido em linhas paralelas, praticamente em uma escala indefinida. Em cima da prancheta consigo pensar, desenvolver projetos, tornar sonhos em realidade, muitas vezes projeto casas para abrigar um grande amor, caminhos para chegar ao arco-íris. Em um simples desenho organizo cidades, vidas e comportamentos, - o bem-estar das pessoas -, mas quando se trata dela, tudo vira um rabisco sem forma, sem direção, preso no escuro sem encontrar uma luz para posicionar a bússola para banhar a vida do melhor pôr do sol.

Ando de um lado para o outro, pareço um animal enjaulado, comprometido com um juramento. Quero acreditar que a confiança em mim depositada, é o motivo de eu estar tão nervoso, a cada vez que ela diz que vai sair sem mim. Até hoje tem sido um desastre o juramento

que fiz, com todos os acontecimentos de proporções épicas. Com o celular na mão, mordendo os lábios, me pego olhando o visor, pesquisando onde é o tal bar. Pela descrição é um local frequentado por jovens surfistas e motociclistas. Acho estranho nunca ter ouvido falar do local, pois faço parte de um clube de motociclistas, “Águias do Asfalto”, e sinceramente, este nome seria um nome que ficaria gravado em minha memória, caso um dia tivesse sido mencionado por algum membro do clube. Algumas ligações e minhas suspeitas vêm por terra. O bar coloca em sua apresentação que recebe motociclistas, mas são motociclistas que se intitulam assim, não os motociclistas de clubes que se reúnem para tomar uma bebida. Esses tais grupinhos que se intitulam assim são gaviões que compram motos modernas e vão à caça de suas presas. Um nó se forma em minha garganta.

— Meu Deus! Quanto tempo. Até que enfim andarei na garupa da sua lambreta?! — Interrogativa e surpresa Bruna fica me olhando e tentando decifrar o motivo desse convite repentino e ainda mais em um passeio de moto, uma vez que nunca levo ninguém junto comigo. Somos amigos desde a época da faculdade. No passado, antes mesmo de saber suas preferências sexuais, tenha rolado um pequeno affair, mas não passou disso.

Somos muito parecidos e dou graças a Deus que estou com o capacete e assim não preciso começar nossa noite com respostas ao seu interrogatório, estendo a ela seu capacete e ela entende a minha resposta. Desde que a Bya chegou a casa, afastei-me de todos, nem mesmo eu entendo o porquê tenho agido como um idiota. Esses últimos anos que estou vivendo com aquela moleca mimada embaixo do mesmo teto preferi ficar recluso, em um mundo fechado, onde apenas a minha verdade me bastava.

A cada dia que passa procuro buscar respostas e hoje uma luz se acendeu dentro de mim, como se ela tivesse mantido um blecaute temporário. Venho me castigando fisicamente, motivado pelo sentimento de culpa, onde meu corpo, não obedece às minhas verdades e crenças. As consequências da luxúria se tornaram um remorso constante, nesse blecaute aqui venho alimentando a dor física para poder atenuar a dor mental que venho sentindo.

Agora estou aqui com a Bruna na minha garupa, seguindo rumo à Vila Madalena, isso porque ela foi a primeira pessoa que pensei, depois de fazer minhas verificações do local e lembrar que uma das suas paixões são as ondas.

*_*_*_*_*_*

Coloco o último copo no esterilizador. Aff! Nunca imaginei que Elaine trabalhasse tanto, parece que os copos não têm fim, a cada bandeja de bebida que sai com um garçom para os clientes, contabilizo mentalmente quantos copos mais lavarei esta noite.

Quando cheguei ao bar e me apresentei para o gerente, ele decidiu me colocar para ajudar no bar, depois de falar que não tinha experiência em carregar bandejas de bebidas ou servir mesas, ele torceu o nariz, mas acabou remanejando a equipe. Vários membros da equipe eu conheço, são meus amigos da faculdade, mesmo sendo estagiários na área de arquitetura, fazem bico aqui para ajudar no orçamento, dois deles são meus melhores amigos: a Elaine e o Beggo.

Sorridente como uma libélula e terminando de fazer uma anotação em um pedido, o Beggo entrega ao bartender esse pedido, enquanto me olha, colocando sua enorme franja atrás da orelha.

— Ei. Sensação da noite, você não contou que traria reforços para garantir sua segurança?
— Ele brinca. — Ou talvez. Não vai acreditar quem está sentado no canto do bar.

Olho para ele desanimada, com mais uma bandeja de copos sujos chegando.

— Confesso que hoje à noite mal começou e ser adivinha não veio no pacote de meus atributos. — Levanto o ombro e gesticulo com as mãos um movimento imaginário, fingindo esfregar copos.

— Então se prepare, porque se não quer adivinhar, siga a direção do meu dedo e veja com seus próprios olhos, que o seu cão de guarda está aqui. — Arrasto meus olhos para o canto do salão e vislumbro um casal sentado em uma mesa de canto.

Inicialmente não reconheço a espécime que o acompanha, mas não há dúvidas de que o homem é o meu Alf ET Teimoso e irresistível Tutor. Eles estão sentados um de frente para o outro, suas cabeças inclinadas e concentradas na conversa, de longe parecem que se conhecem há anos, mas, eu, particularmente, nunca vi a tal surfista botonada, além de loira oxigenada, seu rosto grita botox. A mulher tem um jeito meio masculino de ser, xingo-me mentalmente, acho que nunca vou me acostumar em vê-lo com uma mulher.

— Ele trouxe uma mulher junto com ele para me vigiar? — Pergunto mais para mim do que para o Beggo. Acho que o sangue desaparece do meu rosto, fico pálida como nunca, sinto minhas mãos trêmulas.

— Muita coragem não é mesmo morena? — Nunca escondi dos meus amigos a paixão que tenho pelo Pedro. O Beggo me encara mordendo o nó do dedo.

— Beggo, assume meu lugar por alguns minutos e deixa que eu mesma sirva a mesa deles. Vamos ver se encharcados com a bebida, eles não vão embora rapidinho e me deixam em paz, afinal existem garçonetes extremamente desastradas, não é mesmo? — A ideia é tentadora.

Felizmente tenho um amigo que pensa rápido e me alertou que não é uma questão de vingança pessoal e sim, uma questão de ajudar a Elaine permanecer com o emprego. Frustrada, mas nunca derrotada, minhas ideias fervilham na minha mente. Faço o pedido para o bartender e vejo o que pediram.

A loira siliconada pediu Sex On The Beach (sexo na praia) leio os ingredientes no cardápio em voz alta. — Coquetel feito de highball, licor de pêsego, suco de laranja e suco de cranberry. Uh lá lá, então ela quer sexo na praia, Beggo? — Questiono meu amigo, arquitetando tudo na minha mente. O Pedro pede um Honolulu Pinã Colada, coquetel sugerido da casa sem teor alcoólico, pelo jeito é ele que está dirigindo. O seu senso de responsabilidade é tão grande que nem mesmo um chopp ele é capaz de tomar. Já os ingredientes do seu coquetel, são leite de coco, leite condensado, creme de leite, suco de abacaxi, soda limonada no lugar do rum e mel, muito mel. Ops! Este último ingrediente não consta no cardápio, mas como sei que meu querido irresistível Tutor é um pouco intolerante a esse ingrediente, resolvo pedir para o bartender adicionar para apimentar a tão sonhada noite de sexo na praia que sua amiguinha pediu.

Esperando meu produto de vingança ficar pronto, não consigo mais render à lavagem dos copos na mesma velocidade.

Impaciente, observo a movimentação do bar.

— Você já tinha vindo aqui Bruna? — Faço de tudo para ela não perguntar o porquê do convite repentino. Ela sorri para mim e responde no seu jeito caíçara de ser com seus jargões.

— Já caí neste bar, uns brothers estão sempre aqui.

Olhando para todos os lados sem querer ser perseguidor ou controlador, submerso nos meus fantasmas e tento encontrar a pequena atrevida de qualquer jeito.

— É impressão minha ou você além de não estar prestando atenção no que estou falando, está procurando alguém nesta crowd.

Remexo-me na cadeira repentinamente pego de surpresa, se eu conseguir explicar o que estou fazendo aqui sem parecer um tirano, dar-me-ei por vencido. Mas o que vejo deixa-me raivoso. O balcão do bar está tomado por um bando de "urubus" sobrevoando a carniça, claro que não é isso que incomoda, ou assim desejo pensar. O que me incomoda é como ela pode achar aceitável passar a noite lavando copos, se em casa a privo de tirar o seu próprio copo da mesa.

Vejo-a respondendo para alguns abutres algumas coisas com um sorrisinho tímido. O mundo é cheio de gaviões mesmo. Sentindo a face tensa, encaro o movimento, esperando o momento certo de ter que intervir com algum idiota abusado.

Disfarço o quanto posso, a necessidade de não mostrar a ele que já os avistei, faz com que eu dê atenção aos homens sentados no balcão, sem serem funções destinadas a mim. Tento ignorar a ira de ciúmes e o frio na barriga. Consigo ignorar todas as piadinhas e cantadas que recebo, mas não consigo ignorar o homem sentado à mesa e acompanhado.

Percebo que ele não para de olhar em minha direção. Pedrão, eu também sei jogar esse jogo. Ao lado da sua mesa tem algumas mulheres desacompanhadas o observando. Claro que tem mulheres olhando para ele, como não notar a sua presença? O homem consegue brilhar na penumbra como uma joia bruta. Juro que meu desejo é que ele vá embora logo.

Tento me manter firme e controlar minhas mãos que insistem em tremer de nervoso. A loira chama sua atenção, tirando o foco que ele estava mantendo em mim. Acho que preciso apimentar um pouco mais esta noite! Vejo que uma das meninas que trabalham no bar tem a camisa amarrada na frente, deixando à mostra a barriga. Vou a um canto do bar próximo do freezer e copio a sua ideia. Apesar da decisão resoluto, tenho espasmos por dentro imaginando como ele ficará irritado.

— Fiu. Fiu. — Ouço o assovio do Beggo. — Arrasou morena tropicana.

Respiro fundo, firme e motivada. Seus olhos voltam para o bar. Incrédulo no que está vendo, posso sentir o fervor que ele está sentindo. Sorrio por dentro, sentindo-me vingada. Sei que ele odeia mulheres exibicionistas, mas como ele resolveu esta noite fazer uma exceção estando acompanhado pela loira oxigenada, vai ter que aceitar-me exibicionista também.

— Acho que você atraiu a atenção de alguém.

— Acha mesmo?

— E, não sou só eu que acho isso. Olha como a loirona falta pouco plantar bananeira na

frente dele.

— Pedrão, você gostou tanto assim do bar que resolveu tirar as medidas do balcão para um possível projeto?

— Minha tutelada está trabalhando aqui hoje, fiquei curioso para conhecer o tão famoso bar Honolulu — atrapalho-me com a resposta

— Famoso, é? Não me lembro de ser um lugar badalado — responde ironicamente — sua pupila deve ser uma garota de sorte e pelo que conheço deve amar você.

— Às vezes acho que ela me odeia mais do que gosta de mim.

— De onde foi que você tirou isso, meu querido e amado Pedro! — Com um sorriso no rosto, digo cuspidando fogo pelas ventas, por estarem se referindo a mim como uma tutelada. — Olha como gosto de você, quando vi que estavam aqui, fiz questão de trazer o pedido de vocês para cumprimentá-los. — Ou fuzilar, penso comigo. Minhas mãos nunca tremeram tanto, nem sei como cheguei à mesa segurando a bandeja e os coquetéis estarem intactos, acho que esbarrei em quase todas as mesas no caminho até chegar aqui. De repente a bandeja fica pesada em minhas mãos, lembrando-me a razão de estar ali.

Minhas palavras se atrapalham assim que ouço a voz familiar, minha língua fica presa e desajeitada. Sinto-me um bêbado sem colocar uma gota de álcool na boca, salvo pela Bruna, ela me olha carrancuda e desfaz o clima pesado. Será que ela ouviu o que falei?

— Você deve ser a. — Com a mão estendida, ela olha pra mim pedindo socorro e lembro que não mencionei o nome da Bya.

— Beatriz esta é a Bruna, uma grande amiga, da minha época de faculdade. — Com aquele olhar desafiante que conheço, ela deposita as bebidas na mesa acertando o pedido de cada um.

— Imaginei ser uma amiga antiga, meu querido tutor. O senhor adora tudo que é muito antigo, sempre me lembra disso, esqueceu? — A bÍlis sobe à minha garganta com a sua ousadia e não a deixo perceber que a mensagem sutil que proferiu, afetou-me.

— Você é linda Beatriz, imagino o orgulho que o Pedro deve sentir quando passeia ao seu lado e todos notam a sua beleza. — Não sei por que, a cada segundo que passa tudo fica mais constrangedor ou confuso. A Bya sorri debochada quando a Bruna fala, tenho a impressão que o clima ainda vai esquentar, ainda mais depois de algumas demonstrações de peraltice que esta pirralha mimada já cometeu. — Estes coquetéis estão Pro. Com caras ótimas e este abacaxi do Pedrito, então. Deve estar divino, louco para dropar em sua boca. Você que preparou Bya? — Fecho os olhos esperando a resposta.

A Bruna não perde tempo em levantar seu copo para um brinde imaginário e leva a bebida à boca, medindo a Bya dos pés à cabeça, o sangue ferve nas minhas veias. Ela não está querendo flertar com minha pequena. Está?

Soberbo ao vê-la satisfeita e orgulhosa por estar ali nos servindo, repito o gesto da Bruna levando o canudo da minha Piña Colada servida no abacaxi à boca. Ela transmite em seus olhos uma magia de coragem e vulnerabilidade, que atingem meu íntimo. O contraste do gelo que desce

raspando pela minha garganta com o calor que ela irradia ao meu corpo, observando-me provar o coquetel, faz com que eu fique absorto ao sabor doce da bebida preso aos seus olhos.

— Gostou? — Pergunto ansiosa e apreensiva, com medo dele descobrir o ingrediente surpresa da sua bebida. Colocando o abacaxi na mesa sem tirar seus olhos dos meus, levanto as sobrancelhas questionando com indiferença, para não mostrar minha fraqueza. Mas ao mesmo tempo, meu corpo fica imobilizado como sempre que estou ao seu lado, o centro escuro dos seus olhos cresce, intensificando o verde ao redor dele. O homem exala tensão sensual, deixando minhas pernas bambas. Sinto meu coração acelerar com a expectativa do que ele vai dizer, minha respiração fica presa na garganta, ele tem o poder de me fazer esquecer onde estou e o que sou, minha atenção é para seus lábios.

— Acho que é a melhor Piña Colada que já tomei! — Desvio meus olhos de seus lábios, percebo que ele ainda está me encarando e acrescenta — *você já tomou algo e foi pego de surpresa e não percebeu o quão envolvido estava até que isso?* — Ele para de falar e desvia os olhos dos meus — E o seu coquetel como está Bruninha? — Que diabos acabou de acontecer? O misto de sentimentos me invade e a ternura que vi em seus olhos há segundos atrás me comovendo, desaparece como um — TIM BUM! O sentimento de vingança de saber como ele se sentirá depois de tomar todo este coquetel vem à minha mente, fico irritada novamente. É assim que ele me faz sentir desde o dia que o conheci, ternura e ódio ao mesmo tempo.

— Perfeito, como eu esperava! — A bruxa oxigenada convencida e de nariz empinado, diz, encarando-me. Que mulher mais estranha, penso com um sorrisinho. Acho que ela quer me ver longe.

— A noite é uma criança, divirtam-se! — Contenho a respiração por segundos e acrescento — afinal este coquetel, deve estar melhor do que o pão do dia a dia, não é mesmo Pedro?. — Aproveito a deixa e saio com a bandeja festejando por antecipação, imaginando a bela noite de sexo na praia que ela vai ter. Durma com essa, casal sem graça.

Tive que apertar os dedos contra a palma da mão para não agir com o desejo que queimava dentro de mim e tentar afastar as fantasias que ela me desperta, quando percebi que ela estava correspondendo ao meu olhar. Perguntar para a Bruna como estava o coquetel dela, foi a única coisa que veio à minha mente.

— Vejo que virou um maroleiro. O que aconteceu com você, resolveu se aventurar em ondas pequenas?

— Não comece a alimentar fantasia. Ela é minha responsabilidade, tenho uma promessa de cuidar dela como minha filha — tomo mais um gole da bebida para aliviar a coceira que começa a formigar minha garganta.

— Não foi o que acabei de presenciar, talvez a modernidade da nova responsabilidade, tenha voltado à criação dos nossos avôs, quando o olhar dizia tudo aos seus filhos.

Um pigarro e uma irritação na garganta causam um grande incômodo acompanhado de um muco repentino. Não sei se o interrogatório da Bruna ou a forma ousada e provocante que a Bya me olhou hoje causam isso, tomo mais da doce bebida.

— Vocês mulheres fantasiam demais, enxergam coisas onde nunca existem — suspiro

exasperado.

— Fora o deslize da natureza - em compartilhar uma coisa rachada na minha parte íntima -, nasci como você meu brother!

— Você quase já me enganou — sorrio com ela, sentindo uma coceira na parte de trás do pescoço.

— E pelo visto isto faz você ficar vermelho até hoje. Pedro? — Ela fixa os olhos em mim.

— Está me olhando deste jeito por quê? Será que meus dotes masculinos estão convencendo-a a mudar de lado, depois de anos? — Devolvo a brincadeira.

— Olha se esses sentimentos que você está falando que despertaram em mim, não estão sendo despertados em você, acho melhor você ir ao banheiro ver seu rosto. Tem alguma coisa de errado com você — ela diz enquanto estou rezando para não tirar a roupa que começa a me pinicar. Olho para minhas mãos e tento entender o que está acontecendo.

Faço uma análise rápida de algo que eu possa ter comido hoje e venha a causar esta reação alérgica que está se alastrando por todo meu corpo, enquanto me coço todo. De longe olho para o balcão e o sorriso estalado no rosto da Bya, revela que o que eu estou sentindo, tem alguma participação dela.

— Bruna, me passa o cardápio — digo irritado.

Abro na página do menu onde tem as descrições da Pinã Colada e não vejo nada que possa ter causado todo o mal-estar que estou sentindo.

— Pedro. Acho melhor irmos a um Pronto Socorro, seus braços e pescoço estão ficando com mais bolotas vermelhas.

— Não antes de tirar essa história a limpo. — Sem ouvir o que a Bruna está dizendo, caminho em sentido ao balcão do bar, sem olhar para o lado, apenas focado na minha fúria e nos meus dedos aliviando a coceira em cada parte do meu corpo. Estreitando o espaço entre a coluna do balcão que divide nossos corpos, encaro seus olhos que dizem exatamente o que preciso saber. — O que foi que você adicionou na minha bebida?

Fico com pânico, a expressão do Pedro não é nada amigável.

— Eu? Por que você acredita, que adicionei alguma coisa na sua bebida? — Meu coração bate, mas a pontada de ciúme dos dois juntos é maior, que acaba sendo engraçado vislumbrá-lo se coçar por todo o corpo e ainda saber que hoje não vai rolar sexo na praia, como a sua amiguinha premeditou, meu remorso se desfaz, qualquer peso na consciência é compensado. Era óbvio que eles estavam muito cúmplices, a noite toda conversando, um olhando para o outro, como se fizessem confissões como dois pombinhos.

— Escuta aqui garota, vê se cresce, estamos falando de saúde! — Ele segura meus braços por cima do balcão me imobilizando, sinto seu hálito quente próximo do meu rosto, as fagulhas parecem que se acendem e percorrem meu corpo. — Olha para mim, sinto um enxame de abelhas me picando, você pode me falar o que fez? — Sem responder, tenho medo que ele solte meus braços e as minhas pernas bambas não aguentem meu corpo. Seus olhos estão sombrios. — Se

você for tão espertinha como parece ser, fala agora Beatriz!

A dor sobe até chegar ao meu coração, é duro ouvir como ele fala comigo e isso faz com que eu ceda, junto com as lágrimas que escorrem à vontade pelo meu rosto. A forma como ele me olha irritado, faz meu corpo suscitar sensações trêmulas de medo e compaixão. — Mel! — Falo mais para mim do que para ele, prefiro não o provocar mais, vendo que seu estado piora a cada segundo.

— Vejo você em casa - ele fala entre os dentes com a mandíbula cerrada. Vira-se e vai embora, sem me dizer mais nada, apenas seus olhos dizem para mim que, o que é meu está guardado.

CAPÍTULO 1 – Pedro Salvatore

— Pedro?

— Sou eu!

— Preciso de você! — Ouço uma voz longe e uma longa pausa. — Não me diga não agora.

Sentado com cotovelo apoiado nas minhas pernas e com os dedos enlaçados no meu cabelo, estou até agora sem entender como minha vida mudou depois daquela ligação. Flashes e lembranças vêm à minha mente, enquanto fecho os olhos. Ainda incrédulo.

— Maria Luiza, não posso prometer isso! — Digo a ela, mesmo condoído com seu estado.

— Não me culpe pelo que ele fez com vocês. Eu. Só tenho você agora. Estou morrendo. Sinto não ter forças para continuar. Por mais que eu lute com todas elas para sobreviver. — Ela fala com dificuldade, abaixando a máscara de oxigênio e voltando-a no rosto a cada fala. Está agonizante, as palavras saem como um sussurro, pausadamente e por mais insensível que possa parecer de minha parte, não sei se sou capaz de fazer isso.

— Ela é o meu bem mais precioso. Você precisa prometer que vai cuidar dela. — Sua mão fria, toca a minha. Fecho meus olhos lembrando quando me despedi da minha mãe e a vi pela última vez, depois de lutar por anos como uma guerreira. A sua despedida ficou gravada na minha memória com suas mãos frias dizendo que a morte a tinha levado de mim.

— Pedro, você sabe como fazer isso. — Olhando para ela, as palavras não saem da minha garganta, elas ficam presas pelo nó que se forma. — Você foi vítima de ficar órfão. — Não fiquei órfão, na verdade, ele preferiu que fosse assim, preferiu cuidar de uma família que não pertencia a ele, ao invés de cuidar dos seus. Agora ela vem me pedir algo que ela foi beneficiada. Não estou atribuindo a culpa a ela, pois sei que era apenas uma criança, mas ainda assim ela foi beneficiada com algo que foi tirado de mim.

— Pedro você saberá passar a ela a sua sabedoria.

— Sabedoria? — Questiono, enquanto uma voz grita dizendo que foi apenas sobrevivência.

— Mesmo você não querendo estar perto da gente. Eu tinha você como um irmão. E o Walter tinha você como um grande amigo. As últimas palavras dele na ambulância foram para eu procurá-lo.

Como vou cuidar de uma adolescente que vi apenas uma vez no enterro daquele que se fez passar por um verme, que se considerou onisciente, onipotente e que apenas a sua verdade que carregava na vida era certa? Ele nunca foi humilde e na sua insignificância preferiu dar as costas à sua responsabilidade, e agora como uma herança do destino, vem à minha vida a incumbência de fazer diferente do que ele fez comigo, mesmo sendo situações completamente diferentes, mas que no resultado final é a mesma coisa. Ela suspira e suplica, dessa vez mais fraca.

— Queria poder dar um último beijo nela. — As palavras quase não saem.

— Promete. — PIIIIIIIIIIIII, o som do aparelho do quarto e a correria dos médicos e

enfermeiros anunciam que a promessa ficou sem resposta.

Assim que cheguei ao hospital e fui pedir informações para chegar ao quarto de internação da Malu, não imaginei que seu estado de saúde fosse tão grave. E logo na sala da enfermagem, fui abordado por um homem grisalho de estatura média.

— Você deve ser Pedro Salvatore, a pessoa mais próxima dos Torres Machado. - Ele estende a mão, como se aquele gesto representasse condolências. — Prazer! Sou Antônio Almeida, advogado da família.

— Não que me lembre. — Respondo confuso, sem entender ainda qual a minha participação em tudo isso.

— Você pode me acompanhar?

— Vou ser direto com o senhor, não gosto de rodeios! — O olhar de pena que ele dirige a mim, definitivamente, não me enquadra neste cenário que vejo.

— Eu estava em uma festa de Réveillon, como o senhor mesmo pode ver, estou todo de branco, como segue a tradição. Então se o senhor puder me falar logo o que tudo isso significa, poupará nosso tempo.

— Sr. Pedro, como o senhor mesmo mencionou, eu também estava em uma festa de confraternização com a minha família, quando o hospital me ligou e pediu para eu vir às pressas. O que nos difere aqui nos papéis é que estou a uma semana, desde a noite de Natal, junto da família, cuidando de todos os papéis e trâmites do acidente. - Ele respira fundo e continua, um pouco cansado e sem paciência, agora. — Infelizmente não consegui seu contato a tempo para a cremação do Sr. Walter Torres Machado. - Meu peito aperta, com todas as garras possíveis. O Walter foi um grande amigo e conheceu a Malú, através de mim. — Mas, ainda assim, tenho documentos assinados por ele e por sua esposa, onde o senhor é titulado como beneficiário, porém mediante ao tal espanto do senhor, vou aguardar a Sra. Maria Luiza conversar antes e lhe dar as notícias pessoalmente. Porém temo que pela urgência do hospital em me ligar às 2h35min da madrugada, solicitando a minha presença aqui, ela não tenha tanto tempo assim de explicar tudo.

Com olhar perdido, um pedido de socorro grita no meu subconsciente, onde escondi e mascarei um histórico, de uma parte da minha vida que resolvi esquecer. Sair do comum que estabeleci como parâmetro para a minha vida parece assustador. Por anos me vi autoflagelar causando a dor no meu corpo para substituir a dor emocional, essa tinha sido a justificativa na tentativa de não sofrer e encarar a realidade. Com a ajuda de uma terapeuta consegui sair daquele recipiente cheio até a tampa — para a dor escoar de mim. Metaforicamente foi assim que aconteceu, como se a dor queimasse até congelar a minha alma, dando início a uma nova vida e agora com as unhas cravadas na palma da mão a dor me remete a voltar meu olhar para a cama à frente da minha cadeira. Sentado por horas velando o descanso do anjo à minha frente, sinto-me afogando, como se todo o silêncio do hospital fosse abafado pelo som da voz da minha consciência dos fatos. Tive muitas noites e madrugadas difíceis, mas essa sem dúvida é a mais difícil. Tencionando cada vez mais as unhas na minha pele, meus sentidos pedem para a dor novamente me orientar.

Eu poderia esperar que ela acordasse e pedir perdão por não poder ser para ela, quem

seus pais desejaram. Pressionando mais profundamente as unhas e dessa vez a dor não me responde nada. Ou poderia até mesmo ir embora e deixar que o advogado da família encontre outro tutor para ela. Brigando contra as respostas que insistem em não aparecer, tento subir das profundezas das minhas incertezas.

O que será que ela sabe? Levanto-me e caminho pela primeira vez para próximo da cama. Encaro a menina de traços delicados, de pele morena, dormir sedada e alguma coisa atinge meu coração. Eu era muito mais novo do que ela, quando lidei com a morte da minha mãe, porém ela não perdeu somente a mãe, mas também o pai. Há pouco tempo, uma enfermeira entrou no quarto e disse que devido à fratura da bacia e as cirurgias abdominais que ela sofreu, ela está a uma semana sedada em coma induzido. A covardia de encarar e lidar com a situação é mais forte que eu, viro-me para ir embora e um pequeno respiro mais alto me faz ciente que não posso fazer isso. É como se ela mesmo inconsciente, fosse mais consciente do que eu.

Fecho as mãos com força na parede — O que vou fazer? — No passado expor-me-ia aos riscos da situação, mas hoje, não sei como enquadrá-la no projeto da minha vida. Aos 29 anos estou com uma carreira consolidada em um escritório de arquitetura. Alguns clientes fazem questão que eu acompanhe os projetos até a entrega das chaves dos seus imóveis. Uma adolescente na minha vida agora só adiaria os planos que tenho para o futuro.

Exaurido mentalmente e fisicamente, estralo o pescoço e dou conta que preciso de um banho para relaxar e algumas horas de sono para conseguir pensar. Tudo aconteceu tão rápido, minha ficha ainda não caiu. Porém olhando para ela parece tão vulnerável, sozinha, sem ninguém no mundo para cuidar, não arredo o pé de onde estou e decido ficar.

— Se eu não tiver forças para dar as costas para ela agora, acho que não serei capaz de dar nunca mais. — Sussurro virando-me para ela novamente. Como será lidar com uma adolescente que precisa de ajuda? Talvez a via de comunicação entre nós dois seja sofrida, ou talvez não, mas não quero que ela crie dependência sobre mim. Aliás, olhando para ela, nem sei mais o que quero. Eu deveria ter virado as costas quando o advogado me abordou e respondido que nada daquilo me importava, mas isso me faria ser igual a uma pessoa que eu preferia nunca ter conhecido na minha vida.

Depois da madrugada em claro e um dia incomum, recebo a visita do meu amigo Marco Ladeia. Somos amigos desde sempre e quando liguei para contar que sai mais cedo da festa da virada do ano por que recebi um chamado inesperado do hospital, ele praticamente não absorveu muito a história, já que nunca falamos muito sobre meu passado.

— Cara, você está um trapo, posso garantir que amarrotado é a palavra certa. Diga-me como você veio parar aqui?

Olho de relance para a garota adormecida e faço um sinal que ele me acompanhe. Mesmo sabendo que ela está em coma induzido, não quero acordar fantasmas do meu passado para assombrá-la caso desperte.

Saímos do quarto e começo contar para ele desde a ligação, até o presente momento.

— Pedrão a sua suposta irmã de criação, era sua prima de vários graus, ou seja, qual lá se leva o nome para o grau de parentesco que vocês tinham, ela não possui nenhum parente

próximo?

— Não, Marcão! — Passo a mão pelos cabelos sentindo-me derrotado. — Quando a mãe dela e ela foram morar com o meu. — Engulo a palavra como uma gilete rasgando a garganta. — Pai. Elas eram sozinhas. Pelo pouco que convivi com elas, a mãe da Maria Luiza fugiu do marido depois que descobriu que ele estava roubando a herança dela, e o que me parece até o nome delas tiveram que mudar para ele não as encontrar. Eu realmente não conheço ninguém e quando a Maria Luiza me fez o pedido para cuidar da garota como um pai, não tive tempo de responder nada, porque ela suspirou e morreu. Agora estou aqui sem saber que rumo tomar.

— Cara, feliz Ano Novo! Acho que você precisa de grandes votos de sorte.

— Quando na virada da zero hora fiz o pedido de uma vida nova e não tão solitário, juro que não era isso que tinha em mente! - Digo a ele, entreabrindo a porta para ver se está tudo bem com ela.

— E o Walter, não tem família? Você foi amigo dele, antes deles casarem, deve conhecer alguém?

— Ninguém. — Balanço a cabeça derrotado.

— O que acha de ir tomar um banho e trocar de roupa. O tio Marco promete ficar atento à sua nova sobrinha.

Olho para ele bufando. Sua brincadeira não faz sentido, mas a ajuda eu vou aceitar. Preciso trocar de roupa urgente, esse cheiro de hospital está impregnado em mim.

— Você não precisa passar no velório, ou coisa parecida?

— Não, pelo que o advogado do casal falou, eles optaram pela cremação. — Passo as mãos no cabelo, imaginando como vai ser quando entregar para ela as urnas das cinzas. — Cara, essa situação é muito sinistra. Eles deixaram praticamente tudo organizado.

— Que situação! - Ele diz passando as mãos pelo cabelo, repetindo meu gesto. —Sabe que pode contar comigo?

— Sei sim. Sempre desconfiei que você sabe a cor do gloss que combina com a sandália, ou qual absorvente é melhor, com abas ou sem abas. — Sorrimos juntos e desolados com a história.

Quando volto ao hospital as notícias não são nada animadoras, pois a garota foi levada às pressas para o centro cirúrgico e, pela primeira vez desde que soube que ela seria minha responsabilidade, sinto-me impotente. Não há nada que eu possa fazer.

O que antes indicava uma condição estável de repente se transformou em um estado de saúde complexo, pois seu intestino acabou perfurando, deixando uma pequena fístula, que deu passagem ao conteúdo intestinal para seu abdômen. Isso causou uma infecção, felizmente detectada rapidamente pelos médicos, que ainda completaram esse funesto quadro com a informação de que foi a eficácia dos exames diários que evitou que ela tivesse uma infecção generalizada, a qual fatalmente causaria uma possível falência dos órgãos.

A agonia de a transferirem para UTI leva-me à exaustão. Conforme os dias passam, ela é submetida a algumas cirurgias e lavagens abdominais. A menina é forte, pois conseguiu sair

vitoriosa de uma parada cardíaca que durou mais de 3 minutos! Claro que ajudou estar entubada e na UTI, pois os danos poderiam ter sido irreversíveis, caso não estivesse, mas ela lutou bravamente. E, é justamente essa vontade dela de viver que me comove, convencendo-me de que quero cuidar dela e estar ao seu lado. Com tal resolução e mais aliviado por ela estar recuperando-se, quedo-me uma vez mais agoniado quando ela passa a ter problemas de coagulação, necessitando de transfusão de sangue.

Sem nem mesmo raciocinar, me pego movendo céus e terra, no que é meu primeiro esforço verdadeiro de ajudá-la, convidando todos os meus amigos e membros do Águias do Asfalto para uma campanha de doação de sangue.

Minha armadura começa a ser rompida, permitindo que sentimentos por ela sejam despertados. Nessa conjuntura, apesar de as circunstâncias do passado fazerem de mim um cético totalmente descrente de Deus, passo agora a pedir com os dedos cruzados pela saúde e recuperação dela. Pela manutenção de sua vida. Minhas últimas e primeiras palavras e preces do dia são sempre nesse sentido, comigo acordando rezando por ela e dormindo pedindo perdão a Deus por ter sequer cogitado não a querer em minha vida. As visitas de uma hora de duração que me permitem fazer-lhe na UTI só fazem aumentar meus sentimentos protetores.

Nunca dissemos uma palavra um ao outro, nem mesmo olhamo-nos nos olhos. Só a vi uma vez quando criança, todavia, sua vontade de continuar vivendo - faz-me ter orgulho dela. São dias intensos, de uma angústia e de pensamentos e reflexões contraditórias, pois não entendo como pode surgir dentro de mim tanto carinho e apreço por uma criaturinha que mal conheço!

Mais um dia de hospital e volto a encontrar o Dr. Antônio, que vem trazer informações dos trâmites dos procedimentos do que tenho que administrar. Ele despeja um fardo de obrigações e papéis para eu assinar. Digo que alguns deles devem ser enviados para o Marco, já que ele é juiz e saberá direcionar para um colega de trabalho para ver a veracidade e interesses que terei que representar. Quero lidar por enquanto com o emocional e com a vida da garota. Para mim virou a prioridade e o resto tudo pode esperar.

— Este documento que preciso da sua assinatura é um compromisso legal que está redigido claramente quanto às suas responsabilidades como tutor. Ele diz o quanto você precisa proteger, zelar pelos direitos civis, como educação, saúde, moradia e orientar a Beatriz a um convívio familiar. Ele entrega a minha via e uma caneta. — Assim que for lavrado no Fórum e no cartório, mando sua via, para os trâmites do convênio e do hospital.

Fico alternando meu olhar para a caneta e para a garota amparada por aparelhos, já instalada no quarto. Meu coração diz para eu ceder e assinar, enquanto a razão diz que isso pode não dar certo. Meus músculos se contraem e quando vejo estou colocando o ponto que é marca registrada da minha assinatura.

— Pedro, meu jovem, estou há anos nesta profissão e se serve um conselho, entenda o que significa ser um Tutor, pois logo ela alcança a maioridade. Porém esse ano de convivência pode trazer sequelas para a vida dela inteira. Pense nisto!

Passam três dias entre o revezamento que faço com a Dona Cida, que trabalha em casa e que a meu pedido se sensibilizou com a situação e fica no hospital, enquanto saio para ir para casa ou dar uma passada no escritório. Me pego ligando a cada meia hora que estou longe do

hospital, querendo saber notícias.

— Seu Pedro ela continua dormindo como um anjo. Não passou nenhum médico agora pela manhã. Tenho tanto dó da pobre menina, ela parece tão jovem para ter que aguentar a realidade quando acordar. — Aceno com a cabeça, como se ela estivesse ao meu lado.

— D. Cida, isso só saberemos quando ela acordar. Vamos torcer para ela ser uma menina forte.

— Estou rezando para isso e aproveitando que o senhor ligou, quero dizer que já providenciei a limpeza do quarto de hóspedes. Olha seu Pedro não sei o que o senhor vai fazer com todas aquelas pranchetas, mas uma moça não pode ficar no meio daquela papelada toda, acho que o senhor vai ter que arrumar um lugar.

— Certo D. Cida, vou pensar nisso, depois nos falamos. — Mal pensei na possibilidade de acolhê-la na minha casa e já tenho que fazer adaptações na minha vida.

No final de mais um dia que chego ao hospital, flagro-me tirando uma mecha de cabelo do seu rosto e conversando com ela.

— Garota o que será de nós dois? Sou um solteirão convicto e olha que este ano estava até decido a encontrar uma namorada. Mas agora como farei isto tendo você para cuidar?

— Sei que não é culpa sua — corrijo minha falta de sensibilidade — no fundo estou até ansioso para falar com você. Você parece delicada, sensível, uma boa menina, se combinarmos direito, acho até que podemos ser grandes amigos. Mas vou logo alertando, sou meticoloso e extremamente ciumento das minhas coisas, então se prepare para ter que se adaptar a mim. Faz uma forcinha garota bela adormecida e vem para o mundo real! Estou aqui esperando você - sussurro baixinho e emocionado por vê-la há tantos dias neste estado.

Cochilando na cadeira ao lado da cama, depois do médico vir ao quarto e dizer que a cicatrização da cirurgia está correndo dentro do esperado e que ela está respondendo bem ao tratamento, sonho com um futuro, onde imagino a cor dos seus olhos de jabuticaba, com um sorriso no rosto, dizendo que ela precisa de mim para sobreviver. Um leve e próximo ruído me faz ficar alerta e neste momento, não são apenas olhos de jabuticaba que estão me encarando e sim os olhos negros mais lindos que já vi. Meu coração acelera e digo a ela a primeira coisa que vem a minha mente.

— Oi!

CAPÍTULO 2 – Beatriz Eva

Não sei o porquê fiquei perdida na escuridão, mas enquanto estive lá, desamparada, algumas lembranças me marcaram. As vozes, sem eu conseguir ouvir uma só palavra nítida e um perfume agradável com sinônimo de verão, como se as ondas marítimas envolvessem as partículas do meu ar. O aroma impregnou a minha memória e quando esse bálsamo se afastava, sentia vontade de gritar para voltar. É como se aquele perfume não estivesse o tempo todo ao meu lado e quando retornava, algo me dizia que eu estava ali, podendo respirar, dando-me forças para encontrar a luz. Uma sensação de que aquele cheiro me envolvia e me buscava aonde quer que eu estivesse perdida indo ao encontro do frescor e do bem-estar. Por vezes tentei alcançar ou até mesmo tentar tocar o alecrim misturado com o jasmim, almíscar e cedro, mas os meus sentidos e reflexos não me obedeciam.

Há pouco o frescor do perfume me trouxe mais próximo da consciência. Senti um calor como um toque de despertar, as vozes ficaram mais próximas, até acho que ouvi algo parecido com a palavra garota, tudo ainda está embaralhado. Minha mente parece que está processando mil informações por segundo.

O peso que sinto nas minhas pálpebras vai cedendo e ficando leve e a tão sonhada luz, que almejei encontrar ofusca de repente a minha retina. Abro e fecho os olhos, pisco por vezes, não tenho preguiça de movimentar meu globo ocular. As pálpebras insistem em fechar e eu brigo com elas, em um exercício de superação.

Vamos lá, meninas! Deixa-me ver a luz! Não quero mais ficar na escuridão.

Confusa, tento entender onde estou. Se não morri, estou enferma em uma cama de hospital.

Esse é um primeiro bom sinal, ainda não sei o significado das coisas e só posso constatar na minha pequena análise territorial, que tem aparelhos para todos os lados. Viro meus olhos para o lado esquerdo e fico estática.

Definitivamente não morri. Afinal, anjo não tem sexo e a perfeição à minha frente com certeza tem um belo sexo oposto ao meu. É claro! Tento manter os olhos abertos, mas eles fecham. Pálpebras danadas me ajudem! Tento abrir novamente.

Pronto!

Agora além do perfume que vem alimentando-me para ter forças para sair da escuridão, tenho a imagem de um homem adormecido e contorcido em uma poltrona. Quem é ele? Por que está aqui? As ideias não clareiam a minha mente, tento me mexer, mas meu corpo não obedece aos meus comandos. Sei que estou consciente, mas não em grau de interagir com o mundo que me circunda. Posso pensar - isso também é bom sinal.

Começo sentir meus nervos esticarem, mas não consigo soltar os grampos que parecem pregar minhas cordas vocais. Alguma coisa dentro de mim diz para eu diminuir as expectativas. É horrível, mortificante. A ânsia de vencer essa voz mórbida que quer me tornar vulnerável ajuda meus olhos abrirem novamente e fixarem no homem à minha frente.

Duas bolas verdes se acendem e me iluminam. Lembro-me da regrinha de trânsito, em que o

verde quer dizer que você pode seguir - que este é o caminho certo. Não pisco e para confessar, na verdade acho que a beleza dos seus olhos me deixa em transe instantaneamente.

— Oi? — O som curto da pequena palavra restitui minha esperança.

Mais um ponto positivo para mim! Consigo ouvir o som dos lábios que se movem. Pouco a pouco, vários sons se misturam e me tiram do silêncio absoluto. Forço um bocejo e funciona, passo a escutar melhor, o pequeno desentupimento junto com um estourinho me ajudam a ouvir com mais clareza. Acho que uma lágrima se forma nos meus olhos. Será que é emoção ou euforia? Neste corpo existe uma pessoa viva. Vibro sem me mexer!

Em um passo ele está próximo da cama, inclinado para ouvir o que eu tento falar e percebendo meu esforço, ele acalenta-me.

— Ei, Beatriz, está tudo bem, você está despertando, não tenha pressa! — Beatriz? Então este é meu nome? Certo? Não consigo lembrar nem ao menos o meu nome.

Esforço-me para ajustar a combinação da audição com a visão, tento perguntar para ele onde estou. Parece clichê, mas é exatamente este o meu desejo. Saber onde estou e quem sou.

Por mais que eu busque dentro das minhas lembranças algum indício, nada sai. A única coisa que consigo me concentrar é nos olhos verdes mais lindos que acho que já vi. Impressionantes como as águas marítimas, com pontos dourados! Sua íris verde, como esperança, reflete algo a mais em seu olhar -, rodeado pelas mais lindas sobrancelhas esculpidas. E como confirmação da minha crença em buscar a luz, o perfume que tanto ansiei exala da sua pele ao se aproximar de mim.

O estranho me ampara deslizando seus dedos pela minha face, limpando as lágrimas que escorrem de felicidade e tristeza.

—Bem-vinda!

Ele percebe que estou fascinada por seus olhos, pois não consigo desviar deles, então tento disfarçar.

— Dormindo em serviço? — Devo ter batido a cabeça para sussurrar estas primeiras palavras depois de sair do blecaute. Do mesmo jeito que ele franze a testa, espantado, repito o gesto, insatisfeita comigo.

— Quando fui atribuído ao cargo, não mencionaram que não podia dormir em serviço — ele dá um sorriso sarcástico ou talvez um tantinho irônico.

— Preciso de água. — Consigo concluir mais uma frase, minha boca está seca, sinto minha garganta machucada como se tivesse usado um tubo gigante dentro dela. Dói até para engolir, a saliva que me falta.

— Vou chamar um enfermeiro.

— Não! — Ganho forças em minhas mãos, mesmo sentindo meus músculos pesados consigo colocá-las em seu braço que está abandonando meu corpo, mais uma vez ele me encara espantado, por suas reações. Tenho pequenas impressões de que devo estar com uma aparência péssima. — Você não é o enfermeiro?

— Não! — Ele é lacônico. Agora é a minha vez, não entendo o seu não.

— Não? Como assim não? — Quem é ele? Tenho mil perguntas, mas a minha língua fica preguiçosa e tento me esforçar para levantar.

— Devagar, mocinha! — Imponente, fico chocada com sua autoridade. — Você está há alguns dias fora de órbita, vamos esperar uma enfermeira ou um médico. — Percorro os olhos e vejo que o estranho está com roupas amarrotadas e o maxilar com barba por fazer, vejo preocupação e sinceridade em seu olhar.

Não é possível! Será que este homem perfeito, da voz autoritária, do hálito mentolado, com perfume da ressurreição é alguma coisa meu? Não deve ser, tenho certeza que mesmo que tivesse batido a cabeça, o reconheceria sem sombra de dúvida. Mesmo vendo-o apenas alguns segundos, sua imagem já está gravada na minha mente. Não apenas por ele ser um homem marcante, mas porque ele tem um olhar penetrante. Se ainda me lembro, tenho 17 anos e ele aparenta ser um tantinho mais velho. Sei que idade não seria um problema, caso fôssemos casados ou namorados, mas um homem com esta figura altiva, não me permitiria viver no espaço do seu mundo, como par romântico. Irmão ele não parece, pois seus traços são totalmente diferentes, não temos nenhuma semelhança. Sou morena, típica mulher brasileira, e ele, loiro dos pelos dourados.

Ele toca a campainha e em segundos a porta se abre.

— Boa noite!

— Olha o que temos aqui! A paciente morena mais tropicana do hospital acordada? — Um pouco desajeitado e meio desengonçado o enfermeiro vem à minha cama, encarando o estranho, ele faz a pergunta. — Há quanto tempo ela acordou?

— Agora! — Então o estranho sabe mentir? Tenho vontade de falar que não é verdade. Pois estamos praticamente há minutos nos encarando e nos reconhecendo e ele diz. Agora?

— Olá, Beatriz! Como você está se sentindo? — Na medida do possível, super bem, levando em consideração que não sei quem sou e nem onde estou e quem é o estranho ao meu lado, acredito que estou bem, tenho vontade de responder.

— Estou com sede.

— Bonitão, você pode umedecer um algodão e passar nos lábios dela? Vou chamar o Dr. Lucas, esta noite é plantão dele. — Do mesmo jeito que ele entra encarando o estranho, sai do quarto rebolando e jogando charme. Que libélula assanhada é essa?

Minhas glândulas salivares não cooperam, até que o sinto roçar o algodão com as mãos trêmulas nos meus lábios, a maciez gelada e úmida com seu toque inócuo, produz uma corrente elétrica no meu corpo. A cena é tão contagiante, que as preguiçosas glândulas começam desinibidamente produzirem saliva, para me deixar envergonhada de tanta baba que produz de uma hora para outra na minha boca. Nossos olhos colidem, fundidos um ao outro. Vejo suas pupilas dilatarem e seus olhos verdes claros dão lugar para um verde musgo, ele solta o ar preso como uma bufada e muda como um passe de mágica sua postura, rompendo o clima. Posso jurar que nossos olhos se reconheceram de alguma forma, assim como um déjà vu.

— A água é um santo remédio, consigo ver até cor no seu rosto. — Sim! Santo remédio. Você

não imagina como ela é milagrosa, sorrio por dentro, sabendo que a cor das minhas bochechas é do calor por senti-lo tão próximo a mim.

Uma leve batida na porta e somos interrompidos do constrangimento repentino.

— Vim assim que soube da boa notícia. Como se sente Beatriz? — Desta vez acho que é o médico que entra no quarto, pois vejo no crachá dele escrito Dr. Lucas Gutieres. Mais uma coisa que descubro. Não sou analfabeta.

— Oi Dr. Lucas, como vai? — O estranho o cumprimenta. — Aproveitarei que o senhor chegou parar sair um pouquinho, preciso fazer algumas ligações, a paciente é toda sua. — Ele não me olha mais, apenas fixa seu olhar para o médico e antes dele sair, já sinto falta do seu cheiro.

— Você volta? — Acho que pareço um pouco desesperada, porque ele apenas responde — sim —, sem ao menos me olhar.

Alguns testes do médico e algumas perguntas, para eu descobrir que estou imobilizada na região da bacia. Como pude até agora não perceber isso? Será que fiquei tão hipnotizada por aquele olhar, para esquecer o meu próprio corpo?

— Beatriz, como seu médico, quero que agora você tente descansar, mais um pouco, pois sua recuperação vai depender muito de você. Você teve uma ruptura do baço e necessitou passar por cirurgias para extração dele. Ainda teve uma fratura da pelve que é considerada uma lesão grave e principalmente porque ela causou alguns danos nos seus órgãos, necessitando de outros procedimentos médicos. Você foi submetida ao coma induzido por alguns dias, devido à concussão cerebral, precisamos realizar esse procedimento para desinchar seu cérebro. Então, mocinha, siga minhas recomendações.

O médico vai falando, falando, falando e vou processando cada informação com lágrimas nos olhos.

— Como vim parar aqui, doutor?

— Uma coisa de cada vez. Não estou a par de todo seu prontuário, mas assim que tiver as informações, passarei. — Acho que ele não está me dizendo tudo que sabe. Enquanto ele fala e me examina, o enfermeiro coloca a medicação na minha sonda e eu vou ficando gradualmente sonolenta.

PEDRO SALVATORE

Fugir não se encaixa nas minhas responsabilidades, mas respirar o mesmo ar e permanecer naquele ambiente tórrido que surgiu, poderia ter me levado a caminhos onde tenho consciência que não devo caminhar. Ando de um lado a outro e meu corpo dá sinais visíveis, que a honra não é capaz de se conter contra o que a natureza aflora. Isso não vai funcionar! Com os punhos cerrados, me pego estrangulando meus dedos com a força das minhas mãos.

Imaginei e me preparei para acontecer tudo quando ela acordasse. Um surto de emoções, a frustração por estar acamada, perguntar pelos pais, qualquer coisa a respeito de sua vida, mas não foi o que aconteceu. Quando despertei do pequeno cochilo a primeira coisa que vi foram aqueles olhos negros me observando, assustada e vulnerável. Meu instinto foi tentar dar conforto,

mas quando ela mostrou que sua memória estava parcialmente perdida, algo mexeu comigo. Naquele momento era como se fosse somente ela e eu. Seus lábios tremeram ao meu toque. Esse pensamento parece monstruoso.

— Eu acabei de fazer uma promessa. — Forço um sorriso com os dentes travados.— Isso que dá focar no trabalho e ficar sem mulher por tanto tempo. As fagulhas que a pouco tentaram se acender em meu corpo, só pode ter uma explicação. Abstinência sexual.

A situação está cada dia mais difícil. E, em meio ao óbice que o destino me pregou, que direito teria eu de sorrir e dizer àquela menina. Olha não sei como fazer isso acontecer. Mas continuarei sorrindo, a cada dia convivendo ao seu lado. Até quando isso funcionaria? Eu no papel de seu responsável e você no papel de menina obediente recebendo instruções de quem não sabe como aplicá-las. Simplesmente não sei fazer isso. Não está em jogo o que vou fazer, mas sim o impulso que a vida vai me levar a fazer. A situação está plantada na minha vida. Não existe um livro didático que eu possa buscar aprendizado. As possibilidades de acerto são grandes, assim como os erros e isso me apavora. Porra! O que faço?

Essa situação será a falácia e a prova viva que lutarei para tentar cumprir com o papel de responsável por aquele anjo frágil, que neste momento necessita apenas dos meus cuidados e não das minhas carências masculinas.

A figura feminina mais próxima que cuidei um dia foi minha mãe, ela necessitou de cuidados que me orgulho de ter sido capaz de conseguir dar até seus últimos dias de vida. Minha mãe era uma artista plástica de muito talento e foi abandonada por seu namorado, assim que descobriu a gravidez. Nunca na minha vida irei entender ou perdoar aquele verme e aquela mulher. Acho que nasci o odiando, pois enquanto a relação deles não passava de prazer, ele estava ao seu lado, aceitando sua condição de cadeirante. Eles namoraram desde que ela tinha 15 anos, conheceu-a ainda quando era inocente, porém, depois de dois anos de namoro ela foi diagnosticada com Osteossarcoma - "um tumor maligno formado no osso". O câncer atingiu suas pernas e ela teve que amputá-las ainda jovem, talvez por piedade ele continuou com ela, mas não foi homem suficiente para assumir ela e o filho. Simplesmente deu as costas, deixando uma mulher com deficiências, para se casar com outra, e essa outra, uma pessoa tão próxima da minha mãe. Quando nasci ele ainda teve a coragem de pedir a minha guarda, alegando que ela não era capaz de cuidar de mim. Mas a sua força e determinação provaram a todos, que ela era muito mais capaz do que isso. Por anos ele tentou me comprar e quando ela se foi, mesmo tendo somente ele como alguém próximo, preferi seguir sozinho.

Vejo a porta do quarto se abrir e o médico sair. Eu deveria ter ficado ao lado dela nesse momento. Não sei por que abandonei o quarto. Porra! Será que não sei fazer mais nada direito. Virei uma bagunça.

— Ela dormiu — o médico puxa assunto comigo.

— Como ela está, doutor? — Pergunto ansioso.

— É muito precoce um diagnóstico. Fiz algumas perguntas rotineiras para o autoexame. Ela está muito curiosa, mal me deixou examiná-la, fez-me muitas perguntas, mas achei prudente deixar para seus parentes responderem e confortá-la. Estarei pedindo alguns exames para o primeiro horário. — Ele faz algumas anotações na prancheta e antes de seguir, acrescenta: — A Beatriz vai

precisar muito das pessoas próximas.

Próximas? Passo as mãos no cabelo sem saber o que pensar e como lidar com toda a situação. Sozinho no corredor frio e extenso, passo algum tempo caminhando pelo hospital tentando organizar meus pensamentos.

De volta ao quarto abro a porta lentamente, ela está acordada, nossos olhos se cruzam e se encaram em silêncio.

— Dr. Lucas disse que você adormeceu — justifico minha ausência. — Preferi fazer algumas ligações e, resolver algumas coisas lá fora para não incomodá-la.

— Tudo bem, acho que dormi tempo demais, agora a única coisa que quero é ficar acordada. — Ela desvia seus olhos, vejo-os perdidos. Sem voltar seus olhos ao meu, ela suspira como se tivesse criando coragem. — Posso perguntar como vim parar aqui e quem é você?

— Claro que pode, só não sei por onde começar — abro um sorriso incerto.

— O que acha do início?

— O que é mais importante você saber agora? — Respondo a pergunta com outra pergunta, tentando ganhar tempo de como contar para ela que é órfã e que perdeu os pais em um acidente.

— Tudo? Preciso saber de tudo— ela fica inquieta, agitada na cama.

— Contarei, mas com uma condição.

Encarando-me ela responde temerosa:

— Qual?

— Você vai ouvir tudo o que sei, mas não vai me perguntar o porquê de tudo.

— Aceito. — Ela estende a mão lentamente para selar nosso trato. — Mas primeiro preciso saber, qual o seu nome?

Apresentar-me será o de menos, mas incluir quem eu sou nessa situação até eu me pergunto. Quem sou eu? Respiro fundo e começo a me apresentar para nós dois.

— Vamos à sua primeira pergunta. Prazer, Pedro Salvatore. — Respiro fundo e continuo: — Filho legítimo do Colibri. — Chuto-me mentalmente, não sei por que incluí este fato, talvez tenha sido para organizar para ela como vim parar nesta história. — Quando ainda era criança, conheci sua mãe.

— Seja simplista, Pedro. Você é meu pai? — Espanto-me com a pergunta, assim como sua cara de espanto.

— Não. Não sou seu pai. — Isso é o que sua mãe pediu para eu ser no seu leito de morte, penso comigo, mas não digo para ela, ainda. — Sou um amigo dos seus pais — se assim posso dizer. Porra! Eu não treinei para falar sobre mim. Ela fica me olhando cheia de perguntas. — Bom, meu pai. — Faço um esforço para chamar aquele verme de pai. — Casou-se com a sua avó, mãe da sua mãe — acrescento. — Sua mãe era uma menina, assim como eu, não convivemos muito

tempo juntos, eu a via somente nos dias que passava com eles. — Por determinação do juiz, mais um fato que não menciono. — Pelo que sei, sua mãe e sua avó não tinham parentes próximos e por este motivo, acho que estou aqui representando todos eles.

— E meus pais, onde estão?

Porra! Esta pirralha não me dá uma folga, mal me recupero de uma resposta e ela já vem com outra pergunta que não sei responder sem magoá-la.

— Você se lembra deles?

Ela faz um minuto de silêncio, perdida num vazio.

— Não! — Pode parecer monstruoso, mas o misto de alívio com o que tenho para dizer para ela, me dá forças para responder.

— Beatriz, o que falarei para você não tem uma fórmula certa de se dizer. Mas pelo que me contaram, seus pais e você vieram para o Brasil, uma semana antes do Natal e passaram o Natal na casa de um dos diretores da empresa que seu pai administrava pelo mundo. — Vejo nos seus olhos perdidos, a busca de uma lembrança, ela fiska o canto da boca com os dentes, observo-a por minutos, a falta de resposta em suas memórias, deixam seus olhos marejados. Meu coração aperta. Ela é tão linda e está condenada a uma juventude cheia de cicatrizes.

— Pedro! Lamento por você ter que me dar qualquer explicação ou notícia. Estou vendo pela forma como você está rodeando para me contar as coisas, que a notícia não deve ser das melhores, então seja prático, por favor.

Prático? Será que a ouvi pedindo para eu ser prático? Que pessoa acordou dentro desta menina? Estou surpreso com a tranquilidade dela. Imaginei que ela fosse chorar a poucos segundos ou ficar histérica, mas ela parece mais calma do que eu.

— Se prefere assim, vejo que não tenho outra forma em dizer que vocês três sofreram um acidente na noite de Natal. — Olho para ela esperando o choque eminente e no lugar do choque a vejo tentando buscar em uma luta incessante, lembranças dentro da sua memória, minha cabeça lateja como uma furadeira rompendo meu crânio. — Beatriz, você acabou de acordar de um coma, acho melhor você se recuperar, tenta descansar um pouco. Estarei aqui quando acordar e falamos sobre tudo. Pode ser?

Fazendo uma reflexão de tudo que falei até agora, acho que me saí pior do que deveria, não expliquei nada direito, talvez a deixei até mais confusa. Será um grande avanço se ela aceitar meu conselho.

— Eles estão mortos? — Minha garganta se fecha, é simplesmente angustiante a sensação de perder o chão, triste e deprimente, se é assim que posso chamar os sentimentos que estou sentindo. Quando penso que ela precisa de mim, ela que me consola com perguntas diretas, como se a adulta da relação fosse ela.

Respiro fundo e digo:

— Porra!

CAPÍTULO 3 – Beatriz Eva

Pedro Salvatore! Parece até uma canção pronunciar este nome. É ele que não sai da minha memória atual. Tudo isso porque acordei de repente em um lugar desconhecido e sem saber onde estava e agora que sei parcialmente tudo o que aconteceu comigo, não consigo sentir a dor por ter perdido meus pais.

Ele foi muito sensível em explicar tudo o que aconteceu e eu por outro lado, insensível à dor de ter perdido as pessoas mais próximas a mim. Busco-os na minha memória e nada vem, é como se meu passado fosse uma redação escrita a lápis e tivesse apagado por uma borracha, obrigando-me a escrever uma nova história. No meu peito sinto uma dor indefinida e o ouvir dizer, não sofre enquanto minhas lágrimas escorriam pela minha face por não me lembrar de nada. Foi doloroso até sentir seus braços me confortando.

Não lembrar minha história, dos meus pais, meus planos, meus erros e acertos confundem o que esperar do amanhã. É devastador este sofrimento que me dilacera. Por mais atencioso que o Pedro tem sido, no fundo parece que algo em mim o incomoda, às vezes ele é frio e distante - perdido em seus pensamentos.

Imaginar meus próximos dias sem a constante ação da memória tem me deixado angustiada, como se algo faltasse no meu despertar. Poxa! A minha memória tem que cooperar, pois ela é a cola do tempo que tenho do passado, é como se o meu presente não tivesse sentido. A cada dia neste hospital tem sido como um nascer de novo. Os médicos disseram que logo terei alta e que uma nova amiga "uma cadeira de rodas" me acompanhará por um bom tempo.

Uma voz dentro de mim diz que em outra circunstância eu me recusaria aceitar, mas a atual situação, em que mostra que a cada dia é um novo aprender, tem consolado o meu coração e a minha independência. Às vezes sinto que serei um fardo para o Pedro. No fundo dos seus olhos não consigo visualizar isso, mas as rugas que se formam à sua testa cada vez que falamos do futuro me dão essa impressão.

Não sinto saudade de nada para conseguir desenhar um perfil exato, sinto que aqui dentro do meu peito existe uma dor alojada sem hora marcada para explodir.

— Sou mesmo uma azarada. Não bastava apenas uma perda parcial da memória? Tinha que ser uma amnésia total! — Penso alto.

Cida minha acompanhante diária e mais nova melhor amiga, olha-me com calma por cima dos seus óculos e move os olhos, negativa. Ela é ajudante na casa do Pedro há muitos anos e desde que passou a me acompanhar todos os dias, enquanto ele fica fora, ela vem sendo minha confidente.

— Pensando alto, menina Beatriz? Hoje você está tão calada e perdida nos pensamentos que tenho certeza que o que acaba de mencionar não foi algo que gostaria de dividir comigo? — Poderia dizer que ela é mais que uma amiga, ela é uma bruxa que adivinha tudo o que estou pensando. — Onde foi parar aquela menina falante, cheia de energia?

— Bem aqui. Entrando em mais um corredor sem saída neste labirinto que minha cabeça se transformou. Sabe Cida, — chamo-a pelo nome, mesmo sabendo que tem idade para ser mais velha que minha mãe, porém ela insistiu ser titulada apenas por Cida, — esses caminhos que busco dentro dessa caixinha aqui na minha cabeça, levam-me a percursos intrincados que me desorientam a cada caminho que percorro. Se Creta tinha um labirinto dela, posso dizer que eu também tenho um labirinto chamado Beatriz. — Ela apenas me observa. Como consegue me observar e transmitir calma ao mesmo tempo? Não sei! A única coisa que sei é que gosto de desabafar com ela.

— Acho que esse labirinto, terá uma saída ou o ponto de encontro que você procura. Mas para isso precisa ter calma.

— Fácil falar, você não acha?

— Acho sim, mas, também acho que quando estamos muito aflitos e ansiosos, passamos por possíveis portas pelo labirinto e não enxergamos a saída, porque ficamos cegos com a nossa obsessão. — Ela pisca carinhosamente com os dois olhos. — Agora bota um sorriso neste rosto lindo, afinal hoje estaremos indo para casa.

— Estou pensando nisso também. — Fecho os olhos, imaginando como vai ser daqui para frente. — Estou preocupada e com medo.

— Você não tem que se preocupar com isso e nem ter medo.

— Não? Por que não? Estou indo morar com um homem que é superficial comigo. Não conseguimos estabelecer uma conversa sem que ele acabe sendo hostil de certa forma. Serei um fardo para ele.

— Beatriz, entendo suas preocupações, mas o Sr. Pedro tem sido atencioso e essa situação é novidade para vocês. — Ela para de falar como se tivesse falado demais. — Desculpa, não foi minha intenção falar com você desta forma invadindo sua privacidade, mas como mencionou que sou sua confidente e a pessoa mais próxima que tem, sinto-me no dever de tentar ajudar.

— Não consigo ver uma luz — desabafo. — Tenho medo de ser um longo caminho sem volta e nunca mais recuperar a minha memória.

— Por que não pensa que pode ser um momento que seu cérebro está dando para criar forças para se recuperar de algo que não está preparado para encarar. O médico mesmo mencionou que é um processo transitório.

— Este é o ponto. Estou indo assumir uma vida que não pertence a mim.

— Claro que pertence.

A porta se abre e ele aparece com um papel na mão e com um sorriso contraditório, empurrando a minha amiga temporária. Um calafrio, junto com a minha intuição diz que não sou um bom prêmio de consolação para um bom samaritano. Por mais que ele se esforce ser atencioso, sinto-o muito superficial. Nossos olhos se cruzam, sem saber o que dizer um para o outro. O silêncio vai crescendo entre nós, perdidos cada um no seu mundo interno. Mordo o lábio, aflita, enquanto

ele permanece imóvel, apenas com o peito subindo e descendo em um compasso lento. Posso apostar que a sensação é de espasmos de ar preso dentro da sua garganta. Parece que ele espera eu falar primeiro.

— Estou pronta para ir embora! — Digo com falsa felicidade. Ele me olha surpreso como sempre faz.

— Estamos todos prontos — ele balança minha alta. — Ainda acho que minha casa é mais acolhedora do que o hospital.

— Legal! Estava mesmo ansiosa para conhecer sua casa. — Friso desanimada, deixando claro que estou ciente da minha condição. — Cida mencionou que a comida dela é melhor que a daqui do hospital também.

— Não tenha dúvidas disso — ele descontrai e brinca.

— Menina Beatriz, acho que em breve você encherá as folgas das suas roupas.

— Alimento-me como passarinho.

— Alimentava-se como passarinho. A partir de agora passará a comer, como é necessário para sua recuperação.

Arregalo os olhos, penso em contestar, mas a expressão autoritária e repressora dele me faz desistir.

— Também descobri que seu quarto tem vista para o Parque do Ibirapuera. — Meu lado ousado não dá folga para ele.

— Sim — diz firmemente. — Curioso você falar isso — ele sorri verdadeiramente. — Quando comprei o apartamento, a vista foi o que mais me chamou a atenção e a correria do dia a dia, passou a deixar essa paisagem esquecida por mim.

— Então o que está esperando para me pegar nos seus braços e me colocar sentada nas minhas pernas rolantes?

— É para já mocinha mandona. Mas, não se acostume com a ideia de dar ordens, pois não me dou bem com elas.

Não acredito que meu pedido pareceu uma ordem? Agora além de ser um fardo, sou folgada? Quero que o chão se abra e me engula por inteiro e me jogue em outra dimensão.

A proximidade dele na cama faz meu mundo consciente somente dele. Seu toque cuidadoso e educado demonstra que ele está apreensivo. Consigo ouvir sua mandíbula se mexendo, os dentes rangendo como lima. O braço dele envolve meu corpo dolorido, seus músculos rijos são como cabo de aço me levantando como pena da cama. Mesmo através da roupa, consigo sentir o calor do seu corpo, cada músculo definido, cada tendão e todo o seu poder físico. Queima como brasa cada toque, é como se um vulcão dentro de mim, do nada estivesse entrando em erupção. Acho que gostei desse percurso do labirinto. Faço uma anotação mental para tentar ter a chance de sempre que possível voltar a sentir esse calor latente, entrando nessa rua no labirinto. Nunca imaginei o incêndio que esta proximidade causaria ao meu corpo, o seu cheiro me inebria. Ele é educado e delicado o suficiente para mal tocar as partes íntimas do meu corpo, mesmo tendo que apoiar um

dos seus braços por baixo das minhas coxas. Medindo mais ou menos 1,90 e eu, 1,70, a sincronia e encaixe do meu corpo se adequa perfeitamente ao seu. Espasmos invadem minha respiração e dou conta que ele praticamente não está respirando. Será que ele sente a mesma energia sensual? Ou será que eu estou imaginando coisas, alimentando ilusões e esperanças onde não existem?

PEDRO SALVATORE

— Não é necessário locomover a paciente até o hospital, para troca de curativo. A cicatrização está ótima, mas é imprescindível trocar duas vezes ao dia. A pomada que recomendei ajudará muito. Os pontos de dreno na barriga, já estão fechados, a própria Beatriz poderá aplicar a pomada, mas na região da lombar será necessária a ajuda de alguém.

— A D. Cida tem acompanhado as enfermeiras, fazendo a troca, acredito que ela dará conta do recado. — Respondo prontamente decidido a contar mais uma vez com a D. Cida.

— Ótimo. Se ela vai ficar com a Beatriz todos os dias, estou colocando aqui no receituário os horários indicados. Acho melhor o senhor entregar para ela seguir corretamente.

Ele entrega a receita, nela diz os horários da medicação e as instruções para troca do curativo. Meu coração gela, quando dou conta que a troca tem que ser feita de 12 em 12 horas. Porra! Isso é constrangedor. Sou homem, iremos morar sozinhos. A D. Cida conseguirá dar conta de uma troca e a outra quem terá que fazer? Sou eu? Isso não vai dar certo!

Mal saberei lidar com o dia a dia, imagina ter que cuidar dela, como se tivesse que trocar as fraldas de uma mulher quase formada. Isso não vai funcionar. Pressiono as unhas na palma da minha mão, nervoso e constrangido com a ideia. Pensa Pedro, alguma solução você vai encontrar. Vou pagar horas adicionais para D. Cida. Pronto! Isso vai amenizar a situação. Se ela não puder, contrato uma enfermeira noturna, mas colocar as minhas mãos na lombar dela, não vou mesmo. Quanto mais tentação conseguir me privar será melhor.

O médico continua falando sobre as sessões de fisioterapia e eu mal ouço todas as recomendações. Ele menciona ainda sobre os cuidados com o banho, meu estômago se contrai, sinto-me compelido e disfuncional nessa situação. A primeira coisa que me informarei amanhã é saber se o convênio dela tem direito a uma enfermeira.

Despeço-me do médico e meus movimentos se tornam como se tivesse ligado o piloto automático.

Porra! Quando penso que mais nada pode me surpreender, um fato novo aparece. Pegá-la nos meus braços para colocar na cadeira de roda é como um tsunami de confusão no MMA da minha razão. Com meus hormônios capazes de causar a queda do Muro de Berlim. A mistura imperfeita de peripécias dos meus sentidos. Tento me concentrar a tudo que não seja ela em meus braços. Fico totalmente desconcertado, inibido e ao mesmo tempo atentado.

Por um momento não consigo me mover, tudo por causa das madeixas macias dos seus cabelos castanhos que tocam meu braço. Sinto meus dedos se contraírem com a súbita necessidade de tocar e afagá-los. Como é linda! Mesmo sem maquiagem, seu rosto tem contornos delicados, uma beleza natural que dão a aparência e a confirmação da sua juventude.

— Todos prontos! — A santa D. Cida vem ao meu socorro! Se ela percebeu meu desconforto,

não sei, mas suas palavras chegaram em ótima hora.

— Prontos! — Respondo e ela nada diz. Meus Santos! Ajudem-me a ser mais responsável e mostrar a ela que sou apenas o seu Tutor. Dê-me sabedoria, porque se depender do meu corpo estou perdido.

Atravessamos a porta do quarto e uma imensidão de enfermeiras nos espera para se despedir dela.

— Você tem namorada, amante ou ex-esposa?

Continuo empurrando a cadeira.

— Não tenho namorada, nem tempo para amantes e muito menos fui insano de ter uma ex-esposa.

— Pedro, você é gay? — Ela praticamente grita as palavras. — Não me diga que não gosta de mulheres?

Engasgo junto com a risada que a Cida solta atrás de nós e pela forma que a enfermagem toda me olha, acho que todos ouviram.

— Não, moleca atrevida! Sou homem, mas agora se sinta com remorso, porque acho que arruinou a minha reputação com todas as enfermeiras que trabalham neste hospital.

— Você não deveria se incomodar com isso — ela sorri. — Isso é sinal que atingi meu objetivo. — Dessa vez ela sussurra baixinho. — Estava com medo de não tê-lo como meu ajudante até o final do corredor, pela forma como cada enfermeira que passa seca você. Mas não precisa me agradecer, fiz isso para o bem de todos.

Ergo a sobrancelha e analiso seu olhar travesso. Atrevida e insolente, isso sim. Sorrio por dentro, sem mostrar que esse atrevimento me pegou de surpresa.

O caminho para o apartamento é descontraído e acabamos rindo da situação, quando de nada a D. Cida dá uma gargalhada desprestenciosa no banco traseiro.

Fico aliviado por esse episódio voltar como assunto e dissipar mais uma vez o desconforto e a tensão estranha que se estabelece a cada vez que estou próximo desta pirralha.

— Estamos longe?

— Não.

Cada quilômetro que vai se aproximando de casa, a incerteza do futuro rodeia meus pensamentos. Preciso me manter afastado dela. Como vai ser dividir meu espaço com ela? Imagino-a deixando roupas espalhadas pelo apartamento, ou calcinhas penduradas no box. Porra! Meu papel é cuidar, proteger. No que estou pensando? A palma da minha mão vira um ponto crucial para lembrar-me que existem outras coisas com que devo me preocupar. Sinto minhas unhas centralizadas buscando a dor, ela me tranquiliza e me traz a paz.

Penso comigo: assim como o Grande Arquiteto do Universo não reservou um destino a ninguém nas formas que criou, não tenho o poder de querer desenhar meus desejos, mas tenho o poder de impedi-los.

— Você vai abrir a porta do carro e me tirar dele, ou vai ficar muito tempo trancado nos seus pensamentos?

Flagrado me atrapalho dando a pior resposta possível.

— Estava pensando como é que vou apresentá-la à sua nova companheira. Tenho uma surpresa para você.

Saio do carro mais rápido que posso. Esta semana projetei e adaptei minha vida em tempo recorde, para incluir esta moleca. Desde a aquisição de uma Doblô para viabilizar o transporte da cadeira de rodas elétrica que comprei, até à mudança de móveis de lugar para facilitar seu acesso. Parece exagero ter comprado a cadeira motorizada para um uso tão curto de apenas alguns dias ou meses, mas no fundo pensei que a solidariedade poderia acompanhar essa iniciativa. Sei de todas as dificuldades que minha mãe sofreu por ser cadeirante. Na época não tínhamos dinheiro para adquirir uma, mas hoje posso doar uma cadeira motorizada para alguém que vai fazer bom uso dela, como uma independência.

Tiro a cadeira do porta-malas com um laço vermelho em volta, minha intenção é fazê-la se sentir confortável, pois a D. Cida vem me contando toda a sua preocupação de se sentir um fardo na minha vida. Não tiro as razões dela, pois de fato ela está me saindo um grande problema, mas decidi desde o dia que a vi vulnerável e sozinha naquela cama que cuidaria dela.

— Olha aqui mocinha, por que demorei tanto para descer do carro. Você não achou que aquela cadeira que saímos do hospital, seria sua companhia? Achou?

Seus olhos ficam vidrados na cadeira.

— E, você está achando que vou ficar em uma cadeira de rodas para sempre? Pois se enganou bonito, estarei fora dela antes mesmo que você imagine! — Que rebelde! Esta garota me tira do sério. — Pedro? — Ela sorri, percebendo meu rosto de desgosto. — Estou brincando, obrigada pelo carinho. Não leva tudo a ferro e fogo, acho que despertei amiga do Bozzo, engraçada e querendo ser gozada.

Meu corpo dá sinais de virilidade, apenas ouvindo a palavra que ela acaba de proferir com duplo sentido. Porra! Será que vai ser assim para sempre?

— Estas malas estão pesadas, vocês dois podem ir depressa — a D. Cida reclama.

— É para já D. Cida. — Dessa vez sou rápido em tirá-la do carro, não dou chances aos meus pensamentos devassos.

— Tem manual, para saber manusear isso? — Ela reclama enquanto presta atenção nos botões. — Ainda acho que a força das suas mãos me empurrando é mais quente que uma máquina me transportando. — Percebo seu duplo sentido e insinuação. Dessa vez, não cedo ao seu encanto e devolvo a resposta tirando suas possíveis esperanças. Ela precisa saber que meu papel aqui é apenas de seu Tutor.

— Comece a se acostumar com sua independência que dói menos. — Faço uma pausa e acrescento uma brincadeira para descontrair meu recado. — Pirralha mimada!

— Faço um elogio e você me ofende?

— Jeito estranho de elogiar. Já ouviu falar da abolição dos escravos? — De forma imprudente respondo o que vem à minha cabeça e pelo seu silêncio, acho que cavei uma lacuna entre nós, onde a minha resposta dá a impressão que ela é um fardo para mim.

A D. Cida cansa de esperar nosso impasse e nos deixa a sós na meia luz da garagem. Olho para todos os pontos notando as infiltrações das paredes e me concentro no barulho da tubulação que escorre água, pensando em algo para dizer.

CAPÍTULO 4 – Beatriz Eva

Aonde vim parar? Também o que posso esperar de um solteirão que do dia para a noite é sorteado para cuidar de uma pessoa que cai de paraquedas na sua vida? E ainda por cima uma pessoa quase desconhecida. Juro que fui relutante aceitar vir morar com ele, por dias discutimos sobre o assunto, ainda no hospital. Posso ter perdido a memória, mas não sou burra para saber que com 17 anos posso muito bem viver sozinha. Pelo que sei os bens deixados pelos meus pais, dão-me o conforto para comprar um lar todo meu, mas ele insiste em realizar o último pedido da minha mãe. Pedido esse que não beneficiou ninguém, muito pelo contrário.

— Eu disse para você que ficaria bem morando sozinha.

— Não é o que está provando até agora. Você precisa de alguém mocinha.

Balanço a cabeça incrédula. Jura mesmo? Nem começamos a morar juntos e ele já está me tratando assim?

— Poderia contratar uma pessoa para cuidar de mim?

— Sério? — Ele aperta o botão repetidas vezes para chamar o elevador. — Pelo que me consta, você ainda não sabe o quanto herdou dos seus pais.

Sinto um nó se formar na minha garganta. Mordo a parte interna do lábio para não derramar lágrimas, por mais frio que possa ser a falta de lembranças, dentro do meu peito sinto a dor da solidão.

— Na totalidade você tem razão, mas o advogado me assegurou que tenho um futuro garantido.

— Então guarde essa garantia para seu futuro.

— Vai ser assim?

— O que?

— Você e eu. Você dono da razão e eu tendo que aguentar o que você acredita ser certo para mim? Acho que isso não vai funcionar.

— Vamos encontrar um meio termo.

— Você sempre tem respostas curtas e objetivas?

— Na medida do possível.

O elevador chega, o pavão pomposo entra e eu não consigo fazer a cadeira se locomover. Não olho para ele. Recuso-me a pedir qualquer favor. Droga! Tinha que ser tão difícil manusear esta cadeira? Tento rolar as rodas manualmente. Ela é dura e se move apenas alguns centímetros. A alavanca parece que está emperrada. Vamos lá. Minha amiga temporária. Amigos se ajudam, sabia? Daqui a pouco tempo tenho certeza que estarei novamente de pé, fazendo mil coisas que estão guardadas dentro da minha memória esquecida e quero me lembrar de você como minha cúmplice.

— Precisa de ajuda? — Vejo um pequeno sorriso de lado, sarcástico, no seu rosto.

Ok! Rendo-me. Admito para mim, que ainda não sei manuseá-la. Tento pela última vez, antes de admitir para ele, que preciso de ajuda e ela se move. Graças a Deus ela ouve minhas preces internas.

— Não! — Respondo satisfeita e feliz, não dando o braço a torcer. Se ele quer assim. Assim vai ser.

As portas do elevador se fecham. O silêncio toma conta do ambiente. Mentalmente tento decorar como usar corretamente o comando da cadeira, não quero parecer uma idiota novamente. O elevador avisa que chegamos. Vamos lá menina. Agora é com você. Ele sai do elevador e põe o braço na porta, para ativar o sensor a me aguardar sair. Dou pulinhos de alegria, pois consigo sair sem nenhuma dificuldade. A porta do apartamento está aberta.

— Bem-vinda!

— Obrigada! — Tudo é muito espaçoso, os móveis estão comprimidos nos seus ambientes na sala. É perceptível que ele fez alguns ajustes para meu bem estar. Fico sensibilizada com o seu cuidado. Ele é um ogro. O ogro mais gentil que conheci. Quer dizer, claro que ele é o meu melhor ogro. Ele é a única referência que tenho atual. Olhando para todos os lados faço um reconhecimento do lugar e comprovo o seu bom gosto. Os móveis são todos aliados com designer moderno e contemporâneo, a decoração é um misto retrô, com telas pintadas a óleo e esculturas artesanais. Tudo muito encantador. Observo cada detalhe e por timidez fico calada, não sei direito o que falar. É estranho e tudo muito confuso, sinto um misto de sentimentos contraditórios, ao mesmo tempo em que me sinto como uma intrusa -, sinto-me acolhida.

— A casa é toda sua! — Ele apanha um arranjo de flores com orquídeas e gérberas dentro de um vaso de vidro, com um laço gigante amarrado a um urso e me entrega. — Achei que seu quarto precisava de um toque feminino.

— São lindas — digo comovida, o observo e me divirto. Ele é desajeitado e está tão confuso quanto eu.

— Você deseja um chá? Está com fome? — A Cida me pergunta depois que estou acomodada na cama. Olho para o lado para saber se o dono do perfume que está na minha pele ainda está no quarto e percebo que ele nos deixou sozinhas antes mesmo de eu agradecer a hospitalidade.

— Não, obrigada. Acho que só preciso descansar um pouco, tem uma dorzinha querendo me incomodar.

— Vou pegar sua medicação, acho que já está no horário. - Com dores físicas e mentais, assinto a ela.

No corredor do labirinto que estou dentro da caixinha na minha cabeça, tenho a impressão que no meu passado era extremamente independente e organizada. Ainda não me lembro se era muito ativa minha vida estudantil, se tinha muitos amigos, como era como filha, sinto apenas que amo a sensação de independência.

As dores nas minhas pernas não dão a certeza de quanto tempo precisarei ficar dependente

da minha atual amiga. Também não sei se quando me separar dela terei um andar desengonçado e se me faltará coordenação motora para me manter de pé, mas vou lutar e conseguir ser independente. Uma voz grita dentro de mim dizendo que preciso ser forte e conseguir.

Não existirão diagnósticos ou avaliações de especialistas que me submeterão a adiar o quanto estou motivada a ir atrás da minha independência.

Os dias vão se passando. Observo ser perceptível para os dois que a minha tão desejada independência não estava funcionando direito. Dependo deles para a maioria das funções diárias, desde me levantar da cama a um copo com água. O entrosamento que conquistei com a Cida durante o tempo que ela ficou comigo no hospital, passou a ser distante. Acho que me isolei por medo, raiva e tristeza por não conseguir a minha liberdade depressa e estar presa às minhas limitações. O Pedro por sua vez respeita meu espaço, na ausência da Cida ele conseguiu junto ao convênio uma enfermeira plantonista.

Leio diariamente e tento entender com afinco tudo sobre a minha recuperação, a ansiedade de voltar ser independente passa a ser minha meta diária. Ainda não me lembro de nada sobre quão modificada está minha vida, isso me desanima um pouco. Porém sei que a única alternativa para minha atual situação é a força e é nela que tento me apoiar. Tenho a impressão que essa provação está me fazendo amadurecer muito rapidamente. Dentro de mim é como se em um dia tivesse ido dormir ainda criança, brincando de boneca e acordado no dia seguinte como uma mulher cheia de responsabilidades e sozinha no mundo. O Pedro tem sido gentil, mas a cada dia que passa ele parece se afastar mais de mim. É como se quisesse construir uma parede imaginária dentro do próprio lar. Conversamos o essencial entre dois desconhecidos que dividem o mesmo espaço.

*_*_*_*_*_*

Passa das 8h30min e incomoda-me estar deitada na cama. Estranho a Cida não ter vindo ainda trazer a minha medicação das 8 horas.

Ouçô uma batida na porta, meus olhos voltam para ela e diante dos meus olhos tenho a visão do pecado em pessoa, franzo o cenho com a clareza que entra junto à porta. O homem tem o porte imponente, o peitoral forte, um bíceps de dar inveja, sua beleza chega a ser hipnotizante, dura, mas, não insensível. Acho que essa é a primeira vez que o vejo sem camisa.

— Vim trazer sua medicação, junto com o café da manhã.

— A Cida ainda não chegou?

— Ela não vem hoje.

— Não? Aconteceu alguma coisa?

— Ela precisou visitar a irmã e me ligou hoje pela manhã pedindo o final de semana de folga.

— Tenho dado muito trabalho a vocês.

— Por que você acha isso?

Não sei o que dizer, nem pensar e nem sentir. Apenas sinto que estou dando trabalho a

todos. Tudo é tão confuso, do mesmo jeito que ele manteve distância por todos os dias, quando está próximo parece gentil e preocupado com meu bem-estar. Parte do meu cérebro diz que o prefiro no modo gentil.

Ele deixa a bandeja ao lado da cama e apoia almofadas atrás da minha cabeça, mesmo sentindo o calor do seu corpo próximo do meu, sua expressão é de homem de gelo. Minha respiração evidencia o quanto seu calor me faz perder o ar e ele por outro lado parece nem respirar. Olhos nos olhos - ouço apenas seus dentes rangerem. Minha cobiça a ele se transforma em coadjuvante perante a indiferença protagonista que ele faz questão de deixar registrado.

— Já arrumei um lugar para colocar a prancheta desmontada. A semana foi tão corrida que acabei me esquecendo de tirá-la do seu quarto.

Meu quarto não é imenso, mas é elegante e tranquilo. Se fosse em outras circunstâncias, poderia dizer que é até um oásis agradável.

— Não precisava ter transferido seu escritório de lugar. Não me importaria de ter você trabalhando aqui. — A Cida me contou que seu escritório se transformou no meu quarto. Antes no lugar das cortinas provençais tinha uma persiana, no canto onde é uma penteadeira branca, era a mesa de escritório dele, onde passava horas desenhando. Os únicos móveis que permaneceram foram o armário e a cama brancos com filetes marfim. Saber que ele teve que mudar sua vida por minha causa me incomoda.

— Foi bom assim. Agora posso focar o meu trabalho apenas no escritório. Você acabou fazendo-me um favor.

— Por que isso me parece mais um prêmio consolação do que realmente é?

— Por que você acha que tudo ultimamente está voltado apenas para você?

— Não está? Você quer me enganar que já tinha pensado um dia desfazer das suas pranchetas? - Ele se aproxima com o olhar indiferente e meu sistema nervoso se abala, começo sentir um tique nervoso, contrações involuntárias rápidas, aposto se falar algo agora, alguma palavra sequer terei tiques fônicos. Afasto uma mexa imaginária de cabelo atrás da orelha e me dou conta que venho repetindo esse gesto por diversas vezes, enquanto sem responder ele coloca a bandeja no meu colo. Ele me olha interrogativo, esperando uma reação. Tem tanta comida, nunca que comerei tudo isso e decido convidá-lo, como uma solução, para disfarçar o que estou sentindo.

— Toma café comigo? Aqui tem comida para um batalhão. — Tem ovo mexido, tapioca com queijo, tem pão, tem frios, suco de laranja e um copo com chocolate quente. Ainda tem algo que parece mais uma atitude de um galã romântico, uma rosa em um solitário de cristal.

— Não senhora, você precisa se alimentar direito. Vamos, começa a comer. — Ele é gentil e mandão.

— Não como nem a metade do que tem na bandeja — protesto. — E se você não me ajudar, não tomo o remédio.

— Vai fazer chantagem? — Ele ergue a sobrancelha e devolve a pirraça me provocando. — Vamos lá, pirralha mimada, come logo, se não. Serei obrigado a fazer você comer tudo.

— Bem brutamente de sua parte me chamar de pirralha, não acha? Costuma tratar todas as mulheres assim? Quando elas convidam você para um café da manhã?

— Não! Só respondo assim, quando adolescentes fazem pirraça.

Ele enfia um pedaço de pão na boca e mastiga com a mesma calma que me responde. Respiro fundo. Então sou pirralha mimada? Ok! Não me considero assim, mas se é assim que ele quer, acho que poderá ser divertido tornar-me um pouco mimada.

Pedro Salvatore

As duas horas seguintes são torturantes. Liguei para a enfermeira que vem cuidando da Bya para chegar um pouco mais cedo, para me ajudar cuidar dela. Não me sinto totalmente à vontade com a situação, parece tolo dizer isso, mas ela me perturba, desencadeia sentimentos e emoções que não me permito sentir.

— Hoje o mundo resolveu conspirar contra mim — esbravejo. — Porra! O que faço agora? — Cochicho nervoso com a minha consciência, assim que desligo o telefone.

A enfermeira informou que além de não poder chegar mais cedo, faltará hoje, pois seu filho pequeno está com febre. Tentei insistir para conseguir uma amiga e ela informou que já tinha feito isso, inclusive, assim que chegou à sua casa e viu que seu filho não estava passando bem, mas que infelizmente, nenhuma amiga estava disponível. Caminho de um lado ao outro no apartamento. Esqueço o que tenho que fazer o tempo todo, não consigo focar em nada.

Encostado no batente da porta do meu quarto analisa-a na sacada, deslumbrada com a paisagem do Parque Ibirapuera. Assim como o maior parque metropolitano de São Paulo, ícone da cidade, ela se tornou em tão pouco tempo o ícone do nosso lar. Sua beleza e sua alegria passaram a dar vida e cores ao apartamento. Antes os sons diários eram produzidos pela TV ou pelo rádio, hoje são as risadas dela que ecoam pelo apartamento, o brilho dos seus olhos ilumina mais o dia do que a luz do sol que entra pelas janelas. Não sei como ela consegue ser tão radioativa positivamente, perto do caos que sua vida se transformou.

De onde estou não consigo descobrir o motivo pelo qual as covinhas acentuadas das suas bochechas estão evidenciando que está sorrindo, consigo ver apenas o seu perfil. Linda, como uma indígena. Cabelos escuros e sua pele avermelhada e bronzeada realçam a paisagem ao fundo. Observá-la ali com o queixo apoiado nas mãos, parece uma pintura do cenário brasileiro. Sua beleza natural é pura, muito diferente de qualquer mulher que já conheci. Hoje entendo o que Pero Vaz de Caminha sentiu quando descreveu sobre as índias brasileiras na sua formosura natural como "moças bem moças e bem gentis, com cabelos pretos compridos e sem vergonha alguma", ela é assim: não tem vergonha em nada que diz. Símbolo de mulher sexuada, desejável e fecunda.

Fantasias percorrem minha mente e fico excitado instantaneamente imaginando-a como uma bugre fugindo na mata e eu a laçando, trazendo aos meus braços. Devo estar ficando louco! De onde foi que tirei essa ideia. Pressiono as unhas na palma da mão, como penitência para me lembrar que a dor física é mais fácil de amenizar do que uma possível dor emocional. Porra! Esta pirralha desperta em mim sentimentos contraditórios. Às vezes são sentimentos protetores que jamais senti algum dia e outras vezes sinto-me um bicho enjaulado doido para devorar uma presa indefesa. O gosto azedo do remorso vem à minha boca.

— Faz tempo que você está aí?

Ela olha para trás encabulada, como se soubesse que estou algum tempo observando-a. Inquieta tenta virar a cadeira. Atrapalhada e encantadora, fala sobre a paisagem me tirando dos meus devaneios.

— É tão lindo o Parque Ibirapuera! É tão grande! São tantas pessoas andando ou correndo, fazendo piquenique, felizes e encantadas pelo parque. — Ela faz uma pausa. — Fiquei com vontade de ir até lá e lembrar o quanto sou livre. Estou a tanto tempo olhando e observando de longe, presa aqui dentro e só agora me dei conta, que nada me impede de ir até lá e viver a emoção da liberdade.

— Não acho prudente ir sozinha — fico desconcertado e impressionado ao mesmo tempo. Ela vê o mundo diferente da sua atual realidade, seus olhos brilham quando ela fala de liberdade e mostra o quanto quer ser independente. Chego a sentir um aperto no peito, por sentir-me protetor e enxergar perigo em tudo que pode acontecer com ela.

— Então vamos comigo. Quanto tempo faz que você não vai até lá?

Ela gira a cadeira e contorna a cama. Engulo seco ao vê-la se aproximar com olhar mendicante. Sem saber o que responder, crio mil desculpas mentalmente. Lembro-me de que tenho que terminar um relatório orçamentário de um cliente e ainda tenho que dar um jeito de tirar a prancheta do seu quarto. No fundo acho que essas desculpas são para privá-la de ver como as pessoas vão olhar para ela preconceituosamente ou com olhar de piedade. Vivi isso com a minha mãe, sei como as pessoas enxergam os cadeirantes, mesmo que isso seja temporário, ainda assim ela vai sofrer pelos olhares de piedade que vai receber.

— O que acha de irmos outro dia. Hoje podemos assistir a um filme. O que acha?

— Acho que assistir a um filme pode ser bem erótico e não sei se estou em condições de um clima assim.

A voz dela é baixa, acho que assim como me surpreendo com a sua resposta estranhamente sedutora, ela também.

— Você não pensou em um filme romântico, né? Esse estilo de filme não combina comigo.

— E que filme combina com você?

Ela fica a menos de um passo, sentada na cadeira, sua cabeça fica na altura do meu abdômen, ela levanta seus olhos e encontra com os meus. Sinto um arrepio de prazer, sabendo que ela é uma grande tentação que não posso sentir, afasto os pensamentos, virando as costas.

— Gosto de filmes de aventura com muita ação.

Ela sorri alto, sem sentido.

— Pedro! Existem filmes de romance com muita ação! — Ela continua sorrindo e acrescenta maliciosamente. — Grandes aventuras, você nem imagina.

— Se a ideia é me convencer, não vai dar certo. Esse negócio de felizes para sempre, não é para mim.

Depois de muita relutância, chegamos um acordo e assistimos a alguns filmes de comédia e posso dizer que ri mais das risadas dela, do que com as piadas dos filmes. Ela assistiu tudo sentada na cadeira, fez manha dizendo que seus pés estavam inchados e pediu uma massagem. E para mim foi a pior tortura do mundo, tocar nos seus pés, pois definitivamente descobri que tenho um fetiche lascivo por pés, principalmente os dela, que são pequenos e macios. Como não bastasse tudo isso, ela ainda derrubou suco no seu colo e tive que ajudá-la a se limpar. Hoje testei todas as formas de autocontrole sobre meu corpo e mais uma vez a dor convenceu-me que essa é a melhor solução para dissipar qualquer desejo de luxúria.

O dia passa mais rápido do que imaginava, o sol se põe e a treva das minhas obrigações acompanha os meus medos. Passei o dia me torturando pensando que com a ausência da D. Cida e da enfermeira, terei que ajudá-la com o banho. Fiquei um pouco aliviado pela manhã quando a Cida informou que o curativo só era trocado depois do banho, que o médico orientou a fazer uma vez por dia devido à boa cicatrização. Mas a enfermeira que podia me abster dessa obrigação também não vai estar aqui.

— Você está com fome?

— Não, a tigela de pipoca que você me fez comer, não deixou espaço para mais nada. Preciso apenas de um banho, assistir esses filmes com você me deu um calor.

Esse é meu pior problema, nesse momento não consigo pensar em um problema pior do que esse. E, para piorar ela vem sempre com uma mensagem subliminar às suas respostas.

— Banho, né? — Repito o que ela sugere.

— As pessoas precisam de banho, Pedro.

Uma coisa mínima pode mudar nossa vida. Tento pensar em tudo, menos nela nua para tomar o banho. Num piscar de olhos tudo pode revirar, planejamos um futuro e ele nos surpreende com situações que nunca esperamos. Não sou nenhum tarado e sei que posso lidar com ela nua na minha frente. O depois nos leva a lugares só dele. Mas esse depois hoje quem tem que ter o controle sou eu.

— Precisa de ajuda para separar sua roupa? — Tento parecer indiferente.

— Posso pegar a roupa sozinha, precisarei de você só para me trocar de cadeira. — Prendo a respiração. — Pedro? Não precisa ficar constrangido.

— Não estou. Só preciso me acostumar com a ideia. — Sou sincero.

— Com a ideia de ver uma mulher nua, ou de ter que me pegar no colo, nua? — Ela me provoca divertida.

— Engraçadinha! — Torço os lábios. — A D. Cida e a enfermeira não pegam você no colo, elas só ajudam a mudar de cadeira, por que eu tenho que pegar você no colo.

— Talvez seja por que você vive me lembrando de que sou uma pirralha mimada e como tal, tenho que fazer jus aos mimos que você insiste em me lembrar.

Ela sai da sala e me deixa olhando a cadeira se distanciar. Preciso passar por essa provação — respiro fundo. — Lembre-se, Pedro, essa moleca é proibida para você.

A fantasia não condiz com a realidade, tenho que ser - antes de mais nada -, o que o destino espera de mim. Um homem direito, tutor de uma adolescente de 17 anos, 13 anos mais nova do que eu. Minhas escolhas são mais fortes que as minhas vontades.

Ela me chama uma, duas, três vezes, até que crio coragem para chegar ao seu quarto. Relutante ao olhar para ela, meus olhos vislumbram o que mais temi. Ela está enrolada em uma toalha, nua da cintura para cima. A leve onda na toalha evidencia que seus bicos dos seios estão duros. Chacoalho a cabeça preferindo pensar que é a natureza a causadora dessa situação sensual. Ela é ousada, parece não se intimidar com a minha presença.

— Não consigo tirar a calça, vou precisar da sua ajuda — sua voz é rouca e sensual.

Meus planos de ficar indiferente a ela vão por ralo abaixo, a situação fica seriamente fora de rumo. Vê-la nua seria uma tortura, mas despi-la passa a ser um problema muito maior. Passamos praticamente o dia inteiro, juntos e sei lá por quantas vezes peguei-me sucumbido à tentação de estar próximo dela. Ela é dotada de uma sensualidade sem tamanho. Mordo a bochecha e pela força posso sentir o gosto do sangue. A dor mais uma vez vem ao meu socorro e me abre os olhos. Que pirralha provocadora! Sua calça de moletom é fácil de manusear e ser retirada do seu corpo, afinal ela foi ao banheiro durante o dia e não precisou da minha ajuda, isso significa que ela está armando para mim. Porra! Faço uma breve reflexão e percebo que por diversas vezes ao decorrer do dia ela seguiu com um joguinho de sedução e eu quase me deixei envolver. Fico furioso comigo.

— Bya? Antes de mais nada, tem algumas coisas que você precisa saber sobre mim. Não faço nada obrigado. Não gosto de nada forçado e você está forçando uma situação que não vai rolar. Meu papel aqui é de seu Tutor! — Friso para ela entender uma vez por todas. - Sou responsável por você e não um homem que vai cuidar de você como uma mulher, então é melhor você não fantasiar situações.

Maltrata que eu gamo.

Como queria acreditar que tudo é fantasia da minha cabeça. Mas sua reação a mim, não me deixa dúvidas. Posso até ser desmemoriada, mas, não sou cega.

Ainda me encarando sério, sua face está vermelha, tenho na verdade duas opções. Uma que ele está realmente falando sério e a outra que está sentindo o mesmo calor que eu. Prefiro apostar na segunda opção. Ele não pode ser tão rude assim. Ou pode?

Sem querer, mas já querendo afrouxo meu braço que sustenta a toalha, deslizando alguns centímetros expondo um pouco mais meu colo do busto.

— Você é muito ufano. — Seu constrangimento é obvio, seus olhos penetrantes chegam como laser me rasgando. — Só para seu conhecimento, a Cida e a Izabel não me pegam realmente no colo, pois quando vou tomar banho com elas estou nua, mas enquanto você acha que estou provocando, estou na verdade poupando-o de um constrangimento. — Estou torturando-o e seus sinais deixam claro.

— Não estou dizendo nada Beatriz. Estou apenas afirmando que sou seu Tutor e você precisa ter respeito quanto aos meus limites.

— Ok! Pedro, já que não pode me ajudar tirar a calça, farei um esforço, sozinha. — Solto definitivamente a tolha que cobre minha parte superior e a toalha afrouxa mais no meu corpo. — Não preciso olhar para ele para saber que sua reação é de susto. Divertida, vejo seus olhos vidrados no meu colo, acredito agora, neste momento que eles estão dentro do pequeno vão que fica entre a toalha e meu seio.

— Vou ligar o chuveiro, enquanto você termina de se despir.

A toalha cai sem querer e desta vez prometo que foi sem querer. Sua reação é de surpresa e de fuga. Ele não pede desculpas por me ver seminua, na verdade ele não diz nada, apenas foge para o banheiro. Consigo ouvi-lo apenas resmungar de longe e posso apostar que ele até trancou a porta do banheiro.

Tento puxar a calça de um lado, do outro, mas a dor é insuportável, a calça de moletom é simples de ser retirada, mas levantar o bumbum para mim neste estado é quase que torturante. Não dou o braço a torcer e continuo tentando. Chego a suar de dor. Demoro um grande tempo e a dor é incapaz de me deixar tirar a calça. Levantar o quadril sem apoio é insuportável. Ainda sem a toalha na parte superior, gemo de dor. Talvez minha audácia acabou estrangendo-o, sei que não peguei leve, minhas indiretas foram certeiras, penetrantes e deixaram uma névoa sexual entre nós. Mas isso foi apenas por alguns segundos e agora nem sei se valeu a pena pela dor que sinto. Confesso que quando pedi sua ajuda, juro que não era apenas o desejo dele me ver nua falando mais alto, era também a necessidade. Algumas lágrimas de dor escorrem pela minha face.

Por mais que seja impossível, não vou pedir sua ajuda dessa vez. Não importa quantas vezes já prometi que não vou provocá-lo, o que sei é que quando vejo já estou provocando-o.

— Aí como isso dói! — Junto da dor uma risadinha escapa dos meus lábios, misturada com as lágrimas de dor. Ele fica tão lindo quando está estrangido, chega a ser cada vez mais tentador, porém no placar desse jogo, ele é tão irredutível, que a cada ponto que marco nos meus objetivos, ele desmarca dois negativos.

— Bya! Você está chorando?

— Está tudo bem Pedro — digo derrotada. — Por hoje vou apenas escovar os dentes, acho que terei que pular o banho e esperar a Cida pela manhã, para me ajudar. Você pode fechar o chuveiro, por favor, pois eu não consegui tirar a minha calça.

— Não Bya! Você não vai pular seu banho. Vou ajudá-la a tirar sua calça, mas faz um favor, cubra-se com esta toalha — ele bufa. Que homem contraditório.

Uma nova esperança invade meu coração, as lágrimas sofridas são substituídas por um sorriso de expectativas. Posso não lembrar se tive uma primeira vez, mas imaginar um sexo gostoso com o Pedro, no banheiro, parece-me uma ótima aventura para uma primeira vez com memória.

Vislumbrar o Pedro envergonhado olhando para o canto do quarto, enquanto me cubro com a toalha redobra minha determinação. Este homem consegue ser interessante, quanto mais tento entendê-lo, mais fico curiosa como devo lidar com ele.

— Não precisa fazer isso Pedro. Já disse que não quero ser um incômodo para você. Uma noite sem banho não me fará mal.

— Deixa de ser teimosa, temos que trocar seu curativo.

Uau! O negócio está começando a esquentar.

— Se você insiste, tenho que concordar, afinal mesmo sabendo que está quase cicatrizada a cirurgia, não posso correr riscos. Você sabe que terá que me ver sem calcinha, né? — Suas sobancelhas formam um arco eu aproveito que tenho a sua atenção para fazer cara de inocente. Seguro o riso para não deixá-lo perceber minhas segundas intenções.

— Anda logo Bya, o banheiro está virando uma sauna.

— Estou pronta, pode me ajudar. — Enfio a ponta da toalha no vão entre meus seios e ele presta atenção em cada gesto meu. O gesto inocente não pareceria tão indecente, se não fossem os seus olhos brilharem tanto. — Pedro, posso fazer uma pergunta?

— Não! Sem perguntas, vamos logo para seu banho, mocinha.

Que brutamontes. Os brutos também amam, sabia? Tenho vontade de gritar isso para ele.

— Se não posso fazer perguntas, acho melhor você vir me ajudar a tirar esta calça logo, pois caso contrário, não saberei por quanto tempo esta toalha manterá o nó e mais uma vez a sua pretensão vai achar que estou tentando seduzi-lo.

Em um segundo ele fica abaixado entre as minhas pernas.

— Vamos com calma. Você está sentindo dor?

— Só um pouquinho — minto devido à delicadeza dele de mal tocar o meu corpo.

Suas mãos sobem até o elástico da calça e elas ficam estáticas encostadas no meu corpo. Sinto calafrios. O homem que mexe com as minhas fantasias mais sensuais está a poucos centímetros de mim, tentando cuidar do meu corpo. Busco forças dentro de mim para reunir munições de sedução.

— Pedro! A calça não vai sair sozinha, preciso que você a desça.

— Uhm. Uhum! — Ele pigarreia, corado.

Ajusto-me, suas mãos que deslizam pelo contorno do meu quadril descendo minha calça lentamente, enquanto me esforço para levantar o quadril. Minhas mãos se apoiam no seu ombro e seus olhos encontram os meus. Para Pedro! Faço um alerta mental. Não me olha assim. Juro que estou me contendo. Sua sorte é que está muito desconfortável nessa situação, caso contrário você teria em seus lábios, minha vagina faminta e desejosa por sua boca. Lembre-se de que só não tenho memória, o resto do corpo permanece bem memorável aos sentidos do tesão.

Conseguimos juntos descer minha calça, porém não contava que a calcinha desceria junto, minha reação é libidinosa. Pela primeira vez ao seu lado sinto-me vulnerável e exposta a ele. Posso apostar que meus lábios brilham. Ele não desvia os olhos da minha vulva. Sua expressão dolorosa faz meu ego dar pulinhos de alegria. Aposto que ele está tão excitado tanto quanto eu.

— Está tudo bem Pedro?

— Está sim — ele se levanta depressa. Vou levá-la ao banho. Que desperdício. Poderia ter

sido bem divertido ele continuar onde estava.

Ele me leva para o banheiro e o som do ranger dos seus dentes mostra o quanto está constrangido.

— Pedro?

— Oi.

— Já pode sair. Eu tomo o banho. Sozinha. — É difícil pedir isso, juro que por um instante quase peço para ele tirar a roupa e se juntar a mim. Mas sua reação de desconforto dá-me a sensação de que não seria legal o depois.

CAPÍTULO 5 – Beatriz Eva

São Paulo é uma cidade que intimida pelo seu tamanho, porém sua magnitude nos fascina. A falta de segurança é pauta em todos os jornais, mas considerando que esse problema não é exclusividade da cidade, pois assim como aqui, a falta de segurança acontece em qualquer lugar do mundo, acabamos nos adequando e nos moldando, na prevenção e cuidados para nossa autodefesa.

Porém nesses dois meses que vivi como cadeirante, acabei sofrendo muito mais com a falta de acessibilidade e estrutura, da cidade, do que com a preocupação com a segurança. Sofri com o acesso a lugares públicos, sem contar o transtorno para se conseguir locomoção com o transporte público. Chegava ser quase uma maratona e desgaste. Doeu dentro de mim, pensar que milhares de pessoas encaram essa realidade por uma vida. Ser cadeirante não impossibilita ninguém a querer seguir em frente, o que impossibilita são os obstáculos e o desrespeito que o ser humano tem com portadores de necessidades especiais.

Poderia enumerar situações constrangedoras que encontrei por esses meses, como calçadas esburacadas, falta de rampas nas calçadas e assim por diante. No fundo acho que tive sorte e o privilégio por ter o Pedro e a Cida, presentes na minha vida como referência e como as duas pernas que me faltavam, quer dizer elas não faltaram, estavam apenas descansando e se recuperando da minha cirurgia na lombar.

Mais uma vez posso dizer que sou privilegiada, sei que preciso desvendar ainda memórias do meu passado, que foram sequestradas e escondidas em uma gaveta dentro da minha cabeça.

Hoje para mim o futuro é incerto. É uma porta que só poderei abrir, quando o passado me permitir. Por enquanto ele é uma ilusão, chega a não existir. Estou vivendo o presente tentando resgatar meu passado para poder seguir em frente. Não tem sido nada fácil, porém encontrei um grande aliado: o Parque Ibirapuera! E nesse espaço onde a natureza grita vida, minha ilusão vem ganhando a cada dia que passa o sentimento de esperança. Morar a metros dele é como encontrar dentro da natureza um colo amigo, por todo o sofrimento que venho passando.

Sentada no fantástico assoalho da raiz do ceboleiro, minha árvore preferida do Parque, minha única companheira é a sombra do meu corpo. Essa tem sido minha rotina diária, meu cantinho de solidão, meu cantinho de reflexão, depois de toda a sucessão de tratamentos que venho me submetendo para minha recuperação. Ainda ando com um pouco de dificuldade, faço acompanhamento semanal com um fisioterapeuta. É aqui que choro minhas frustrações, fico admirando os lagos do Parque Ibirapuera e a natureza fala comigo e me aconselha. Por dias fiquei na sacada do quarto do Pedro admirando o verdejando da cidade, algumas noites até sonhando acordada com a beleza das luzes. Demorei a convencê-lo a me trazer ao Parque.

No começo ficava intrigada pela sua recusa e suas desculpas infundadas, ele queria me privar de algo que nunca consegui descobrir. E, a primeira vez que ele me trouxe, parecia mais preocupado com o que eu estava sentindo por estar na cadeira, do que eu estava achando da beleza da natureza rodeada pelo concreto da cidade. Nossa relação não é das mais íntimas, ele é duro comigo quando se trata da nossa relação. Para ele sou apenas sua pupila, mas para mim, ele é muito mais que meu tutor. A Cida se tornou uma mãe, ela é minha referência feminina e por esse

motivo acho que o Pedro acredita que todas as minhas demonstrações de afeto por ele são confundidas por mim como afeto paterno. Mas como é que posso enxergar meu pai naquele homem que desperta em mim fagulhas que só meu corpo sente? Minha pulsação quando estou perto dele acelera com expectativa, fico hipnotizada por seus olhos, posso desenhar com olhos fechados toda anatomia do seu globo ocular. Consigo vislumbrar nos seus olhos o reflexo do mesmo desejo que sinto, mas ele. Ah! Ele desvia seu olhar, não me deixa ler o que eles querem dizer para mim.

Passar esses meses ao seu lado despertou em mim, um sentimento promissor, empolgo-me cada vez que ele diz não e se fecha para mim. Não posso dizer que isso é obsessão e nem tão pouco ilusão. Discuto muito isso com a minha terapeuta, ela sempre se aprofunda muito nesse assunto em nossas sessões. Ela diz que sou decidida, mas, que minhas peraltices talvez confundam muito a minha maturidade perante o Pedro. Confesso que às vezes passo dos limites, mas é engraçada a forma que ele responde a cada uma delas.

Sorrio sozinha, lembrando-me de uma delas.

O celular do Pedro não parava de vibrar em cima da mesinha. Meus dedos faziam cócegas para ver quem insistia em ligar. Eu até tentei chamá-lo por diversas vezes, mas ele não respondeu. Foi então que resolvi pegar o celular e levar até ele. Porém fiquei paralisada quando olhei na tela o nome.

Gisele. Gisele? Quem é essa Gisele.

A vontade foi mais forte, ou meu instinto ciumento falou mais alto e quando vi já estava atendendo a ligação.

— Oi meu querido, consegui sair mais cedo. Se quiser posso passar na sua casa para pegá-lo às 08 horas. Estou ansiosa para lhe mostrar a surpresinha que comprei para esta noite.

Por segundos desfaleci. Foi como receber um golpe na boca do estômago. Fiquei cega. Acho que minha percepção visual afetou meu fisiológico e o neurológico, pois quando vi, já estava encenando.

— Oi doutora Gisele, meu pai mencionou que a doutora iria ligar, ele só não disse o seu nome.

Ela até tentou argumentar que não era médica, mas não dei chance de falar e continuei com meu teatrinho.

— O papai está muito abalado com a situação da mamãe, desde que ela ficou inválida na cama, ele vem fazendo de tudo para ajudá-la. Mas hoje parece que ela piorou e ele não sai do lado dela. A senhora está vindo para minha casa para ajudá-la?

A mulher fica muda, enquanto minha voz de choro se faz presente no telefone. A história pode ser mentira, mas o choro que estou liberando este é bem real.

— Como é seu nome?

— Bianca — menti meu nome.

— Bianca, diz para seu pai, que talvez não vá dar para ir até sua casa hoje, mas que ligo

para ele outro dia. Aliás, Bianca não diga nada, acho que estou mudando minha especialidade.

— Tá bom, doutora! Eu não falo que a senhora ligou, quem sabe ele encontra outra médica para a mamãe.

Desliguei o telefone sem um pinga de remorso, fiquei sentada ereta na cadeira, não levantei com medo das minhas pernas bambas.

— Bya, que tanto estava me chamando?

Não consegui olhar para ele, mas o seu celular preso nos meus dedos, acabou me entregando.

— O que você está fazendo com o meu celular em suas mãos? — Bruto ele tomou o celular, minha cabeça ficou trabalhando, tentando arrumar uma desculpa, mas os acontecimentos não me deixavam responder. Com o coração acelerado observei-o apertar a rediscagem. Acho que se não fosse a raiva que eu estava dele, teria chorado ou até mesmo desesperado. Mas essa seria a pirralha mimada, não a pessoa em chamas levada ao fogo do ciúme que incorporou meu corpo.

Enquanto fala, ele segue para a sacada, acompanho tudo, esperando a retaliação, já que a curiosidade é maior e não consigo mexer minhas pernas que tremem como nunca.

Furioso ele fecha a porta da sacada e me encara.

— Vai para o quarto Beatriz, não quero falar com você agora.

— Você quer me colocar de castigo?

— Se eu a colocasse de bruço no colo agora e desse as palmadas que merece, seria pior do que você ir para seu quarto.

— E por que eu estou sendo punida?

— Porque você não tem limites dos seus atos. Você. — Interrompo-o.

— Eu o quê? Atrapalhei sua noite de foda? — Acuada não penso o que falo.

— Olha a boca Beatriz?

— Vai querer passar pimenta na minha boca, também? — Calo-me e ergo a sobrancelha, espero sua reação.

— Não! Não vou fazer nada com você. Por que você é muito jovem e malcriada para eu ficar debatendo.

Engulo em seco, mas não cedo.

— Claro que sou malcriada! — Cuspo as palavras, segurando o choro. — Você acompanhou minha criação desde pequena e lembra como ela foi tanto quanto eu.

Ele fica em silêncio, olho para ele sem vê-lo, afetada demais, só não levanto e saio correndo para o quarto, chorar, porque minhas pernas ainda não ajudam. Concentrada na minha respiração acelerada, meu peito sobe e desce, tento ouvir o aviso do meu lado racional que fomenta o caos dentro de mim, por que o deixei de lado, desde o momento que atendi ao telefone.

— Beatriz — ele profere meu nome baixo como se tivesse sensibilizado pelo que acabou de falar, sobre a minha educação, — não sei o que você pensou, quando resolveu falar para a minha cliente que era minha filha e que eu ainda por cima tinha uma esposa doente.

— Cliente? Faça-me rir Pedro. A mulher faltou dizer ao telefone que estava tendo orgasmos múltiplos mesmo antes de encontrá-lo. — Agora ele me irritou. Quer dizer que ele me acha uma retardada. Pronto! Agora não sei definir o que é uma baranga de uma cliente.

— Você tem muito para aprender ainda — ele sorri e chacoalha a cabeça de um lado ao outro. — No mundo dos adultos as pessoas brincam umas com as outras. — Sei sim, a brincadeirinha que ela queria com você, é bem de adulto mesmo, penso comigo, irritada imaginando os dois juntos na cama. — Ela até me contou que falou que mudaria de especialidade — ele ri mais ainda. — Beatriz se a Gisele não fosse minha cliente de anos, talvez ela nunca mais teria me atendido, mas como ela é esposa do meu cliente mais antigo, ela me deu a chance de me explicar. Essa noite não estava indo me encontrar apenas com ela, mas também com o seu marido. Você tem noção do transtorno que me causou?

Retraio-me diante da sua explicação. O Pedro é lindo como um deus grego, mas desprovido de gentileza quando quer me repreender. Ele desdenha de mim quando ajo por impulso e agora acho que até eu mesma estou me desdenhando de vergonha.

— Desculpa! — Falo baixo, calmamente, tímida, olhando para ele com mais de 1,90 com ombros largos, sentindo-me uma formiguinha insignificante perto dele.

— Às vezes desculpas não bastam. Atitudes sim, essas mostram que nos arrependemos dos nossos atos. Leve isso como uma lição e nunca mais atenda meu celular.

— Posso fazer algo para ajudá-lo a desfazer esse mal-entendido?

— Não Bya. Eu já resolvi e desmarquei a reunião.

Viver ao seu lado tem feito minha vida um rochedo mutante, onde a cada onda de emoção calma e enfurecida que bate, transforma-se em um novo molde de sentimento, tornando-me sensível e às vezes altiva.

Volto ao presente. Agora mesmo estou aqui fugida, em busca de respostas. Para ele com certeza essa é mais uma das minhas demonstrações de infantilidade, mas para mim, não é. Falta apenas um mês para eu completar 18 anos. Durante todos esses meses ele quis falar sobre duas urnas que vem guardando, quer dizer, não só ele tentou me falar sobre elas como também Daniela minha terapeuta e a Cida, mas, definitivamente alguma coisa dentro de mim não quer ouvir falar sobre elas. É como se fosse me fazer ir para um futuro, cuja palavra parece que remete a aliviar uma falsa consciência para desculpar uma possível demência que eu mesma venho procurando manter.

Será que para todos - seja proibido eu não querer saber de algo? Ter medo das lembranças? É proibido não querer ouvir? Encolho minhas pernas junto ao corpo, a copa da árvore se transforma na redoma que preciso. Choro como nunca olhando a foto dos meus pais que guardo comigo. — Poxa! Por que vocês foram fazer isso comigo? Por que não consigo me lembrar de vocês?

— Tão previsível! — Ouvir sua voz, faz com que eu abrace mais o meu corpo.

— Se sabia que eu estaria aqui, poderia me esperar chegar a casa — tento controlar minhas fungadas, não quero que ele me ouça chorar.

— Tendo em vista que a área do Parque tem 1 584 km², com três lagos, museus, auditórios, ciclovias, treze quadras, pistas de corridas, passeio e uma extensa área verde de descanso, até que não foi difícil para eliminar locais até chegar a você.

— Já pensou que eu poderia estar aqui, porque não quero falar com você?

— Não tenho dúvida disso. Aliás, você sempre foge quando se sente encurralada.

— Acho que estou aprendendo bem com você.

— O que é conveniente para você, costuma aprender bem — ele ironiza.

— O que você sabe sobre mim?

— Sei muito sobre você. Sei que você precisa decidir qual o curso pretende escolher para cursar na universidade. — Ok! Ele se faz de bobo e banca o tutor, mesmo sabendo que não foi isso que perguntei. — Sei ainda que é a pirralha mais mimada e desaforada que conheci e que está na hora de crescer.

— Se era para rir da piadinha, não teve graça.

Ele faz segundos de silêncio e acrescenta.

— E, também sei que não pode mais fugir do que tenho para entregar a você.

— Estou admirada pelo quanto me conhece. E quanto aos meus sentimentos o que você sabe deles? — Questiono ousada, sem olhar para ele, ainda de cabeça baixa. — Por que vamos combinar? O que disse até agora são meus deveres e não foi bem essa pergunta que fiz.

— Olha, não vim atrás de você para falar sobre sentimentos. Vim atrás de você por que você não pode se fechar para o passado. Você não acha que vem sofrendo, porque está com medo de encarar a realidade? — Não consigo responder imediatamente. Meu coração bate insanamente com a dor que sinto no meu peito. A única coisa que sei é que não quero falar com ele sobre o que está propondo e por esse motivo, tento desviar o assunto.

— Fácil para você falar de mim, não acha? Vamos falar um pouco de você.

— Não vamos seguir por este caminho. Imagino o quanto pode ser doloroso para você o conteúdo do que tenho que entregar, mas eles estão lá e precisa que você dê um destino para eles. Você é muito mais madura do que aparenta, sei que é forte e estarei aqui para você.

— Vai embora Pedro! — Falo baixo, tentando manter o controle.

— Não vou embora. Não vai funcionar se esconder atrás da sua falta de memória dessa vez.

Minhas mãos ficam trêmulas pela forma dura que ele fala. A foto cai das minhas mãos e ele a pega antes que eu.

Olho assustada, meus lábios tremem, ele senta ao meu lado e me puxa em seus braços. Sei que é por compaixão, mas, mesmo assim sinto-me protegida e as lágrimas presas dentro de mim, escorrem pela minha face, como libertação, derramadas de dentro do meu coração. Consigo colocar para fora meus sentimentos, emoções, angústias e tristezas, na minha maior fragilidade e vulnerabilidade diante dele.

O sol parece que deixa de brilhar, os pássaros param de cantar, a natureza fica em silêncio, meu coração sofre por não conseguir encontrar a resposta que me impeça de dizer um último adeus.

Meu cérebro despedaçado, onde deixou minha memória descalça, tenta alcançá-la. Não sei por que choro tanto. Sei apenas que choro. As lágrimas são tão contínuas que parece que vou me afogar. Seus braços silenciosos me apertam e motivam cada vez mais meu desabafo acolhido pelas lágrimas que beijam minha face. A dor que sinto não tem explicação, ela apenas aperta o meu peito. Choro por algo que já foi, sinto isso. Choro por quem talvez eu fui. Choro pelo amor que sei que existiu. O amor que ficou e que não consigo encontrar dentro da minha memória, mas que está no meu coração. É um amor que não parece ter fim. É um choro consciente dentro da minha inconsciência. Enfim é um choro que proroguei por esses meses com medo de dizer adeus.

— Você ama tanto esse Parque, por que não os traz para cá? — Sua pergunta me faz refletir, busco nos seus braços o meu abrigo, minha cura e fim do meu choro, que repousa minha alma límpida e cristalina, para tomar a decisão mais sábia e encarar a realidade como tem que ser.

PEDRO SALVATORE

Sabia que a encontraria no lugar que lhe traz paz. Há meses venho tentando libertá-la dos problemas que não queria encontrar soluções. Hoje ela me deixou falando sozinho mais uma vez. Simplesmente saiu de casa, como todas as outras vezes, sem dar respostas. Fiquei puto da vida. Em outras conversas que tivemos sobre esse assunto, ela mudava o rumo. Ou fugia para seu quarto com uma desculpa de alguma dor, ou saía para o Parque sem dizer nada e eu aceitava. Mas não tinha mais como adiar essa conversa. Há coisas que não podem ser adiadas por tanto tempo, pois elas nos fazem mal. Quando ela decidiu me deixar falando sozinho, decidi que ela tinha que ser forte e encarar a realidade. Problemas todo mundo tem, mas o que não dava mais para esperar, era ver como ela vinha sofrendo e protelando o destino dos pais. Ela precisava seguir em frente.

Às vezes precisamos ser duros e fortes, mesmo não querendo que a pessoa que gostamos sofra. Por mais dolorido que possa ser, sinto-me protetor para estar lá, para ela. Até podemos julgar que a realidade que cada um de nós vivemos é absoluta e inalterável. Mas o que é inalterável quando não queremos enxergá-la como deve ser?

Eu fiz todas suas vontades e desejos para realizar a cerimônia de despedida. Ela não queria levar pessoalmente as urnas até um dos lagos do Parque e eu me ofereci estar com ela. A D. Cida também fez questão de nos acompanhar.

E, agora estamos aqui, ao seu lado ouvindo-a e emocionados pela sua força.

— Sabe, este é o lugar onde me sinto acolhida, como se tivesse nos braços da natureza. — Vejo seus lábios tremerem enquanto fala e suas mãos se estendem para mim. Entendo que chegou

o momento e entrego a ela. Segurando as urnas abertas ela continua:

— Aqui sinto que posso cantar, andar, chorar, desabafar sem ser julgada. — Seus olhos ficam perdidos e meu peito aperta.

— Aqui sinto que posso navegar por mares revoltos das surpresas da vida, com segurança. Escolhi este lugar, por que é aqui que quero que vocês sintam o mesmo sentimento que o meu. E sei que mesmo ainda não me lembrando de como éramos juntos, como uma família, ainda assim, sinto vocês dentro de mim. Prefiro falar que estamos dizendo um até logo e, não um adeus, pois sei que também um dia passarei por essa transmutação final e então estaremos juntos novamente. Como, onde isso pode acontecer, não sei. Apenas, sinto que ainda estaremos juntos novamente. — As lágrimas se misturam com sua voz embargada. Tenho vontade de abraçá-la e dar o conforto que ela precisa, mas me mantenho apenas ao seu lado.

— Confesso que sinto falta do abraço apertado, mesmo não lembrando fisicamente, ainda assim sinto falta de vocês ao meu lado. Infelizmente o destino preferiu assim. Então acho que chegou o momento de dar liberdade a vocês. Sinta no meu sopro um abraço à distância, as minhas palavras de amor em seus ouvidos. O amor que sinto por vocês nunca morrerá, ele está guardado aqui dentro do meu peito e assim que minha memória devolver nossas recordações ficará a saudade. Aqui vocês continuarão a viver no meio de tanta vida da natureza. Vivam mesmo que seja de outra forma, livres ao que Deus cultiva com suas mãos. Aqui sei que a morte não prevalecerá, pois será aqui que sempre estaremos juntos.

Das minhas mãos entrego vocês à vida dentro da imensidão dessa natureza! - Ela sopra as últimas cinzas e rompe a sua fortaleza caindo de joelhos chorando.

Tenho vontade de pegá-la no meu colo, dar conforto e tirar essa dor que dilacera o seu peito. Se um dia me achei forte, hoje tenho a certeza que esta pequena. É muito mais forte do que eu.

Consigo entender depois das suas palavras que toda a vez que ela fugiu e se refugiou aqui, não era uma evasão covarde e sim uma saudável forma de se proteger.

Esta pirralha é uma boa adversária, até mesmo quando está em silêncio, mostra que tem um bom bate-papo. Ela me ensina um pouco a cada dia. E a forma como sempre disfarçou as lágrimas dizendo que era um cisco nos olhos, mostraram o quanto ela desejava ser forte e precisava de alguém. E, por este motivo, sinto-me cada dia mais responsável por ela.

A D. Cida dá um beijo na sua testa e nos deixa sozinhos. Sento ao seu lado e respeito o seu silêncio amparando-a em meus braços. Tenho vontade de dar colo a ela para o resto da vida, sempre que precisar ou desejar. Esta pirralha já faz parte da minha vida.

CAPÍTULO 6 – Beatriz Eva

— Você não disse uma palavra do aeroporto até aqui.

— Cida, adorei passar essa semana com você em Fortaleza.

— Mas? — Ela me questiona.

— Por que você acha que tem um “mas”. — Não quero dizer a ela que estou decepcionada porque ele não apareceu em nossa viagem. Fantasiei mil coisas, quando ele me entregou as passagens dizendo que era presente de aniversário e de comemoração por eu ter saído da cadeira de rodas, antes do esperado pelos médicos.

— Adoro você, Pedro. Quando vamos? — Perguntei sem olhar as passagens. Minha pulsação acelerou de expectativa. Passar uma semana com o Pedro em um hotel parecia promissor, rodeados de clima romântico, fiquei mais empolgada do que nunca.

— Vocês embarcam sábado para voltar no outro sábado, dia do seu aniversário.

— Vocês?

— Sim, vocês. Você e a Cida. Não poderei ir Bya, mas vocês se divertirão muito. Ouvi dizer que o Resort é maravilhoso e o Parque Aquático em anexo renderá a vocês uma semana de muito lazer.

E foi mesmo uma semana de muita diversão, mas no fundo esperava que ele fosse aparecer a qualquer hora para fazer-me uma surpresa, porém isso não aconteceu. Quase não nos falamos ao telefone. Ele ligava de manhã, à tarde e à noite, sempre parecia muito ocupado. Uma coisa não posso negar: até nas ligações noturnas, ele parecia cansado com a voz de quem ainda estava trabalhando. Esses dias longe dele me fizeram entender que por mais que doa até o meu último fio de cabelo, ele nunca sentirá minha falta, tanto quanto sinto falta dele. Alimento dentro de mim uma paixão platônica e por mais que fantasie mil possibilidades futuras, esse amor parece impossível, ele é difícil. Às vezes o flagro me olhando com admiração nos olhos, mas quando correspondo ele desvia os olhos e tudo se torna um olhar não correspondido.

— Menina Beatriz, chegamos.

Desço do carro feliz e ansiosa para reencontrá-lo e matar a saudade. Na verdade, desço mais depressa do que o taxista, ele mal fecha sua porta e eu já estou tirando a mala do porta-malas.

— Ajudo à senhora.

— Obrigada, mas já peguei minha mala. Vem logo Cida. — Chamo-a empolgada e ansiosa.

— Não vou subir com você, preciso ir para casa, ver como estão as coisas por lá. Tenho que voltar para minha realidade.

Faço cara de triste. Não acredito! Passar meu primeiro aniversário com lembranças, sozinha, não estava nos meus planos.

— Tudo bem.

— Não faz este bico — ela me repreende com os olhos. — Sr. Pedro está em casa, ele lhe fará companhia.

— Será? — Animo-me, puxando a mala.

— Tenho a impressão que sim. Parabéns mais uma vez.

— Obrigada! — Cumprimentamo-nos e ela vai embora.

A cada andar que o elevador sobe os botões vão se acendendo indicando o número do andar. É como se fosse uma velinha de aniversário se acendendo a cada data de anos da minha vida. Coincidentemente moramos no décimo oitavo andar. Olho-me no espelho e o reflexo mostra a juventude das minhas linhas de expressão, que não condiz com a mulher que amadureceu precocemente dentro de mim. O exíguo espaço parece pequeno perto dos meus pensamentos e das minhas incertezas. Meu coração disparado torce para chegar logo no andar de destino, porém a minha razão me aconselhando a tomar outro rumo na minha história.

Nessa viagem decidi que posso seguir sozinha. O desejo inicial dos meus pais era que o Pedro cuidasse de mim como sua filha, e eu o respeitasse como tal. Mas o que eles nunca imaginaram é que eu me apaixonaria por ele no primeiro instante que o visse. O que eles pediram para o Pedro, ele executou com excelência. Tem sido meu tutor com mestria, mas é exatamente aí que está o problema. Sou apenas a sua pupila, sua responsabilidade e por mais que eu desejo ficar ao seu lado, isso só me fará mal, pois é fato, que ele não me deseja como o desejo. Venho agindo de forma estúpida, à procura de algo que nunca existiu. Quanto mais tempo ficarmos juntos, mais cultivarei a paixão por ele. Tudo que eu queria era que ele me enxergasse, entendesse meus sentimentos, desse uma chance para a Beatriz. A pessoa. A mulher. A amante que eu poderia ser. Talvez até um final feliz. E, não ser apenas a sua responsabilidade. Não posso continuar com essa ilusão que um dia, ele pode se apaixonar pela Beatriz. Venho mentindo para mim mesma, que seria capaz de conquistá-lo. Ele nunca me verá como o vejo. Decidida a dar um rumo à minha vida, abro a porta e o ar me falta. Não há nada mais lindo no mundo que meus olhos veem. A decoração e o espaço projetado dão lugar para a minha imaginação fantasiar. Levo às mãos a boca, deslumbrada.

— O que aconteceu aqui? — A parede antes branca que dá de frente com a porta de entrada foi substituída por um painel com a paisagem da árvore que sempre me acolheu no Parque. Não consigo descrever em palavras como estou chocada. O mobiliário contemporâneo masculino foi adaptado.

As almofadas discretas que decoravam as poltronas foram trocadas por almofadas de diversos tamanhos e tons diferentes. Tudo está mudado, até arranjos de flores ornaram o ambiente. O novo conceito do ambiente ficou lindo.

— Pedro! — Chamo-o alto suficiente para me ouvir.

Droga. Ele não foi nos buscar no aeroporto. Será que nem em casa ele está para me receber?

— Pedro? — Nada, ele não responde.

Carrego a mala para o quarto, não quero deixá-la no meio da sala para bagunçar a nova decoração. A sala está tão impecável. Suspiro ainda não entendendo o porquê de ele mudar tudo. Se estava surpresa de abrir a porta de entrada, fico mais surpresa ainda em não encontrar nada do que é meu no meu quarto. Os móveis são do quarto do Pedro, abro as portas dos armários e neles só encontro roupa dele.

A tristeza se mistura com meu remorso. Lembro que antes de viajar mencionei para ele que me mudaria assim que voltasse de viagem.

— Poxa! Fui despejada antes de encontrar um lugar para morar? — A raiva toma conta de mim. — Ou será que ele se encarregou de encontrar um outro lugar para mim e já fez a mudança?

Sou surpreendida novamente, por uma música, que não havia notado antes.

O som vem do quarto do Pedro, fico confusa, não sei mais o que pensar e nem questionar. Ele me mandou viajar de caso pensado e se é de lá que vem o som, é porque ele está lá. Minhas boas maneiras que se danem, abro a porta para exigir uma explicação.

— Pedro? O que você está fazendo?

— Tentando dar os últimos retoques em seu novo quarto. Afinal, você sempre gostou mais dele que do seu antigo quarto. Feliz aniversário! Este é meu presente para você.

Com uma espátula de plástico na mão, vejo-o terminar de colar na parede em cima da cabeceira da cama a última letra do adesivo onde se diz.

“É sábio aquele que abstrai da natureza,

O melhor que ela tem para nos dar.”

Droga! Eu planejava brigar com ele e não ficar comovida com o que vejo.

As paredes do quarto estão esmaltadas com cores suaves e claras no tom ametista e em uma delas, um papel de parede com um toque exótico rubi contrastando com linhas ametistas que se acentuam. Meu corpo fica em chamas, como se a ponta do pavio se acendesse no meu ventre e subisse queimando até o meu peito. Não sei se é a posição que ele está — esticando-se todo por cima da cama para terminar o serviço — ou pelas fantasias que alimento na minha cabeça imaginando cenas eróticas com ele em cima da cama, fico praticamente sem ar.

PEDRO SALVATORE

Ela abre a porta feito um furacão, seus olhos oscilantes examinam o quarto e desviam para mim, vejo preocupação e surpresa em seus olhos. Ela está mais bronzeada e linda do que nunca, sua pele chega a brilhar.

Quando o porteiro me ligou avisando que ela havia chegado, corri para terminar de colar o adesivo. Passei semanas pensando em um jeito de afastá-la de casa, para dar a ela seu presente de aniversário. Não pensei em festa, porque ela ainda não fez muitas amizades e faz pouco tempo que aceitou o luto por perder os pais. Agradeço a D. Cida por ter sido minha cúmplice. Cheguei a ouvi-la me chamar por diversas vezes e não respondi para ganhar tempo, antes dela ver todas as surpresas.

Adoro olhar para ela e ver sua cara de satisfação. Fico feliz e realizado por alcançar meu objetivo, que é de mantê-la morando comigo, sob a minha responsabilidade e meus cuidados. Quando fiz a promessa de cuidá-la, não fiz em vão. Aprecio o seu sorriso nos olhos, eles são puros e naturais. Ela é fácil de decifrar e por esse motivo venho mantendo distância por todos esses meses. Não sei se ela entenderá o meu gesto de reformar nosso lar, para que se sinta em casa e mude a ideia de mudar.

— Por que fez isso, Pedro? Por que mudou tudo? Não quero mais ser a sua responsabilidade, o seu fardo.

Tenho que concordar com você, penso comigo, enquanto termino a colagem. Tudo em você é um grande fardo, sua pirralha. Juro que luto incansavelmente para não sentir você como um fardo, mas é difícil sentir seu cheiro e conter meus instintos primitivos. Tocar em você é um fardo para conter minhas mãos e não prolongar o contato, olhar os seus lábios é um fardo para eu manter minha boca longe da sua. E, quer saber? Ficar longe de você essa semana foi um grande fardo de saudades que eu carreguei desde a primeira noite que ficou longe de mim e por este motivo, estou mudando tudo aqui em casa, para ver você feliz e tentar mudar essa ideia louca de se mudar e transformar os meus dias em grandes fardos com a sua ausência.

— Ficou tão ruim assim? — Questiono.

— Não! Ficou tudo lindo. Só não precisava.

— Fico aliviado. Estava ficando preocupado, achei que teria que aposentar meu diploma. Você me assustou, colocou em dúvidas meu faro de arquiteto.

— Exagerado!

— Como foi a viagem? — Faço de tudo para desviar o assunto que sei que ela quer discutir.

— Divertido.

— Muitos flertes? — Mordo os lábios com a pergunta. A sombra do ciúme desconhecido e desconexo me assombrou por todos os dias.

— Nenhum, e você? — Inocente e infantil, ela enrugando a testa com ar de preocupada.

— Se considerar que dar instruções a pintores, montadores de móveis possam ser considerados flertes, acho que flertei a semana toda. Seu presente deu um trabalho danado.

— Você não precisava ter se dado ao trabalho.

Dou de ombros. — Às vezes é bom mudar o ambiente onde vivemos por anos.

Encantada, caminha sensibilizada pelo quarto, ela puxa o lábio inferior com os dentes e instintivamente finco a unha na palma da mão, quando sinto meu membro despertar para vida. Ela desliza os dedos pela colcha de lã escura. Questiono minha sanidade por ter decidido esperá-la em seu quarto. Seus olhos predadores me encaram. Esta pirralha tem um poder de sedução sobre mim que nem imagina.

— Foi você que escolheu tudo pessoalmente? — Porra, claro que fui eu. Mas, conhecendo-a um pouco, tenho certeza que tem dúvidas se a escolha teve influência feminina.

— Até eu me admiro com o dom que um arquiteto tem de escolher as cores.

— Tudo perfeito! — Seu olhar se torna direto, confiante e provocante. Não gosto da linha que ela toma e desvio meus olhos procurando pegar os papéis espalhados próximo à cama, para interromper o clima que ela quer estabelecer. Levanto subitamente, surpreso por senti-la dois passos de mim.

— Posso abraçá-lo para agradecer o presente?

Ah! Sua pirralha torturante se fosse você não pediria isso neste momento, isso não vai funcionar. Minhas veias se dilatam, meu corpo responde prontamente à sua proximidade. O calor da sua pele bronzeada incendeia minhas artérias. Analiso sua expressão durante um bom tempo. Porra! Porque ela tem que estar com tão pouca roupa? Esse vestido mal cobre seus braços e suas pernas torneadas.

— Vou jogar estes papéis e tomar uma ducha. Estou suado demais para receber um abraço seu.

Ela dá mais um passo em minha direção. É teimosa e fica linda quando é insistente, finge não entender que prefiro evitar o contato.

— O calor está imenso, também estou suada. Não me importo que você esteja suado, é apenas um abraço Pedro. Um abraço inocente de agradecimento. — Ela abre os braços, como um bebê sem enxergar o perigo dentro da jaula do leão. — Obrigada, tudo está lindo! - Minha razão e a dor que as unhas causam na palma da mão ajudam-me a dar um passo para trás, hesitante.

— A Dona Cida a acompanhou nos escorregadores do parque?

— Ela me acompanhou, demonstrou ser mais corajosa que muitos marmanjos que inventam mil desculpas.

— Então você acha que os marmanjos arrumam desculpas incoerentes?

— Sim, eu acho! — Ela dá mais um passo em minha direção e me encurrala na parede. Por que será que sou eu que estou me sentindo uma presa sem saída na jaula da leoa, agora? Eu poderia desviar dos seus braços e inventar uma desculpa. Mas sua proximidade me desestabiliza. Seus olhos indecifráveis não desviam dos meus. Acho que ela consegue ler o Kama Sutra que meus olhos estão fantasiando com ela. Ela é ousada e sua mão fria toca meu ombro quente. Rodopia dentro de mim o animal selvagem que preendi dentro dos meus sentidos por todos esses meses para protegê-la. Caralho! Isso é muito erótico! Minha respiração fica entrecortada, intercalando com a sua respiração próxima do meu rosto. Seu perfume revigora minha insanidade. A resistência de contrair minha intimidade para não se encostar à dela é nula. Os músculos da minha perna roçam suas pernas desprotegidas pela falta de tecido do seu vestido. Xingo-me mentalmente por estar apenas de short e sem camisa. Sua respiração mais profunda enche seu peito de ar e faz seus seios empinarem voluntariamente acariciando meu peito. É voluptuoso. Mando se danar qualquer peso na consciência. Jogo tudo para o ar e tomo as rédeas do desejo que meu corpo vem encubando por todos esses meses por ela.

Não existem palavras, o que falam são nossos corpos que pela primeira vez se apresentam um ao outro, numa atmosfera elétrica. Deslizo minha áspera barba por fazer no seu pescoço que

se oferece para mim. A excitação cresce dentro do meu corpo. Suas pálpebras pesadas se fecham, ela umedece os lábios. Menina, você está brincando com fogo! Adoro apreciá-la. A muralha que construí com meu jeito taciturno adormece e acorda meu lado lascivo. Por instantes sinto meu coração amolecer. Suas mãos são ousadas e deslizam pelos meus braços, arrepiando cada pelo do meu corpo. Meu braço enlaça sua cintura e a trago junto do meu corpo. Ela solta o ar preso nos pulmões e isso me deixa consciente de como ela me quer. Eu preciso cuidar do seu corpo, como o ar que respiro.

Minhas mãos transpiram compulsivamente com desejo de explorar cada parte do seu corpo. Porra! Se contenha Pedro! Lembre-se de que é só um abraço de agradecimento. Ela não coopera, seu sopro de ar é como um gemido e uma canção para meus ouvidos. Foda-se minha honra. Eu preciso deste abraço, mas ainda assim, tento alertá-la, tentando desviar o clima sensual.

— Você viu que agora ficou mais próxima dos seus pais. Poderá abrir a porta da sacada e dar bom dia todas as manhãs — deslizo meus dedos por sua bochecha e o calor da sua face queima como pólvora meu desejo.

— Hum! Hum! — Ela responde. Porra! Sabia que era uma pirralha mimada, porém minhas fantasias confirmam que é uma leoa predatória.

— Quer ver as mudanças da sacada?

— Depois. — Seus braços rodeiam meu pescoço. — Agora preciso do seu abraço. Não me negue isso.

Sua necessidade faz meus olhos se fecharem, travo-a em meus braços e a minha boca toca a maciez dos seus lábios. Melhor do que fantasiei, seus lábios têm sabor libidinoso e do pecado ao mesmo tempo. Um contraste perfeito para minha língua querer separá-los. Contenho-a dentro da minha boca. Meu autocontrole está por um triz, ela me provoca convidativa, entreabrindo os lábios. Ela levanta os pés e apoia seu corpo leve ao meu, pressionando meu corpo a parede. Num giro de 360° vejo-me mudar de posição dando total autonomia ao meu corpo copiar seu gesto e pressioná-la na parede. Esqueço quem sou, onde estou e me concentro nela. Minha língua penetra seus lábios e ela entra no mesmo ritmo libertino, concupiscente. Seus seios amortecem meus músculos peitorais. Suas mãos tentam explorar meu corpo e meus braços impedem-na levando-as acima da sua cabeça. Como eu queria sentir e tocar cada parte do seu corpo. Acariciar cada curva que venho vislumbrando por esses meses e me punindo com meu autoflagelo de saber que isso não é certo. Sua pélvis pressiona minha excitação lubrificada que pede libertação, do tecido úmido que a encobre. Brinco com sua língua como um adolescente no seu primeiro beijo.

É pura tentação. Seus lábios são meu anelo, a onda de prazer exala nos meus polos, meu pau pulsa como nunca, perco todo o controle pressionando-o contra sua pélvis.

A força dos seus braços suplicando libertação, para me tocar, faz-me recuar chocado e com dificuldade, interrompendo o beijo mais fantástico da minha vida.

— Isso não podia ter acontecido! — Afasto-me atordoado, meu corpo sente sua ausência. — Não foi direito da minha parte. Desculpa! — Junto o resto de papéis caídos no chão e não olho para trás, tentando sair do quarto, mais rápido do que meu corpo deseja.

Fiz tudo errado. Porra! Venho evitando por 11 meses me permitir deleitar das fantasias que

ela desperta em mim e na primeira oportunidade. O que faço? Fodo todo o respeito que venho impondo a ela. Não tenho certeza se ela vai entender que esse momento possa ter sido motivado pela comemoração do seu aniversário. Claro que não, idiota. O que faço agora?

— Volta aqui Pedro!

— Bya, não me faça ter mais ódio de mim, do que estou sentindo.

— Está tudo bem, Pedro. Foi só um beijo.

O que? Foi só um beijo, para ela? Porra! Foi o melhor beijo que já dei na minha vida.

— Se você levar a vida sem tantas cobranças será mais feliz, Pedro.

— Não é cobrança, Bya. É respeito.

— Então você quer dizer para mim, que o seu pênis me desejando foi desrespeitoso? Olha, se você acha desrespeito o desejo que acabamos de sentir, quero mudar agora o meu senso crítico de respeito e viver desrespeitando o resto da vida.

— Olha a boca Bya! — Saio do quarto a repreendendo, sem coragem de me virar. Ouço apenas esta pirralha me provocando.

— Esse é o ponto Pedro. — Ela grita para eu ouvir. — A boca. Era ela que eu queria no seu membro desrespeitoso.

Tranco-me no meu quarto, não querendo ouvir mais nada do que ela tem a dizer.

Porra! Mil vezes porra. Ferrei com tudo. Eu tinha que cuidar dela como filha, não como um tarado ensandecido, louco para estar dentro dela, fodendo até os seus miolos. Meu pau dói, latejante. Travo a pior batalha interna que já tive e mecanicamente entro na suíte.

— Não, eu não quero isso novamente!

Não adianta eu suplicar, a voz dentro de mim, diz ser necessário.

— Sim! Pedro, é necessário.

É mais forte do que eu, os movimentos são realizados pelas ordens da voz que dita o que faço a seguir.

Umedeço a toalha de rosto e começo o ritual que ficou esquecido no meu passado. Nos últimos anos imaginei ser mais forte do que essa compulsão.

— Eu já enterrei isso no meu passado.

— Não! Pedro, isso nunca será enterrado! — Sinto a primeira surra da toalha umedecida. — Você precisa disso para se sentir melhor. — Segunda. — Você precisa disso para ser alguém melhor. — As sequências vão seguindo e minhas costas ardem com a lembrança do real motivo de tudo isso estar acontecendo. — Você precisa disso por que não foi capaz de honrar com seus compromissos. Você precisa disso para saber que ela é uma pessoa intocada por você. É um bem precioso depositado em suas mãos, somente para protegê-la.

Puno-me até as pernas cederem no meu ato de exorcizar meus desejos insanos e de dor. É

como se dentro de mim precisasse de algo novo para viver. Nessa altura de autoflagelo não sei se morar dentro de mim é um bom momento.

CAPÍTULO 7 – Pedro Salvatore

Há dois anos o sentimento de culpa vem apoderando-se do meu corpo e da minha alma devido aos desejos lascivos proibidos que sinto por ela. A culpa vem servindo a mim, adaptando-se e adequando-se como um ritual de punição. Sinto até hoje o sabor do seu beijo e como correspondi a ele. Muitas outras oportunidades de beijos apareceram e covardemente consegui resistir a todos. Nosso beijo foi como um beijo roubado, implorando o segundo e muitos outros. Aquele beijo me fez esquecer-se de todos os outros beijos que já dei na minha vida. Foi como uma fruta proibida, que jamais tinha provado e as lembranças até hoje sustentam meus desejos mais sórdidos.

Quando estou ao seu lado censuro minha visão para não captar seus lábios, pois eles são como um antídoto para minha necessidade e veneno para minha razão. Não sei como resisto a cada vez que nos aproximamos. Ela é uma especialista em tentar deixar-me sem saída.

No passado deixei a autoflagelação confortar meu coração com os acontecimentos que a vida me proporcionava. Consegui depois de anos em terapia trabalhar meu autocontrole, porém esse autocontrole se desfez quando ela apareceu na minha vida, do nada. Eu juro que lutei contra meus transtornos e os venci durante um período, mas, eles são mais fortes do que eu. Sinto-me um fraco muitas vezes, incapaz de dominar e domar meus instintos primitivos.

Nesses dois últimos anos venho tentando me convencer que a vida ativa de solteirão, que mantive por uma vida inteira poderia continuar dando certo, mas, venho falhando. Não sei se por omissão ou por aceitação. O que sei é que de um jeito ou de outro, a Bya, consegue interferir em todos os meus encontros. Se não diretamente com suas peripécias e travessuras, acaba atrapalhando também indiretamente. Na maioria das vezes sinto-me enganando-a e na hora de sair com alguém, mesmo que escondido, desisto. Porra! Não sei por que me permito a isso? Não tenho nada com a garota, não quero ter nada com ela, sei que minha posição é de seu Tutor. Por mais que alguns amigos comentem que até pais separados apresentam seus novos pares românticos aos seus filhos, não me vejo fazendo isso e não consigo entender o porquê. Acho que é excesso de respeito ou preocupação que ela possa cometer seus milhares de atos insanos que me tiram do eixo. Uma das vezes que percebeu que estava me arrumando para sair, ela foi capaz de colocar alho nas axilas para me enganar que estava queimando de febre e só descobri sua travessura, depois de horas que já tinha desmarcado o encontro com uma amiga.

Descobri apenas por que ela adormeceu e fui cobri-la, quando ajeitei o seu braço caíram dois dentes de alho dele. Na hora fiquei cego.

— O que é isso Pedro?

— Banho gelado! Faz bem para febre.

— Para Pedro! Esta água está congelando.

— É mesmo? Você deveria ter pensado nisso, quando resolveu fazer tempero de Bya. Aliás, eu deveria estar colocando você na água fervendo e dar o caldo. Já que você resolveu usar alho como condimento para suas peraltices.

— O que você está dizendo? Deixa-me sair desta água. Pedro! Vou ficar doente.

— Doente? Doente estou eu — em mais uma vez — acreditar nas suas sandices. Quando é que você vai crescer sua pirralha mimada.

— Vou crescer quando você me tratar como mulher e parar de me evitar.

Ela e seus argumentos. Larguei-a com roupa e tudo embaixo do chuveiro e sai da sua vista. Por incrível que pareça sempre foi difícil lidar com ela, nunca soube o que fazer. O que era um castigo para lhe dar uma lição por cometer tais sandices virou um tormento para os meus sentidos, que ao vislumbrar a roupa molhada e colada em seu corpo, fez meu membro desejá-la, minha boca salivar e minhas mãos quererem tocá-la.

Por que ela tem que ter uma bunda tão incrível? Ter bochechas tão apetitosas para despertar em mim o desejo compulsivo de apertá-las, enquanto fantasio fodendo-a sem sentido? Imaginar a finura da sua cintura se mexendo enquanto estoco fundo nela faz meus miolos queimarem. Até sua face rosada de vergonha me excitam, é sombrio e lascivo o desejo que tenho de ser íntimo de seu corpo.

Por essas e outras, é que quando não estou trabalhando, estou na estrada na companhia de Stell Horse, esse é o nome que apelidei meu confidente. Alguns colegas motociclistas batizam suas motos com nomes femininos, mas eu jamais batizaria esse fiel escudeiro divã com nada menos do que cavalo de aço. Viajar de moto é muito bom! Claro que Stell Horse está envolvido no meu dia a dia, ele faz-me escapar de engarrafamentos. Com ele tudo se torna mais rápido e veloz.

Na estrada ele me remete à aventura, ao desafio, ao meu autoconhecimento. Tenho a sensação de liberdade fantástica por sentir o vento no rosto, rodeado de novas paisagens a cada quilômetro rodado. O silêncio e a concentração de pilotar uma máquina de aço em grande velocidade limpa a minha mente e permite-me jogar fora por momentos todos os sentimentos que me punem por sentir aquilo que não posso.

A viagem de moto povoa meu imaginário. Nunca gostei de ninguém sentado na minha garupa, mas, confesso que viajar para Serra do Rio do Rastro/SC com a Bya na minha garupa foi a sensação mais fantástica que já experimentei ao lado de uma mulher. Seu corpo se moldou perfeitamente no meu, seus movimentos acompanharam a cada curva com mestria. Foi como se ela nascesse para ser minha companheira nessa aventura em cima de duas rodas.

O que era um convite para distraí-la do estresse da semana de prova, transformou-se em um peso na consciência, pois fui injusto com a Bya. Disse que não a levaria mais nos passeios de moto, por razões bobas, menti e me arrependo por isso. Nunca quis enganá-la. A cada vez que subo no Stell para um passeio tenho a vontade imensa de convidá-la para se juntar a mim, porém sou um bastardo e não faço isso por medo.

Medo de não ser capaz de resisti-la tão próxima a mim, novamente. Porra! Lembrar-me da sua carinha de frustração faz meu peito apertar de remorso.

— Pedro! Adorei nossa aventura. Agora entendo porque você gosta tanto do Steel Horse — disse feliz enquanto saía da minha garupa, deixando meu corpo com saudades.

Não apostaria nem um fio de cabelo contra o que me disse, ela adorou a viagem curta de dois dias. Sua alegria era contagiante, pois além de ter sido agradável sua presença a todos, ela conseguiu despertar cobiça em praticamente todos os gaviões do moto clube. Enquanto para ela

foi uma diversão, para mim foi uma dor no saco.

— Que bom que gostou. Mas essa foi a primeira e única vez que você foi à minha garupa.

— O quê? Por quê?

— Bya, tive que controlar a moto mais que o normal nas curvas da Serra Rio do Rastro. São curvas fantásticas, mas você as tornou perigosas. Eu jogava a moto de um lado e você jogava o corpo do outro. Isso é muito perigoso. — Menti como um bastardo. Ela foi fantástica, dançou perfeitamente na canção das curvas.

— Mas.

— Sem mas, Bya! Quando tivermos que viajar será de carro. E, no Clube Águias do Asfalto, só tem velhos para uma jovem acompanhar. Você deve se juntar aos seus amigos da faculdade. Ou você não percebeu que os abutres estavam tentando se aproveitar da sua simpatia?

— Você ficou com ciúme, isso sim! — Se achou que foi ciúme ficar com um olho no peixe e outro também, vigiando 100% a cada um que chegava ao seu lado, para mim foi precaução.

— Beatriz! Você é muito inocente. Esses caras que fazem parte do clube são homens desgarrados, o que quero é apenas protegê-la deles.

— Para mim, eles pareceram bem legais. Inclusive o Gerson me convidou para o próximo encontro de vocês, caso você não queira me levar.

Quis quebrar os dentes daquele filho da puta. Se quando ele era criança deixava seus dentinhos para a Fada dos Dentes, depois de grande ele iria implorar para ela devolver o que quis quebrar com um murro na sua boca.

— Nem pensa em fazer isso. Pois eu sei bem o tipo de passeio que ele quer fazer com você.

— Você pode me explicar que tipo de passeio é esse? — Ela me enfrentou, aproximando-se de mim. Ainda sentado na moto, fiquei sem ter para onde ir, com o capacete na mão encarando-a enquanto falava. — Como você mesmo disse. Sou muito inocente, né? Então acho necessário você me explicar direitinho. Mas não precisa desenhar não. Apenas diga para mim, qual é o tipo de passeio? — Sua proximidade deixou-me desconfortável, não me movi, todo o desejo acumulado por todo o tempo foi como se me acorrentasse a expectativa das batidas do meu coração que aceleram no meu peito. Bastaria um passo a mais dela para seus lábios tocarem os meus.

— Você não é boba, sabe muito bem qual é o tipo de passeio a que me refiro. — Respirei fundo sentindo seu perfume misturado com cheiro do motor da moto. Porra! Esta menina não tem defeitos sensuais? Será que poderia ser um pouco menos deliciosa?

— Ah! Não sei não! — Sua voz soou grave e sensual. — Quero que me explique! — Nas pontas do pé, ela me provocou, colocando seu rosto a centímetros do meu. — Vamos lá. Pedro! — Cada segundo de afrontamento, sua distância diminuía, fazendo acordar dentro de mim o tempo de resguardo de desejos.

— Beatriz, estou cansado, falamos sobre isso depois! — Minha voz mal saiu.

— Tudo bem! — Ela deu de ombros, com os olhos fechados. — Se você prefere que a

inocente aqui fique imaginando quais passeios são esses que o Gerson pode me levar e não quer explicar, fica tranquilo, pois eu mesma cuidarei de saber. — A fúria explodiu dentro de mim, não sei se pelo desejo recolhido ou pela sua audácia em me provocar.

— E posso saber como? — Segurei seus braços.

— Aceitando o convite do Gerson.

— Escuta aqui Beatriz, ouse aceitar sair com ele e você vai se arrepender! — A jaqueta de couro que cobria sua pele, não me impediu de sentir o quão macio eram seus braços. E, quando seus dentes morderam seu lábio inferior, algo explodiu dentro de mim. Não pensei - apenas a trouxe próximo ao meu corpo, faminto e enlouquecido, necessitando sentir novamente o sabor dos seus lábios.

— Vou? — Sua dúvida soou como pedido de permissão a me beijar.

— Vai! — Foi a única palavra que consegui proferir. Porra! Sou totalmente visual, porém tenho uma imaginação presente a cada segundo que estou ao lado dela. Ela desperta em mim todos os sentidos primitivos e indecentes. Ela tem tudo a seu favor quando é para me seduzir e me deixar excitado a ponto de fazerem minhas bolas doerem. Porra! Eu precisava daquele beijo.

— Eu. Vou. Me. Arrepender. Ou. Você. Amanhã? — Ela nunca foi tímida, muito pelo contrário sempre foi sem vergonha e atirada. Só eu sei o quanto me contive ao seu lado. Não quis separar nossos lábios, porém desta vez, ela foi mais racional do que eu. O que sei é que consegui jogar a cabeça para trás contra a minha vontade cortando o clima da besteira que quase cometi.

— Você não tem prova amanhã? Vai lá. Sobe no apartamento que vou dar uma ducha no Steel e logo volto. — Coloquei o capacete na cabeça como um escudo aos meus desejos.

As ruas foram para mim como um bálsamo a cada acelerada que dei no Steel e quando parei no posto para dar uma ducha nele, a primeira coisa que fiz foi ligar para o Gerson. Em uma conversa curta e grossa, descontei nele toda a minha frustração.

— Fala Pedrão! Foi perfeito o passeio esse final de semana. A cada passeio que vocês planejam, se superam. O moto clube está de parabéns.

— Gerson! Estou ligando e você sabe que não sou de meias palavras. Cuide das suas glebas que das minhas terras cuido eu.

— Que é isso cara? Fui só simpático com a garota. Ela parecia tão animada com o passeio. Aliás, muito simpática e bem-humorada.

— Cara, não vou falar sobre o assunto. Liguei para deixar a par das obrigações de cada um. Falamo-nos por aí. Até.

*_*_*_*_*_*

A entrega ao trabalho incessante, por mais de 12 horas diárias, trouxe-me uma recompensa, pois consegui montar um escritório de arquitetura só meu. Não foi fácil, porém, esse foi um meio que encontrei para ocupar a minha mente perturbada e ficar um pouco longe dela. Só nunca contei que mesmo me afastando, ela por muitas vezes se fez presente com a ironia do destino e o acaso sempre nos unindo.

Confesso que ela até se saiu muito bem e semostrou muito interessada, em muitas feiras que visitamos, ou em algumas obras, que tive que visitar com urgência com problemas de projetos. Ela vem sendo uma pequena aprendiz muito eficaz e deu-me uma grande alegria quando optou por fazer arquitetura. Depois do seu aniversário de 18 anos, passei a tomar algumas medidas preventivas quanto a estar muito próximo dela. Mas, com ela sempre existe um “mais” e lembro-me de como ela me contou.

*_*_*_*_*_*

Entretido com o almoço, ela me chamou atenção com sua declaração.

— Hoje fui fazer minha inscrição para o vestibular. — Ela disse empolgada, enquanto levava o garfo à boca e eu aproveitei para saborear o gesto inocente, mas, que para mim, nada era inocente. Tudo que vem dela se torna indecente e proibido nas minhas fantasias. Fantasias essas que permito ter até o momento que a razão me castiga.

— Isso é muito bom! E por qual curso decidiu?

— Optei por alguns cursos, mas ainda estou indecisa se o principal que coloquei é uma boa opção.

Tudo passou pela minha mente. Tudo poderia ser agradável e ao mesmo tempo inoportuno. Sentada do outro lado da mesa consegui sentir seu cheiro exótico. Seus cabelos molhados acentuam a nuance do castanho escuro, seu jeito espevitado e alegre de falar, faz que ela pareça tão jovem quanto é.

— Você acha que a tatuagem que tenho no braço pode me prejudicar com algum tipo de preconceito quanto à minha profissão?

A pequena e discreta “rosa do deserto” parece que foi esculpida no seu antebraço. Mesmo recebendo o nome de rosa a pequena flor é diferente da tradicional rosa, assim como ela é diferente de todas as outras mulheres. Por milhares de vezes já fantasiei prender seus pulsos na cama e admirar de perto sua tatuagem tão sensual e exótica, ela desperta em mim um frisson assim como os colecionadores que cultivam essa flor. Porra! Por que uma pequena figura tem que mexer tanto comigo. Fui flagrado olhando para seu antebraço e disfarcei.

— Dependendo da profissão que você decidir, acredito sim que pode ser um problema. O mercado de trabalho está cada vez mais aberto a mudanças e adepto as diferenças. Porém algumas profissões ainda requerem profissionais dentro do normal para emitir mais credibilidade aos seus clientes.

— Eu gosto muito da minha tatuagem, não vejo por onde isso pode me desqualificar como profissional, porém olhando hoje para ela, me fiz essa pergunta. Aliás, muitas perguntas.

— Também já fiz essas perguntas. Como é que seus pais permitiram uma jovem fazer uma tatuagem tão nova? — Ela deu de ombros.

— Essa e milhares de perguntas sobre meus pais, são respostas guardadas dentro de mim, que espero um dia conseguir respondê-las.

Preferi não estender sobre o assunto que a deixa sempre triste e voltei para o assunto em

questão.

— Você ainda não me contou qual foi o curso que escolheu.

— Arquitetura! — Seus olhos brilharam quando falou. Fiquei surpreso, quer dizer, um pouco preocupado. Não queria que ela decidisse por essa profissão por influência minha, pois nos últimos tempos estava lhe proporcionando um estilo de vida que talvez a estivesse conduzindo a decidir esse caminho e para falar a verdade, eu preferia que ela procurasse uma profissão que ela gostasse e não uma para me agradar.

Porra! Desconcentrei-me por instantes no que ela estava me dizendo. Deveria ter deixado como regra de boa convivência a proibição das blusas decotadas que ela usa. O decote profundo despertou a curiosidade proibida da minha imaginação e viajei até os seus seios fartos? (Ou simplesmente tentadores!) Tudo dentro de mim se agitou como desejo. Sexy como um pecado fiquei hipnotizado pelo desenho perfeito do colo dos seus seios. Eles me excitam e têm tamanhos que caberiam perfeitamente na palma das minhas mãos, palmas estas que pressionei as unhas para desviar minha atenção. Juro que se fosse possível eu a levaria ao orgasmo apenas estimulando estes mamilos lindos. Foi duro resistir o desejo de olhar e tocar.

— Fico feliz! Mas, por que arquitetura? — Mal consegui falar. — Bya, você não precisa fazer um curso que não gosta, só para me agradar ou porque acha divertido subir nas escadas improvisadas das obras acreditando ser uma aventura. — Seria jocoso ver o quanto ela se diverte em uma obra, se não me deixasse tão preocupado quando ela está me acompanhando. Para ela tudo é uma aventura e quando a vejo já está trepada em todos os lugares. — O curso de arquitetura é um trabalho de eterno estudo.

— Nada disso! É muita pretensão sua se achar que tem alguma influência sobre a minha decisão. Na verdade, essa ideia vem amadurecendo dentro de mim desde o dia que descobri as dificuldades que as pessoas com necessidades especiais têm no meio social. — É uma encantadora de cobras, essa pirralha. Ela tem o dom de hipnotizar meu membro fazendo-o mover-se sozinho por tanto pulsar de desejo. Qualquer movimento seu é como um som de uma flauta que seduz meu pau querer estar dentro dela.

— Assim você machuca meu ego — brinquei com ela, querendo dispersar a tentação dos meus pensamentos.

— Tenho que admitir que o seu profissionalismo e a forma como você projeta suas construções, também desencadeou um grande interesse para mim. No mês passado quando ouvi você fazendo aquelas perguntas para seu cliente, quanto à idade média da sua família e tantas outras sobre a sua vida particular e os seus, fiquei curiosa e achei você até um pouco introneto, mas, quando vi o projeto concluído, meu queixo caiu. Você se preocupou com todos os detalhes, deixou uma rampa na entrada principal e um quarto de hóspede no piso inferior para a família do irmão do casal que tem um filho cadeirante. Foi muito sensível de sua parte! — A danada já sabe ler uma planta como ninguém. — Engraçado mesmo, foi quando o seu cliente barrigudo e bigodudo torceu a boca, quando você disse que o escritório tinha a função de quarto de hóspede e de escritório ao mesmo tempo. Enquanto a esposa ficou feliz por ter um lugar para receber o irmão, o marido pareceu não gostar muito da ideia.

— Por isso eu dei a sugestão. Como arquiteto tenho o dever de dar opções aos clientes. Para

falar a verdade ser arquiteto é um estilo de vida e não um emprego. Amo o que faço e a cada novo projeto transfiro a ele o desejo do meu cliente, preocupando-me com cada momento da sua vida.

— Não pensei nisso. Porém acho que você vive arquitetando quase tudo.

— Arquitetando quase tudo? — Repeti sem entender.

— Sim! Você arquiteta tanto a vida dos outros, que acaba esquecendo-se de arquitetar a sua vida.

Dirigi um olhar a ela inquiridor.

— Posso saber o que estou esquecendo de arquitetar na minha vida?

Ela me olhou vermelha e audaciosa e eu no mesmo momento me arrependi de fazer a pergunta emendando um assunto no outro sem dar brechas para ela responder o que eu não poderia corresponder.

— Os clientes almejam que os arquitetos sejam pessoas únicas, inovadoras e criativas.

— Aposto que eles imaginam os arquitetos uma mistura de nerds com artistas.

— Mágico é a palavra certa.

— Então está decidido, vou fazer magia. Mas quero fazer magia de projetos, design com espaços naturais e urbanos, visando uma harmonia entre o meio ambiente e espaços da cidade.

— Você quer ser uma arquiteta paisagista? Para isso você pode fazer a Faculdade de Arquitetura, mas terá que fazer um curso técnico de paisagismo, tem várias escolas espetaculares.

*_*_*_*_*_*

Olhando hoje as primeiras flores da jabuticabeira transformando-se em frutas na sacada do apartamento, vejo que ela decidiu a carreira certa para seu destino. Nunca imaginei que na sacada do apartamento a mini jabuticabeira seria tão frutífera quanto é. Ela me provou o contrário.

— Bya! Esta árvore vai sofrer aqui na sacada plantada em um vaso.

— Claro que não Pedro! Confia em mim. Estou providenciando tudo para seu bem-estar. Você vai ver quando ela estiver cheia de bolinhas brilhantes e espalhadas pelo tronco. — Para minha surpresa, realmente se preocupou com tudo e ela própria transferiu a pequena jabuticabeira de vaso, mexendo na terra sem se importar com a roupa que estava realizada com o resultado final. De repente. O gesto inocente plantou em minhas fantasias, desejos lascivos por vê-la tão feliz e competente.

No segundo ano de faculdade ela tem se saído uma grande aprendiz eficaz. Ela dá conta do curso de arquitetura e já fez três cursos técnicos de paisagismo. Ela ainda me ajuda no escritório, desenvolvendo seus projetos paisagísticos sozinha nas obras que apresento aos clientes.

Com ela nem toda a palavra é como o dicionário diz. Ela vê nas borboletas flores que voam, nas nuvens ela fantasia formatos de algodão doce. Da terra ela abstrai o que de melhor pode

proporcionar a natureza. Se falar que ela é 100% uma pirralha mimada, estarei mentindo, pois profissionalmente falando, já é uma grande paisagista. Na maioria das vezes a vejo com as unhas cheias de terra colocando a mão na massa e explicando a cada jardineiro como tem que ser o seu projeto. Confesso que é a paisagista de mãos sujas, mais sexy que já conheci.

CAPÍTULO 8 – Beatriz Eva

Diacho de homem teimoso!

Ele pensa que é quem?

Ok. Confesso!

Ele não pensa, ele é Zeus, o meu deus de todos os deuses, a minha razão de viver.

Porém não querendo ser metida, eu não sou de se jogar fora, não. Sou muito realista. E poderia muito bem ser sua Métis, a primeira esposa de Zeus. Claro que diferente de Zeus, que teve várias esposas. Sonho em ser única esposa desse deus. Posso ser para ele tudo o que ele quiser! Também posso fazer para ele tudo o que ele quiser!

São anos desejando escalar cada gominho daquele Monte Everest. Sou paciente e tenho certeza que quando começar a subir rumo ao cume, como uma boa alpinista, vou aproveitar cada trequinho de músculo do seu corpo até chegar ao seu ponto mais comprido.

Meu Alf Eteimoso, só sabe me criticar. Ele deveria criticar as fulanas que dão em cima dele, isso sim e não a mim, que estou sempre ao seu lado. Ele nunca nota nada em mim ou faz algum tipo de elogio. Nunca o ouvi proferir essas palavras:

— Bya! Como você ficou bem com esse vestido!

— Nossa Bya como você está linda!

Não! Muito pelo contrário são somente reclamações.

— Beatriz esse vestido está muito curto.

Ou.

— Beatriz você não acha que exagerou na maquiagem?

Aposto que ele não imagina quanto tempo fico na porta do armário me arrumando para ele e nem imagina como é duro fazer depilação geral a cada 15 dias, ficando prevenida à espera de uma decisão dele. O homem não me dá chance. Meu tutor querido é linha dura, eu doida para escalar seu monte e mostrar a minha trilha que leva a caverna ThamLod na Tailândia e ele nem aí para mim.

Mas o que posso fazer? No final de tudo isso, quanto mais ele pisa mais eu gosto. No lugar de pirralha mimada, ele deveria me chamar de capacho. Esse sim é um termo que se encaixa para mim.

Depois do nosso beijo há dois anos, se eu já alimentava uma paixonite aguda, os sentimentos se multiplicaram a uma paixão platônica. Eu até tentei ser beijada por ele umas tantas outras vezes, mas ele sempre se manteve como uma pedra lisa e escorregadia.

— Beatriz, você terminou as alterações da floreira no projeto que a Dona Romana pediu? — Ele chega falando na minha sala e tomo um susto, sua voz rouca me faz estremecer.

Recomponho-me das divagações com um pouco de dificuldade. É difícil me controlar ao seu

lado, principalmente com seu par de olhos penetrantes em cima de mim. Porém, aqui no escritório, tento ser o mais profissional possível, já que ele vem depositando tanta confiança no meu estágio de meio período.

— Vão ficar muito feias as adaptações que ela solicitou. Você imagina colocar um anjinho com o pipi de chafariz molhando a floreira? Vai ofuscar a beleza das flores.

Os olhos dele me repreendem.

— Você não mencionou isso para ela como uma objeção, né?

Não, mas tive vontade de mandá-la comprar um vibrador e colocar de chafariz, já que o anjinho que ela pediu combina mais com o jardim do que com a floreira. Não digo a ele o que senti vontade de falar, porém sua expressão mostra que sabe o que estou pensando.

— Não! Eu não falei! — Ele balança a cabeça, não acreditando em mim. — Juro, dessa vez eu apenas anotei as observações dela.

— Você qualquer hora vai me deixar louco. — Esse é meu maior desejo, deixar você louco por mim.

— Vou nada. Estou fazendo como você me orientou. Boquinha de siri — gesticulo. — Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Ele sorri alto. Como é lindo ver seus olhos brilharem eloquentes. Olhar para ele chega a ser um prêmio para meus olhos, o homem é uma obra de arte sexual, pena que a risada não é para mim e sim de mim.

— Fica rindo de mim que peço a conta e você vai ter que arrumar um paisagista, sem opinião própria — falo rancorosa.

— Você está falando sério? Não estou rindo de você.

— Estou sim. Gosto como você me deixa livre para criar. Mas não aceito como você é permissivo com as objeções sem nexos das suas clientes. — Replico por que odeio como ele é bonzinho com as barangas que inventam mil desculpas só para vir ao escritório para vê-lo.

Ele fica em silêncio um segundo e reage.

— Acho que já deu a hora por hoje. Vamos? Dou uma carona a você.

— Como você sabe que estou sem carro? — Mandei meu carro para primeira revisão e não quis dizer nada para ele, pois mesmo tendo condições de me bancar, ele faz questão de pagar tudo e eu não me sinto confortável.

— Sei tudo sobre você Bya.

— Tudo? — Questiono maliciosa. Agora já posso sair do papel de estagiária e ser um pouquinho audaciosa, foi ele mesmo que mencionou que o expediente encerrou.

— Sei tudo que diz respeito ao seu dia a dia, como profissional e minha pupila.

Broxante, lá vem ele mencionar quem eu sou para ele.

— Uma pena você não saber mais. Tenho certeza que se surpreenderia comigo. Com as coisas que sou capaz de fazer.

Divirto-me em ver seu maxilar empertigar. Salvo pelo celular, ele atende a ligação em tempo recorde. Enquanto arrumo minhas coisas, não me dou por vencida. Se ele vai me dar uma carona, vou aproveitar cada segundo em estar perto dele e ele não ter para onde correr. Em casa se o clima esquenta, ele sai pela tangente. Aqui no escritório, somos apenas colegas de trabalho. E, por esse motivo, tenho que comemorar os momentos que ele fica acuado ao meu lado.

— Vamos?

— Vamos! — Solto os cabelos e faço questão de chacoalhá-los próximo dele, para sentir meu perfume. Ele lança um olhar lento, intenso, de cima para baixo. Pode ser um olhar inocente, mas eu sinto queimar cada pedaço do meu corpo que ele olha.

— Está com fome?

— Faminto! — Ele comprime os lábios emitindo um som quase inaudível. Se ele não fosse tão rabugento poderia jurar que esse faminto soou sexy.

Gentil como sempre, ele abre a porta do carro para mim.

Com segundas intenções esbarro no seu braço e perco um pouco o equilíbrio. Amparada por ele, faço questão de comprimir os braços para afrouxar o decote. Suas mãos são quentes como brasa, seus incríveis olhos verdes não piscam um segundo. Quase me sinto vulnerável, só não tenho esses sentimentos, porque sei exatamente o que quero. Ah, ele é tão deliciosamente gostoso. Mesmo com a pouca claridade do estacionamento do prédio, ele brilha suficiente para ofuscar meus sentidos. Tenho vontade de agarrá-lo. Estou tão perto para isso acontecer, mas me contenho. Se tivermos que nos beijar, a atitude vai ter que partir dele.

Não nos mexemos. O único gesto brusco no meu corpo vem do meu coração que está mais acelerado do que nunca. Nossos olhos se comunicam telepaticamente, sinto um enorme frio na barriga como a sensação de estar descendo a maior montanha russa do mundo.

Beija-me Pedro! Imploro mentalmente. Sinto que ele trava uma briga interna. Seus olhos me desejam, eles dizem isso para mim.

Demora menos de 1 minuto para ele acabar com atmosfera de sedução.

— O que quer comer?

— Hã? — Você! Tenho vontade de gritar. — Esse é um encontro?

— Não!

— Que pena.

— Podemos comer algo leve. O que acha? — Ele muda de assunto.

— Prefiro algo pesado. — Minha boca é intermediadora do meu desejo.

— Decidimos no caminho.

— Tá! — Respondo frustrada.

Emburrada sento no banco, respiro fundo.

— Burra! Mil vezes burra. — Eu tinha que tê-lo beijado e mandado meu orgulho para o inferno.

O tráfego está intenso, estamos em silêncio, noto os nós dos seus dedos brancos fixos no volante.

— Você já foi romântico algum dia?

— Nunca ninguém reclamou. O que você considera romântico?

— Tudo ao contrário do que você é. — Respondo sentindo-me desafiada.

— Deve me achar pouco romântico, por que nunca me viu com uma mulher. Aliás, ultimamente você tem contribuído para ocupar o meu tempo, por tempo integral.

— Ah, seu rabugento! Você sabe como lisonjear uma mulher.

Ele me olha e o verde escuro da sua pupila está dilatado. Acho que esse olhar não é de bom amigo. Durma com essa, Pedro. Se me acha uma empata foda, a culpa é toda sua. Ele sacode a cabeça, nada satisfeito. Acho que cutuquei a onça com vara curta, sua expressão não parece que vai declarar um poema. Tento mudar de tática e nem mostro que fiquei afetada.

— Vou mudar a pergunta. Podemos brincar de verdade ou mentira?

— Não! — Ele responde e buzina ao mesmo tempo, advertindo um motoqueiro que corta os carros. — A moto não é arma cidadão.

— Assim você não colabora para romper nosso silêncio.

— Entenda como quiser. Não precisamos brincar de verdade ou mentira para conversarmos.

De onde tirei essa ideia de pedir para brincarmos de verdade ou mentira? Cresce Beatriz, como é que um dia ele vai falar sério com você, com essas atitudes sem fundamento. Poxa! Ele também não colabora, nunca dá abertura, mal o conheço.

Será que preciso conhecê-lo mais? Se pelo que conheço já o amo. Imagina se o conhecesse a fundo.

No farol fechado um vendedor ambulante bate no vidro, ele olha para o rapaz e não responde, apenas acena com a cabeça dizendo que não quer balas e doces. Distraio-me com a quantidade de ambulantes entre os carros oferecendo mil coisas. O farol abre e os carros não se movem. Hoje o trânsito está pior que todos os dias. Espero que ele diga alguma coisa. Se ele disse que podemos conversar sobre tudo, então ele que puxe um assunto.

Ouçoo o vidro abrir, mas não olho para ele. Não o deixo perceber minha raiva.

— Eu quero um, amigo.

Cerro meus dentes contando até dez para ver o que conquistou seu coração.

E, antes de ceder a minha curiosidade, sinto no meu colo um embrulho úmido com as rosas vermelhas mais lindas que já vi.

Que fofo.

Ah, ele não é de todo um rabugento!

Como mendiga de sua atenção, levo as flores ao meu peito, deslumbrada com seu gesto. Instantaneamente a confusão me domina quando vejo que é um rapaz portador de deficiência física que está recebendo o dinheiro dele.

Será que ele comprou as flores só para ajudar o rapaz? Ele sempre ajuda todos os deficientes.

Para Beatriz! Não pensa besteira. Se ele quisesse apenas ajudar o rapaz, depositaria as flores no banco de trás, mas ao invés disso ele as deu a você. Aproveite menina.

— Isso foi romântico? — Pergunto para me certificar.

— Não foi um gesto rabugento — fala alegremente, com o sorriso estampado no rosto. Ele parece ter conquistado o Oscar por me ver surpresa.

— Definitivamente, não! — Sorrio com ele.

Descontraído, ele é perfeito. Seus ombros largos que fazem mulheres suspirar é quase do tamanho do encosto do banco. Ah, não canso de cobiçar.

Seus olhos lindos encontram os meus.

Acho que sou flagrada cobiçando-o.

— Elas são lindas! — Digo ainda deslumbrada. — Ok, não precisa ser romântico ao ponto de dizer que elas não são lindas como eu. Isso já seria romântico demais para você.

— Lindas como você. Pode ser assim?

Levo as mãos à sua testa.

— Ai! — Balanço a mão no ar brincando, mas no fundo afetada demais por tocar nele. — Você está ardendo em febre.

Ele sorri mais uma vez, parece divertido como se tivesse curtindo o momento mais descontraído da sua vida. Faço um esforço sobre-humano para não me jogar em seu colo.

— Bya! Não entendo o porquê de tanta surpresa, já presenteei você antes com flores.

Sim, lembro-me de todas elas. Porém sempre foram em datas comemorativas e quando sai do hospital. Nunca foi assim, do nada, parecendo um gesto romântico de um namorado. De algoz dos meus desejos, por um momento o vejo gentil.

— Estou surpresa porque desta vez as recebi de uma forma diferente.

Ele ergue uma sobrancelha, sexy como o inferno.

— Diferente? Você pode se surpreender comigo. — Senhor! Que olhar de predador é esse?

Seu sorriso se amplia. Sua simpatia me deixa vulnerável. Percebo que não sei lidar com o Pedro descontraído. Fico perdida no espaço sideral. Não que eu prefira ele rude, mas é mais fácil

quando ele é a caça. Não o caçador.

— Acho que vou gostar de conhecer um Pedro diferente. — Arrisco provocá-lo, enquanto ele esterça o carro na frente de uma cantina no bairro do Bexiga.

— Você não disse que queria comer algo leve? — Ele demora em desligar o carro encarando-me. Respiro fundo, totalmente afetada. O silêncio é digno para um beijo avassalador.

— Mudei de ideia! — Ele parece se divertir com a situação. — Hoje quero tirar algumas más impressões de você e mostrar que posso ser romântico também. E, para falar a verdade, estou gostando de ver você vulnerável. Está parecendo uma lebre assustada.

Assustada, mas ainda assim uma lebre, seu lindo.

— Melhor assim. Vou tomar nota de como você gosta de me ver.

Agora quem parece vulnerável é ele. Seus lindos lábios se apertam.

PEDRO SALVATORE

Já é tempo, dessa pequena provocadora aprender uma ou duas lições. Ela vem me provocando há alguns anos. Eu sei o quanto venho me contendo. Sei que isso não vai nos levar a nenhum lugar, mas ainda assim o desejo de provar a ela que está brincando com fogo é mais forte do que eu.

Desligo o carro e o bicho papão incorpora meu corpo. Seu desconforto me excita. Ela fica linda quando não está armada do bichinho da sedução. Ela morde os lábios e isso me leva à morte. Pura! Chega a ser uma candura.

Estou por um fio, para não virar a chave na ignição e levá-la para minha cama. Ela cruza e descruza as pernas, o gesto inocente e intencional se torna convidativo às minhas mãos.

— Não vamos descer?

— Ainda não! — Resolvo jogar com ela. A temeridade toma conta de mim. Porra como é excitante ver a surpresa estampada em seu rosto. Pedro isso pode ser perigoso, advirto-me. Para as cucuias o perigo. Solto meu cinto, não rompendo nosso olhar. Ela imita o gesto e minhas mãos são mais rápidas impedindo-a de abrir o cinto.

Quero-a assim presa e vulnerável. Desconheço-me. Se a culpa vai me punir depois, aceito tudo depois. Agora a única coisa que quero é sentir esta emoção. Sua mão gelada treme com o meu toque.

— Um homem romântico é feito de gentilezas. — Deslizo meus dedos entre os seus e minhas bolas fisgam de tesão. — Você não acha?

Ela apenas acena com a cabeça.

— Deixa que eu abro o seu cinto.

— Uhm. Uhm. — São as únicas palavras proferidas por ela. Suscetível ao meu toque, ela treme ao toque dos meus dedos em seu braço. A cada descoberta das suas reações e arrepios em circunstâncias diferentes me deixam esperançoso que posso seguir em frente.

— Um homem romântico pode ser mais perigoso do que um homem rabugento! — Seus pelos arrepiados mostram o quanto está frágil e incapaz de qualquer ato. Boazinha e quietinha gosto de vê-la assim. Seu cheiro de menina mulher me cega. Seus olhos de uma bugre selvagem, louca para ser domada me motivam a chegar mais próximo. Posso ouvir sua respiração acelerada. Aposto que se encostar mais um pouco meu corpo ao seu se entregará a mim como a desejo. Minha razão tenta falar mais alto, porém meus sentidos lascivos a calam. — Você deveria não querer conhecer meu lado romântico.

— Estou feliz por ter perguntado. — Sua voz sai fanha.

— Também estou feliz por ter mencionado. — Aspiro com força todo o ar próximo ao seu pescoço e o cheiro de jasmim dos seus cabelos me dopa. Tenho vontade de devorá-la aqui mesmo. Toda sua acidez feminina se torna doce.

— Os vidros estão embaçando.

— São melhores assim. Um homem romântico não precisa de público para o ver o quanto ele pode encantar uma mulher.

— Você está querendo me encantar?

— Não! Minha doce pequena menina! Apenas mostrando a você o que um homem romântico pode fazer.

— Você está sendo mais sedutor do que romântico.

— Jura? — Passo meu queixo áspero na pele do seu pescoço preguiçoso que se estende para mim. — Então você acha que o romantismo não tem ligação com o erotismo.

Ela suspira e eu continuo.

— Se tem ligação. — Ela suspira quando passo minha língua úmida na sua pele vermelha irritada por causa da minha barba rala. — Estou começando. — Incentivo-a continuar adicionando uma leve chupada. — A querer que essa fusão nunca se rompa.

— Um homem romântico pode levar uma mulher à loucura mais selvagem de sua vida. — Assopro meu hálito sôfrego em sua pele que arrepia.

— Adoraria fazer loucuras selvagens.

Minhas pálpebras se fecham. Menina bugre selvagem não faço muito o estilo romântico. Aprenda que sou um Ogro Caçador e que nos meus braços você pode se machucar. Este aviso é mais para mim do que para ela, mas o desejo é mais forte do que eu e uno meus lábios aos seus. Ela abre seus lábios aceitando o convite da minha língua invadindo a sua boca. Queria ter forças para dizer que não devo. O crescente desejo vai intensificando nossos movimentos. A deliciosa tortura faz com que a força de todo o desejo encubado exploda. Sem importar onde estamos.

Não consigo pensar, ela responde a mim com o beijo doce, lento e sonhador. A minha fome por ela se intensifica tornando tudo quente e firme. Exatamente como sou. Urgente e necessitado do seu sabor. Não premeditei nada disso, foi tudo inesperado e por impulso. Sinto-me viril. No fundo algo me diz que é loucura e totalmente inapropriado, mas nada importa. Meu sangue queima como larvas minhas veias que sinto dilatar. Quero dilatar tudo dentro dela.

Nossos movimentos são bons, sua permissão a cada impulso das minhas mãos me deixa mais atrevido, mais consciente de como cada parte do seu corpo pode se encaixar perfeitamente no meu. Todo meu beijo com ardor causa suspiros emitidos por ela e meu corpo formiga e pulsa.

Quero pedir para irmos para casa, porém não consigo romper o beijo que me encoraja cada vez mais ir adiante. Sei que se nos separarmos os fantasmas da culpa me assombrarão. Então que dure este momento o quanto puder.

Não comando as minhas mãos que agem impulsivamente explorando cada parte do seu corpo de mulher. O desenho da perfeição das suas curvas carnavais é real aos meus toques libidinosos. Ela geme nos meus lábios compulsivamente e meu pau tem toda a sua atenção. Chupo sua língua lisa e ela por sua vez me dá espaço para foder com a minha língua a sua boca sedenta por mais.

Algo consegue vibrar mais do que nossos corpos, tirando nossa concentração. Nossos lábios não se soltam. Chupo com vontade seu lábio inferior. Deliciosa.

Celular dos infernos. Tomo-o do seu colo, sem romper nosso contato. Abro meus olhos preguiçosos e vejo nele a mensagem.

Beggo> Onde você está Morena Tropicana? Estamos na porta do seu prédio. Esqueceu-se do trabalho que combinamos? Aí morena se eu te pego. Aí. Aí. Delícia.

O que é isso? Recuo, chocado, com dificuldade. A raiva me cega. Tenho vontade de chacoalhá-la. Aquele moleque deve ter um pacto com a fada dos dentes e não tem medo de perdê-los. Minhas mãos que a pouco deslizavam pelo seu corpo se fecham.

E, então a solto, irritado.

Ela joga a cabeça para trás, emitindo um som de protesto.

— Quando vai aprender a ser responsável com seus compromissos?

— O quê? — Seus olhos estão incrédulos, talvez não tão mais que os meus. Toda a sensualidade se esvaíra.

Jogo o celular no seu colo novamente.

— Você não está preparada para ter um homem romântico na sua vida. Seu momento é curtição com garotos de mau gosto musical e que fazem cantadinhas baratas com trocadilhos de músicas. — A culpa me atormenta e a voz diz para mim que além de ser um bastardo, a dor é minha melhor opção. Mordo a bochecha do lado esquerdo com toda a força do meu ódio.

Ligo o carro.

— O Beggo não é um garoto.

— Por favor, Beatriz! Vamos esquecer o que aconteceu aqui e andarmos logo para você encontrar seu amiguinho. Pelo que vi você está bem atrasada.

— Você está sendo um ogro rabugento — ela grita.

Não tiro os olhos do tráfego, minha ira é tão grande que sou capaz de esmurrar o volante

por inúmeras vezes.

— Não Beatriz. Estou sendo verdadeiro. Os românticos dos novos tempos são assim, realistas. Eles não vêm montados em cima de um cavalo branco, considerando tudo como parte romântica em uma história. Um beijo não significa nada. Então não me cobre gentilezas considerando que você não se lembrou de um compromisso.

— Não estou pedindo gentilezas por receber um beijo seu — ela me desafia. — Tão menos esperei carinhos no lugar da fúria das suas mãos explorando cada parte do meu corpo.

— Ah, por favor! Quer falar do meu beijo agora? — Olho para ela e a mulher sedutora de instantes atrás foi embora e deu lugar para a mesma pirralha mimada de sempre. — Você é muito inocente se imagina que todo homem que a beijar vai ser permissivo sempre a você. A maioria deles quer um beijo em troca de sexo fácil. Como seu responsável espero que você tenha aprendido a lição. Romance é só para os livros.

— Então foi isso que você quis há poucos instantes? Um beijo fácil, em troca de sexo? — Ela fala exaltada. — Pensei que fosse para mostrar o quanto é romântico. Ou devo estar enganada? Não. Acho que não! Pois essa lição que você acaba de mencionar você esqueceu que era o professor e passou a ser um aluno também, pois a sua calça justa mostra exatamente o tamanho da sua ereção e o quanto essa lição estava sendo boa para nós dois.

Esmurro o volante e rezo para chegar a casa logo. Essa discussão não vai nos levar a lugar algum.

— Você não sabe o que é romantismo!

— Nem você! — Ela abre a porta do carro. — Ah, Pedro! Uma mulher não precisa ganhar flores, para descobrir nelas que os espinhos espetam. Ela deixa o arranjo de flores e bate a porta. Não esqueça que sou paisagista e sei exatamente que é da semente que nasce o broto e que é do broto que nasce uma semente.

CAPÍTULO 9 – Pedro Salvatore

— Porra! — nervoso, soco o volante.

Ela tem razão e não sei como desfazer tudo isso. Olho as flores no banco e me arrependo por ter sido um bastardo. Se o caule das rosas possuísse espinhos, estaria agora mesmo apertando minhas mãos em torno deles para sentir a dor que vi em seus olhos.

Caralho! Eu quis que o beijo tivesse acontecido, desejei mais que tudo e também quis presentear-lá com as flores. Foi a primeira vez que tudo aconteceu sem receio ou culpa. Porém a situação saiu do meu controle, o despeito de ver aquela mensagem me fez sentir impotente momentaneamente, por não fazer parte da vida dela contribuindo com algo. A mensagem me cegou.

Tenho vontade de dar ré e socar a cara do infeliz daquele moleque. Pode parecer doentio, mas é mais forte do que eu.

— Não é a cara dele que tem que esmurrar — a maldita voz sopra dentro de mim.

— Não ligo — dou de ombros. — Quem decide algo por mim sou eu.

— É mesmo? Não foi assim no passado? Você não lembra que não sabia lidar com as situações? Olha só em cima do banco e veja as flores que desejou entregar para ela e não soube como fazer isso. Você não sabe preencher o vazio dentro das pessoas que estão próximas a você.

— Vê se me esquece — ralho com meus pensamentos, acelero o carro e aumento o volume do rádio.

Dou conta que já dei três voltas pelo quarteirão e a cada vez que passo na frente do prédio para ver quem está esperando-a junto com o moleque, minha cabeça insiste em me fazer escravo dos seus mandamentos. É como um ritual onde meus pensamentos doutrinam minhas ações. Sei que o moleque está lá pronto para ajudá-la na porra do trabalho que mencionou, mas quem mais está lá? Será que tem mais moleque? E a intimidade dele em chamá-la de morena tropicana e fazer trocadilho de música brega, meu sangue ferve. Infeliz! Xingo-o sem remorso.

— Vai lá! Veja quem está com eles, retorna novamente este carro.

Isso não está certo. Não quero viver novamente a compulsão e obsessão dos meus pensamentos.

Quando eu era pequeno fui condicionado por esse transtorno até me levar a exaustão. Havia dias em que a repetição de gestos eram tão frequentes que chegava adoecer com meus nervos que se comprimiam de aflição. Conforme fui crescendo encontrei na autoflagelação um escape para aliviar meus pensamentos.

— Porra! Por que tenho que viver tudo isso novamente? Será que isso não tem fim?

— Não! — Os pensamentos intrusivos respondem.

— Não o caralho.

Fiz tratamento quando me vi só no mundo e os medicamentos e a terapia foram como a cura dos meus transtornos. Por anos me vi curado e aliviado. Não dá para entender o porquê tudo isso tinha que voltar. Eu jurava que estava curado.

Os pensamentos intrusivos insistem em me fazer dar outra volta e dessa vez sou mais forte que eles. Desvio da rua que me dá mão para o retorno para casa e sigo meu caminho sem rumo e sem destino.

— Não vou fazer o que vocês querem. Vão para o inferno pensamentos doentes. Sou um homem formado e sei muito bem o que preciso fazer, não são vocês que ditam regras aqui.

A vida é como uma roda gigante em movimento, quando estamos alcançando cada posicionamento dela, as emoções vão mudando, se estamos lá em cima e temos medo da altura não podemos pensar em olhar para baixo. São oscilantes os sentimentos. Quando estamos embaixo queremos estar no alto e assim subseqüentemente. Ela às vezes nos assusta outras vezes nos dá alegria. Viver ao lado de Beatriz tem me feito girar mais forte nessa roda gigante, onde nunca sei em que posição parará.

Há momentos que tenho vontade de jogar tudo para o alto e segurá-la em meus braços. Mas no mesmo momento que tenho esse desejo os acontecimentos me mostram que a queda de um de nós dois pode ser prejudicial e nunca mais ter volta. Vivo na dúvida se quero ser seu homem ou seu tutor.

Na voz de Oswaldo Montenegro começa a música “Metade”. Prefiro ouvi-la e esquecer a voz dentro de mim que me atormenta.

“Que a força do medo que tenho
Não me impeça de ver o que anseio
Que a morte de tudo em que acredito
Não me tapem os ouvidos e a boca
Porque metade de mim é o que eu grito
A outra metade é silêncio
Que a música que ouço ao longe
Seja linda ainda que tristeza
Que a mulher que amo seja pra sempre amada
Mesmo que distante
Pois metade de mim é partida
A outra metade é saudade
Que as palavras que falo
Não sejam ouvidas como prece nem repetidas com fervor
Apenas respeitadas como a única coisa

Que resta a um homem inundado de sentimentos

Pois metade de mim é o que ouço

A outra metade é o que calo

Que a minha vontade de ir embora

Se transforme na calma e na paz que mereço

Que a tensão que me corrói por dentro

Seja um dia recompensada

Porque metade de mim é o que penso

A outra metade um vulcão

Que o medo da solidão se afaste

E o convívio comigo mesmo se torne ao menos suportável

Que o espelho reflita meu rosto num doce sorriso

Que me lembro ter dado na infância

Pois metade de mim é a lembrança do que fui

A outra metade não sei

Que não seja preciso mais do que uma simples alegria

Pra me fazer aquietar o espírito

E que o seu silêncio me fale cada vez mais

Pois metade de mim é abrigo

A outra metade é cansaço

Que a arte me aponte uma resposta

Mesmo que ela mesma não saiba

E que ninguém a tente complicar

Pois é preciso simplicidade pra fazê-la florescer

Pois metade de mim é plateia

A outra metade é canção

Que a minha loucura seja perdoada

Pois metade de mim é amor

E a outra metade também”

Assim como na roda gigante fico girando a cidade perdido em meus pensamentos, até que

me vem a ideia de ligar para o Marco. Já está tarde, mas ele fica no hospital com a Vitória sempre até a madrugada. Meu amigo é muito mais que um pai, ele é o anjo da guarda da minha afilhada de coração.

Deixo chamar uma vez, duas e ele atende.

— Perdeu o sono? — Ele sempre é bem-humorado, um grande amigo que me faz bem. Quanto à pergunta dele sobre dormir, não sei se serei capaz no próximo século. A mistura do remorso e do bem-estar vem me tirando o sono.

— Não me lembro de dormir com as galinhas.

— Dormir com elas não sei, mas fala como um galinho. — Ele nunca perde uma, mas também não deixo por menos.

— Também não me recordo de você dormir com elas, mas se tudo isso é por medo de pegar crista-de-galo, camisinha é sempre um bom meio de se prevenir.

— Não, não! Meu negócio é sereia do mar.

Franzo o cenho com o apelido que ele dá para moça.

— Fala o Dr. Perito em mulheres.

— Perito em mulheres não. Perito na mulher.

— Tá ficando sério esse romance com a Bárbara.

Muito irônico, eu um ogro nato e meu melhor amigo um romântico incorrigível.

— Digamos que estou andando entre as nuvens.

— Vai com calma meu velho, você acabou de sair de um relacionamento e, diga-se de passagem, um pouco tumultuado.

Sua ex-mulher não dá uma folga, a mulher é desorientada, praticamente abandonou a filha quando eles mais precisaram dela. A mulher é obcecada por ele, se descobre que ele tem uma outra mulher, nem sei do que ela é capaz.

— Nem me lembra disso — ele troca o assunto. — Você está em alguma festa?

— Estou dando uma volta.

— Em um carro de som?

Abaixo o volume, nem me dei conta que o som estava alto ainda.

— Estou indo tomar alguma coisa.

— Estou saindo do hospital, podemos nos encontrar. O que acha?

— Acho perfeito. Já jantou?

— Ainda não e você?

— Também não, o que acha de nos encontrarmos no Fogo no Chão?

- Está um pouco tarde. Que fome é essa?
- Não almocei direito hoje. Vinte minutos está bom para você?
- Pedro?
- Fala Marcão.
- Até lá querido.
- Vai à merda.

Não sei se foi uma boa decisão ligar para o Marcão, pois no dia que ele foi ao escritório questionou-me sobre a Beatriz estar trabalhando comigo e hoje tenho certeza que irá jogar iscas para pescar tubarão, mas se depender de mim, não pegará mais que lambari. Quero falar de tudo com ele, menos de um assunto que nem eu sei o que está acontecendo. Ter mais um para me julgar - não vai dar! Já tenho a minha cabeça que não dá paz.

CAPÍTULO 10 – Beatriz Eva

Bater a porta do carro com força é pouco se comparado à força dos meus passos em direção ao prédio. O frio do seu olhar para mim, quando pegou o celular faz com eu sinta até agora os arrepios, os calafrios e isso motiva a abraçar o meu corpo para me aquecer.

Enquanto estava sentada ao seu lado, frustrada, depois da droga do celular interromper o beijo mais excitante que já recebi, proferi todos os palavrões em minha mente. E, olha que são vastos os palavrões que me lembro desde criança. Estou até agora entorpecida pela forma como a sensual tentativa dele de provar ser um romântico mexeu com o meu temperamento. Fico pensando o que aconteceria se o beijo tivesse continuado.

Foi novo, quente, totalmente excitante. Aconchego ainda mais meus braços entorno do meu corpo sentindo a falta dos seus braços explorando meu corpo. Quando ele tocou na minha mão, para mostrar o quanto podia ser um gentleman roguei para todos os santos que o mundo não acabasse naquele momento. Seus olhos penetrantes mexeram com todo o meu sistema nervoso. Fiz contagem regressiva para cada milímetro do tempo registrando cada movimento seu em minha direção. Sabe aquele momento que não precisa falar, precisa apenas sentir, pois foi assim que me recusei a falar qualquer coisa, afinal seus movimentos deixaram-me estática. Diferente do primeiro beijo que demos, esse foi roubado por ele com luxúria, pois dessa vez ele teve contato com cada parte do meu corpo, foi inebriante.

Só não despejei um rosário de palavrões quando ele me soltou e vi que a luz que irradiava paixão foi se apagando e dando lugar para a hesitação, porque logo vi a mensagem e me dei conta que tinha esquecido o trabalho que marquei com o pessoal.

Estar ao seu lado é como se o relógio parasse com o ponteiro no segundo da sedução. Mas ainda assim ele merecia um par de palavrões por me lembrar nos momentos mais inoportunos que é meu Tutor.

Avisto a Elaine encostada no pilar da portaria do prédio. O peso na consciência faz com que tire as forças das minhas pernas.

Sou uma péssima amiga, quando se trata de pensar apenas nos meus desejos, pois a garota largou sua mãe no hospital, por precisar muito da nota dessa maquete que temos que entregar.

— Elaine desculpe-me. Tive um contratempo. — Para falar a verdade tive uma parada no tempo.

— Tudo bem! Esperaria você a noite toda. — Ela diz cansada levantando os ombros.

— Hey! Não fica assim. Onde foi parar aquele ousado do Beggo? — Mudo de assunto para distraí-la um pouco e pergunto sobre aquela libélula assanhada que causou a ira do Pedro. A primeira vez que vi que o Pedro demonstrou uma pontinha de ciúme de mim foi quando conheceu o Beggo e a partir desse dia as implicâncias são constantes. Aproveitei-me da situação e não contei para ele que o meu melhor amigo, na verdade, mesmo parecendo um moço direito, tem os mesmo gostos masculinos que o meu.

— Ele não pode esperar e quando viu que podia se juntar ao Luiz Felipe para fazer uma

parte da maquete, deixou um beijo e foi embora.

— Traidor! — Bufo duplamente.

Já no apartamento, sentadas e acomodadas no quarto, estou com o pensamento longe. Decidi fazer o trabalho no meu quarto para não ter que olhar para cara do Pedro quando chegar. Aqui sei que ele não se atreverá vir. Ele que durma com os sentimentos de dúvida do tipo de trabalho que estamos fazendo aqui. Ele não sabe quem está aqui comigo e pela sua postura hoje, um pouco de tortura lhe fará bem.

— Ai! Por que o revólver de cola quente, não combina comigo? Ele insiste sempre em queimar meus dedos! — A Elaine reclama enquanto chupa mais uma vez o dedo aonde a cola quente caiu.

Faço o possível para não rir. Ela é desajeitada e toda desengonçada, não tem aptidão alguma com trabalhos artesanais. É uma mestra em esboçar seus projetos, porém o problema com a mãe tem a deixado distante de tudo a sua volta.

— Deixa que eu faço a parte da colagem. Você está muito distraída.

— Para se queimar também? Acha que não percebi que colou duas torres em lugares errados por estar com o pensamento longe. Você está bem?

— Elaine, você está com problemas demais, deixa eu quieta com os meus. Vamos terminar logo esta maquete. Vamos arrebentar amiga, com ou sem a ajuda daquele amigo ingrato que nos abandonou.

Ela me entrega o revolver de cola. Cuidadosamente trabalho na colagem. Não temos muito tempo, por esse motivo, optei pela cola quente. Os professores repudiam, mas eu estou tão acostumada a ser repudiada que nem esquento mais em fazer um cambalacho. Fazer uma maquete é sempre aquele momento meio tenso em que você descobre que não tem nenhuma habilidade para tal coisa.

— Ai! — Reclamo também, quando encosto a ponta da pistola quente no meu braço.

— Será que não é melhor usarmos super bonder — ela diz divertida.

— Só se for para entregar você colada na maquete. Já imaginou? Do jeito que você é delicada como elefante, a cada gota derramada é uma parte do seu corpo colada no esqueleto.

— Pisa mesmo, tripudia de mim.

O trabalho vai evoluindo e minha desconcentração também. O Pedro demora uma eternidade para voltar e eu começo a imaginar mil coisas.

— Nossa o Pedro está demorando.

— Deve estar mesmo. Você já pegou o celular na mão mais vezes que pude contar. Você não quer falar o que está acontecendo? Desde que chegou está tão calada, tão distante.

Observar o interesse da Elaine em querer conversar comigo me faz feliz por ela está ali. Não quero fazer dela meu muro de lamentações, até porque sei o que a coitadinha está passando. Ela está sozinha para cuidar da mãe que está internada há dias. Ela é uma menina de ouro e confessar que estou nas nuvens até agora não parece tão assustador depois dos trovões que essas

nuvens soltaram há pouco.

— Ele me beijou.

De imediato ela me olha e eu repito para mim como um mantra. Ele me beijou.

— Beijou é? E como foi? Conta tudo, não esconda nada. Estou cansada de ouvir os cortes dele.

— Foi delicioso.

Os olhos castanhos dela saltam de abelhudice.

— Então o tio gostoso deu uma chance para você?

— Aff. Quantas vezes vou dizer que ele não é nada meu.

— Mas você quer que seja, né?

— Sim, quero que ele seja meu amante, meu homem, meu macho. Ou seja, lá qual rótulo ele possa querer me dar. Menos ser sua pupila.

Curiosa e empolgada ela faz mil perguntas e conto tudo como foi. Devo contar que ele tocou meus seios e que eles estão doloridos até agora? Devo.

— Amiga! Ele tocou meus seios. Você tem noção a que nível chegou nosso beijo.

— Uhm! Uhm!

Sinto suas mãos quentes até agora sobre eles. Fito-a e percebo que ela está me olhando como uma atriz pornô, pelas caras e bocas que faço.

— Bya! Você é engraçada, fala como uma adolescente sendo tocada pela primeira vez na vida. Mulher você já vai fazer 21 anos.

— Exatamente isso amiga, é assim mesmo que me sinto. — Omito dela que realmente não lembro ter sido tocada algum dia. Acho que até eu duvido que não tenha sido tocada algum dia por algum homem, visto o que meu corpo sente a cada vez que estou próxima do Pedro. Mas a minha memória não dá chance, ela não me faz recordar nada.

— Olha Bya, não quero ser empata foda e nem tirar as suas esperanças, mas, amiga: você precisa conhecer outros homens para saber se o que sente pelo Pedro é real como homem e mulher ou uma fantasia sua.

Enquanto meus amigos tentam me provar que ele não me faz bem, ele por outro lado sempre me questiona sobre eles. Ele também acha que meus amigos da faculdade não me fazem bem.

— Você está louca? Sei muito bem o que sinto pelo Pedro e a coceirinha que sinto na “pepeca” quando estou perto dele. Posso lhe garantir que isso é bem real.

Ela levanta as mãos.

— Você sabe que não faltam pretendentes para você.

— Fica com todos eles para você. Eu estou estragada para todos os homens que conheço.

— Ok! Não está mais aqui quem falou. Mas ainda assim acho que o Beggo tem razão. Por mais química que possa existir entre vocês, o tio sempre vai vê-la como sua responsabilidade.

— Esse assunto já deu. O Beggo é um invejoso e não dá chance para conhecer o Pedro melhor. Aliás, eles não se toleram.

— A culpa é sua.

— Sim, a culpa é minha que faço de vocês dois meus confidentes.

Que raiva que tenho quando alguém distorce tudo o que falo. O Pedro é maravilhoso em tudo. Um pouco rabugento e teimoso. Ok! Confesso. Mas o que são alguns anos perto da vida inteira que podemos ter pela frente. Poxa! Deus me ajuda estar certa nas minhas convicções.

— Bya, só quero que você seja feliz.

Também sei disso, mas seria bom ouvir que devo seguir em frente com as minhas investidas e tentativas de conquistá-lo.

— Vamos terminar esta maquete.

— Acho melhor, pois se não conseguir a nota que preciso, perco a bolsa de estudo. Estou por essa única nota.

— Se depender de mim, essa bolsa será sua até a formatura e se não for. — Faço uma pausa e acrescento o que ela sempre se nega ouvir. — Estarei aqui para financiar seus estudos. Afinal sou sua amiga e você é uma das únicas pessoas que tenho neste mundo.

— Obrigada. Mas não será preciso, vamos tirar nota máxima.

Até esqueço-me do Pedro nos minutos seguintes mediante a beleza e eficácia da nossa determinação em deixar a maquete perfeita.

Ela também por sua vez olha no celular a cada segundo.

— Sua mãe não melhorou?

— Não.

Seus olhos enchem de lágrimas. Fico comovida com a cena. Será que se soubesse que um dia minha mãe estivesse com seus dias contados, sentiria a mesma dor que ela está sentindo? Tento buscar inúmeras vezes na minha mente, algum indício de dor que minha mãe possa ter sentido. Nada vem! É como se a minha memória tivesse secado e por mais que tento molhá-la com alguma situação, nada acontece.

— O que os médicos dizem.

— Que ela tem dias de vida.

— Mulher? O que você está fazendo aqui? Vai ficar com sua mãe. Eu termino aqui.

— Não é tão simples assim. Não posso chegar ao hospital às 23h45min da noite e dizer. Quero ficar com a minha mãe.

— Lane, não sei o que dizer. Será que tem algo que eu possa fazer.

— Não, infelizmente não.

Não me dou por vencida alguma coisa sei que posso fazer por ela.

— Como você tem conciliado a faculdade, o hospital e o seu trabalho no bar.

— Estou me virando, amanhã mesmo saio da universidade, almoço dentro do metrô, para chegar mais rápido no Hospital das Clínicas para poder ficar com ela o máximo que posso até pegar meu horário no bar. O gerente de lá tem sido meu amigo e tem encoberto meus atrasos, porém sinto que logo perderei esse emprego.

Já sei aonde vou ajuda - lá.

— Lane! — Falo com empolgação. — Amanhã você poderá ficar com sua mãe o máximo que o hospital permitir, pois estarei trabalhando no seu lugar.

— Como assim amiga? Não, definitivamente não. Você também trabalha durante o dia e não posso aceitar isso.

— Trabalho sim, mas nada vai me impedir de cobri-la, até sua mãe ficar boa.

Terminamos o trabalho e chamo um táxi para levá-la embora, pois meu carro está na revisão e não vou pegar o carro do Pedro escondido, visto que ele deve ter chegado e já está dormindo.

Ela se vai e me dou conta que o Pedro ainda não voltou. Mil coisas passam pela minha cabeça. Ando de um lado para o outro. Os minutos vão se passando e percebo que desde que o conheci e me apaixonei por ele, todos os homens perderam a graça. Ele é como uma droga que alimenta o meu ser, não existem doses homeopáticas dele que sejam suficientes para matar o meu vício. O que ele me permite consumir sempre é pouco, muito pouco para o desejo que me consome. Quando está longe sinto uma abstinência que não sei se me faz bem ou se é sinal que preciso começar a tomar um rumo e me acostumar com falta dele.

No relógio marca 1h25min. Pego o celular para ligar para ele e ouço um barulho na porta. Corro para meu quarto, apago a luz, não quero demonstrar para ele que estou acordada até esta hora o esperando.

Pelo som dos seus passos pelo apartamento deduzo que ele bebeu, pois sempre que bebe seus passos ficam firmes e pesados.

— Com quem será que ele estava até esta hora? Bandido! Será que ele foi terminar o beijo que começou a me dar em outra mulher?

Afundo o rosto no travesseiro para soltar um berro, porém as lágrimas são mais rápidas e o choro sai de dentro do meu peito por toda a frustração. Os passos param e me deixam alerta, posso ouvir sua respiração do outro lado da porta. Contenho as lágrimas e seguro o ar. A maçaneta é virada.

— Bya, estabiliza esta respiração menina. Não mostra para ele que você estava derramando uma lágrima sequer.

A porta vai se abrindo lentamente. — Concentra-se Beatriz! — Não posso abrir os olhos, tenho que contar apenas com os meus sentidos. Sinto ser observada por ele, cada parte do meu

corpo queima como se o olhar dele fosse o lazer, passam minutos e o único som que paira no ambiente é de nossas respirações e do meu coração que está disparado.

Alguns passos indicam que ele está próximo da cama. Não existe canção mais romântica e excitante do que ouvir sua respiração fora de compasso me observar.

Penso em abrir os olhos, amparada pela penumbra do quarto, só para olhar para ele, mas desisto quando o sinto puxar o lençol de cetim sobre minhas pernas nuas e quentes. O contraste faz meu corpo arrepiar. Agradeço a Deus por ter colocado um shortinho curto para dormir.

Um beijo na minha testa confirma que talvez as fantasias que alimento dentro de mim, pode ser realmente um amor fraternal. Onde ele me vê apenas como sua responsabilidade e não como a mulher que pode estar ao seu lado.

— Durma bem pirralha linda!

Pirralha? Vai se catar com este. Pirralha. Veja quem é a pirralha. Viro-me de bruço fingindo estar dormindo e junto com meu corpo puxo todo lençol descobrindo-me. Empino a bunda com o short curto em direção dele.

— Aposto meu querido Tutor que você deve estar se perguntado agora. Por que uma bunda tão grande? Não precisa encontrar a resposta meu querido, eu mesma respondo. É para acolher você melhor.

Ele bufa baixinho e sorrio por dentro comemorando. Quente como o inferno, minha vulva formiga de desejo.

— Isso. Observa bastante.

Um calafrio percorre minha espinha. Sinto seu dedo deslizar pelas minhas pernas. Acho que comemorei cedo demais, pois agora sou eu que estou vulnerável ao seu toque. Com as pernas abertas para dar apoio aos meus joelhos que disfarçadamente sustentam meu quadril para mantê-lo empinados fico desconfortável e úmida demais. Não posso fechar as pernas para não deixá-lo ver o que faz ao meu corpo, pois caso feche agora darei na cara que é um jogo sexual meu. Seu dedo é impetuoso e move rápido demais, ele viola minha sensibilidade e quando acho que ele será a minha morte, Pedro respira fundo e puxa o lençol novamente.

— Será que até dormindo você fode os meus miolos?

Quero brigar com a sua mão que puxa o lençol e cobre meu corpo. Por favor, Pedro, volta aqui e continua com esta brincadeira de sono e acordado.

Ele não dá atenção ao meu apelo e vai embora depressa.

Tenho uma noite de cão. Sentimentos contraditórios esgotaram minhas lágrimas. Depois que ele saiu do quarto a frustração novamente tomou conta de mim, por vezes na noite tive vontade de invadir seu quarto e falar poucas e boas por sua conduta. Tive vontade de entrar no seu quarto — nua —, e mostrar para ele que não pode fugir de mim. Mas não fiz, apenas adormeci exausta e magoada.

Pela manhã descubro que terei que usar um uniforme para cobrir o horário da Lane. Ela é um pouco mais baixa do que eu e talvez um número menor.

— Será que vai servir?

— Vai sim amiga — mostro-me animada, para ela não se sentir mal. — Nada me impede de servir os gatinhos daquele bar hoje à noite. Uma roupa apertada cairá muito bem para chamar atenção deles.

— Então se prepara, porque encontrará gatinhos, gatos e porcos no mesmo ambiente. Mas fica tranquila, o Montanha costuma nos dar cobertura quando os bêbados excedem na bebida e nos importunam.

— Já sou fã do Montanha.

— Você e todas à sua volta. Pois o cara além de um armário enorme - é gostoso, gentil como um lorde e tem um sorriso de molhar calcinhas a um quarteirão.

— Estou entendendo porque não pode perder esse emprego. Juntando o prazer ao dever, é? Depois sou eu que você acusa de trabalhar com prazer? — Brinco com ela, que fica vermelha.

— Nada disso tolinha. Quem disse que não brinco em serviço. Já explorei muito aquela montanha.

— Seus dias devem ter 30 horas. Como é que você dá conta de fazer tudo o que faz e ainda arruma tempo de flertar? — Ela pisca para mim. — O depósito de bebidas é muito escuro tenho medo de ir sozinha.

— Ordinária! — Xingo-a divertida com as suas aventuras. Ela sempre tem uma emoção nova para me contar dos seus affairs.

Durante toda à tarde no escritório, eu e o Pedro nos evitamos. A concessionária entrega meu carro e dou graças a Deus por não precisar da sua carona e ter que contar para ele sobre meus planos para noite. Cumpro meu horário certinho.

Arrumada e pronta, respiro fundo. — Vamos lá Beatriz encarar a fera e trabalhar nesse Bar Honolulu. — Abro a porta do quarto. Se ouvirei um sermão que seja logo para não me atrasar.

CAPÍTULO 11 – Desfecho Do Prólogo

Vejo o nome do Pedro no visor do celular e fico com medo de atender. Respiro fundo. Seja o que Deus quiser e me encorajo.

— Beatriz?

— Sim! — Não reconheço a voz. — Quem está falando?

— É a Bruna.

— O que você está fazendo com o celular do Pedro?

— Aí, garota! Sei que não deveria estar ligando para você, mas vou contar um segredo. Sou bem egoísta no quesito sono e eu prefiro dormir com a consciência limpa a deixar você sem sono revirando na cama pela besteira que fez. — Que mulher atrevida! — Cara, você pegou pesado hoje com o meu brother. Se liga! O cara está malsão no hospital.

— Qual hospital? — Desespero-me.

— Olha só, não vou falar não. O Pedrito não quer nem ouvir falar no seu nome. Ele já está medicado e está esperando o remédio fazer efeito.

Louca do brejo, aposto que deve imaginar que aguapé é prancha para surfar. Quem é ela para querer ficar ao lado do Pedro?

— Se ele já está medicado e na companhia de quem ele precisa, por que você está me ligando? Vai cuidar dele.

— Como falei a você garota: estou ligando para ficar em paz comigo. Imaginei que você pudesse ter um pouco de amor nesse coraçõzinho de pedra.

— Vai para o inferno! Agora me diga onde ele está?

— O que é isso novinha? Pega leve, já disse que não vou falar, logo ele estará em casa. Viu? Mais um conselho não é assim que se chama atenção de um homem, do jeito que você age vai acabar é matando o homem que parece que você deseja.

Desligo o telefone desesperada. Desaforada, ligou-me para deixar com mais peso na consciência. Quem ela pensa que é? Nem me conhece e já vai me analisando?

— O que foi que eu fiz? — Ando de um lado a outro olhando para tela do celular.

— Dessa vez o Pedro vai me matar. — Fugir seria a melhor opção ou a pior opção? Sento à mesa pensando em deixar um bilhete de desculpas. Clico com a caneta esferográfica sobre o tampo de vidro por diversas vezes pensando no que escrever. Vi bem a cara de ódio do Pedro quando ele saiu do bar.

Diversas tentativas de desculpas se acumulam na mesa em papéis amassados. Que se dane o que aquela megera do brejo me disse, pego o celular e ligo para ele. Preciso saber como ele está.

— Atende, por favor!

Tenho vontade de gritar em frustração. Ele não atende minhas inúmeras chamadas. Não tenho coragem de deixar mensagem.

Ligo para o Beggo para pedir asilo e não o encontro. Na saída do bar ele até me ofereceu para ficar na sua casa, mas ele estava tão empolgado com o carinho que conheceu que achei melhor voltar para casa e ver como o Pedro estava. Só não contava não encontrá-lo em casa.

Caraca! O que faço agora? Não queria que ele ficasse mal. Foi uma vingança infantil. Ligo para a Cida, ela é a pessoa mais maternal que tenho e conto tudo para ela.

— Você não sabe nem o nome do hospital que o Sr. Pedro está?

— Não, não sei nada, a amiguinha dele só informou que está no hospital e medicado.

— Quanto de mel você colocou na bebida dele?

— Eu só coloquei uma colher — falo baixo, tenho vergonha de confessar minha culpa em voz alta.

— Menina do céu! Você não sabia o quanto ele é alérgico?

— Sabia. — Digo entre lágrimas. — Só não imaginei que ele ficaria tão mal.

— Não sei como ajudá-la. Vou tentar ligar no celular dele.

— Isso, por favor! Se conseguir falar com ele, você me liga de volta?

— Menina Beatriz, não vou passar um sabão, pois imagino que o Sr. Pedro se encarregará de fazer isso, mas você tem que ser menos impulsiva.

— Eu sei. Juro que estou totalmente arrependida.

— Sei que está. Vou tentar falar com ele.

Ela também não consegue falar com ele, suas ligações foram em vão. Ela quis vir ficar comigo, acabei convencendo-a que não precisava. Preferi ficar sozinha esperando por ele, se ele chegasse a casa e a visse, seria muito pior.

A adrenalina baixa e a realidade vêm como uma bofetada na minha cara.

Ele poderia ter morrido! Choro compulsivamente. Como fui imatura! Se acontecer algo de pior com ele não suportarei.

O silêncio do apartamento não ajuda, muito pelo contrário ele me traz a nostalgia e a culpa. Será que se não tivesse perdido a memória quando meus pais morreram sentiria essa mesma dor?

Sei que a dor existe dentro de mim, ela está aqui guardada só esperando o momento para me aniquilar, porém se ela for mais forte do que estou sentindo vou enlouquecer.

Pego o porta retrato ao lado da poltrona e nela tem a foto dele, sério, com o olhar perdido.

Por que nunca vejo sorriso nos seus olhos? Será que eu faço tão mal para ele? Navegar por seus olhos é impossível, vivemos mais de dois anos juntos e praticamente não sei nada sobre ele ou seu passado. Meleca! E, ainda o que sei sobre ele - acabo fazendo tudo errado.

Permaneço sentada na poltrona onde ele passa boa parte do tempo quando está em casa lendo. Seu cheiro está impregnado no tecido, encolho-me a espera da porta se abrir. Não canso de olhar para sua foto e deslizar os dedos sobre o contorno da sua imagem, até a espessura das suas sobrancelhas - são perfeitas, grossas e douradas como seu cabelo. Seus olhos foram a minha perdição desde a primeira vez que os vi me olhando.

As horas vão se passando e eu esgoto as tentativas de ligações a hospitais a procurar de notícias, até que uma luz se acende às 6h25min.

— Como não pensei nisso antes? Eu também ajudo na administração do escritório e sempre envio as contas pagas por ele para o contador. Lembro que seu Plano de Saúde é da Santa Amália e uma vez ele mencionou não trocar de Plano, pois além de toda a rede hospitalar atender, eles possuem um hospital próprio aqui em São Paulo. Corro nas pesquisas pelo celular e bingo! O hospital é próximo ao bar.

— Ele só pode estar lá! — Pego a bolsa desesperada para encontrá-lo e mais uma vez ajo por impulso e quando chego lá, ele já saiu.

— Pronto estou ferrada mais uma vez. Por que não liguei para o hospital antes?

Alguma coisa não está encaixando. A recepcionista informou que ele saiu às 4h30min do hospital, esse tempo daria muito bem para ele chegar ao apartamento antes de eu sair.

Ligo no celular dele e nada, ligo para o apartamento e ninguém atende.

— Onde foi parar esse homem?

PEDRO SALVATORE

Uma vez por ano a Associação dos Pintores com a Boca e os Pés realiza uma exposição das obras dos seus artistas no Largo do Arouche e eu faço questão de prestigiá-la sempre. Esses artistas com limitações físicas são estimulados pela Associação a desenvolverem suas habilidades para que demonstrem sua arte utilizando a boca e os pés. Caminhando em silêncio ao lado da Bruna a compulsão de tocar em tudo acaba se tornando uma obsessão antiga que me dominou no passado.

Quando ainda era muito novo não sabia lidar muito bem com os pensamentos intrusivos, minha mãe era meu porto seguro, ela era a única pessoa que me entendia. Sofri por anos bullying com meus amigos de escola e por aquele que desgraçou a vida da minha mãe. Para ele os meus transtornos eram manias adquiridas por ser mal-educado por uma pessoa incapaz por ser uma cadeirante. As violências psicológicas intencionais que sofria das pessoas ajudou-me criar como um mantra na minha cabeça a determinação de vencer o TOC.

Na minha infância e adolescência não fui diagnosticado, vim saber que sofria desses transtornos só quando a minha mãe morreu e as manias se intensificaram na minha vida. A terapia e a medicação me ajudaram sair daquele mundo repetitivo. O TOC é uma doença covarde, ele

age em silêncio dentro da gente, ele aprisiona você, o faz querer ficar sozinho, perturbado. Para algumas pessoas chega parecer loucura, por esse e outros motivos nunca falei com ninguém sobre esse assunto com exceção da Bruna e claro da sua prima, minha terapeuta.

Desde que cursei a faculdade e os anos seguintes consegui administrar bem esses pensamentos intrusivos.

— Você não acha que dois dias longe dela e sem dar notícias, não é castigo suficiente? — A Bruna rompe o silêncio.

— Não estou castigando. Estou na verdade preservando aquela pirralha de boas palmadas.

— Isso não é verdade. Você sabe disso. O que está fazendo é castigar vocês dois, ou você não acha que observei você desde que saiu do hospital.

Também sei que isso não é verdade. Por incrível que pareça sinto falta dela. Porém quando tive alta do hospital depois de ficar por 5 horas em observação, pois a alergia foi bem intensa devido à ingestão do mel, queria ir para casa a todo custo e aplicar um bom corretivo naquela inconsequente. Mas, assim que pisei com o pé fora do hospital - a consciência veio por terra e naquele momento percebi que os meus transtornos do passado estavam dominando meus sentidos como nunca. A cada passo que dava para frente voltava um para trás porque minha cabeça mandava. Toquei na maçaneta da porta do hospital por vezes repetidas. Voltar para casa naquele estado de compulsão não me ajudaria mostrar a ela o quanto foi irresponsável e sim despertaria perguntas que não estou preparado para responder. Se naquele momento não conseguia coordenar nem minhas ações como é que iria julgar um gesto tão imprudente.

— Já cansou de me ter como hóspede? — Tento mudar de assunto.

— Brother, não é essa a questão. Você é sempre bem-vindo. Só acho que fugir do problema não é legal. Olha para você, quanto tempo faz que não vai à terapia.

— Acho que anos. — Toco com a mão direita uma tela pintada à tinta óleo, a mão esquerda obedece aos comandos da minha mente e toca também. Sinto um bem-estar indescritível.

— Ela sabe?

— O quê?

— Sobre você. Sobre o TOC.

— Ela sabe o que precisa saber. Cuidarei dela até quando precisar, não preciso que ela tenha pena de mim. Eu tenho lidado bem com o TOC. Aliás, assim como para mim, para as outras pessoas que estão ao meu lado, ele nem existe.

Caminho para uma amostra de esculturas, saindo do vernissage de telas na intenção de desviar o assunto, a Bruna quando quer sabe ser chata.

— Cuidará dela como ela deseja ou como você acha que precisa?

Recuso-me a responder. Ela parece um gravador, nem sei por que contei tudo para ela o que sinto quando estou perto da Bya. Atraído e hipnotizado por uma escultura de barro com formato de um indígena, com cabelos partidos e tranças ao meio, lembro-me dela.

— Não sei aonde você quer chegar.

— Será que não sabe Pedrito? — Ela vem atrás de mim falando como uma maritaca. — Você ainda acredita que a menina é só uma pupila. Seja realista. Ela hoje é só sua pupila, mas vi o desespero da mina quando liguei para ela e se ficou desesperada há dois dias imagina como está agora!

Dirijo meu olhar para ela espantado.

— Você ligou para ela?

— Liguei brother! E posso lhe garantir: a garota tomou um choque quando disse que você estava no hospital.

Seria engraçado imaginar sua cara se não fosse tão trágico o assunto. Minha cabeça ordena que eu passe a mão no cabelo por três vezes.

— Não aprovo sua atitude, você não tinha o direito de ligar para ela — repreendo-a.

— Está feito, não perderia minha noite de sono imaginando a garota sem notícias. — Ela dá de ombros. — No fundo mesmo reprovando sua atitude, acho que ela acabou fazendo o que fez motivada pelo ciúme por você estar comigo. Irônico, né! Mal sabe ela que se você não a quiser, é bem-vinda no meu cafofo. Adoraria dropar as ondas daquele corpinho perfeito.

— Você não faz o tipo dela — retruco deixando escapar um suspiro de indignação.

— Uma pena! Pois uma mulher sempre entende e sabe o que outra mulher precisa. Diferente dos homens que acreditam somente nas suas verdades.

Porra! Será que sou tão cego e egoísta assim? Não, claro que não! O que sou e quero é protegê-la de mim.

— Já disse a você nesse final de semana que não basta desejá-la, fiz uma promessa e meu senso crítico e ético acha que tenho que ser honroso.

— A honra não vai murchar suas bolas. Esqueça esse lance de tutor. Não está escrito em nenhum lugar que ser tutor tem que ser celibatário.

Fico horrorizado com as expressões dela.

— Sua boca é tão suja, que o homem na amizade parece você.

— Só vim no corpo errado meu brother. E o que falei não deixa de ser verdade. Confessa que você está caidinho por ela. Você começou como seu tutor, mas as coisas mudaram. Vai viver essa explosão de hormônios homem.

— Você esqueceu o que prometi?

— Você não prometeu nada a ninguém. Aliás, quando você ia responder para a mãe dela - a mulher virou presunto. Passou dessa para outra.

— Nossa Bruna, definitivamente você não é gente.

— Ah! Vai Pedro! Gente é você? Você se esconde atrás de uma promessa que nunca existiu.

— Não sei se isso é o certo? Eles confiaram em mim.

— Não sabe por que é um tolo. Marca toca mesmo, vai rodar e quando a vir com outro, sentirá a maior dor de cotovelo.

Só de imaginá-la com outro, minhas manias voltam com tudo e enquanto brigo para não ter que lidar os pensamentos intrusivos, ligo o celular que desliguei assim que sai do hospital. Na tela aparecem diversas ligações perdidas e mensagens.

Bya:> Onde você está?

Bya:> Pedro, me perdoa?

Bya:> Já liguei para todos os hospitais. Você está bem?

Não preciso fechar os olhos para recordar e imaginar o quanto ela está preocupada. Lembro-me muito bem como ela me enche de mensagens quando demoro a chegar a casa.

Bya:> Estou muito arrependida. Fui imatura e irresponsável. Você tem razão, quando diz que sou uma pirralha mimada. Perdoa-me.

Cida:> Seu Pedro é a Cida, estamos preocupadas com o senhor.

Ela não tem jeito - foi preocupar até a Cida.

Bya:> Pedro me dá notícias, estive no hospital e me disseram que você saiu faz tempo.

Bya:> Pedro vou enlouquecer, me dá notícias.

Bya:> Pedro? Por favor, me desculpa. Imagino o quanto você está me odiando, confesso que nesse momento também me odeio. Nada do que falar adiantará, não é mesmo? O que fiz não tem perdão, mesmo assim lhe imploro por notícias.

Bya:> Pedro, não sei se o que vou escrever terá o mesmo significado caso tivesse dito isso a você em outras circunstâncias, mas mesmo assim quero que você saiba. Em algum momento no tempo que estamos juntos descobri que amo você, não como você imagina. Amo você como homem. Talvez na minha falta de experiência como mulher tenha cometido atos impensados e insanos. Sou grata pelo carinho que você dá, mas esse carinho não é o carinho que desejo receber. Como você acha que me senti quando você chegou com a louca do brejo no bar em que eu estava trabalhando? Você já parou para se perguntar por que coloquei o mel na sua bebida? Pois bem, coloquei porque não queria que você acabasse a noite nos braços de outra mulher que não fosse eu. Fiz errado? Fiz e estou arrependida. Poderia citar todas as outras vezes que fiz algo para chamar sua atenção e fui repreendida. Mas nenhuma delas me machuca mais do que saber que para você sou apenas uma representação da sua paixão e que talvez nunca eu tenha para você o mesmo valor que você tem para mim. Mais uma vez peço perdão. E por favor - mande notícias.

A obra de arte à minha frente fala por si só. A indígena de feição expressiva mostra para mim que mesmo sendo feita de barro, ao ser moldada ela ganhou forma e vida.

Assim como os artistas com limitações físicas recusam caridade, preferindo reter seu respeito próprio e competindo em termos iguais com artistas "normais", é a minha menina que vem agindo e querendo mostrar para mim que não precisa da minha paixão! Ela precisa de mim como

homem! Dou-me conta que sim sua atitude pode ter sido motivada pela compulsão do ciúme, mas mesmo assim foi por mim que ela fez tudo isso.

Continuo lendo as mensagens

Bya:> Pedro? Desculpa.

As mensagens de desculpas não têm fim.

Cida:> Desculpa me intrometer, mas a menina está arrependida. Ela está há dois dias - de cortar o coração. Só estou mandando a mensagem para o senhor porque não atende ao telefone. E as instruções do senhor para mim sempre foi para ligar quando a menina precisasse de algo e agora acho que ela precisa de notícias.

Bya:> Pedro pode voltar para sua casa, estou indo embora. Entendi que você não quer falar comigo e também sei que aqui é sua casa. Fica tranquilo mando notícias quando me instalar. Amo você.

Ela o que? Ela me ama!

A escultura me encara e parece que ela tem vida. Porra! Ela me ama. A paixão que reprimi por todo esse tempo acelera meu peito.

Com pressa recolho a peça nos meus braços. Beatriz sua atrevida você que ouse pensar em me deixar.

— Vou levar a peça — digo ao artista que abre um sorriso.

— Não vai nem mesmo perguntar quanto é? — A Bruna questiona.

— Não interessa o valor que vou ter que pagar. A peça me conquistou! — Respondo confiante no que afirmo.

Parece que a guerra que travei com a minha razão por esses anos foi apaziguada.

BEATRIZ EVA

As noites pareceram infinitas e os dias exaustivos. Não fui à faculdade ontem, fiz plantão no escritório o dia todo e, ele não apareceu. Sinto-me emocionalmente exausta e decidida. Perdi as contas de contas quantas vezes liguei para ele e deixei mensagem.

Não procurei seus amigos, o Marco seria uma boa opção, talvez ele me desse pistas ou dicas de onde o Pedro poderia estar, mas, se ele não quer falar comigo, não serei eu a inoportuna.

Seguindo o conselho da Elaine e do Beggo fecho o zíper da mala. Resolvi aceitar o convite do Beggo em dividir o apartamento com ele, até comprar um lar só meu. Eu já deveria ter tomado essa atitude há muito tempo. É comprovado que eu e o Pedro não funcionamos bem juntos.

— Vamos parar de chorar morena tropicana? Junta estes cacos meu bem e monte um lindo mosaico com um foda-se para esse cara.

Passei a maior parte das últimas 48 horas chorando. E para falar a verdade não estou tão determinada assim em ir embora sem dizer um adeus olhando nos olhos dele.

— Será que estou fazendo o certo?

— Você ainda pergunta? Claro que está.

— Beggo, acho que ela tem que decidir por si só. — Emenda Elaine. - Ela tem que fazer isso por ela e não pelo que acreditamos.

— Então você acha que ela deve ficar e sofrer mais por quantos dias? Porque querida, é só isso que vem acontecendo com ela desde sempre ao lado do tio.

A ironia do Beggo é contagiante. Para ele o Pedro está em uma ilha deserta fodendo até os miolos da surfista do brejo. Já a Elaine acredita que ele não voltou porque não quer me ver.

— Vocês têm razão, essa é a coisa certa a fazer. — Levanto a mala da cama. — Só queria que não doesse tanto e que ele tivesse aqui para eu dizer adeus.

Eles me abraçam consoladores e chorosos comigo. Ainda fungando o Beggo se manifesta.

— A mala deixa que eu levo. Ainda sou o homem deste trio.

— Se não é o mais masculino, ao menos é o mais forte! Leva mesmo amigo! — A Elaine o incentiva rindo. Eles saem do quarto e eu fico olhando a paisagem para me despedir.

— E, se ele não me procurar?

— Se ele não procurar, vai ser melhor para você. Vai ter certeza que ele é um bastardo filho da puta. Porque homem minha cara, não vai atrás de mulher não.

— Beggo você me assusta, às vezes acredito que você não é totalmente gay. Seus pensamentos machistas condenam.

— Elaine não ponha seu namorado em um quarto comigo, pois se existe dúvidas, ficará sem o bofe depois que ele sair de lá.

Enquanto os dois se provocam eu faço um pedido.

— Esperem-me na sala, já encontro vocês.

Caminho lentamente para a sacada do quarto parece que enfim chegou o momento de me despedir dos meus pais. A memória ainda não me ajuda a lembrar de como éramos juntos, mas a dor cutuca o meu peito.

Nesses dois últimos anos me afeiçoei pelo amor que sei que existe guardado no peito por eles, não passou um dia sem eu saudá-los com um bom dia ou uma boa noite.

— Acho que nos despedimos aqui. Até aqui acho que viajamos pela vida juntos. — As lágrimas deixam minha voz embargada. — Não se enganem se imaginam que não vou vir mais ficar com vocês. Só não estarei aqui mais todos os dias.

O vento sopra meus cabelos. É como se a natureza também estivesse se despedindo de mim, as folhas do parque se movem. Sei que quando cruzar as portas de saída do apartamento, este não será mais o meu lar.

É infortúnio a despedida. Não sei explicar, mas, sinto que a brisa fresca me abraça apertado. É como se meus pais estivessem ali ao meu lado dizendo que não preciso enxergá-los - que preciso apenas senti-los sempre ao meu lado.

— Você estava pensando em ir embora sem se despedir?

CAPÍTULO 12 – Beatriz Eva

— Pedro? — Assusto-me. — Onde você esteve?

Por segundos nos encaramos travando uma batalha em silêncio.

— Decepcionada em me ver Beatriz?

— Não. Feliz por ver que está de volta!

— É mesmo? — Ele dá um passo para dentro do quarto com o olhar indecifrável. Engulo seco - o ar que inspiro tem dificuldade de passar pelo nó que se forma na minha garganta.

— Estava preocupada.

— Se me recordo você me deve uma resposta.

Não consigo responder, para falar a verdade não sei qual foi à pergunta. Sua aparência está a pior que já vi antes. Ele parece cansado, abatido, meu coração aperta de remorso, mas ainda assim sexy como um deus do sexo. Engulo em seco ao vê-lo tão determinado.

— Você não parece bem. Pedro eu quero.

— Não sei onde estava pensando em ir. — Intimidador ele dá mais um passo para dentro do quarto. — Quero comunicá-la que dispensei seus acompanhantes e eles já foram embora, depois eles ligam para você. Agora precisamos conversar.

Não consigo entender sua atitude, fico confusa e amedrontada ao mesmo tempo. Ele deveria estar agradecendo a minha partida ou até mesmo gritando comigo, depois do que fiz, mas, ao contrário ele parece determinado em me intimidar.

— Você não precisava se dar ao trabalho de dispensá-los.

— Não? — Respiro fundo ainda esperando uma reação dele, meu peito dói e meu coração fica a mil por segundos.

— Acho que depois do que aconteceu esta é a melhor solução.

— Melhor solução para quem? — Sua voz sai rouca -, um tom abaixo do que costuma falar comigo. Seus olhos penetrantes encaram os meus, minhas mãos tremem, quer dizer meu corpo inteiro treme. Meleca, por que este homem tem que mexer tanto comigo? A cada passo em minha direção ele aparenta sério, nada ameaçador, quer dizer nada ameaçador entre aspas, pois mesmo não vendo a fúria em seus olhos, sinto-me acuada com a sua aproximação.

— Longe de casa achou que poderia encontrar uma solução pelo que fez?

Sua voz causa arrepios pelo meu corpo. Observo cada gesto dele, estranho alguns tiques. Não sei se é o nervoso ou a ira que o está fazendo estranho ou se sou eu que estou reparando demais nele, mas que está estranho isso está. Sei que ele merece uma resposta, mas antes dele também mereço uma.

— Não foi isso que você fez? — Respondo a sua pergunta com outra pergunta.

— Não, eu estava me recuperando. — Recuperando-se uma ova, tenho vontade de falar.

— Nos braços da sua amiga? — Cuspo as palavras.

— Não nos braços dela, mas na casa dela. — Se ele me xingasse ou gritasse comigo seria melhor do que ouvir que ele estava na casa dela.

— Alguma coisa já causou a você alguma alergia? Bom, deixa-me pensar. Acho que não, pelo que me recordo desde que você mora comigo, nunca vi nenhum quadro alérgico, mas você é bem crescidinha e deve imaginar o quanto uma alergia pode ser perigosa.

Engulo em seco, ele é impetuoso e se alguns segundos atrás seu olhar não era tão ameaçador agora parece que ele vai me engolir.

— Desculpa! — Respondo exaltada e arrependo-me por parecer infantil no mesmo instante que vejo suas sobrancelhas levantadas. Sua postura é imponente, seu peitoral marcado pela camiseta o deixa com o semblante de soberano e as minhas pernas fraquejam.

— Desculpa? Por que você está gritando? — Seu tom casual parece sexualmente torturador. — Você acha que palavras e gritos amenizam o que aconteceu?

Queria que ele gritasse comigo também, assim resolveríamos logo tudo isso. Ele fica dois dias com outra mulher e ainda exige que minha voz saia doce e serena? Vai para o inferno - ele, a surfista do brejo e todo o sermão que quer me dar. Ando em direção a ele para sair do quarto, para mim já deu tudo isso. Já pedi desculpas e também já percebi que não serei perdoada, então que se dane tudo. Se tenho que sofrer que eu sofra de uma vez. Não nasci para ficar me passando por vítima ou culpada.

— Se você não acha que mereço desculpas e que meu arrependimento não é suficiente, o que você quer então?

Enfrento-o, quero sair daqui. Já sei tudo que preciso saber. Caminho para sair do quarto, determinada, a cada passo que dou fico mais consciente que terei que passar por ele, pois está no meio do caminho da saída.

É impossível ser indiferente, quanto mais a distância diminui, mais minha pele esquenta. Ele não desvia os olhos de mim. Aiii. Meu Jesus Cristinho! Ajuda-me a não esmorecer agora. Não sei qual é o jogo que ele está fazendo, o que sei é que seja lá o que for, está funcionando. Minhas entranhas vertem calor.

Ele ri olhando para mim. Dá para parar de ser soberano?

— Você me enganou direitinho, no momento que mostrou interesse para saber se a bebida estava do meu agrado.

Sua risada irônica reverbera sensualidade e curiosidade dentro de mim, paro para ouvi-lo.

— Insolente! — Ele declara. — Não acha que precisa de um bom corretivo?

— Não. — Respondo.

Sua boca soletra lentamente com a voz áspera no meu ouvido. — Ainda não decidi.

— Pedro! — Suplico temerosa.

— Diga-me Beatriz o que você teria feito no meu lugar? — Inquisitivo ele não perdoa sussurrando entre os dentes.

— Ok, Pedro! Confesso que fiz tudo aquilo por ciúme. Está satisfeito?

— Ciúme por quê? Pelo que vi a única pessoa naquele recinto a ser assediada era você.

Pronto! Agora a culpa é toda minha, só minha. Não terei argumentos nunca. Tento passar por ele, mas sou impedida esbarrando na muralha do seu corpo, ele puxa minha cintura com as mãos impedindo me deixar continuar, virando meu corpo junto ao seu, deixando-nos quase colados. Respira Beatriz!

— Eu estava trabalhando! — Minha voz sai enfraquecida e meus músculos esquecem como funcionam.

— Você não estava só trabalhando. — Seus dedos apertam minha cintura prensando meu corpo ao seu. — Você estava seduzindo os clientes do bar. — Cada vez seu enlace é mais forte, o ar chega a faltar nos meus pulmões.

— Isso. Não. É. Verdade. — Fanha consigo falar.

— Não? Então amarrou a camisa na cintura por quê? — Observo seus lábios se moverem e fico fascinada.

— Para provocar você! — Confesso. O riso vacila em seus lábios, ele é como nitroglicerina aos meus vasos sanguíneos que se dilatam de tanta força que meu coração bombeia o sangue.

Parado, encarando-me, fico sem reação, caio na besteira de puxar o ar que me falta e seu perfume me entorpece. Ele pode fazer o que quiser de mim, não sou mais dona das minhas vontades. Nossos olhos se encontram, ele parece procurar as palavras.

— Por que quis me provocar?

Olhando para ele sem conseguir seguir em frente, tenho medo de dizer o que realmente sinto.

— Diz! — Ele insiste fechando os olhos.

— Quis provocá-lo. — Menciono me sentindo uma presa.

— Por que você quis me provocar? — Fico vermelha. — Não precisa ficar com vergonha.

— Não estou com vergonha, só não sei se você quer ouvir.

Ele fecha os olhos e consente que eu fale.

— Você já quis muito uma pessoa que nunca percebeu a sua existência como mulher?

— Beatriz, fiz a você uma pergunta. — O aperto na minha cintura me faz agir corajosamente.

— Quis provocá-lo porque sou louca por você. Por que meu corpo clama pelo seu.

Seus olhos queimam os meus, sustento o olhar e não esmoreço. Foi ele que perguntou.

— O quanto seu corpo clama pelo meu? — Ele desce seus lábios perto do meu ouvido e sussurra baixinho, como se essa confissão fosse um segredo só nosso. O ponto sensível entre minhas pernas se contrai.

— Muito mais que eu consigo suportar! — Tento soar mais sensual do que tensa.

— Você tem certeza? — Ele age estranhamente sedutor e eu me motivo a seguir, seus dedos tiram a única mecha de cabelo que cobre a timidez do meu rosto e coloca atrás da minha orelha.

— Tenho! Como o ar que respiro! — Sua solução resoluta me pega de surpresa, misturando desejo com inquietação.

Morro, desfaleço e ressuscito. Seus olhos se iluminam mais que eu já imaginei ser possível, sua feição dura e interrogativa muda para terna. Este homem marcante com o olhar penetrante me desestabiliza. Tudo acontece ao mesmo tempo, seus lábios possessivos tomam os meus, sua língua intrometida invade minha boca que corresponde receptiva. Seu beijo lento vira urgente e sôfrego causando arrepios por toda minha pele. Sua mão solta minha cintura e saqueia o meu corpo. Sei que ele não é indulgente, que ainda não me desculpou, mas por agora não quero pensar no depois. Quero apenas senti-lo tatear e dedilhar cada parte de mim sem que haja o amanhã. A cada tocar de dedo dele em mim causa um frio na minha barriga indescritível. Sentir sua boca é o paraíso.

— Não sei se devemos continuar. — Ele interrompe o beijo.

— Nem começamos, está tão bom. Continua por favor! — Imploro.

Sua risada soa mais como um gemido do que um protesto, quando esfrego meu peito no seu.

— Gosto de ver você provocante.

— E, eu gosto de me ver nos seus braços.

Sua boca desce pelo meu pescoço e chega ao colo do meu busto. — Continua, por favor! - Os meus seios clamam pelo seu toque. Lendo meus pensamentos sua boca chega aos meus seios duros, posso ver o branco dos seus dentes mordendo a saliência do meu mamilo coberto pela minha blusa.

— Ahhh! — Contorço-me com a pressão que ele faz. Dói e ao meu tempo é gostoso, prazeroso e excitante. Pune-me que eu gamo mais. Quero sentir suas mãos entre minhas pernas, as fantasias eróticas não param de surgir na minha mente.

Jogada delicadamente na cama, agradeço aos céus por estar deitada, pois as minhas pernas fraquejam. Sinto-me latejante e úmida, na verdade muito úmida. Nunca na minha vida imaginei que sua atitude depois de tudo que fiz seria essa. Meu corpo queima em chamas, como um fogareiro. Tenho medo até de suspirar para não desencorajá-lo. Apoiando meus cotovelos na cama para subir mais próximo da cabeceira, continuo imaginando cenas eróticas com ele, íntimas e reais.

— Você sabe o que acontece com meninas más?

Mordo os lábios - aflita, seu rosto é indecifrável e luxuriante. Sexy se assim posso dizer. Vulnerável - digo o que vem a minha cabeça.

— Desculpa por tudo.

— Seu pedido de desculpa, discutiremos outra hora. Agora tenho outro assunto para resolver com você. — Ele se ajoelha na beirada na cama ficando entre as minhas pernas abertas e expostas a ele.

Não tenho para onde ir e nem quero sair daqui, se tiver que tomar umas palmadas, ainda assim serão prazerosas, visto como cada partícula do meu corpo reage a ele.

— Posso saber qual é o outro assunto que você precisa resolver?

— Acho que não preciso responder — ele puxa a camiseta pela cabeça. Uau! Reparo em todos os detalhes do show particular, inclusive que não estava com esta camiseta há dois dias, mas isso pouco importa. Quero mais que continue e tire toda a sua roupa, já vi o quanto seus ombros são largos, mas estar próximo deles e ver sua magnitude é muito mais empolgante.

— Como sei que você é curiosa, vou dizer qual é o assunto. Tenho um corpo que clama pelo meu e pretendo fazer com que este corpo se farte do meu.

— Uh! - Seu corpo se inclina sobre o meu e ele fecha o espaço, seu rosto próximo ao meu me leva aos céus. Desde que conheci o Pedro venho sentindo todas as emoções possíveis, ele me leva do inferno ao céu em instantes.

— Pensei ter lido alguma coisa em uma das suas mensagens que me chamou a atenção. — Seu tom de voz é desafiante e incentivador. — Existe alguma coisa a mais que você queira dizer para mim além de que seu corpo clama pelo meu?

Meu coração salta pela boca. Escrever que o amo e admitir para mim e meus amigos é fácil, mas agora dizer para ele é outra situação. Sinto-me vulnerável demais para admitir, tenho medo de afastá-lo. Posso estar apaixonada por ele, mas sei que meus sentimentos não são correspondidos. Para ele sou sua responsabilidade e tenho medo que depois que este jogo de sedução acabe ele dê as costas para mim e diga que foi mais uma lição.

— Será que estou vendo uma ruguinha de dúvida no que escreveu? — Ele morde meu queixo e desliza a barba por fazer há dias no meu pescoço. — Tempo esgotado! Você minou minhas esperanças! — Brincalhão ele sopra o ar quente no meu ouvido, eu mal consigo respirar que dirá falar. Sua pélvis se encaixa na minha abertura e a sua protuberância me leva à loucura.

— Você já foi mais audaciosa! Cadê a Beatriz que diz tudo e faz tudo que vem à cabeça?

— Você não está fazendo tudo isso para me castigar, né?

— Se fosse um castigo acho que nós dois sairíamos prejudicados, não acha? — Ele pressiona mais sua ereção na minha abertura que lateja e anseia por ele. — Linda como a luz.

— Pedro!? — Exclamo mais que interrogo.

— Pensei que você gostasse de homens românticos! — Sua ereção prensada pelo jeans move de um lado ao outro com movimentos circulares na minha pélvis. Ele me olha e me encara.

Incentivada arqueeio o quadril para encaixar-me nele perfeitamente.

— Também gosto.

— Pelo que vejo, gosta de outros tipos de homens? — Físgadas de prazer correm por toda a minha espinha. — O quanto você conhece dos homens minha doce Beatriz?

— Não sei responder. — Na verdade não me lembro de nada, a única coisa que fantasio é ter um Pedro romântico, sedutor, tarado e tudo o que ele quiser ser para mim. Estou estragada para todos os outros homens que conheci e se tive alguma experiência sexual um dia com algum homem só vou descobrir quando tiver intimidade com alguém. Latejam partes do meu corpo que nunca imaginei. — A única resposta que tenho é que quero você.

— Como você me quer? Posso frustrar seus desejos. — Seu rosto desce novamente em direção ao meu corpo, vejo as veias espessas dos seus braços com a força que deposita neles para não encostar-se ao meu corpo. Torço para ele relaxar os braços e deitar sobre mim.

— Quero você como é.

— Vamos lá Beatriz, esta resposta é muito vaga. Vou tentar ajudá-la. — Ele torna a subir o corpo e sua boca brinca com os lóbulos da minha orelha. — Posso ser um homem carinhoso.

— Ahh! — Suspiro com os calafrios que ele faz minha cabeça zunir.

— Adoro o seu perfume! — Ele sussurra baixinho no meu ouvido, levanto o tronco do corpo em resposta, adorando a tortura. — Assim é um pouco frustrante Beatriz, quero que me diga, qual é o homem que agrada você. O quanto seu corpo me deseja eu já sei, preciso de respostas.

Ele roça seus lábios nos meus.

— Um beijo faz parte de um romance, quero que você o aprecie como deve ser sem reservas e totalmente entregue.

Então ele me beija, suave e romântico, diferente de todas as vezes que já me beijou com fome carnal. Ele é lento, apreciador de todos os movimentos. Meu corpo se acalma, mas meu coração palpita e quase pula pela boca. Não existem reservas e sinto que ele me deixa entrar na porta da muralha que ele construiu entre nós.

— Eu amo você! - Digo entre lágrimas, emocionada pelos sentimentos do beijo que ele me dá. — Não tenho nenhuma resposta sobre quem fui, mas tenho perguntas se um dia posso ser sua.

— Então vamos procurar esta resposta juntos. Vire Beatriz, vamos começar a explorar essa descoberta por uma massagem.

— Por que Pedro?

— Porque a quero relaxada, sem pensar em nada, apenas focada em mim e no que eu posso fazer para você.

Céus! Ainda não é Natal, nem meu aniversário e não tenho sido uma boa menina. Então por que será que ainda não acredito em tudo que está acontecendo?

Antes de me virar de bruços obediente, ele começa a saquear minha roupa.

— Não vamos precisar de nenhuma barreira entre nós. — Ele tira tudo menos a minha calcinha, fico indignada, já estava imaginando ele massageando o meu brotinho. — A sua calcinha é a sua proteção, se você a quer fora, você deverá retirá-la. A decisão é sua.

Começo abaixá-la sem pudor, nua e crua, não quero que pense que tenho qualquer barreira sobre ele.

— Espera Beatriz! — Sua voz é forte e eu me assusto. — Para mim não importa o que aconteceu no seu passado. Não me interessa se você é virgem ou não. Para mim o mais importante é que você saiba que até hoje respeitei por ser quem você é. Minha responsabilidade! — Meu coração chora, pensando que ele não vai seguir em frente. Ele faz uma pausa e acrescenta. — Porém acho que chegamos a uma situação que toda a minha responsabilidade fugiu do controle e meu corpo fala mais alto. Hoje desejo você como mulher! Desejo você como nunca desejei qualquer outra pessoa! Mas quero que você esteja ciente que não sou um homem perfeito, errarei muito ao seu lado, mas mesmo assim tentarei acertar.

— Pedro. — Interrompo-o, não preciso saber como vai ser o amanhã. — Me faz sua mulher.

A calcinha que estava tirando há segundos é arrancada por ele em um só movimento. Meu corpo é conduzido por ele a ficar deitado e relaxado.

De olhos fechados o ouço abrir o zíper da sua calça.

— Você é linda minha pupila.

Sua mão pousa nas minhas costas, quente e cálida.

Seu toque inicialmente é carinhoso e estimulante, nada sexual, percebo que ele quer estabelecer um status de confiança entre nós. Conforme vou relaxando sinto-o intensificar a massagem começando a mexer com meus sentidos. Seus dedos massageiam meu couro cabeludo.

— É aqui Beatriz dentro dessa cabecinha que tudo tem que funcionar. — Seus dedos descem para meu pescoço. — A fala é importante, existem palavras que quando mal ditas podem causar grandes transtornos. — Entendo o recado. — Suas orelhas são tão pequenas, elas se perdem entre meus dedos. — Ele circula os dedos por elas, brincalhão, e alguns arrepios começam a surgir no meu corpo.

Suspiro fundo.

Massageando minha coluna seus dedos passam a ser mais audaciosos e provocantes. Ele atinge a lateral dos meus seios. Meus sentidos acordam e a partir daí, tudo se torna sexual, cada vez mais excitante. Quando ele recua os movimentos das suas mãos e eleva os meus seios levanto o corpo instantaneamente.

— Sem pressa minha pupila. Sem pressa.

Sentado sobre minhas pernas, próximo aos meus quadris, sinto sua ereção tocar minhas nádegas. Isso Pedro! Preciso de massagem exatamente aí onde estou formigando e tensa. Sorrio baixinho.

— Shh! Quietinha.

Seus movimentos suaves se tornam firmes, suas mãos chegam aos meus quadris e juro por todos os santos: não existe nenhuma partícula do meu corpo que não esteja arrepiada.

— Tão macia! — Os minutos seguintes são dominados por uma invasão de luxúria. Ele explora cada parte do meu corpo, fazendo com que eu me contorça de tanto tesão. Não preciso de oxigênio, pois não sei mais o que é respirar. Sinto escorrer do meu ventre um líquido espesso. A massagem é feita por ele sem creme ou óleo, mas posso garantir que se ele me penetrar vai deslizar dentro de mim com toda certeza.

Seus dedos me provocam, ele massageia a parte interna das minhas coxas. Estou por um fio para implorar para ele me penetrar. Não falo nada, apenas sinto e empino o quadril para ele.

Suas mãos suspendem meu quadril e no lugar delas pela primeira vez sinto sua língua me levar ao céu.

— Você tem ainda o sabor melhor do que um dia sonhei.

Se suas mãos foram impetuosas, sua língua é mais, ela massageia meu clitóris e sem ao menos esperar ela me invade. Ele não introduz nenhum dedo, apenas a sua língua me levando aos céus. Seguro o lençol com força entre os dedos, contendo meu grito de tesão, mas os gemidos escapam voluntariamente. Sua massagem clitoriana estimulante em mim é sôfrega. As cócegas que sentia quando fantasiava cenas eróticas com ele são fichinhas perto do formigamento e tesão que estou sentindo.

— Por favor, Pedro! Preciso de você dentro de mim.

— Não minha pupila, ainda não! — Ele intensifica os movimentos circulares dos seus dedos e com a língua lisa e macia alivia a minha tensão e algo inesperado acontece. Uma sensação de urinar, com um grito escapa da minha boca, junto com a liberação de toda a tensão acumulada. Simplesmente morri e estou no céu. Não há parte do meu corpo que não esteja relaxada.

Ele sobe próximo ao meu ouvido e largada como uma lagartixa na parede ele sussurra no meu ouvido.

— Vou levá-la para minha cama e quando acordar será minha, na minha cama. Assim como deve ser.

CAPÍTULO 13 – Pedro Salvatore

Não sei se trazê-la para meu quarto foi ou não a melhor opção. Não quero que ela confunda e acredite que isso é um passo para a nossa relação, mas para o que tem a acontecer essa foi a decisão certa a ser tomada. Ouvir dos seus lábios seus sentimentos não me permite mais enxergá-la de outra forma que não seja como mulher. A mulher mais linda do mundo aos meus olhos. Minha única preocupação é que ela misture o desejo com o amor. Vê-la nos meus braços, deslumbrada ao prazer, seduzida pelas endorfinas, foi a minha morte! Mas ainda assim se tiver que acontecer algo além do que a explosão do efeito químico que nossos corpos interagem, teremos que ir com calma, pois ainda não me sinto preparado.

Antes de adormecer em meus braços ela achou engraçada a minha demonstração de carinho. Enquanto minha cabeça insistia em exigir que eu beijasse por diversas vezes as duas faces do seu rosto, eu brigava internamente com os meus pensamentos intrusivos querendo dizer que sim era prazeroso beijá-la por diversas vezes, mas que o exagero não era necessário.

Meus pensamentos ainda exigiram que eu pedisse para ela fazer carinho também no meu braço esquerdo, uma vez que ela estava acariciando meu braço direito.

— Uhm! Que carinho bom. Meu outro braço está com inveja. O que acha de fazer carinho nele também? — Senti-me traído-a, por mais delicioso que seja receber o seu toque, foi algo que fui forçado a pedir pelos meus pensamentos.

— Se este é o problema faço carinho nos dois.

O difícil de ter TOC não é o transtorno em si, o complicado é conviver com a incompreensão das pessoas. Controlar as manias e pensamentos intrusivos é muito difícil. Este será um problema entre nós dois, não quero dividir com ela esse fardo. Sua vida não é nada fácil, sei o quanto ela se empenha para resgatar as memórias esquecidas do passado.

Eu sei que tenho TOC, ela não e por agora é melhor assim.

Observando-a dormindo em meus braços ainda me faz desacreditar que acabamos assim. O emaranhado dos seus cabelos negros emoldura a sua beleza pura, seus lábios carnudos incitam à pura luxúria, são convidativos a serem beijados. Como foi que consegui resisti-la por tanto tempo, centenas de outras qualidades vêm à minha mente. Esta mulher é perfeita.

Passar esses dois dias longe dela foi bom para nós dois. Aprendi desde cedo com a minha mãe que quando estamos envolvidos por fortes emoções como raiva, ódio, alegria, ou seja, lá a emoção forte despertada, devemos esperar passar a euforia para tomar qualquer tipo de atitude.

Quando vi sua mensagem dizendo que ia embora, parece que a escultura me deu um sinal. O que adiantaria ter uma escultura parecida com ela, linda como a sua beleza e forma, se a pessoa que a representava não estiver ao meu lado.

Mal me despedi da Bruna. Atravessei a cidade como um rojão, os segundos pareceram horas para eu chegar ao seu encontro. Encontrar seus amigos na sala, aguardando-a de malas prontas, foi como um murro no meu estômago.

Eu não podia deixá-la ir embora e não é apenas porque sou seu tutor, mas sim porque é ao meu lado que quero tê-la.

Ainda é muito cedo para pensarmos em namoro, quero deixar claro para ela que precisamos nos conhecer. Ela pouco sabe sobre mim e eu tão pouco sei sobre ela.

Por mais desejo que vi em seus olhos hoje, vi também a preocupação, sei que na sua cabecinha existe a insegurança e prova disso foi o quanto ela hesitou em dizer que me amava.

A massagem foi uma decisão momentânea, quis conquistar a sua segurança de estar em meus braços. Se fosse para agir pelos meus instintos primitivos e selvagens teria a tomado ali mesmo quando ela disse que seu corpo clamava pelo meu. Meu pau entrou em verdadeira erupção, controlei-me com toda a força.

Sentir o sabor da sua boceta em meus lábios foi a minha morte. Que boceta deliciosa esta minha pupila tem. Eu a quis mais que tudo, por pouco não a tomei nos meus braços. Foi maravilhoso tocá-la e conhecer sua pele macia. Para minha mente pervertida desde o início tudo foi muito sexual.

No fundo me autoflagelei o suficiente para ser digno de conquistar o que sei ser precioso para uma mulher. Não me interessa se ela já se deitou com outro homem ou não. Sua atual condição a faz pura e verdadeira. Seu corpo dá sinais transparentes do quanto me deseja, porém nem por isso acho-me no direito de me aproveitar dela. No fundo estou com um pouco de medo, tenho medo de fazer mal para ela, sei que não escaparei da punição. Talvez tudo tenha acontecido um pouco precipitado. Era para primeiro eu procurar a terapia e me tratar, mas a porra do meu pau não parou de pulsar de tesão e me fez esquecer de todo o resto.

Tão serena, beijo sua testa.

— Já que beijou a testa, pode beijar a ponta do seu nariz também.

— Não! Ela está dormindo. — Ralho com meus pensamentos. — Deixa-a em paz.

— Se não beijar não vai parar de pensar nisso.

Não resisto e faço o que meus pensamentos intrusivos pedem.

— Oi! — Ela desperta.

— Oi!

— Que horas são?

— Não sei! — Esta é a pura realidade me perdi no tempo.

— Você não dormiu?

— Não. Está com fome?

— Acho que sim.

— Quando foi a última vez que comeu?

— Ontem a Cida me fez tomar uma sopa.

— Você está brincando, né? Não pode ficar sem comer.

Ela fica quieta por instantes.

— Pedro? Você está falando comigo como meu tutor ou como um homem preocupado com a mulher em seus braços?

— Estou falando como os dois. Bya eu sou um só. Não existem dois Pedros. Agora levanta e vamos comer alguma coisa.

— Você não está cumprindo o que prometeu.

Sei o que ela quer dizer, mal sabe ela o quanto tenho desejo cumprir o que prometi, meus testículos chegam estar contorcidos dentro da calça. Mal olho para ela, estou tão pronto para pegá-la de jeito, mas não posso, ela precisa estar alimentada, pois o que tenho em mente vai precisar de muita energia.

— Não?

— Não! Você disse para mim que quando eu acordasse você me faria mulher na sua cama.

Ela tateia meu ombro enquanto tento levantar fazendo-me vir para ver seu bico.

— Estou só adiando. — Deslizo o dedo carinhosamente na sua face. — O dia ainda não acabou.

— Promessas! — Ela resmunga e levanto rápido, não dou nem atenção aos meus pensamentos intrusivos.

Enquanto ela corre para o quarto para fazer a higiene pessoal vou para cozinha preparar algo para esta pirralha mimada. Sorrio ironicamente com o apelido que a nomeia por tanto tempo. Como vai ser agora? Mil perguntas assombram meus pensamentos.

Desprevenido sou abraçado por trás, a sensação é de puro bem estar e de trégua aos meus fantasmas que me aterrorizam.

Viro-me e então capturo seus lábios gentilmente, ela enlaça os dedos nos meus cabelos. Irresistível é isso que é minha pequena pupila. Puxo-a mais perto de mim aninhando sua cabeça em minhas mãos, explorando deliciosamente sua língua e a minha língua dentro da sua boca. É perfeito como nossos corpos se encaixam.

— Estou faminta.

— Acomode-se que já estou tirando as tapiocas.

Ela come a tapioca com doce de leite, com gosto, que até escorre pelo canto dos seus lábios o caldo do doce. Contenho-me para limpar para evitar que minha cabeça peça que passe os dedos nos dois lados da sua boca.

Os momentos de surtos do TOC ficam assim, incontroláveis.

— Não sabia que gostava tanto assim de doce de leite. — Ela é provocante e não deixa escapar minha observação passando a língua pelo doce que escorre dos seus lábios. Acompanho exatamente os seus movimentos. Meu pau pulsa de desejo,

— Adoro doce de leite, você deveria provar com tapioca é simplesmente delicioso.

— Prefiro provar o doce em você — devolvo a provocação.

— Sem querer ser pretensiosa, acho que a combinação surpreenderá você. — Ela passa o dedo no pote do doce e desliza por seu decote. Sinto as bolas do saco doerem. Não aguento mais tanto, cheguei ao meu limite. Decido levanto da cadeira.

— Para um começo de degustação você besuntou o caminho certo.

— Será que o doce combina em outras regiões.

— Tenho certeza que sim.

Em dois passos estou ao seu lado, seus dedos ainda sujos de doce eu levo a boca.

— Ahh! — Seus olhos se arregalam, acho que chupar cada dedo seu a pega desprevenida.

Seus cabelos negros soltos pelos ombros brilham, eles são lindos, mas para o que tenho em mente fazer com ela não vão funcionar soltos.

— Você sabe que por anos trancei os cabelos da minha mãe? — Não dou chance para ela pensar e no primeiro nó da trança ela geme conforme eu puxo seu cabelo firme. — Um bom gourmet para provar suas iguarias com um prato apresentável — sussurro no seu ouvido terminando o final da trança.

Chega de brincar minha pequena pupila, você vai entender o significado de comer um prato quente.

— Para mim a mesa também é sua, então não vejo diferença de ser provada na sua cama ou na sua mesa.

— A mesa é nossa, aqui tudo é nosso. Só nossas camas são individuais respeitando cada um o seu espaço. Entendeu? — Faço-a entender apertando os nós da trança.

— Uhm. Uhm.

Contornando a cadeira paro na sua frente. Seu peito mostra o quanto está ansiosa, ele sobe e desce desenfreado. Sua pele fica arrepiada. Gosto de ver isso, eu ainda nem a toquei. Meus olhos a medem e os bicos dos seus seios se mostram prontos para mim pela camiseta pontiaguda. Sentada de pernas cruzadas com os dedos próximos da sua feminilidade fico sedento imaginando-a se tocando de tão próximos que estão.

— Você sabe o que um confeitiro precisa para decorar o seu doce?

— De utensílios? Sacos de confeitir? — Sorrio da sua resposta.

— Saco é uma boa opção. Mas um bom confeitiro precisa de um pincel.

— Pincel?

Linda! Ela fecha os olhos tentando conter-se. Introduzo minha perna entre as suas pernas cruzadas e as descruzo, posicionando-me bem no seu centro.

— Sim o doce é meu e é com o pincel que pretendo enfeitar e confeitir o meu doce para

ser degustado.

Pego o pote de vidro da mesa, ela imagina que vou pegar com a colher, porém ela se engana e eu agradeço por estar de calça de moletom e sem cueca. Meu pincel é mais moderno. Abaixo o elástico da calça lentamente. Seus olhos se arregalam.

— Você não vai fazer isso?

— O que? Isso? — Enfio meu pau com vontade no doce de leite e ela sibila suspiros de aprovação. Ela é safada e eu adoro.

— Assim a favorecida sou eu. Adoro churros! — Sorrio, adoro sua boca inteligente.

— Se você se comportar prometo deixar provar os churros mais tarde. Por agora meu pau é apenas o meu utensílio e vai ser no seu corpo que vou confeitar os meus desejos mais perversos.

Solto o pote do doce na mesa, meus pensamentos intrusivos tentam ditar regras, porém desta vez eles são vencidos pela luxúria que verte do meu corpo. Com uma mão, seguro a corda de trança dos seus cabelos, e com a outra conduzo o meu pau a fazer tudo o que desejo.

— Aprenda pequena pupila que um doce tem que ser besuntado por inteiro, não pode ficar nenhum espaço sem ser preenchido.

Brinco com meu pau lambuzando seus lábios, ela tenta lambê-lo e eu recuo.

— Você ofereceu o doce para mim, não seja gulosa.

Sinto meu corpo todo vibrar vendo-a lamber os lábios.

— Deixa-me provar só um pouquinho. — Ela levanta a mão e eu a impeço.

— Este doce está me dando muito trabalho. — Refiro-me a ela como um doce. Puxo a toalha da mesa e tudo vai ao chão, ela grita de susto.

— Olha a sujeira que você fez?

— A culpa é sua. Levanta as mãos.

— Você vai me amarrar?

— Vou amordaçar também se não ficar quieta.

A tentação de amordaçá-la é atraente. Jamais uma mulher despertou em mim tanta vontade de dominá-la. Os olhos que demonstravam desafio há segundos agora ostentam um brilho ansioso.

— Estou presa — ela move as mãos.

— Presa. Totalmente presa! — Aperto o nó. Dou por mim que o impulso me fez esquecer de tirar sua regata fina e não penso duas vezes, rasgo sua blusa no ímpeto.

— Arrogantes como a dona — passo a língua pelos lábios — seus seios são empinados como seu narizinho. Eles ficarão deliciosos lambuzados.

— Uau! Isso foi quente! — Ela vibra com a minha atitude e seu gemido pulsa ainda mais forte meu pau.

— Você não merecia provar o meu doce antes. Meninas más não são dignas de recompensa, mas essa sua boquinha atrevida precisa ficar quietinha.

Segurando meu pau conduzo à sua boca sorrindo por ver que seus olhos brilham por achar que levou a melhor. Atrevida!

Ela é inexperiente e isso me excita mais. Sua falta de experiência torna-se deliciosa a forma que ela envolve seus lábios em torno das minhas veias que pulsam.

— Uhm! Isso minha linda pupila.

Sua boca é deliciosa, acolhe meu pau cada vez mais gostoso. Ela chupa e suga com vontade, uma verdadeira miríade de prazeres. Tenho vontade de gozar. Tiro o pau da sua boca, não quero traumatizá-la na sua primeira vez. Ela vai engolir minha porra como sonhei, mas na hora certa. Não agora.

— O que um confeito faz quando o pote de doce se quebra.

— Improvisa?

— Exatamente, improvisa.

Lentamente deslizo meu pau por seu pescoço lambuzando com o doce que ela passou para me provocar.

— Foi bom você guardar uma reserva do doce. — Latejante meu membro ainda pede por atenção, não resisto brinco com seus seios empenados e tão preparados. A ordinária faz caras e bocas, morde o lábio e eu vou à loucura.

— Isso é para você ver que não sou uma menina tão má.

— Você não é má, para falar a verdade você é muito melhor do que imaginei! — Posiciono meu membro entre seus seios e aperto a tecla egoísta. Preciso estar na sua boca de novo. Porra! Preciso dos seus lábios carnudos acolhendo meu pau, torço entre os dedos seus mamilos pontiagudos.

— Ah! — Ela se arrepia e suspira, como uma concha minhas mãos se ocupam dos seus seios. Encanto-me com a maciez e tamanho perfeito para as minhas mãos que pressionam, aprisionam e comprimem meu pau entre eles. Porra! Esta é a espanhola mais gostosa que já tive na minha vida! Seu coito estimula meu pau perfeitamente masturbando. Com sussurros guturais a ponta da sua língua lambe minha glândula e a massageia com excelência.

— Que tal um pouco mais do doce?

— Vou adorar provar novamente este churro delicioso e saboroso. — Suas palavras são colossais para o meu deleite e sem conseguir me controlar fodo até seus miolos. Ela engasga e uma lágrima escorre pela sua face. Caralho! Ela é deliciosa. Ela não desanima, muito pelo contrário, suga toda a minha extensão e não aguento: explodo toda a porra guardada dentro de mim, na sua garganta.

— Sua boca é deliciosa.

Não era para ser assim, mas o desejo encubado que sinto por ela por tanto tempo não

esperou pela ansiedade.

Satisfeito e saciado é vez de cuidar da minha pupila que guarda dentro de si uma devoradora deliciosa, quero saciá-la até entrar em torpor.

BEATRIZ

Quente! Simplesmente estou marcada pelo resto da minha vida. Estou dando pulos de alegria, queria sair gritando pelo mundo por ser capaz de dar prazer ao homem que me estragou para todos os outros homens.

Não tenho muito tempo para raciocinar e já sou invadida e envolvida ao prazer novamente. Ele é atencioso e habilidoso com os bicos dos meus seios enrijecidos. Senhor! Este homem sabe seduzir. Fagulhas libidinosas explodem dentro de mim. Sua boca toma cada seio entre os dentes que mordem e chupam aliviando a dor mais deliciosa que já senti. Ele não rasga meu short de malha, porém o embrenha de lado e seus dedos me estimulam.

— Tão molhada e preparada para mim. — Seu hálito quente queima meus seios enquanto ele fala, cada vez mais palavras sujas e deliciosas de ouvir.

Ainda tenho medo de não ser mais virgem e decepcioná-lo e sinto-me um pouco apreensiva ao mesmo tempo em imaginar sua masculinidade enorme dentro de mim. Ele foi paciente e fez amor com meus lábios, seu membro quente foi a melhor carne macia que já provei. Claro que ela se iguala aos seus lábios e língua que são igualmente deliciosos.

Ele me faz sentir mulher. Sua mulher, sua pupila. Simplesmente sua.

Não tenho lembranças minhas sexuais, mas sei muito bem como as mulheres gritam excitadas nos filmes e nunca imaginei proferir pelos meus lábios tantos sussurros e gemidos.

Ele conhece cada parte do meu corpo como se tivesse projetado cada ponto sensível nele. Cada parte que ele toca formiga meu ventre, se um dia imaginei ser uma coceguinha inocente o que sentia, hoje sei que é tesão. Tenho vontade de soltar minhas mãos e apertá-lo para mostrar o quanto estou louca de excitação.

Sim esta é a palavra que domina o meu ser. Totalmente excitada. No fundo acho que me encontro muito, além disso, e ele não alivia, ele provoca a beira da minha vulva com os dedos, sinto espumar compulsivamente. Como quero seus dedos dentro de mim, meu corpo desliza pela cadeira ao encontro de seus dedos.

— Calma minha pupila. Um delicioso doce tem que ser degustado sem pressa, mesmo que a cobertura esteja faltando. O pote de doce pode ter se quebrado, mas ainda assim tenho em minhas mãos o recheio mais delicioso que provei na minha vida. Você é muito gostosa.

— Faz amor comigo? — Ávida de desejo peço a ele.

— Já estamos fazendo minha pupila.

Meu Jesus Cristinho! Acho que vou explodir de tesão. Literalmente o frio na espinha congela minha espinha, estou indo da morte à vida. Não sei se consigo segurar o que meu corpo quer expelir. Ele explora todos os meus sentidos. Sinto meu corpo mudar a cada estímulo. Minha pele

queima ruborizada.

Ele me faz sentir bonita, sedutora.

O som que ele emite chupando meu corpo é o melhor estímulo auditivo que sonhei.

Não! Sim! Acho que vou morrer nos seus lábios.

— Tão doce! — Uma lambida. — Perfeita! — Outra lambida. — Gostosa, uma chupada! — Isso meu anjo contrai esta boceta deliciosa nos meus lábios. — Seus dedos se movimentam como nunca e eu grito com a sua língua dentro de mim invadindo do jeito mais delicioso e voluptuoso que jamais imaginei. Minhas mãos se libertam, o nó perfeito que ele deu se afrouxa com a intensidade da minha força.

Seguro seus cabelos, tenho certeza que minhas unhas cravam no seu couro cabeludo. Estou tão perto, a vivacidade me leva a sentir o que jamais um dia imaginei sentir. Sua língua aprofunda mais dentro de mim, suas mãos afastam mais minhas nádegas para ele ter livre acesso e com o polegar pressiona todos os meus pontos mais sensíveis.

Ah! — Grito, falo alto sem pudor chegando ao êxtase do prazer e me sentindo realizada.

Ele me beija com o sorriso nos lábios.

— Hoje vou cuidar de você como merece. Você lembra a primeira vez que tive que cuidar de você?

— Depois de despertar naquele hospital e descobrir que não tinha memória, os acontecimentos passaram a ter outro significado na minha vida. Então sim, eu me lembro de cada detalhe daquele dia — falo tudo rápido ainda me restabelecendo da adrenalina que acabei de viver.

— Imagina como foi difícil dar um banho em você? - Acho que não! - Pois então se prepare minha pupila, por que você agora vai tomar o banho mais quente da sua vida. — Mais uma vez surpreendida me pego suspensa no ar em seus braços. — Eu deveria deixá-la sem banho e atrair um formigueiro ao seu lado para você sentir na pele o quanto é dolorido sentir o corpo todo picado e alérgico, mas sou um formigão egoísta e tenho em mente lavar cada parte deste corpo delicioso.

CAPÍTULO 14 - Pedro Salvatore

Seu sorriso maroto é encantador! Sua surpresa a faz bater as pernas em protesto fingido. Sinto-me como um caçador sequestrando uma bugre perdida na mata. Não aguento a tentação de beijá-la e apertá-la nos meus braços.

O beijo sempre foi para mim um meio de chegar a uma ligação íntima entre um casal. A troca de carinho ao encontro da sedução! Mas com ela o beijo assumiu para minha vida um sentido diferente. É como um chocolate para um chocalatra, uma droga para um viciado, a natureza para o ser humano. Já me sinto dependente dos seus lábios.

— Adorei a ideia do banho. Estou me sentindo como uma fita-crepe.

— Fita-Crepe? — Pergunto sério, mordendo a bochecha para não rir. Ela sabota toda a minha sanidade. Sei o quanto estamos grudando.

— Não que ficar grudada a você o resto da vida seria uma ideia ruim. Mas.

— Assim você acaba com a minha autoestima. Não posso ser tão ruim assim para não querer ficar grudada a mim. — Brinco com ela, enquanto empurro com o quadril a porta do box e abro a torneira do chuveiro, molhando-nos com roupa e tudo.

— Pedro?! Você disse que o banho iria ser especial.

— E vai ser.

A sensação é tão boa, nossos momentos juntos passam a ser pura curtição divertida. Sinto-me leve, faço tudo por impulso, não dou atenção aos meus pensamentos. Minhas carícias em seu corpo são atrevidas. Deslizando seu corpo pelo meu a ponho de pé. Ela é como um fio descascado que dá choque a cada parte do meu corpo que encosta como um curto circuito. Não é difícil tirar pelos seus braços o trapo que se transformou sua regata. Fico admirando como é perfeita.

— Se continuar me olhando assim, a água vai ferver em mim.

— Essa é a intenção — sorrio satisfeito.

— Você vai me dar banho com o short, assim como provou o doce na cozinha? — Sua defesa sempre foi o ataque, conheço-a o suficiente para saber que está constrangida por eu estar mordendo o lábio encarando seus seios sem pudor. — Não vai tirá-lo de mim?

— Não ficará uma peça em você. — Ordinária! Ela me provoca colocando o cabelo para trás, exibindo seus seios empinados, tirando o excesso de água dos cabelos que grudam nos seus ombros e eu a detenho segurando seu rabo de cavalo, firme.

— Beatriz, você está tentando me seduzir? — Puxo seu rabo fazendo seu rosto ficar cara a cara ao meu. — Antes de tirar seu short, você vai tirar minha calça, ela começa a pesar no meu corpo e por mais que meu pau esteja duro como rocha, a calça está me incomodado.

— Tiro com prazer — ela agacha lentamente.

— É assim que pretende aumentar a temperatura da água? — Entendo sua pergunta.

— Vamos passar muito tempo debaixo dela e logo isso aqui vai virar uma sauna. Agora faça o que pedi. — Não solto seu rabo de cavalo, apenas acompanho seus movimentos. Nada alivia meu tesão e ela ainda antes de levantar dirige o olhar para mim e passa a língua pelos lábios, como quer provar o que vê pela frente. Não permito apertando seu cabelo em meus dedos, ela não deixa passar em branco. É uma provocadora nata e roça de propósito seu corpo ao meu quando levanta, satisfeita por fazer minha ereção se mexer procurando por ela.

— Quando você sair daqui sei que vai ligar o ar condicionado no quarto na menor temperatura e isso faz muito mal para saúde, sabia? Então a temperatura da água subirá apenas o desejável.

Ela sorri alto.

— Curioso que ainda não espalhou placas de avisos de saúde, no meu quarto a cada vez que espirro. Quando é que vai parar de se preocupar até com o ar que respiro?

— Acho que nunca — digo divertido. — Desculpa por pensar no seu bem-estar.

— Pedro? Você faz coisas melhores do que pensar no meu bem-estar. Aliás, coisas deliciosas! — Ela morde os lábios insolentes provocando.

Hipócrita — ralho comigo. Como é que posso pensar no seu bem-estar agora, se quando os desejos que tenho em mente é fazer com seu corpo coisas muito más!

Não sei quando foi a última vez que me senti tão feliz como uma criança em um parque de diversão. Meu olhar contemplativo vaga por seu corpo arrepiado. Rosados seus mamilos me saúdam enrugados e duros, quando mordo cada um deles.

— Já disse o quanto são lindos — rodeio os dedos por toda a volta das suas aréolas.

— Ainda não — sua voz sai como um suspiro. Não sei afirmar como minha ereção se dilata mais, ela parece que vai explodir em segundos.

— Deixa-me ver o quanto está a temperatura do seu corpo. — Intrometida minha mão desliza pelo seu ventre e entra com facilidade no seu short. Claro que ela ansiosa encolhe seu abdômen para me dar livre acesso. Separar sua vulva entre meus dedos já virou meu ansiolítico preferido para meus dedos loucos que se acalmam quando a invadem, escorregadia e quente.

— Para que água quente? Quando seu corpo tem a temperatura exata! — Brinco com a borda da sua abertura.

Como mencionei o banheiro vira uma sauna a ponto de derreter a maior geleira existente do planeta. Seu short dificulta descer por sua lombar e tudo acaba se tornando um desafio, viro-a contra a parede e puxo cada pedacinho do tecido, mordendo cada parte da sua pele à mostra. Ela empina a bunda para mim. Sua ousadia grafita em mim que ela será a minha perdição. Como ética dos pichares - jamais uma mulher será capaz de pichar em cima do grafite que está desenhando ao meu desejo por ela. Tenho pressa de levá-la para minha cama. As brincadeiras se tornam escorregadias assim como o sabonete desliza entre nossas mãos.

— Vamos sair, pois nossos corpos estão ficando enrugados. — Seco-me e abro a toalha esperando-a.

— Ah! Não acredito! Você vai enxugar meu corpo?

— Tudo por você.

— Acho que a partir de hoje farei jus por ser chamada de mimada — ela sorri. — E pretendo não ser mais rotulada também de pirralha, afinal você disse que serei a sua mulher. — Ela tapa a boca com as mãos.

Sua mulher? Pesa aos meus ouvidos, assim como pesam em seus ouvidos. Vejo a dúvida em seus olhos, não quero voltar atrás. Enrolo seu corpo na toalha e prendo a ponta entre seus seios.

Minhas mãos deslizam pelas curvas do seu corpo que a toalha encobre, antes de cruzar a porta desse banheiro, preciso deixar algumas coisas claras. Não sou nenhum romântico à moda antiga, para levá-la a outro ambiente propício para dizer a verdade. Para mim a verdade pode ser dita em qualquer lugar e sim agora chegou o momento. Fecho a tampa do vaso e sento com ela no meu colo, sei que deveria manter minhas mãos longe dela, mas é impossível e ao mesmo tempo quero que ela sinta segurança em tudo que vou dizer.

— Beatriz! Não sei o que acontecerá amanhã quando acordarmos. Tudo é muito novo para nós dois, quero ser sincero com você. Nunca vou mentir para você, sobre nós dois. Entendeu? — Ela balança a cabeça para cima e para baixo. Pela primeira vez desde que a conheci, vejo em seus olhos a atenção que preciso que ela tenha no que estou dizendo.

— Quero que me responda com palavras Beatriz.

— Entendi.

— Não sei ser de outro jeito e quero que você seja sincera comigo também. Quando cheguei aqui ontem e vi que a sua promessa de ir embora era real, algo apertou dentro do meu peito. Não pensei direito, apenas segui meus instintos. Desejo muito você! Desejo como o ar que respiro. E vejo pelo seu corpo que o desejo é recíproco. — Entre o vão da toalha minha mão esquerda entra entre suas pernas, deslizando meus dedos por sua fenda.

— Somos adultos e se cruzarmos esta porta sem deixarmos os pingos nos “is”, as coisas podem sair do controle e podemos nos magoar. — Afagando seu cabelo com a mão direita indico a sua cabeça e deslizo a mão para seu peito indicando o coração.

— São os pensamentos e os sentimentos que fazem as coisas não darem certo. Conheço-a o suficiente para saber o quanto é tempestiva, mas não se engane: este passo que estamos prestes a dar tem que ser consensual sim! Mas ainda assim precisa ser esquecido o passado. Não tenho medo de enfrentar o que o futuro nos reserva. Minha única preocupação é ver o seu bem-estar. Até hoje tivemos um relacionamento entre Tutor e pupila. Este relacionamento não deixará de existir e exatamente neste ponto que tudo se confunde dentro de mim. Não quero magoar você. Quero fazer tudo direito. — Ela me cala com os dedos trêmulos nos meus lábios. Tudo que falei foi como se fosse um conselho para ambos e sei que não tem mais volta, que tudo a partir daqui vai mudar.

— Beija-me — peço esperando que ela decida se deve seguir em frente ou não.

— Isso é uma ordem ou um pedido?

— Este beijo é a decisão se você quer ou não ser minha. Não quero que se engane. Já

mostrei a você que não sou fácil de lidar, não sou romântico e tão pouco um príncipe encantado. — Nos seus olhos vejo frustração, brilho, fogo e paixão, sei que por trás desta panóplia que se veste de mulher forte, existe uma gatinha frágil. Ela me fita séria, meus pulsos se contraem, depois de horas ao seu lado sinto o gosto amargo do desejo de me autoflagelar.

Acho que acabei forçando uma barra por medo de perdê-la. Meus olhos fixam na sua boca esperando uma resposta. Porra! O que foi que fiz? Ela não para de me encarar. Caralho! Por que ela tem que ser tão tentadora? Não falo por mim puxando-a nos meus braços. Minha língua invade sua boca sôfrega, meus braços envolvem-na e ela corresponde ao meu beijo enfiando seus dedos nos meus cabelos.

Beijo-a como se fosse o último minuto dos meus dias, ainda não sei qual será sua decisão. Curto cada movimento, minhas mãos apenas a acariciam com ternura. Sei que o beijo tem um fim, porém prolongo-o o máximo que nossa respiração permite.

— Se disser que tenho dúvidas vai me beijar assim novamente?

— Não! Se você tiver dúvida, nós nunca mais nos beijaremos. E esqueceremos este dia para sempre.

Seus olhos brilham marejados, considero esperar a resposta por segundos, abro a boca para dizer que temos todo o tempo do mundo, porém ela é mais rápida e a toalha envolta ao seu corpo é solto o nó pelas suas mãos.

— Se eu não for sua, não serei de mais ninguém.

Seu olhar ergue para os meus, vejo neles o amor que ainda não acredito ser digno de receber e faço a primeira coisa para ela se sentir querida. Beijo-a. O sentimento crescente por ela me confunde, não consigo impedir. Não esperava gostar tanto assim dela, ela é diferente, inteligente, engraçada. Bruto e urgente levanto do vaso ainda com ela nos meus braços apoiando seus pés no chão e empurro-a na parede pressionando suas costas o tempo suficiente para encaixar meu corpo ao seu e explorar sua boca, provocando-a e saboreando cada movimento. Os lábios dela me convidam cada vez mais ao prazer. Se ela decidir daqui em diante que tenho que parar terá que me impedir.

— Desejo você mais que tudo. — Olhando-a de cima abaixo, admiro seu corpo lindo e pronto para mim.

— E, eu amo você mais que tudo. Agora por favor, me beija.

— Se beijá-la novamente, você abrirá os olhos só quando estiver na minha cama — brinco sorrindo.

— Pretensioso, posso abrir os olhos antes.

— Duvida?

— Acho que terei que ver para acreditar.

BEATRIZ EVA

Meu coração acelera. Ao seu lado sinto-me mambembe, amadora na sedução. O homem

exala erotismo até quando fala sério. Chegou a hora Beatriz, não tem mais volta.

Suspiro. Como esperei por este momento. Ele puxa minha mão pela porta adentro do seu quarto, tudo o que ele me disse me deixa consciente que o amanhã é tudo incerto. No fundo sinto medo de decepcioná-lo caso não seja mais virgem, mesmo ele me assegurando que isso é irrelevante, porém dentro de mim quero que ele seja o meu primeiro homem. Não me pergunte como e nem quando, mas ele conseguiu ligar o som no quarto.

Encontro-me ansiosa é como se tivesse esperado a vida toda por ele, uma sensibilidade excruciante me domina. Seu olhar é sexual e todos os meus sentidos se convergem a ser dele. Com um apelo silencioso ele desliza os dedos nos meus braços.

— Dança comigo linda pupila?

— Se eu danço? - Acho que estou dançando ao seu lado desde o dia que o vi, penso comigo enquanto o som de Jason Mraz toca Love Someone. Meu corpo acompanha o seu em uma dança de pele contra pele, sua voz suave cantarola o refrão. Não há uma célula do meu corpo intacta, todas estão emocionadas e arrepiadas. A alegria brota de dentro de mim, ele me transforma num botão de rosa pronto para desabrochar, calçando-me como sapatilhas para poder voar sobre as nuvens. Cada movimento é sensual e vivo, o balanço dos nossos quadris tem a sintonia perfeita.

Love is a funny thing

Amor é uma coisa engraçada

Whenever I give it, it comes back to me

Quando quiser eu dou, e ele volta pra mim

And it's wonderful to be giving with my whole heart

E isso é maravilhoso estar dando com todo o meu coração

As my heart receives your love

Como o meu coração recebe o seu amor

— Hoje vai ser calmo e sem pressa. — Incapaz de resistir, suspiro fundo, pronta para ser seduzida joga a cabeça para trás enquanto seus braços me conduzem ao som da melodia da música, erro o passo e ele conserta. — Vou cuidar do seu corpo como ele precisa. — Ele puxa mais meu corpo próximo do seu e grunhe em meus ouvidos como um lobo faminto. — Não será sempre assim. — Ele me rodopia e me prende novamente em seus braços. — Gosto do sexo carnal, vivo e sem reservas.

Suas promessas de prazer me dão esperanças. Ele disse hoje, isso significa que terá um futuro, mesmo que um futuro sem uma previsão de como vai ser. Acho que os astros estão em conflito com o nosso amanhã.

“Oh, ain't it nice this life we got each other

Oh não é nesta vida que temos um ao outro

And I am right beside you

E eu estou certo ao seu lado

More than just a partner or a lover

Mais do que um companheiro ou um amante

I'm your friend

Eu sou o seu amigo”

Estudo cada carícia enquanto ele canta e me rodopio em seus braços, seu corpo nu, mostra o quanto me deseja, minhas mãos tateiam seus músculos do peito em um balançar delirante. Se ele quer me devorar, estou pronta para ser devorada. Por mim pode ser carnal na nossa primeira vez, mas me emociono como ele cuida do meu corpo. Estou quase me jogando na cama de pernas abertas. Ele desliza o dedo pelo meu ventre e chega à minha feminilidade. A cada roçar dos seus dedos em mim um frio percorre minha espinha.

“When you love someone

Quando você ama alguém

Your heartbeat beats so loud

Seu coração bate tão alto

When you love someone

Quando você ama alguém

Your feet can't feel the ground

Seus pés não podem sentir o chão

Shining stars all seem

Estrelas brilhantes parecem

To congregate around your face

Se reunir em volta do seu rosto

When you love someone

Quando você ama alguém

It comes back to you

Isso volta para você”

A troca de carinho é lenta e crua, em um piscar de olhos estou deitada na cama. Meu peito sobe e desce.

— O que acontece agora? — Pergunto atrevida.

— Acontecerá tudo que você permitir — ele beija meu ventre, posicionado no meio das

minhas pernas.

— Isso significa tudo?

Debruçando em cima de mim delicio-me com seu cheiro masculino. Ele roça os lábios no meu ouvido.

“And love is a funny thing

E o amor é uma coisa engraçada

It's making my blood flow of energy

Ele faz o meu sangue explodir de energia

And it's like an awakened dream

E isso é como se despertando de um sonho

Oh, what I've been wishing for is happening

Oh, o que eu tenho desejado está acontecendo

And it's right on time”

E está no tempo certo

— Isso significa que seu desejo é uma ordem — brincando com a minha orelha ele me provoca. — Porém é melhor esperar — fazendo meu corpo latejante ele passa a língua por toda a extensão do meu pescoço. — As preliminares são necessárias. Não quero machucá-la, acredite em mim: meu pau quer se abrigar na sua boceta mais do que você imagina.

Boca suja vem para mim que me apaixono mais.

Meu corpo se arqueia voluntariamente, tenho fome de sensações e não me importo de sentir qualquer dor, tenho certeza que esta euforia que sinto entre as pernas não haverá dor que sinta que as faça sumirem.

— Esperei tanto por isso — termino de falar e sinto-me tímida. Ele me encara e percebe que no fundo por mais que eu tente ser ousada, ele ainda me intimida.

“Oh ,ain't it nice tonight we've got each other

Oh, não é uma boa noite para termos um ao outro

I am right beside you

Eu estou certo ao seu lado

More than just a partner or a lover

Mais do que apenas um companheiro ou amante

I'm your friend

Eu sou seu amigo”

— Não precisa mais esperar. E não precisa ficar vermelha a cada vez que deseja falar o que sente. — Ele é impetuoso, raspa sua barba por fazer em toda a minha pele. — Aqui na cama quero que você me dê o seu melhor. — Sua boca chega ao meu ponto sensível e ele não é gentil como prometeu, crava seus dentes sobre o bico do meu seio que implora por sua atenção. — Não me importa se é descarada! — O som abafado das suas palavras sai quando ele alivia os dentes e lambe a carne dolorida. — Sem pudor. — Outra lambida. — Ou tímida. Apenas seja você.

Mesmo com um pouco de vergonha e temerosa digo o que meu corpo pede.

— Meu corpo precisa do seu.

— Ele já tem o meu! — Ele dá um sorriso rouco e eu levanto a pélvis para dizer exatamente o que meu corpo quer dizer. Ele se esquiva provocando-me com a língua contornando meu umbigo. Nossa senhora das pupilas, será que vou ter que soletrar para ele. Eu quero você dentro de mim!

— Você está oferecendo sua boceta para mim Beatriz? Já disse a você que as preliminares são importantes. — Ele volta a debruçar sobre mim sorrindo. — Você quer meu pau dentro de você Beatriz? — Sua ereção se resvala lisa e quente nos meus grandes lábios, pressionando meu clitóris. — Sinta como meu pau está duro e pronto para você.

Tremo quieta diante da expectativa do que tem por vir, tenho vontade de responder que ele também está oferecendo seu Bráulio para mim. Merda. Meu silêncio o afasta.

— Não! — Arranho seus braços quando ele finge abandonar meu corpo e tira seu membro da minha abertura. — Eu aguento esperar estas tais preliminares.

— Melhor assim! — Sua boca desce pelo meu corpo, chupando e mordendo meu colo e meus seios. Não aguento mais tanto sofrimento prazeroso. Seus lábios torturam cada parte do meu corpo. — Quero suas pernas assim abertas e dobradas. — Ele me deixa exposta e vulnerável.

— Ah! — Clamo desesperada, quando seus dedos separam meus grandes lábios e sua língua cálida lambe toda a extensão da minha vulva. Meu corpo entregue a ele se adéqua a toda a nuance que ele me prepara.

— Pronta e molhadinha inteirinha para mim! — Sim totalmente, repito como um mantra, enlouquecida desejando estocadas fundas dele dentro de mim. Para meu deleite me concentro a cada sensação e ele é implacável e segue alternando com lambidas e chupões. É sobre-humano o que ele faz com sua boca em mim.

— Ah! — Digo sentindo-me por um fio chegar à explosão dos sentidos.

Ele abandona meu ventre e vem até mim, levantando com o dedo o meu queixo para olhá-lo nos olhos. Minhas bochechas pegam fogo.

— Vou vestir o preservativo para protegê-la. — Assim ele faz rasgando o plástico laminado nos dentes me encarando cheio de promessas íntimas, sua masculinidade é roliça e rígida. Posso dizer que gigante. Nunca mais verei uma veia na minha vida sem deixar de lembrar as veias dilatadas do seu membro. Ajeitando-se entre minhas pernas, ele profere cada ação eroticamente encaixando sua ereção. É lá onde deve estar.

— Sinta como a ponta do meu pau se encaixa perfeitamente na sua boceta. Porra. Beatriz

você está molhada pra caralho! — Sua masculinidade rígida grande e grossa me penetra lentamente. Ele brinca em um vai e vem torturante, tremo, me contraio tudo ao mesmo tempo, molhada e escorregadia quero mais, sigo extasiada no seu ritmo superficial.

— Mais — suplico.

— Assim? — Sinto-o me rasgar e uma dor aguda se fazer presente. Uma lágrima escorre pela minha face e ele recua seu membro para a beira da minha abertura, por segundos ele me encara e com a ponta do dedo limpa a lágrima que escorre na minha face. É um silêncio ensurdecedor, sinto seu membro pulsar na minha abertura e em resposta meu corpo arfar em sua direção incentivando-o a continuar. — Seu cabaço está aí Beatriz, esperando-me rompê-lo. Vai ser dolorido, mas ainda assim será intenso e prazeroso para você.

É chocante e parece ilícito o recuo dele e suas palavras sujas, meus nervos internos se contraem excitados. Ele sente e volta a me penetrar levemente em um movimento de vai e vem da ponta do seu membro até a barreira que o impede de ir até o fundo.

— Então o rompa. Ele é todo seu. Ele é só seu! — Ele demora se aproveitando e se deleitando a espera do momento certo, meu corpo responde e finalmente o sinto fundo dentro mim.

— Você está me abrigando por completo. Veja como meu pau foi projetado para caber certinho dentro de você! — Como fogo se alastrando em palha seca, ele se movimenta lentamente e meu corpo incendeia por completo. Dói, arde, faz cócegas tudo ao mesmo tempo.

A leve dorzinha se transforma em uma pequena ardência, nada que incomode o desejo de quanto o quero fundo dentro de mim. Ele é cuidadoso, mas eu sou gulosa e assim laço minhas pernas no seu quadril e o incentivo a seguir o seu ritmo. Ele acelera, tira seu membro por completo e introduz até o fundo por diversas vezes, intensas. Tenho atenção completa das suas mãos que manobram a cada curva do meu corpo.

— Pedro!

— Beatriz! Vem minha pupila, goza gostoso no meu pau, contrai esta boceta.

Ele acelera o ritmo mergulhando dentro de mim e a mesma explosão de vontades e desejos sem inibições vão fazendo cócegas por todos os meus nervos. Minhas unhas cravam nas suas costas e quando menos espero tudo explode dentro de mim com o maior ápice de prazer. Ele parece que estava me esperando, pois praticamente junto, ele suspira o gemido mais gostoso com meu nome, caindo em cima de mim.

Passa-se bastante tempo até que nossas respirações se restabeleçam, ele puxa meu corpo para cima do seu. Caraca! Ele me fez de relógio e tirou todo o meu atraso.

— Você é um grande presente que a vida me deu.

— Achei que você nunca iria me desembrulhar.

Ele sorri. — Esta sua boca ainda vai render umas boas palmadas.

— Isso é uma ameaça? — Brinco, ousada.

— Não, isso é uma promessa.

CAPÍTULO 15 - Beatriz Eva

Plim! Plim! Plim!

Isso é um alarme? Não toca agora, por favor, estou no meio de um sonho lindo.

Plim! Plim! Plim!

Sim. Este é meu alarme do celular avisando que são 5h55min.

Já é manhã? Abro os olhos e sinto meu corpo todo dolorido. A cama que adormeci não é a mesma que acordei.

Este é meu quarto.

— Por que estou aqui?

— Como vim parar aqui?

Abraçada a um travesseiro puxo minhas pernas para posição fetal, sinto doer músculos de partes do meu corpo que nunca imaginei existir.

Pepeca, dói?

Aí. Dói e como dói. Não sei se choro de alegria, de dor ou de alívio por acordar e não ter perdido a memória e lembrar nitidamente o causador desta dorzinha chata e melhor ainda que não foi um sonho.

— Pedro? — Viro o corpo para o lado esquerdo e percebo que a cama está perfeitamente arrumada, sendo assim me dou conta que dormi sozinha.

Será que ele me trouxe depois que adormeci e que fizemos “tchóff-tchóff” por mais duas vezes?

Nossa noite foi linda. Olhamo-nos em silêncio, nos seus olhos vi ternura e respeito, suas mãos impulsivas não paravam de me tocar. Ele cuidou de mim e posso dizer que foi muito romântico, cuidadoso e fez muito carinho até eu adormecer. Porém no fundo sinto uma frustração tamanha por não acordar nos seus braços. Por que será que ele me trouxe para meu quarto?

— Eu e o Pedro fizemos amor! — Comemoro. — O Pedro foi o primeiro homem da minha vida.

Minha Nossa Senhora dos presentes embrulhados e os lacres rompidos, sorrio lembrando como ele foi ogro e sensual ao mesmo tempo.

— Seu cabaço está aí Beatriz, esperando-me rompê-lo. — Imito-o com a voz rouca feito trovão. Tão fofo!

— Fofo uma ova! — Choramingo sentindo as dores no meio das pernas. — Ele é grande e grosso isso sim, mas o homem sabe mexer, na hora eu só quis virar os olhinhos, nem imaginei o que sentiria depois. Fui atentada e não dei paz para ele e não foi por falta de advertência.

— Minha pupila sente como você me deixa? — Segurando minha mão firme ele movimentou

minha mão para cima e para baixo por toda a sua ereção. — Duro como rocha. Tudo o que mais quero é estar fundo dentro de você, mas você deve estar dolorida, precisamos ir com calma. — Calma!? Como é que ele queria que eu ficasse calma? Segurar seu membro pulsante na minha mão fez-me insana. Puxo o travesseiro para o rosto, envergonhada em lembrar que de calma não fui nada, repeti os movimentos das nossas mãos e montei nele com toda a fúria lasciva que suas veias despertaram no meu ventre, até nos levar ao êxtase.

Meu coração parece que cria asas e se aventura voar pelo meu peito. Sinto um turbilhão de sentimentos todos misturados como uma salada de frutas. Meu corpo só estremece. Caraca. O que faço agora?

Antes eu sabia que estava pisando em um território minado e onde estava cada bomba a explodir, mas agora o mapa mental desse território virou um borrão e tenho medo de dar um passo em falso e botar tudo para os ares.

O alarme toca mais uma vez, desligo rapidinho, não quero começar o dia tomando bronca por que deixei o celular tocando por diversas vezes antes de levantar. Tenho suas broncas decoradas na minha mente.

— Beatriz, você pode fazer o favor de programar seu celular para o horário exato. Não precisa acordar o prédio inteiro com toques a cada 5 minutos.

Espreguiçando lentamente, levanto da cama com dor, mas ainda muito satisfeita e sensível por lembrar-me de cada toque seu. O homem simplesmente marcou cada pedacinho do meu corpo com uma recordação viva.

Tomo banho em minutos, troco-me em segundos e quando vou abrir a porta do quarto paraliso. Não preciso ser nenhum esfigmomanômetro para saber que minha pressão subiu e nem ser um holter para sentir a arritmia no meu coração.

— Como é que vou olhar para a cara do Pedro agora?

Claro que a minha vontade é de enfiar-me na cama com ele, mas não sei qual seria sua reação. Ou beijá-lo no corredor caso encontre com ele.

Ai! O que faço? Definitivamente não sei.

Abro a porta e ando levemente como se estivesse sobre as nuvens.

Toclof. Literalmente a onomatopeia do som do único taco de madeira solto no corredor me denuncia.

Meleca! Por que não me lembrei desse taco?

Parada como estátua não me mexo, fico atenta tentando decifrar se ele ouviu meu passinho de elefante. Nada. Tudo quieto. Geralmente esse horário ele está na cozinha preparando meu café. Ele nunca me deixa sair sem comer alguma coisa, só não sei se a partir de agora tudo o que ele preparar verei com os mesmos olhos. Não sei se esta excitação toda que sinto por ele é devida ou não, a única coisa que sei é que palpita meu peito a cada vez que penso nele.

Lentamente levanto o pezinho e mudo o passo, não entendo por que tanto receio? Beatriz claro que você sabe o porquê. Você está com medo da rejeição. Lidei tanto tempo com ela e

agora parece que tem um outro sentido, não sei se vou suportá-lo me tratar apenas como sua tutelada.

Entro na cozinha e fico aliviada soltando o ar preso no peito, ele não está aqui. Surpreendo-me com o que vejo. Sobre a mesa tem um café da manhã preparado e ao lado da xícara um bilhete dobrado em forma de flor.

— Pedro? — Chamo-o baixinho.

Nada, tudo em silêncio. A jarra de suco está suada, isso significa que não foi feita há tanto tempo. Em cima da mesa tem tudo, geleia, torradas, requeijão, praticamente tudo, não resisto e antes de comer abro o bilhete.

Bom dia Beatriz.

Infelizmente não pude esperá-la hoje com tapioca e doce de leite.

Boa aula.

Vemo-nos no escritório.

PS.

Madrugou, hein gostosão? Levo o bilhete ao peito. Meu Alf Eteimoso é muito fofo. Essa singela mensagem deixa-me satisfeita, parece que o ar fica mais leve, suspirando e motivada, mando uma mensagem para ele.

PEDRO SALVATORE

Qualquer coisa que sai da minha normalidade assusta-me. Viver na zona de conforto foi tudo que tentei fazer até ontem. Conviver com TOC foi predominante para mim. Ainda criança até respirar me incomodava, o ar mesmo que fresco parecia denso, enquanto alguns amigos brincavam com as partículas do ar no reflexo da luz, eu fugia delas, tinha medo da alergia, de uma contaminação à minha volta. Conseguir amadurecer camuflando esse transtorno de todos à minha volta foi fácil, depois da minha adolescência. Porém não foi assim na minha infância e hoje por mais maduro e preparado que sinto sobre conviver com o TOC tenho medo da reação da Beatriz quando ela conhecer este meu lado obsessivo compulsivo.

Olhando para planta baixa de um projeto em andamento não consigo concentrar-me. Aliás, não consigo me concentrar em nada. Meus pensamentos vagueiam volta e meia para aquela pequena atrevida que virou minha vida de pernas para o ar.

Foder até os seus miolos foi o que menos importou depois de tê-la em meus braços. O contraste da sua cintura fina com a bunda redonda e bem delineada vem a minha mente e meu pau instantaneamente fica duro como pedra. É só pensar nela e como obra do destino, o celular acusa uma mensagem dela.

PS.:>O sanduíche está delicioso, mas senti falta do doce de leite. Churro virou meu prato principal. Bom trabalho.

Bya

Jogo a cabeça para trás rindo, a mistura da sua inocência com o atrevimento da sua língua a torna deliciosamente ordinária.

— Se ela soubesse o quanto me faz querer ser melhor. — Sorrio ainda pensando como é bom lembrar-me dela, a todo instante. Ontem quando ela foi buscar água e voltou corajosa de si parando na porta do quarto me encarando, minha ereção criou vida instantânea e quanto mais ela me olhava, mas provocante decidi ser, pegando meu pau com a mão fechada em volta dele. Seus olhos se arregalaram e o copo que ela estava levando a boca derramou a água por seu corpo. Simplesmente uma atrapalhada deliciosa. Sem graça ela disfarçou deslizando os dedos pelo corpo sensualmente e confesso: mesmo sabendo do seu desconforto foi a cena mais erótica que já vi. Entrei no seu jogo. Encarei-a descaradamente.

— Que sede Bya? A água era para matar a sede ou seu fogo?

— A sede — ela mostra a língua, mas não para o jogo de sedução.

— Acho que os dois. Você já foi mais corajosa em responder a verdade.

— Está desdenhando de mim? — Suas faces vermelhas a entregam.

— De jeito nenhum. Para falar a verdade estou adorando ver você se tocar.

— Você gosta do que vê? Gosta de ver meus dedos deslizarem pelo meu corpo.

— Uma cena adorável. Você sabia que fica linda quando é desafiada. E, mais linda ainda quando mesmo que envergonhada continua querendo me provocar?

— Não.

— Não mesmo? — Masturbando-me, puxei as mãos até a minha glândula apertando-a para que seus olhos vissem uma gota de porra. — Você é um pecado dos deuses! — A penumbra da luz do corredor que refletiu no seu corpo ajudou-me vislumbrar como ela ficou arrepiada.

— Pecado?

— Um doce pecado. O que acha de vir até aqui e me deixar substituir suas mãos pela minha língua?

— Ir até você? — Ela engasgou com as palavras quando ameacei levantar da cama.

— Sim até mim. Vem Beatriz! Você me deixou sedento, vem matar minha sede. - A água gelada amenizou minha sede, mas o que matou mesmo a sede foi chupá-la até seu prazer.

Quando ela adormeceu nos meus braços e adrenalina abaixou dei por mim o dogma da minha responsabilidade.

Desejo ser para ela o homem do seu sonho, aquele que a aquece no frio, aconchega no colo quando se sente desprotegida e principalmente o homem que a ampara e lhe acolhe para nunca se sentir só.

Não tenho dúvidas que ela chegou à minha vida para ficar. A única coisa que não sei é como fazê-la ficar sem se assustar com os meus transtornos. Como posso exigir dela compreensão naquilo que nem eu sei como lidar. Sinto por ela todo o magnetismo e ao mesmo tempo em que ela

me tranquiliza, ela me atormenta.

Era para eu ter adormecido no conforto que meu coração estava sentindo, depois de receber dela o maior presente da minha vida, mas, não. Meus pensamentos intrusivos foram mais cruéis, torturaram-me. O desejo compulsivo de acender a luz do quarto para certificar-me que ela estava adormecida ao meu lado como anjo levou-me a repetir esse gesto por diversas vezes.

— Está muito escuro acende a luz, veja o quanto ela é linda.

— Não vou levantar — ralho com meus pensamentos.

— É melhor, acender esta luz. Assim fiz por diversas vezes. A razão falou mais alto e a última vez que acendi a luz, ela se mexeu na cama. Por mais que meu coração não queria separar dela, achei necessário levá-la para seu quarto.

Agora estou aqui me corroendo de curiosidade imaginando o que ela pensou quando acordou e percebeu que não estava na minha cama e ainda o que achou quando não me encontrou pela manhã. Outra decisão que achei pertinente tomar uma vez que não consegui dormir, vagando a noite toda com manias e tiques.

— Porra! — Bato na mesa com a mão fechada.

— Será que será sempre assim. Será que deixá-la ir embora não teria sido a melhor opção?

— Melhor opção o caralho. — No visor do celular rolo a tela de contatos, encontro o telefone da minha psiquiatra, não penso duas vezes. Sei que a terapia é necessária, mas ela sozinha não vai me ajudar. Preciso me consultar com a médica também.

— Olá! Você ligou para o consultório da Dra. Izabel, nosso horário de atendimento é de segunda à sexta das 9h às 18h. Deixe seu recado e retornaremos assim que possível.

— Aqui é Pedro Salvatore, gostaria de agendar um horário. — Mal termino a ligação e vejo no visor o nome do Marco.

— Olá, Pedro.

— Oi, Marcão. Como estão às coisas?

— Muito bem e você? — Tirando o fato que estava ligando agora mesmo para minha psiquiatra, estou bem, penso comigo — Parece que, da última vez em que nos vimos, você estava bem distraído.

— Coisas da sua cabeça, amigo! Acredite em mim.

— Já disse que quando sentir vontade de conversar -, estarei aqui.

— Eu sei disso, mas, não tenho nada para falar mesmo.

— Hoje recebi a relação de equipamentos que tenho que comprar para adaptar o quarto da Vitória. Será que pode ajudar-me?

— Será um prazer! Encaminhe-me a lista por e— mail, que vou ver o que consigo, mas, não quero desanimá-lo. Só que alguns aparelhos hospitalares importados demoram meses para chegar.

— Faço o que for possível para o bem estar da minha princesa.

— Assim que tiver uma resposta, eu ligo para você.

— Estou encaminhando-a, agora. Obrigado, Pedro.

— Não por isso! Abraço.

Ele é breve e eu mais ainda, conheço-o suficiente para saber que o quanto menos falar é melhor. Ele já está cheio de merda na cabeça, não precisa mais das minhas.

Em instantes recebo seu e-mail. Para mim o dia está totalmente arruinado não consigo me concentrar em nada. Inclusive para passar o tempo da manhã como se não tivesse nada para fazer me certifico pessoalmente por diversas vezes se a fechadura do escritório das maquetes está realmente arrumada, mandei consertar a dias, porém só hoje fui verificar. Assim são meus pensamentos, eles pedem para eu registrar uma atividade por diversas vezes.

Antes de sair do escritório passo pela sala da Bya e deixo um recado.

Bya :> Gostei de saber que seu doce preferido é churro, isso me desafia a querer apresentá-la a novas especiarias.

Janta comigo?

PS.

Junto minha pasta e antes de sair meu celular vibra.

PS.:> Missão impossível, estou praticamente viciada. Aguardo ansiosa para conhecer sua nova especiaria.

Bya.

Sorrio e respondo.

P:> Viciada em churros ou em doce de leite?

B:> Em você.

Ela quebra as minhas pernas, essa pequena pupila vai me levar à morte.

BEATRIZ EVA

Contei os minutos da manhã, xinguei de todos os nomes os segundos, a hora não passou.

Respondi todos os interrogatórios possíveis do Beggo e da Elaine. Claro que o Beggo mais me xingou porque não dei notícias, do que me ouviu. Quer dizer ele xingou até ouvir a Elaine suspirando.

— Você o quê?

— Era virgem?

— Virgem santa que buraco fundo, isso sim.

— Elaine consegue a condicional para mim, se eu matar uma libélula linguaruda?

— Beggo como você é maldoso. Será que você não percebe que essa possibilidade é bem plausível depois de tudo que aconteceu com a Bya.

— Plausível sim, aceitável nunca. Ela demorou foi muito. Coitado do tiozão que trabalha ele deve ter tido, não? — Faça careta para ele, tiozão é o raio que o carregue. — Se eu soubesse disso antes já tinha cuidado dessa pureza faz muito tempo com a minha britadeira.

Eu ouvi isso?

— Chuta Bya, que é macumba! — A Elaine zomba dele e eu emendo.

— Saí para lá urubu de penacho vermelho. Aqui nesse terreiro você não passa por galinha preta.

— Maltratem mesmo! — Ele puxa as mãos no peito dramatizando. — Também amo vocês duas. Agora chega de enrolar e nos conte sobre como o esquadro do tiozão gabaritou a sua pureza. Por que vamos combinar o cara é arquiteto e estamos cansados de saber quais as principais ferramentas de um. - Olho-o para ver, a mente para pensar em fazer coisas gostosas e a mão para representar tudo o que os olhos e os pensamentos têm em mente. - Segure-me, tiozão, que sou todo seu para rascunhar um projeto no meu corpo.

— Detalhes não.

O Beggo simula uma facada no peito, com um sorriso maligno.

— Então conta só os sórdidos.

O essencial eu contei. O restante deixei imaginarem. Só contei por que eles sabem há quanto tempo sou apaixonada pelo Pedro e por que estavam em casa depois de toda a confusão que arrumei. E claro que porque não quero que eles considerem essa história como a “Dama e o Vagabundo” ou a “mocinha e o bandido”. O intervalo entre uma aula e outra agradei aos céus pela troca rápida de professores, assim evitei mais conversas paralelas sobre a minha intimidade.

No escritório mais uma vez sinto-me carente, consigo adiantar alguns projetos e faço algumas ligações.

O telefone quase não toca, nossos clientes geralmente são indicações e os mais ativos costumam ligar no celular. Porém hoje uma mulher estranha ligou para o Pedro duas vezes. Confesso que fiquei intrigada, mas, fiz o exercício profissional e segui os conselhos do Pedro de não confundir as coisas. Lição dada é lição aprendida! Posso me corroer de curiosidade, mas não pergunto ou especulo mais nenhuma cliente feminina do Pedro, depois da cliente que fiz a maior confusão do mundo, prefiro viver na incerteza que fazê-lo perder mais uma cliente.

Tenho total liberdade de poder sair do escritório se preciso em qualquer horário, porém meu senso de responsabilidade sabendo que o Pedro está em serviço externo me prende até o final da tarde. E assim que desligo o telefone, arrependo-me por ter ficado até o último minuto.

— Salvatore Arquitetura, boa tarde.

— Alô, por favor o Pedro. — É a voz azeda novamente.

— Ele não está. Não retorna para o escritório hoje. Gostaria de deixar recado?

— Diz para ele que a Izabel Pinheiros retornou sua ligação. — Levanto a sobancelha em alerta. — Ele me ligou logo cedo e não pude falar com ele.

— Ah! Ele ligou? Deve ser algum projeto pendente?

— Não. É particular. — Particular? — Diz apenas para ele que estarei aqui amanhã o dia todo. Se ele quiser pode vir direto, espero por ele.

E posso saber aonde? Tenho vontade de gritar no telefone? O Pedro vai virar eunuco, se ele gosta tanto assim de cuidar de mulheres, cuidará fazendo jus do nome. — Pode deixar que dou o recado pessoalmente. Desligo o telefone bufando.

Então é assim, ele passa a noite inteira comigo e é para a Izabel que ele liga logo cedo?

Ele me convidou para jantar, né? Prepare-se Pedro, pois também sei ser uma excelente gourmet, sei preparar pratos quentíssimos. Uma verdadeira especiaria quente. Churros recheados com pimenta malagueta. Uma receitinha insana onde a cozinheira puxa a pele que encobre a glândula e enfia dentro dela grãos de pimenta e de decoração uma salpicada de pimenta do reino no canal da uretra.

Em cada ombro tenho um anjinho sussurrando no meu ouvido. Um dizendo para eu não tirar conclusões precipitadas e o outro dizendo que ele é um safado e que para ele nossa noite não significou nada. Adivinha qual é o anjinho que ouço?

CAPÍTULO 16 – Pedro Salvatore

É assim que sei ser.

Tarde produtiva. Encontrei grande parte da relação de equipamentos hospitalares e móveis que o Marco me solicitou, o cara vai desembolsar uma grana. Sei que financeiramente ele vive confortável, porém me senti na obrigação de ser solícito a ele para não se ater em me solicitar qualquer coisa. Amo aquela estrelinha como minha sobrinha! Ao contrário de muitas cabeças pensantes que não me passam nenhum tipo de emoção, ela é diferente, mesmo sendo uma criança anencéfala. Consigo ver nela emoção, força para viver, uma pequena guerreira que vem ensinando para a medicina e todos nós que a vida tem seus segredos e mistérios a nos surpreender. Cada visita que faço a ela - saio renovado - com esperanças. Os últimos meses de vida da minha mãe ela passou quase muda, poucas vezes ela conseguiu preferir algumas palavras. Mas foi nos seus olhos que vi o verdadeiro amor! Ao contrário da minha mãe, a pequena Vitória sempre demonstra garra em viver. Enquanto nos olhos da minha mãe no final da sua vida vi a sede de morrer. Contraditório não? Como um olhar pode transmitir amor e derrota ao mesmo tempo.

Tomado banho e barbeado retorno várias vezes para o banheiro para certificar-me que o chuveiro está fechado corretamente. Retomo nas minhas lembranças a nossa primeira noite juntos e como a Bya estava linda e livre para amar. Como queria ter dito a ela coisas que meu coração estava sentindo, porém achei prudente declarar-me a ela qualquer sentimento em outra ocasião. No fundo sei que dizer a uma mulher, na hora do sexo, palavras doces - é muito romântico, mas não é assim que funciona. Vi todo o sofrimento da minha mãe, ela se apaixonou por um homem da forma errada, que disse palavras de sentimentos falsos, só para agradá-la e conseguir o que queria, o verme conseguiu e a estragou para ser feliz pelo resto da vida. A Beatriz merece mais do que isso, quero demonstrar para ela os meus sentimentos com atitudes. Cuidando, respeitando-a, como acho que deve ser. Porra! Isso parece egoísta da minha parte.

Cara! Ela disse que ama você. Sim, disse e é justamente por isso que quero que ela viva o amor e não apenas sinta esse sentimento.

— Pirralha da minha vida, como desejo fazer você feliz! — Deparo-me falando com a tela do seu perfil desenhado a carvão, lembrança que comprei para ela em uma feira cultural.

— Você ainda não sabe e também lutei contra isso por muito tempo, mas você é a primeira em muitas coisas na minha vida. É a primeira mulher a fazer-me querer ser melhor. É a primeira a invadir meu coração e ainda ocupá-lo espaçosamente, permitindo-o apenas bombear o sangue por todo o meu corpo para convergir à paixão imensa que venho sentindo por você! — Sorrio lembrando-me da sua espontaneidade posando para o artista que conseguiu plasmar toda a sua impulsividade para a imagem.

Passei à tarde com o celular descarregado, a agitação da minha desconcentração matutina acabou me deixando na mão com o celular e ainda para ajudar estava de moto impossibilitado de carregá-lo.

As mensagens carregam e vejo que tem diversas delas da Izabel. Gosto da presteza da

minha psiquiatra, desde o início simpatizei-me com ela. Quer dizer fui temeroso inicialmente com a prescrição medicamentosa logo de cara quando ela indicou na primeira consulta, porém, ela foi paciente em me convencer a cada consulta que só a terapia não adiantaria que o melhor caminho era o meu bem estar e não o sofrimento interno que eu vivia.

A palavra psiquiatra para mim sempre foi um assunto delicado, cresci ouvindo alguns insultos e incompreensões daquele verme. Enfim para mim esse é um assunto morto. Não quero pensar e nem falar sobre ele, por essas e outras larguei até a terapia. A Izabel sabe que quando a procuro é porque estou no meu limite e ela como boa médica não mede esforços para me atender.

Izabel:> Olá fujão. Você me ligou? 14h42min

Izabel:> Não consegui falar com você no celular, então liguei para o seu escritório também. Se precisar estou por aqui. 15h25min

Izabel:> Adorei sua secretária ela é simpática e investigativa. Esse é o número do meu celular se precisar é só chamar. 17h15min

Porra! Será que ela falou para Beatriz que é minha psiquiatra? Respondo de bate pronto preocupado.

Pedro:> Como me chama de fujão? Sabe todos os meus números? Você tem um horário para mim?

Com a Dra. Izabel sinto-me a vontade, ela não é uma médica que torna a consulta maçante. Ela tem o dom do entrosamento e isso me ajudou muito, pois para mim a medicação era uma alternativa que não me cabia bem e hoje sei que ela mais me ajuda que me torna dependente. Prova disso é que estou há cinco anos sem tomar nada, porém, sou consciente que é chegado o momento de retomar um novo tratamento. Rolo a tela para baixo e respondo algumas mensagens.

Entra a resposta da Izabel.

Izabel: Não costumo laçar meus pacientes fujões. Quando você quer me ver?

Pedro:> Quanto antes.

Ela demora alguns minutos e responde.

Izabel:> Amanhã às 14h30min?

Pedro:> Pode ser mais para o final da tarde, tenho cliente próximo a esse horário.

Izabel:> Às 19h?

Pedro:> Perfeito.

A Cida deixou tudo pronto, não pedi nada em especial para não levantar especulações, apenas liguei para ela à tarde e informei que eu e a Bya jantaríamos em casa hoje. Sorrio pensando o quanto devo ter parecido patético, pois a Cida sempre deixa o jantar pronto para nós dois, inclusive até a mesa ela deixa posta. Vou à cozinha bisbilhotar o que ela preparou e para minha surpresa tem escondidinho de carne seca, um prato que não resisto. Na geladeira deixou mousse de chocolate com pimenta.

Danada! Ela hoje agradou a nós dois. A Bya ama essa sobremesa, a combinação do doce com o ardido é bem típico dela.

Sinto-me como um adolescente, a mão quente chega a suar, é engraçado porque esse é um fato corriqueiro, ou quase corriqueiro. Moramos na mesma casa, trabalhamos juntos, vivemos juntos há muito tempo, então não consigo entender o que mudou.

Sentado na poltrona com o celular ainda na mão, ouço a porta abrindo e fechando, tudo lentamente, não quero parecer ansioso demais e assim continuo mexendo no aparelho. Ela não faz nenhum movimento, então meus olhos não aguentam de ansiedade e se movem para ela. Parada encostada na porta nossos olhos se encontram, suas bochechas vermelhas e a ponta do nariz empinado não me dão boa impressão.

Bipolaridade não é uma das suas características. Momentaneamente fico indeciso, sua expressão parece de uma guerrilheira travando uma guerra interna nada convencional. O que está acontecendo com esta pupila?

**** Pensamentos Pedro e Bya ****

Não consigo me mover, sinto um misto de emoções ao vê-lo sentado na poltrona como um rei, aguardando sua súdita chegar. Lindo e viril. Ele sorri e não correspondo. Não estou para graça Pedro, não antes de saber quem é essa tal de Izabel.

Vou descobrir nem que tenha que rechear seu churro de pimenta até o talo.

Ele parece modelo de pasta dental. Se seu sorriso não fosse tão cínico até me daria ao prazer de sentar em seu colo como se fosse Papai Noel e ainda pediria um orgasmo de presente, porém a minha vontade é de rodar sua poltrona até fazê-lo ficar tonto e pedir arrego.

— Oi! — Encaro-a esperando uma resposta simples. Sua feição não é de bons amigos. Parece que ela me estuda, analisa-me, inquieta. Se contar pelo brilho dos seus lábios que umedecem, diria que ela deseja um beijo ávido, quente e sôfrego, assim como desejo por ver o quanto vermelhos e vivos são. Ela me faz desejá-la mais e mais a cada minuto. Mas não é exatamente assim que vejo nos seus olhos, que praticamente me evitam.

— Tudo bem no escritório? — Questiono-a. Seu silêncio me incomoda e me preocupa.

— Tudo — tirando que uma vaca ficou a tarde toda procurando você para pastar no seu pasto, tudo certo. Quer dizer pelo que sei até agora quem procurou a vaca primeiro foi você. Só não consigo entender o porquê depois da noite que tivemos.

— Aconteceu alguma coisa? — Que bicho mordeu esta diabinha. Conheço este olhar, alguma coisa não está certa.

Aconteceu. Você, que é um ninfomaníaco. Que me pegou de jeito à noite toda, me fez virar os olhinhos e lembrar-me de você o dia todo com saudades de suas mãos em meu corpo e logo no primeiro horário da manhã não saciado foi procurar outra. Você acha que tenho sangue de barata? Que gosto desses lances de poliamor? Se acha está enganado. Se vai me comer, vai ter que ficar fiel ao meu prato, agora se precisa diversificar pratos vai procurar outro, mas veja se tenta ser mais seletivo, pois a mulher tem voz de pepino em conserva e isso pode dar uma azia danada. Ou você esqueceu que além de alérgico tem gastrite?

— Não aconteceu nada! — Levanto os ombros. Sai para lá, com esse olhar de regador de calcinha. Para de me olhar assim. Não adianta vir com estes olhos sedentos para cima de mim. Não agora, que estou com a fúria cravada no meu peito e louca para apimentar seu churro. — Preciso de um banho. — Tento fugir para não me hipnotizar por ele.

— Espero você para jantar? — Esta pequena pupila torce minhas bolas, sua tentativa de se fazer mulher de ferro contradiz seu corpo que se mostra querendo ser fundido só com meu olhar. Ela é muito transparente e contraditória, não sei o que está acontecendo e tenho a impressão que não vou gostar de saber.

— Você que sabe. — Dou de ombros mais uma vez, tentando ser indiferente, porém não perco a oportunidade. — A propósito Pedro — desvio meus olhos, salivando. Por que ele tem que olhar para minha boca? Será que estou babando como cadela louca? Diacho de homem sedutor! — A Izabeeeeel, sua amiga, ligou a tarde toda atrás de você — foi pego de surpresa, né? Espera até eu enfiar uma pimenta na sua uretra, para ver como vai ficar surpreso. — Deve ser urgente. Ela disse que é PARTICULAR. Liga para ela. — Merda! Essa parte de ligar para ela você esquece, falei só para provocar. — Ah, não! — Ironizo. — Esqueci, ela acrescentou também que estava retornando uma ligação sua de logo cedo. Incansável você, hein?

Que cara é essa, Pedro? Pensou que eu não ficaria sabendo de nada? Antes demais nada, prefiro limpar a bunda antes de ir ao banheiro, sabendo bem o tipo de relish de pepino é sua amiguinha. Ela é daqueles tipos que boiam primeiro na borda do vidro para querer ser devorada antes, mas sou prevenida. Estou querendo limpar a lambança antes de acontecer.

Jogo o cabelo para trás e saio querendo deixá-lo. Se quiser jantar comigo vai ter que vir atrás, mas antes vai ter que explicar porque ligou logo cedo para o pepino em conserva. Não quero e nem vou sair daquele quarto por vontade própria, pois se eu sair, ele vai arder até chorar.

— Beatriz Eva? — Viro a poltrona em sua direção e a detenho com a voz firme, antes de chegar à porta do corredor. Esta pirralha não pode agir assim. Não tenho paciência para lidar com capricho. Ela para e consigo ver o meio fio de seu perfil, então é esse o problema? — Não significa que todas as ligações particulares que recebo são de amigos ou amigas — respondo sério com a voz afetada.

Vai se catar Pedro, com as suas lições de moral.

— Não? — Sorrio debochada. — O que pode ser particular então? Já sei. Ter uma noite com uma mulher e pela manhã deixar apenas um bilhete quase impessoal e ainda nessa mesma manhã ligar para uma desconhecida apenas para ouvir a sua voz? Realmente, isso deve ser somente casual. Uma ligação simples. Particular, mas simples, para uma desconhecida.

Ele fica mudo, não vou virar para você Pedro. Espera sentado. Escuta aqui responde logo e responde quem é esse pepino, pois se eu tiver que virar - vou virar em direção à cozinha e não me importarei de pegar o primeiro vidro de pimenta que vir pela frente.

— Você não está sendo.

O peixe morre pela boca e eu não aguento.

— Sendo o quê? Racional? — Viro-me para ele com as mãos na cintura. — Então me diz Pedro, quem é a Izabel? — Pergunto com charadinhas ironicamente. — Deixa-me adivinhar. Não é uma amiga? Mas, para que ser amiga, né, Pedro? Se para ter intimidade com alguém não precisa necessariamente ser amigo? — Imagino o tipo de mulher a voz de pepino é. Deve ter cara de conserva e isso me deixa mais irritada, machucada, por pensar que ele prefere mulheres mais velhas. O medo e a insegurança, por ser mais nova que ele sempre foi a minha morte, por ele me chamar de pirralha.

Não vai por esse caminho Beatriz, essas suas merdas já nos afastaram muito. Não sou moleque. Porra! — O que você está pensando Beatriz?

— Não estou pensando em nada, contra fatos não existem argumentos. Quer dizer existe sim, só que você prefere me questionar em vez de falar o porquê ligou para sua sei lá o que particular. — O lobo faminto nos seus olhos, agora o lobo está raivoso. Sem falar uma palavra, lindo, viril e lascivo, ele parece condenar minha resposta ou pensar em uma resposta. Se ele quer assim, vou para meu banho, que fique com seu Alzheimer tentando lembrar o que pode me responder e quando vou dar as costas sua voz rouca responde.

— Você não me perguntou por que liguei para a Izabel. Você está me acusando de algo que não entendi muito bem até agora — cuspo, irritado, as palavras.

— Não entendeu? Então vou interpretar — aponto o dedo para ele, depois aponto o dedo para mim, levo o corpo para frente e para trás, imitando uma bela foda, faço cara de bem comida e finjo que adormeci. E, enrolo os dois indicadores sinalizando a linha do tempo e aponto o dedo novamente para ele e para o celular, imito-o ligando e depois fodendo outra pessoa também e por fim acrescento o dedo do meio para ele. Pronto Pedro não preciso chamá-lo de cafajeste para dizer o que penso.

Ele ri como nunca, o descarado até joga a cabeça para trás. Não é uma risada divertida, ela chega ser sarcástica. Será que fui longe demais. Quer saber que se foda.

— Você não existe. Ainda continuo sem entender, o que você está tentando dizer? — Ela não fez isso? Fez! O que faço com esta pupila? — Que mentalidade fértil. Parabéns sua atuação foi digna de Oscar. Na classificação de Disney erótica, é claro.

Então sou infantil? Ele bate palmas e eu fico cega.

— Pronto! Agora voltei ao meu cargo de pirralha mimada que fica brava por que não sabe dividir o seu churros?

Definitivamente não entendo ou prefiro não entender o que ela está insinuando.

— Não se preocupe, não tenho a intenção de comprar um carrinho de churros. Estou satisfeito com a minha profissão. Pode guardar a receita com você.

— Dispensar a receita — faço cara de desdém. — Nem sei mais se gosto tanto assim desse doce melado.

— Meça suas palavras Beatriz — sinto-me ofendido, mas contenho-me. Levanto pela primeira vez da poltrona e ela recua um passo. Tento quebrar este clima que não vai nos levar a lugar algum, muito pelo contrário, este clima é muito perigoso, pode ser uma atmosfera sem volta.

— Um gourmet pode ser ofendido com uma provocação como esta. — Ponho-me à sua frente e muito mais alto do que ela e meço-a de cima à baixo. Porra! Meu pau não é uma cabeça pensante, pois ele fica duro instantaneamente. Só por sentir o seu cheiro de orvalho, minha vontade é pegar esta língua que não cabe na sua boca e fazer miudinha dentro da minha. — Se o prato servido foi muito doce.. É só você falar. Tenho outras receitas que posso servir o mesmo doce e lambuzar você toda.

— Lambuze a Izabel, pela insistência dela, deve estar necessitada.

Minha pequena pupila impulsiva seja lá qual for a relação que vamos começar a ter, você precisa ter mais fé em mim. Quero ser fidedigno a você, juro que isso é o que mais quero, mas para isso preciso me fortalecer primeiro, ter forças e coragem para abrir totalmente meu coração a você.

Definitivamente esse não é o momento certo para dizer quem é a Izabel. Porra! Quem ela está pensando que sou? Minhas mãos se fecham em punho, as unhas cravam nas linhas delas, alguns pensamentos intrusivos tentam reprimir-me com a condenação de que havia me alertado que nossa aproximação não daria certo. A vontade que tenho de abraçá-la e dizer que não existe ninguém além dela na minha vida é impedida por um imã que trava meus dedos num gesto de flagelo.

— Bya! Só quero que saiba, em primeiro lugar, que não devo satisfações a você de tudo o que faço. Tivemos uma noite linda de amor? Sim, mas, ainda assim, não precisamos dar satisfação de cada ato que cometemos. O que precisamos é respeitar um ao outro. Você entende, meu anjo? Em segundo lugar, a Izabel não é minha amiga e também não tenho intimidades sexuais com ela. Isso é tudo que você precisa saber. Se prestasse mais atenção nas minhas atitudes, descobriria que não sou um filho da puta, que não saio a cada dia com uma mulher. O que tivemos ontem à noite foi lindo e íntimo. Por todo esse tempo que você está ao meu lado, venho sonhando com isso. Não estrague o respeito que você vem conquistando, com infantilidades e inseguranças. Você já aprontou muito e até hoje a perdoei. Não imagine que qualquer mulher que chega ao meu lado é uma devoradora. Não seja insana! — Fecho os olhos. — Vai tomar seu banho Beatriz.

— Claro que vou. Assim fica mais fácil para você ligar para sua amiga e levar para ela o doce que não quero mais.

— Não faça inversão de valores. Não atribua a mim, sua falta de fé em si mesma. Não sou seu porto seguro, Beatriz. Sou um homem e um homem que até hoje a respeitou. Vejo agora que o que aconteceu ontem à noite, não significou para você o que significou para mim.

— E o que aconteceu ontem à noite, foi amor? — Não precisamos nos tocar, o calor do seu corpo me abraça, sinto-me a pior das pessoas, vejo sinceridade em cada palavra que ele falou. Burra e infantil: é isso o que sou. Tenho vontade de chorar, um imenso nó se faz na minha corda vocal.

Dou um passo à frente e meus braços aprisionam-na entre o batente e a porta do corredor. Quero que ela veja nos meus olhos que o que aconteceu ontem à noite foi importante, porém que a sua atitude, falta de confiança e insegurança acabou o que mal começou. Encurralada ela me encara com expectativa. Porra! O que mais quero é calar sua boca com um beijo, mas não posso fazer isso. Se faço isso boto tudo a perder e aceito o que esses anos tentei mostrar a ela com

atitudes. Ela nunca me viu com ninguém. Proposital? Não. Simplesmente não rolou, não aconteceu, por que lá dentro de mim eu sabia que no momento que a vi, que era ela a mulher da minha vida. Engraçado e irônico. Mas ainda assim verdadeiro. Simplesmente puro e verdadeiro. Não escolhemos quem vai preencher nosso coração. Simplesmente acontece. Nunca fui o romântico que ela desejou na sua cabeça, porém fui para ela. Só para ela, desde que a conheci. As desculpas de trabalhar incansavelmente e subterfúgios foram escapes para esperar o tempo certo de tê-la em meus braços, sofro e sofri com uma briga interna que só eu sei o que senti e passei.

— Talvez Bya o que aconteceu ontem não tenha mais tanta importância — digo derrotado.

Seu choro silencioso não quer demonstrar a sua fraqueza. Não gosto de vê-la sofrendo. Isso é o que menos desejei até hoje. Não fui um covarde por esse tempo, fui cauteloso. Sofremos separados, não sou nenhum insensível que não percebeu isso. Mas desta vez, diferente da última vez que preferi afastar-me para não confrontá-la, decido enfrentá-la.

— Bya, não sou seu ursinho de pelúcia, acredite, estou mais para lobo mau. Não sou seu pai, acho que você deve estar me confundindo como referência masculina, na sua vida. Fui destinado a cuidar de você, sim. Honrei o meu papel e pretendo honrar para o resto da vida. Não esperei desejá-la o quanto desejo. Mas chega Beatriz, não vou mais permitir que se prenda a mim. Quando não a permiti ir embora é porque queria que você ficasse e entendesse que tudo foi por você. Beatriz, descubra quem eu sou para você, não vamos mais viver o talvez.

Quem vira as costas para ela sou eu. Travo uma briga interna, minhas palavras duras a fazem sofrer, vi nos seus olhos marejados a insegurança, o medo e isso cortou meu coração. Minha autoflagelação fala mais alto.

Trancado no quarto, me destruo, me puno, meus pensamentos concluem, que para ela não acrescentarei nada, muito pelo contrário, só a magoarei e a envergonharei.

— Não foi falta de aviso. Você já sabe o que tem que fazer. Não sabe?

E, faço, faço sem remorso, faço porque é assim que sei ser. Punindo-me de quem sou.

CAPÍTULO 17 – Pedro Salvatore

Passei a noite como um cão desabrigado em noite fria. A exaustão e a imagem do seu rosto de decepção congelaram meu sangue fazendo-me sentir frio, por toda a noite que se estendeu em meio a pesadelos. Primeiro via crianças rindo das minhas manias, depois via a cara do homem que se titulava meu pai reprovando o meu jeito inocente de lidar com meus pensamentos. E para arruinar, entre eles, via a imagem da Bya olhando para mim com o semblante de pena. Não há nada no mundo mais doloroso que ver no rosto de uma mulher a decepção, quando se tem ainda nas mãos e na pele o perfume dela tão presente.

Ontem não foi fácil tomar qualquer tipo de atitude, muito pelo contrário, doeu na minha alma dizer para ela aquele talvez, enquanto minha vontade era no fundo dizer toda a verdade.

Acreditando que dormi no máximo duas horas, ouço portas baterem e seu caminhar a passos pesados pelo apartamento. Instantaneamente meu corpo levanta, olho para o relógio e vejo que ela está adiantada. Nunca falhei com seu café da manhã. Minha vontade é ir preparar algo para comer e certificar-me se vai comer alguma coisa, porém, minha razão me impede jogando meu corpo para trás, novamente para o colchão.

— Tenho que ser firme. Ela precisa caminhar por suas pernas e dar valor para quem sou e o que sou.

Os minutos vão se estendendo e não a ouço caminhar para cozinha. A bandida rouba meu sono e minha paciência. Porra, moleca, você não vai sair de casa sem comer! Ela consegue deixar-me preocupado. Sei que geralmente não come nada na universidade e menos ainda quando é contrariada com algo. Pulo da cama irritado.

Sua bolsa está em cima do sofá e ao lado seu molho de chaves caído. O pego rapidamente e coloco em cima da mesinha. Sei que é tihosa e não vai dar o braço a torcer para ir até a cozinha comer. Sendo assim o molho de chaves é uma boa desculpa para ir procurar por lá.

Enquanto a torradeira trabalha sozinha, agilizo o capuchino na Dolce Gusto. Meus pensamentos intrusivos fervilham, insistem que eu confira a torradeira a cada segundo. Tento distrair-me e me concentro no som que vem da sala.

No fundo sinto-me arteiro e sorrio com a minha estratégia, ela está na sala, pelos seus movimentos dá para perceber que está procurando as chaves.

Pensou que sairia sem comer? Pois, se enganou rebelde pupila. Com a natureza e com o destino não se brinca. Não sabemos o que pode acontecer quando saímos de casa. Os imprevistos podem acontecer e de estômago vazio as coisas só complicam. Então desmancha esse nó no esôfago e vem se alimentar.

Ela desiste de procurar e entra na cozinha. Continuo comendo e de canto de olho a vejo levantar o guardanapo na pia, procurar perto do microondas. Porra! O perfume dela é alguma droga ou produto afrodisíaco? Não é normal eu querer ser indiferente a ela e meu corpo responder todo excitado. Também pudera, de canto de olho só vejo a sua bunda empinada mexer para um lado e para o outro.

Acordou com preguiça de ser legal? Será que você não aprendeu que mau humor não tem nada a ver com bons modos? Ela não diz bom dia e eu muito menos.

— Droga! Onde essas chaves foram parar?

— É comigo que você está falando?

— Não.

— Que pena, pensei tê-las visto.

— Onde?

— O quê?

— As chaves.

— O que têm elas?

— Eu as perdi.

— Talvez de estômago cheio, você as encontre.

— Acordei sem fome.

— Então fiz bem.

— Você escondeu as chaves?

— Guardei.

— Por quê?

— Por que você às vezes é previsível demais e precisa comer. — Tenho vontade de colocá-la sentada e fazê-la comer.

— Onde estão?

Não respondo e meu silêncio a convence sentar. Pegando sua xícara na cafeteira, ela bebe em silêncio. De nada, espero estar na temperatura que a madame gosta. Quase sorrio de prazer em vê-la comer. Não estava com fome, né?

Levanto da mesa, bronqueado. Porra! Nada do que falei ontem adiantou. Mimada e birrenta é isso que ela é.

Se é muda que ela quer ficar é surdo que prefiro estar, jogo a chave na mesa e a deixo no seu desjejum.

Esses anos - ao seu lado - tenho vivido com os sentidos à flor da pele. Cuidar de uma mulher em formação e se sentir atraído por ela, nunca foi aceitável por mim. Foi realmente uma guerra de nervos.

Aceitar seus caprichos e birra foi um desafio para minha paciência. Sempre fui comedido e tolerante, poderia ter aplicado um corretivo por diversas vezes, porém, isso iria contra quem sou. Na minha ignorância de saber lidar com os fatos, preferi optar pela vida se encarregar de ensiná-la aprender com seus erros. Mas acho que me enganei.

A noite que vivemos foi um grande passo. Para mim nada mudou o que sinto, mas é preciso que ela tenha consciência de quem sou para ela. Porra! Será que ela nunca notou que praticamente vivo e respiro seu ar, desde que chegou à minha vida?

Talvez se as coisas tivessem acontecido de outra forma, eu teria até me aberto com ela ontem. Jura mesmo? Não sei responder isso. O que sei é que não me senti acolhido para dizer a verdade. Ela chegou armada, decidida, nada que eu dissesse agregaria na hora. Ela queria somente me enfrentar, medir forças onde não precisa se esforçar.

Ceguei e o desgosto fugaz falou por mim. Não aceito imposições. Acho que pela primeira vez eu a questionei com todas as objeções e preocupações que eu tinha para me entregar a essa paixão.

Não nego, que sinto que ela me ama, mas como é que ela me ama? Como homem? Como seu brinquedinho? Como uma figura masculina? O caralho que quero que ela me veja como um pai.

Quero que ela me deseje como homem, como seu macho e me ame como seu porto seguro.

Sei que tenho feito tudo contra o que meu coração manda, porém, agora não depende mais só de mim. Se ficarmos juntos novamente algum dia, ela vai ter que ter certeza, que não vai ser com seus caprichos que vai funcionar.

Torço para que encontre uma resposta para o que represento para ela e por esse motivo acho que o que fiquei pensando essa noite, é o certo a fazer. Afastar-me. Vou sofrer como um cão sarnento, abrir mão de saber onde está e com quem está não vai ser fácil. Mas ela precisa bater asas, viver independente. Acho que no fundo eu a sufoquei.

Prova disso foi o café da manhã. Ela só comeu porque deixei tudo preparado.

Se ela quiser ir embora, sofrerei muito. Mas dessa vez não vou impedi-la. Já é grandinha e saberá o que é melhor. Se preferir fugir ao ter que enfrentar de frente suas inseguranças, o problema será dela. Em minha opinião, não acredito que é desse jeito que descobrirá o que significa para ela. Se um casal não pode conviver junto para partilhar suas compatibilidade e incompatibilidade. Separados não descobrirão também. Não acho que é pela saudade que descobre certos sentimentos. Mas isso deixo para ela decidir. Chega de impor minha presença na sua vida. Se ficar será por ela.

Nublado como minha vida, olho para o céu e desisto de ir trabalhar com Stell Horse.

— Amigão, hoje você se livrou de um desabafo daqueles.

Ainda pela manhã decido exorcizar meus pensamentos e agradeço minha decisão de ligar para a Daniela, minha psicóloga e conseguir um encaixe. Depois da noite de ontem, sei que cheguei ao meu limite. Sinto até agora as marcas doloridas no meu corpo e na minha alma. Os pensamentos intrusivos estão a cada dia mais presentes. A saída que venho mantendo de impedi-los me autoflagelando não está certo.

Se é um novo tratamento que vai me tirar do sofrimento, estou pronto para enfrentá-lo.

Acho que nos primeiros minutos de consulta despejei tudo de uma só vez. A invasão dos meus pensamentos intrusivos, até a minha autoflagelação por causa dos sentimentos que a Bya me

desperta.

— Pedro, entendo que você está precisando muito de terapia. Porém uma coisa chama a outra e vai ter um momento em nossas sessões que vou precisar saber mais sobre a relação que você tem com a Beatriz.

— O que ela tem a ver com os meus transtornos?

— Ela é minha paciente também. E pelo que você me contou até agora, teoricamente, eu sei que ela não tem nada com isso. Porém precisarei saber mais sobre você e isso não descarta eu perguntar sobre seus sentimentos por ela. A não ser que vocês pensem em fazer uma terapia de casal?

— Não — respondi espontâneo.

— Nesse caso, acho interessante você procurar outro profissional. Tenho excelentes psicólogos para indicar a você. Não posso atender os dois. Você entende?

Maldição. Claro que entendo porra. Uma dor latente pressiona meus olhos. Não planejei isso.

— Não quero começar tudo novamente, não sei se tenho forças para falar tudo o que já passei para outra profissional.

— Pedro, você não precisa se abrir com um profissional se você não se sentir à vontade. Mas você não pode ficar sem fazer terapia. Prova que você precisa de terapia é não ter resolvido ainda dentro de você seus problemas com o passado. Como você imagina um futuro, se ainda sofre com o passado?

— Sou bem resolvido com ele.

— Então não tem o que temer.

Não a contestei, muito pelo contrário entendi perfeitamente o que ela quis dizer.

Remoo o dia todo, não quero falar com ninguém mais sobre tudo desde o início. Isso só vai acordar um passado que eu quero esquecer. Porra! Por que não procurei outra psicóloga quando ela precisou. Que pé no saco isso.

O dia não passa, as horas se estendem e eu fico pensando numa desculpa para ir até a sala da Bya e ver como ela está.

— Porra! É assim que você pensa em dar espaço para ela? Não, não é assim.

— Bruxinha! Desfaz esse feitiço enternecido que você tem sobre mim. Você acionou uma magia sobre mim que eu nem sei para que rumo seguir, a não ser querer tê-la em meus braços de novo.

A operadora de celular agradece, pois consigo preencher minha tarde ligando para todos os clientes, fornecedores, terceirizados e amigos.

Fuga? Sim. Fugi o dia todo para não ficar ocioso e procurá-la.

Sinto taquicardia por ter que passar por ela. Porra! Não é a distância física apenas que me tortura, é a hostilidade que ela me tratou hoje cada vez que levou algum recado para mim.

— Beatriz, estou saindo. Vou passar na obra do Armando.

— Ok.

— Depois vou para casa de um amigo. Acredito que às 21 já estou em casa. — Essa desculpa de amigo sabendo que vou para a médica que causou nossa discussão, azeda minha boca.

— Ok.

Que porra de tanto “ok”? Dirijo meu olhar para ela com a sobrancelha erguida e bingo, ela abaixa o olhar. Moleca, conheço-a o suficiente para saber que não é monossilábica.

— Até mais.

— Pedro? — Olho para ela já da porta. — Quando você chegar não estarei em casa. Marquei com uns amigos um trabalho para mais tarde.

Amigos? Trabalho? Abro a boca para perguntar onde e com quem, mas paro, prefiro morder a língua. Esta moleca fode os meus miolos, sem vaselina.

— Ok. — Puxo a porta e mais alto que o ranger da dobradiça, ouço-a bufando.

Beatriz Eva.

A magia da criação é quando a autora cresce com a personagem.

Nossa relação nunca mais foi a mesma.

A hostilidade sutil passou ser nossa principal conduta. Doravante a última discussão, passei a pensar em mim. Não sei se por obrigação ou pelo conselho que recebi das suas palavras.

O significado do “talvez” foi para mim o maior choque. Meleca! Foi duro ouvir aquele. Talvez. É fácil quando se tem algo afirmativo ou negativo na vida, mas um “talvez” é duro de digerir. Principalmente depois do meu corpo sentir o seu e ter a certeza que seu corpo se encaixava perfeitamente ao meu. Enquanto ele era apenas fantasia da minha cabeça, era tudo mais fácil, mas caramba. Nossa noite foi o melhor “tchoff tchoff” que um dia poderia imaginar ter com alguém.

O Pedro me mostrou que ele era o homem que realmente tinha me estragado para todos os outros. Infelizmente minha impulsividade levou tudo a perder com a realidade da felicidade que o destino estava me apresentando e assim veio tudo por terra, tudo aquilo que sempre estive nos meus olhos e o que não estivera.

Chorei por dias, evitei-o por outros, mas por um lado foi importante para mim. Sofrer por saudade de algo bom e conviver com um talvez me fez amadurecer e entender que o mundo não girava em torno do meu umbigo.

A menina apaixonada e obstinada deu lugar a uma mulher com amor próprio, um amor de dentro para fora. Inicialmente acreditei que era orgulho ferido, mas com o tempo fui entendendo que não se tratava de uma rejeição ou coisa parecida.

Vi-me sozinha depois daquele despertar. Por vezes fiz malas para partir e viver realmente

sozinha, para tentar conhecer-me melhor, porém, todas às vezes, fui impedida pelas lágrimas e conselhos da Cida, que fugir não era a melhor solução. A mulher sabe mexer no meu psicológico e não tem como não refletir a cada palavra dita por ela. Seus conselhos foram como mensagens criptografadas para as minhas decisões.

— Beatriz você está pensando em viajar?

— Não, Cida! Estou pensando ir embora.

— Embora da cidade ou para outro país?

— Não, estou pensando em primeiro lugar ficar longe de tudo isso aqui e seguir em frente.

— Seguir em frente, sem ao menos tentar?

— Tentar?

— Tentar viver seu amor pelo Sr. Pedro.

— Cida, já tentei de tudo, e acredite em mim: não existe amor quando só uma pessoa sente.

— O que faz você pensar que o Sr. Pedro não ama você?

— A forma como ele me trata. Para ele sempre serei sua responsabilidade, nada mais do que isso. E ainda para ajudar não sei lidar com o amor que sinto por ele.

— Larga esta mala e senta aqui. — Carinhosamente ela alisou o lençol, como forma de aconchego. Por minutos pensei ouvir um sermão. Inicialmente sentei temerosa, mas aos poucos suas mãos em cima da minha me mostraram que seu gesto seria mais do que um sermão.

— Vou falar com você de mulher para mulher, já que sou sua confidente e já ouvi de tudo o que fez até hoje. E pela primeira vez vou dizer que fez tudo errado. — Vejo nos seus olhos muito mais do que apenas uma amiga, vejo o carinho maternal. — Você deve estar se perguntando por que nunca falei nada, não é mesmo?

Acenei a cabeça afirmativa, limpando com o dedo a linha de lágrima que escorria pela minha face. Era tão bom sentir aquele carinho, que no fundo a nostalgia tomou conta de mim e vi-me deitando no seu colo, como se pudesse estar ouvindo da minha mãe aquelas palavras. Como desejei naquele momento poder lembrar-me de como eu era com minha mãe e não sentir-me tão oca por dentro.

— Beatriz, as coisas na vida não saem da forma que exatamente planejamos. Não é como a faculdade que você está fazendo que tem uma ideia, vai lá no papel e a executa como quer. Não! A vida não é assim. Não duvido dos sentimentos que você sente pelo Sr. Pedro. Vejo nos seus olhos o brilho do fogo da paixão e posso garantir que vejo no Pedro o mesmo brilho. Porém você tem que entender que no jogo do amor não se trata de impor os sentimentos. Não é como uma guerra onde sai ganhando os fortes que batem, e sim, ganha aquele que aguenta apanhar. Você entende?

Não consegui falar. Era tão bom tê-la alisando meu cabelo. Senti-me carente. Não sabia naquele momento quando tinha sido a última vez que recebera um carinho daquele, por isso optei a acenar o que ela estava querendo dizer.

— É assim que se consegue conquistar o respeito, a admiração. Ainda em uma guerra

quando uma das partes oponentes foge da batalha, essa parte jamais terá a certeza de algo quando ela decidiu apostar que seu oponente era mais forte.

— Será que esse não é o certo? Não existe aquele ditado que diz “mais vale um covarde vivo que um herói morto”?

— Você prefere ser covarde? No amor não existe um herói, minha menina. O amor não é como uma guerra. O amor é paz. Decida se prefere conquistar ou abandonar. Porém tenha em mente, que você precisa primeiro conhecer quem está aí dentro deste coraçãozinho. Só assim saberá se lutar valeu a pena. Mas para isso precisa passar a prestar mais atenção e não agir como um furacão. — Quietinha e acolhida, ela me deixou ali perdida no meio da avalanche de conselhos.

Aconteceram muitas mudanças não só em mim, mas nele também.

Ele me deixou livre. Não precisei mais dizer onde estava, ou com quem estava. No fundo até das cobranças senti falta, mas, com o tempo entendi que mesmo sem dar satisfações, ele sempre estava ali, esperando-me sem dizer nada.

Manicure e cabeleireira passaram fazer parte da minha agenda semanal. Não que antes eu não era vaidosa, muito pelo contrário, sempre fui vaidosa, porém passei a ter outras prioridades na minha rotina. Conheci amigas novas, pessoas fora do mundinho que construí. Aquele castelo de areia onde eu pensei que reinava, o vento foi levando com ele todas as partículas com cada entendimento.

Uma das amigas que fiz, acabei encontrando em uma supercoincidência, no aniversário de um ano da filha do Marco. Festa que imaginei que nunca conseguiria ir depois do dia de contratempos que tive. Finalmente cheguei à casa atrasadíssima, molhada, até os sapatos que faziam. Ploft. Ploft. Encontrei um Pedro aflito, como se o padrinho estivesse atrasado para o batizado da sua afilhada.

— Não era sem tempo. Você não atende celular. Onde estava? Quase fui embora e a deixei para trás. O que aconteceu com você?

Primeiro aconteceu tudo e se é para encher o meu saco de perguntas deveria ter ido embora. — Engoli a resposta a passos largos para não fazer poças por onde andava.

— Podemos falar sobre isso no carro? Ou você prefere que eu pare para responder? — Olho para ele sem paciência e sarcástica. — Se preferir, vamos nos atrasar, pois seu quiz é interminável. Quer que eu comece com as explicações?

Diacho de homem lindo. Olha mesmo para este corpinho molhado, só não olha muito, pois você vai ficar constrangido de ver como ele responde ao seu olhar fervoroso. Posso responder tomando banho também? Vai ser bem lúdico. Se quiser é só me seguir. Minha língua coçou para fazer este adendo.

— Vinte minutos Beatriz! É o tempo que você tem para ficar pronta.

— Vinte e cinco? Para não ter que concordar com você?

— Vinte e um e já estarei no carro dando partida.

Prontinha. Vinte e um minutos e trinta e dois segundos.

— Pedro?

— Estou saindo Beatriz.

— Só estou passando batom. — Grito enquanto puxo os últimos fios do coque emaranhado que fiz em tempo recorde.

— Dezesseis, quinze, catorze. Treze. Doze. — Os segundos que ele estava contando ficam lentos em seus lábios, assim que seus olhos fixam em mim. De repente a imagem dele me olhando na nossa única e verdadeira noite de amor vem à minha mente. Lembro-me de cada detalhe e minha pele formiga.

— Só estou passando batom. — Grito enquanto sinto saudade do seu toque.

— Vamos?

— Estou prontíssima! — Respondi com duplo sentido e ele entendeu.

Mulheres desequilibradas, por que eu tinha que ter estragado tudo? Ficamos ali, parados como um laboratório de química com nossos tubos de ensaio prontos para explodir perdidos e impedidos por nossas cabeças e com nossos corpos se desejando.

— Estamos atrasados — ele conseguiu falar. — Assim chegaremos e a festa terá acabado. — Cada palavra que proferiu veio aos meus ouvidos à mensagem que passava por sua cabeça.

— Desculpa o atraso — ele abriu a porta e eu o segui. No silêncio sabíamos que em nossas palavras não estávamos falando sobre meu atraso.

No carro consegui explicar minha saga do dia “dançando na chuva”. Resumidamente é claro. Não quis contar que meu carro atolou na saída de um condomínio de chácaras em Itapeverica da Serra, onde fui ver um terreno para comprar. Mas contei que fui rebocada e que no meio do temporal o caminhão do guincho também quebrou e ainda para ajudar, meu celular acabou a bateria. E o celular do socorrista também estava quebrado e que sabendo do meu atraso, andei por ruas para achar um táxi.

Ele fechou a cara e não me disse nada. E também não precisou. Se bem que enquanto eu narrava os acontecimentos ele riu de mim, mas quando falei do socorrista ele amarrou o bode. E, isso só porque eu disse que o homem era bem apessoado e bem apresentável e que ele se prontificou a me ajudar a procurar um táxi e que nós dois nos divertimos a cada poça de água que os carros espirravam em nós. Claro que essa parte foi uma mentirinha inocente, depois que vi que os dedos da sua mão seguravam o volante com força.

— Você não disse nada sobre a minha roupa, será que estou bem para o aniversário de um ano? — Tento quebrar o gelo assim que descemos do carro e caminhamos lado a lado pela calçada para entrar na portaria do prédio. Comprei este vestido longuete azul turquesa a semana passada junto com o louboutin na mesma cor. Na hora achei um pouco ousado, mas o Beggo estava comigo e disse que esse estilo arquiteta seria me fodia. Tinha excitado até ele. Na hora não pensei, comprei e agora estou insegura e me sentindo dentro de uma lata de sardinha entalada de tão justo que o vestido está.

— Quando saiu do quarto pensei que outra pessoa tinha ocupado o seu corpo. Gostei do visual. Caiu bem o vestido. — Linda ou gostosa é difícil você dizer né? Pensei comigo.

— Seu visual caiu bem também. — Chega ser eufemismo dizer que ele está bem. O homem está um espetáculo de bata branca e calça caqui. Estamos vestidos assim como somos, a água e o vinho, o hippie e a chique, o maduro e a imatura.

Assim que as portas do elevador se abriram, o som de crianças brincando e adultos falando, mostravam que a festa estava embalada. Os olhos do Pedro falando sobre a Vitória chegam a brilhar. Fui visitá-la no hospital duas vezes e em todas elas imaginei como ele seria como pai. O carinho que ele tem por ela é emocionante ver. Ela é cativante e no seu semblante mostra que é um ano que veio para iluminar a todos à sua volta.

O Marco vem nos recepcionar. O tema da festa é da Peppa, tudo é decorado em cor de rosa. Não tem muita gente. Festa para os mais íntimos, assim como o Pedro falou, quando retransmitiu o convite do Marco.

Não conheço ninguém, cumprimento o Marco e ele abraça o amigo como um irmão.

— Marcão, que saudades, cara!

— Pedro, meu irmão, já estava pensando que o padrinho da minha filha havia confundido as datas.

— Que nada! Demorei porque tive que esperar a Bya.

— Bya? Progresso, meu amigo! Até onde eu me lembro era "pirralha mimada"!

— Não enche, Marcão! Falei Bya só porque a menina parece que cresceu um pouco e está menos mimada.

— Cresceu? Eu nem percebi. — Provoco-o.

— Ela não é para seu bico! Pelo que sei, está prestes a casar.

— Possessivo o moço, hein?

— Vai ficar provocando-me ou vai dar esta menina linda para mim, para eu enchê-la de beijos?

— Se a Bya não vai ficar com ciúmes, ela é toda sua.

Eles falam baixo em seus cumprimentos, mas meu ouvido biônico ouve tudo. Por segundos desfaleço, perco o sentido onde estou e afasto-me sentida, ao invés de me juntar a eles e dar um beijo na aniversariante.

A verdade é que a sensação é claustrofóbica. Ando de um lado a outro, desorientada, procurando um recinto para sair do campo de visão deles. Encosto atrás da decoração da mesa. Respiro fundo. Se fosse meses atrás eu seria capaz de pegar todo este feno que decora a festa, próxima da mesa, e enfiar goela abaixo no Pedro. PIRRALHA MIMADA!

— Beatriz? — Sinto uma mão suave no meu braço.

— Bárbara? O que você está fazendo aqui?

— Sou noiva do Marco.

— Noiva do Marco?

Ela me olha espantada.

— Até onde sei, ainda sou. E você com quem está aqui?

Queria dizer com meu noivo também e ter o brilho de felicidade nos olhos como os dela, no lugar das lágrimas que queimam minha glândula lacrimal, insistindo sair. Respiro fundo. Gente que grande coincidência. A Bárbara que o Pedro me contou que o Marco estava namorando é minha amiga de salão. E ainda por cima uma grande confidente de toda a confusão que é meu relacionamento com o Pedro.

— Estou com o Pedro.

— Pedro? O mesmo Pedro que eu conheço é o mesmo que você fala?

Aceno a cabeça afirmativa.

— Menina do céu, que mundo pequeno! Quase morri esses dias e não ficava sabendo.

— Quase morreu?

— Longa história, mas já estou bem.

— Estranhei mesmo o seu sumiço. — Ela faz um resumo dos acontecimentos e eu fico assustada. Meu Deus, ela sofreu um atentado e não sabe por que originou tudo isso. E, eu achando que tenho problema e ela com um problema enorme. Como pode alguém tentar matar uma pessoa tão meiga e simpática.

— Conte-me tudo. Como anda você e o Pedro? — Ela muda de assunto, melancólica, e eu não pergunto mais nada.

— Não estamos — dou de ombros. — E nem sei mais se estaremos um dia.

— Precisamos marcar um café, o que acha?

— Ótima ideia! — Dou um passo e piso em algo fofo que faz um grunhido “róic róic”. Assustada, viro-me e dou de cara com uma personagem vestida como animação de festa.

— Róic. Róic. Para você também.

Uma olha para a outra e cai na risada.

— Bem vinda à festa da Vitória.

— Posso me juntar às mulheres mais lindas da festa e sorrir junto? — Marco abraça a Babby por trás e uma pontinha de inveja branca reluz dentro de mim. É adorável ver os dois juntos. Parecem tão felizes.

— Marco, amor, você não vai acreditar? Eu conheço a Beatriz do SPA que frequentamos, e acabamos ficando amigas lá. Ela achou estranho meu sumiço, mas, não sabia meu telefone. Veja que mundo pequeno. Eu conhecia a história da Beatriz e do Pedro e nunca liguei os fatos.

Se tivesse um buraco enterraria minha cabeça, pois o Marco olhou com interesse a história que a Babby contou.

Olho para o Pedro e vejo que o homem está branco. Não entendo a sua surpresa, será que ele tem medo que sou como ele? Que saio pelos quatro cantos dizendo o quanto ele é um velho rabugento?

— Confidentes de SPA, então? — Marco pergunta, olhando para o Pedro com tom sarcástico.

— Mais ou menos, né, Bya?

— Verdade, Babby. Nessas horas de espera, em um salão, rolam todos os assuntos.

O Pedro não tirou o olho de mim, claro que totalmente questionador, e eu por outro lado, fiz-me que estou nem aí, para as suas dúvidas.

Logo depois, um verdadeiro clube da Luluzinha se formou, envolvendo primas do Marco, a Babby e sua espevitada amiga Patrícia. Enquanto os homens formaram o clube de bigodes, posso dizer que o mais belo clube, um mais lindo que o outro. Que família linda o Marco tem! A Bárbara avisou a todos que era o momento da retrospectiva e de cantar os parabéns, pois a Vitória já começava a apresentar sinais de cansaço.

Não sei muito sobre a patologia da Vitória. A única coisa que sei, por cima, é tudo o que o Pedro já me falou sobre anencefalia. E como é que ela desafia a medicina, provando que sua garra em viver é um verdadeiro milagre. De longe admirei a Babby tão apaixonada pelo Marco e pela filha dele. Eles parecem que se completam e sabem a fórmula certa para viver felizes debaixo do mesmo teto.

Prestei atenção em cada foto apresentada da Vitória e quanto amor tinha à sua volta. Acho que para todos os convidados emocionados, ali se tinha uma lição. Que na vida não precisamos dizer que amamos alguém, o que precisamos é estar ali e fazer parte da vida desse alguém.

CAPÍTULO 18 – Beatriz Eva

As noites foram diferentes dos dias. Enquanto durante o dia eu me fortalecia a entender e compreendê-lo, nas malditas noites eu chorava de saudades dele. Os lençóis eram como bálsamo acolhedor que se enrolavam na minha pele fria sentindo falta do seu corpo quente ao meu. Como é que uma única noite de amor poderia marcar todas as outras noites. Meu corpo clamou por seu corpo como um dependente químico com dificuldade de aturar a abstinência.

Não foi fácil exorcizar o Pazuzu sexual impulsivo dentro de mim, diferente da Regan Mac Neil do filme que teve ajuda de algumas pessoas. Encontrei na corrida no Parque Ibirapuera o meio mais fácil de exorcizar a impulsividade lasciva. Se queria fazer algo impensado quando estávamos sozinhos em casa, eu me controlava e ia junto com meus palavrões e obscenidades, correr para extravasar todo o tesão recolhido. Os gregos, Apolo e Hércules, se sentiram honrados pela minha determinação e comprometimento com o esporte.

Os cremes que antes faziam parte apenas do meu nécessaire, passaram a fazer parte do uso diário no meu corpo. Detalhe bobo, mas que passou a ser inspirador para mim. A cada vez que me vejo na frente do espelho espalhando o hidratante pelos poros do meu corpo, sinto-me poderosa! É como se meu crescimento e meu autoconhecimento precisasse disso, como um alimento para minha Beatriz interior, capaz de enxergar algo bonito em mim, inusitado que não tinha visto antes. O meu amor próprio.

E esse amor tem me provado dia após dia que é o amor mais simples e verdadeiro. Que na sua inocência sem querer é capaz de despertar a cobiça e admiração do homem a quem amo sem me impor.

Lembro-me como se fosse hoje, a forma como o Pedro me olhou um dia que, sem querer, deixei a porta aberta do quarto.

Juro! Fui inocente, aconteceu sem querer.

Ok.

Confesso que foi sem querer somente até perceber que estava sendo observada. Senti um calor subir do meu ventre para o coração e deparei no espelho o reflexo dele me observando quase nua espalhar por meu corpo o creme. Atônita, fiquei surpresa e feliz, sentindo-me um observatório para um astrônomo.

Isso Pedro, pode olhar e veja o que toda a sua hostilidade comigo está fazendo você perder. Assim pensei naquele momento e me arrepio só de lembrar como foi erótico sem ter nos tocado.

— Desculpa — totalmente desconcertado e sem jeito não conseguia falar sem olhar o meu corpo. — Vi. A. Porta. Aberta.

— Viu? — Altiva, não parei que estava fazendo cuidando e estimulando minha pele facilmente deslizando os dedos sobre ela.

— Vi. — Acompanhá-lo dos seus olhos em meus movimentos naquele momento provaram vividamente que ele recordava sentir minha pele sob suas mãos, prova disso foi o esbranquiçado

no nó dos seus dedos mostrando a força que ele estava fazendo com as mãos fechadas em punho ao lado do seu corpo.

— E o que você precisa? — Minha voz saiu enfraquecida.

— Trouxe as correspondências que chegaram para você. — Ele as estende para mim e vejo a comprovação que o afeto tanto quanto ele me afeta.

— Um pouco amassadas estas correspondências, né? — Tremi e insuflei todo oxigênio do ar, queria parecer indiferente e continuar hipnotizando-o.

— Deve ter amassado — ele deu de ombros. Foram mesmo, muito amarrotadas por sua mão, isso sim. A palavra “talvez” veio à minha mente como um pisca alerta, assim como seu movimentar de ombros como indiferença e nesse momento meu amor próprio falou mais alto. Não queria o seu desejo por mim apenas despertado pela luxúria, precisava de mais. Precisava do seu amor, assim como ar que respirava e não era com mais uma noite de amor que eu conseguiria isso e sim buscando o meu amadurecimento e provando a ele que para mim não aceitaria menos que o SIM.

— Pode deixar na minha cômoda. Olho todas elas quando terminar de me hidratar — puxei a toalha que estava em cima da cama e me cobri.

Sorri para ele fazendo carão de mulher de gelo e ele retribuiu desgostoso, frustrado com a minha atitude. Mal sabia ele que dentro de mim escondia um vulcão em erupção e que se ele ousasse me tocar entre as minhas pernas minhas lavas o derreteriam.

— Suas contas já separei e as deixei junto com as do escritório.

— Obrigada.

Ele saiu do quarto desconcertado e eu desacreditada que fui capaz de praticamente expulsá-lo.

A Maria Moleque que, subia nas lajes sem enxergar o perigo e não ouvia os avisos de advertência do Pedro, que habitava meu corpo, deu lugar para a Lady Circumspecta depois de um pequeno acidente. Mais uma lição aprendida.

Em visita a uma obra, fascinada pelo verde ao redor, e feliz por ser um dos projetos paisagísticos mais prazerosos que realizaria, não medi esforços na tentativa de subir na laje recém construída. Sem dar a devida atenção ao perigo iminente da escada de madeira precária construída pelos pedreiros, só dei por mim quando ouvi a bronca que o Pedro deu no mestre de obras, enquanto, preocupado, acolhia-me em seus braços. Por ironia do destino ou do acaso a madeira que sustentava se despregou, quando eu estava no quinto degrau e. Tim. Bum. Meu herói me salvou.

Com o coração acelerado, os olhos arregalados e as veias do pescoço dilatadas. Assustada, consegui vislumbrar o estado emocional do Pedro, que desviou a mira laser do Mineiro diretamente para mim.

— Por que você nunca me escuta? Por que na sua cabeça só entra o que convêm? Quantas vezes mais terei que avisar que não é por ser mulher que não existem perigos? Porra! Sua impulsividade e falta de atenção é o maior perigo.

Tudo que ele fala faz sentido, se ele me botasse prostrada no seu colo e me desse umas boas palmadas por minha negligência, doeria menos que ver seu estado emocional abalado e decepcionado comigo.

— Você se machucou? — Preocupado senti me apertar nos seus braços e como apertou. Com os olhos escondidos não consegui encará-lo, envergonhada. Não importou o tempo que fiquei ali, nos seus braços. O que importou foi a minha conscientização que meu descaso ao perigo poderia ter sido fatal e esse acontecimento do choque, mais uma vez me ajudou a entender pela dor que até minha vida profissional precisava de amadurecimento.

Naquele dia guardei o choro dentro da caixinha da humildade e não tirei a razão dele.

— Está tudo bem. Você tem razão: fui muito estúpida.

— Não faz mais isso, por favor? Tenha cuidado Beatriz! — Na profundidade da sua íris vejo um pouco da sua alma cuidadosa, protetora e nelas vejo que existem traços de um passado.

Assim tornei-me prudente como uma lição didática explicada na prática. Hoje vejo seus olhos de admiração quando visitamos as obras. A primeira coisa que faço é esquecer que vou ficar esquisita e não deixo de usar os equipamentos de segurança e certificar-me de ver onde posso pisar ou subir.

Continuo sonhando em estar em seus braços, mas, não mais na utopia de estar neles do meu jeito a qualquer custo ou por sustos. Apreendi a olhar de verdade para ele. Continuo sonhando. Só que agora, com os pés no chão, curiosa e obstinada a conhecer mais o homem que nasci para amar. Agora sei que nos traços do seu olhar marcante, existem marcas de um passado e uma batalha presente.

A perfeição que via antes, não deixou de existir, porém suas manias e tiques é algo que ainda não entendo por que existem, mas, que é um ponto chave para a minha perseverança desvendar com muita delicadeza no momento certo.

Sei que não virei nenhuma santa com esse pequeno amadurecimento. Ainda incomoda-me muito não saber aonde ele vai, em alguns horários riscados na sua agenda. Tem horas que tenho vontade de rodar a baiana, dar uma de curica investigativa e quebrar todas as suas canetas, só para ele ter que me pedir para riscar seus horários e eu ter brecha de perguntar qual o motivo. Porém controlo-me. Com muita dificuldade, não minto. Mordo o dedo, a língua e até mesmo grito quando estou sozinha, mas me controlo. Por que esse bichinho da insegurança não vai procurar outra pessoa para atormentar. Tem que ser justo eu?

Se falar que nesse tempo tenho ficado em casa amargurando a solidão, enquanto nos finais de semana ele também sai para se aventurar pelas estradas como James Dean, estarei mentindo. Saio mesmo, divirto-me muito, meus amigos às vezes acabam enchendo-me com tantas frases repetidas que já disse para eles que virou bordões de Elaine e Beggo.

— “Está vendo aquele cara?”

— “Acorda Bya.”

— “O Ruhm. Ruhm. Viajou novamente?” — Assim o Beggo se referia a ele, com o som do motor da moto.

— “Sai da garupa Bya.”

Eles não entendem que não estou procurando ninguém e nem que sou obcecada por ele, só não sinto vontade de estar com outra pessoa. Simples assim. Se aparecer alguém um dia que desperte minha atenção, serei a primeira a regar-me dela, só que ainda não rolou. Gosto de dançar, rir, ver pessoas, mas não tenho vontade de ficar flertando com todos à minha volta. Se eles pensam diferentes - eu aceito -, só queria que me respeitassem igual.

Se o Pedro tem seus rabos de saia, deixa tudo muito camuflado. Durante a semana, ele praticamente está todas as noites em casa, fora os dias que está na academia, mas que chega logo. Não são todos os finais de semana que ele viaja. Até hoje não sei quem era a voz de pepino em conserva, porém descobri que não eram Izabeis, surfistas siliconadas, Giseles ou qualquer outra mulher que me ameaçava a não tê-lo ao meu lado. A única ameaça de não tê-lo ao meu lado sou eu mesma. Com toda a minha falta de experiência e atitudes insanas.

Entender tudo isso não está sendo fácil: diversas lágrimas já foram derramadas. Vivo cada momento da saudade do seu toque e em um dia desses de carência, depois de passarmos o dia inteiro juntos visitando obras, onde praticamente ele me derreteu o período todo me secando com os olhos a cada movimento, não resisti. Poxa, a carne é fraca e caí na tentação de me reaproximar da forma errada, mas que acabou dando certo.

Ele me deixou em casa depois do expediente, cronometrei o horário certo, sabia que estava na academia e das nove não passava de chegar. Preparei meu kit sedução confiante na minha cartada e programei o canal de filme erótico. Tudo estava correndo dentro dos meus planos.

O trinco anunciou sua chegada, fechei os olhos fingindo cochilar, na posição deitada. Possua-me sem pensar no amanhã. O mini short cavava meus lábios partindo-os ao meio, a regata folgada branca de alças finas, me davam a liberdade certa que meus seios precisavam para provocá-lo. Os alto-falantes ressoaram junto de uma música sedutora, os gemidos proferidos pela atriz no exato momento, alto em bom som. O universo conspirando certinho.

— Beatriz? — Assustei com o som da sua voz. — O que está acontecendo aqui?

Não levantei, se ele tinha se assustado com os gemidos da atriz, se assustaria mais quando me visse.

— Não precisa gritar mais do que a atriz, Pedrão, a Bya deve ter pegado no sono.

O quê? Meleca. Meleca. Meleca. A voz era do Marco?

Dei três piscadas para ver o Pedro desesperado procurando o controle remoto pelo cômodo. Ele estava embaixo do meu corpo, não me mexia, não sabia o que fazer. Se eu levantasse do sofá o Marco iria me ver como uma dançarina de funk erótica.

Acho que o Marco ficou desconfiado por minha falta de resposta e deu uma desculpa para o Pedro que tinha esquecido o celular no carro. O ar preso nos meus pulmões se liberou da minha asfixia forçada pela vergonha até de respirar.

— Beatriz Eva. Porra! Cadê este controle? Pode abrir os olhos que sei que está acordada.

Grosso, ogro e insensível — xinguei-o mentalmente! Se ele estava achando que podia gritar

desse jeito depois de todo o meu esforço, ele ia ter uma prévia do que tinha perdido.

— Que gritaria é esta? — Espreguicei-me esticando todo o corpo, dobrando a perna direita próximo do meu quadril.

— Cadê o controle Beatriz? — De canto de olho, senti seu olhar.

— Está aqui.

— Aqui aonde? — Consegui sua total atenção e agradeci a decisão do figurino. Cachorra.

— Aqui sob os meus quadris — curvei a anca do sofá, suspendendo meu ventre, deixando minha intimidade partida à mostra para ele.

— Muda de canal ou desliga esta TV — ele viu o controle, mas não se mexeu para pegar.
— Você ficou louca? Estamos com visita.

— Não vejo ninguém. Quem está aqui? — Fiz-me de boba.

— O Marco. Ele foi até o carro pegar o celular que esqueceu.

— Então deixa ver mais um pouquinho, parece tão excitante este filme.

— Desliga esta porra Beatriz Eva, ou não respondo por mim.

— Adoraria ver isso — desafio-o. — O filme parece muito baunilha como dizem nos livros, acho que uma cena protagonizada por nós, com você aquecendo meu prazer com belas palmadas não seria nada mal. Você já ouviu falar nisso Pedro? Palmadas no bumbum centralizam grandes fluxos de sangue na região íntima das mulheres causando a elas uma grande sensibilidade.

— Onde ouviu isso?

— Não ouvi. Isso se chama improviso meu querido, não foi isso que você me ensinou na nossa primeira e única vez?

— Se der palmadas em você não acredito que ficará sensível, pois serão tão merecidas que ficará sem se sentar por uma semana. Agora chega de brincadeira e desliga isso.

— Desliga você. — 70 polegadas da TV são tomadas por uma posição conhecida e marcante, lembrei-me do seu delicioso churro! — Tão familiar! — Suspirei. — Que bela espanhola! — Acrescentei assoviando. De costas para a tela, precisava que ele pelo menos visse a cena, já que nem os gemidos escandalosos da atriz chamavam a sua atenção. Ok. Deveria ter agradecido por isso, pois ele estava centrado na minha intimidade, mas como não tínhamos tempo para um joguinho de sedução, deslizei minha mão pelo ventre fazendo um pequeno show e puxei o controle raspando por toda a minha intimidade lentamente até chegar aos meus seios duros e rijos, necessitados do seu toque.

Ele pegou o controle da minha mão e posso apostar que vi seu mindinho esticado propositalmente me tocar.

Rapidamente virou para TV e ficou parado olhando para a tela, levantei rapidinho. Tinha certeza que ele estava lembrando-se de algo familiar tanto quanto eu.

— Não vai desligar a TV Pedro? Aaaacho que ouvi o elevadoodor chegaaaar ao nosso

andaaaar. — Baixinho sussurrei sensualmente próximo do seu ouvido dando ênfase nas palavras e me distanciei perdida como uma barata tonta sem rumo certo a seguir, apagando as velas do ambiente.

— Você premeditou tudo isso Beatriz?

Não idiota. As velas aromáticas acesas eram para espantar mal olhado. E a champanhe no balde de gelo era para eu brindar com Exu pela minha idiotice, de achar que este cenário todo poderia ser um bom plano para seduzi-lo.

— Talvez. — Engole essa.

— Desde quando começou a se interessar por filmes desta natureza? — Ele perguntou de súbito.

Desde que você me fez mulher e passei a ter que usar meus dedinhos brilhantes para matar a saudade de você.

— Que natureza? Erótico?

— Este é o nome que você dá para filme pornô? — Arrepio-me, é puramente indecente e lascivo ouvi-lo proferir pornô.

— O nome que eles levam não influencia. — Dei de ombros. — Respondendo sua pergunta. Assistio para alimentar as minhas fantasias e resolver meu problema, sozinha! Se é que você me entende? — Pisquei para ele.

— Então tem assistido muito? — Supliquei compaixão fechando a perna para comprimir a minha pepeca, que quase inundou a sala por ouvir aquele homem viril e falando rouco, cheio de más intenções. Olha meu estado. Senti formigar até o jardim do éden, lugar enrugado que eu achava que deveria sair às coisas, mas que estava louquinho para receber sua serpente.

— Vezes imensuráveis — mordi os lábios, encarando sua ereção evidente. — Eles são muito educativos. — Sua cara de espanto foi impagável.

— E. Resolvem seus problemas?

— Muito. Claro que não é como se fosse alguém resolvendo por mim, mas meus dedos são disciplinados e estão se esforçando muito para me ajudar. — Abertamente ele ajeitou sua ereção na calça. — E você Pedro, costuma se tocar? — Comemorei meu atrevimento.

— Atrapalho?

Atrapalhou muito Marco, mas o desculpei, pois seu amigo estava com uma ereção enorme dentro da cueca e desejei para ele uma dor enorme no saco para deixar de ser tão gostoso.

— Entra Marco, desculpa pela cena que presenciou há pouco — envergonhada desculpei-me. — Não costumo assistir filmes desta natureza — encarei o Pedro. — O filme estava tão morno que adormeci, acho que acidentalmente acabei me mexendo no sofá e esbarrei no controle.

— Isso acontece Bya. Às vezes o filme é tão morno que adormecemos. Principalmente quando são filmes velhos que não aguentam nosso desejo de assistir algo mais ativo.

Bingo o Marco foi certo.

— Fiquem à vontade, vou tomar um banho e dormir. O dia hoje foi muito quente, acho que minha pressão caiu.

— Se for por mim, pode voltar a assistir seu filme, só subi para me despedir. Recebi uma ligação e vou ter que sair.

O Pedro me fuzilou com os olhos. No fundo ele estava se mordendo por me ver vestida daquele jeito. O Marco pouco olhou na minha direção, ele foi discreto e eu agradei os deuses, não que eu não tenha abaixado um pouco o cós do short para deixar de ficar tão sexy, mas o danado é curto que mal cobria minhas partes íntimas.

— Não é por você Marco, eu realmente preciso de uma ducha e descansar. Manda cheiros intermináveis a pequena Vitória.

— Obrigado, Bya.

Deixei a sala e não me despedi do Pedro.

Que merda! Gostava muito do Marco, mas nesta noite ele pisou na bola, foi um baita empata foda, mas ganhou pontos comigo provocando o Pedro.

A ducha me acalmou por minutos, até ouvir a porta do banheiro se estralar na parede.

— Pedro? — Surpreendida, vi seu vulto pelo box embaçado.

— Supôs que eu não gostaria de partilhar da sua noite erótica Beatriz? Desperdiçar champanhe seria um insulto.

— Veio até aqui para me dizer isso? — Maliciosa, faço a dancinha do acasalamento sem ele perceber.

— Não, eu vim aqui para brindar por sua ousadia. — Viva a champanhe.

— Não podia esperar eu terminar o banho?

— Esperar por que Beatriz?

— Porque estou nua.

— Incomoda eu ver você sem centímetros de tecido? Não acho que isso deve ser algo que incomode, uma vez que é tão exibicionista e ficou seminua na frente do Marco.

— Ficou com ciúme, Pedro?

— Não. Só não gostei de ver a sua exposição. Agora abre a porta do box e me mostra, Beatriz, o quanto você se inspira com os filmes. Fiquei curioso.

Com as mãos ensaboadas, levo o sabonete aos seios que aliviam a dor quando os massageio. Seus olhos não piscam, ele morde a ponta da taça. Juro que minha “pepeca” tem um tremelique, impetuoso me acaricia com os olhos. Ele é malditamente lindo. Seus ombros largos mexem com minha libido. Sua expressão dura e ao mesmo tempo marcante faz cócegas no meu ventre.

— Sabe Pedro, as atrizes quando encenam nos filmes, seus expectadores ficam encantados com suas performances, porém eles não imaginam como é delicioso quando uma mulher sente o homem fazer isso — contorno com o dedo os bicos empinados e doloridos.

— Realmente é bem excitante. E quando elas imaginam a boca do seu expectador no seu seio, o que elas sentem?

— Acho que elas adoram — calço meus seios com as mãos e ofereço intencionalmente para ele.

— Você está oferecendo-me seus seios Beatriz? Ainda tenho um show inteiro pela frente para assistir antes de participar desse filme. Hoje o filme é seu.

— Acho que você também anda assistindo muito filme. Como é o nome que você falou? Lembrei-me. PorNÔ! — Faço bico deixando a água escorrer pelo meu rosto.

— Esta boca de chupar rola me excita, Beatriz. Um brinde à ela.

— Assim você me anima a ser contemplada com vários brindes.

— Aposto que serão todos merecedores. O que acha de mostrar a este espectador curioso, a parte que aquele short tarado estava rachando?

Dorme com esta, Pedro.

— Muito tarado mesmo, ele chegou a me partir. — Desinibida, me abro para ele e deslizo um dedo dentro de mim. Repito o movimento para dentro e para fora, circulo meu clitóris e introduzo o dedo novamente.

Sedento, ele vira a garrafa na boca e põe a taça na pia. Meu coração dispara, ele tira a camisa numa puxada, estourando os botões. Vem meu homem das cavernas. Vem fazer Uga. Uga. Em mim. Com uma mão ele abre a cinta da calça, puxa a fivela até que toda a cinta escape da calça. Atenta olho todos os seus movimentos e me toco como nunca. Dedinhos brilhantes. É muito melhor vivenciar um filme do que assistir. Malabarista ele segura a garrafa e o cinto com a mão e com a outra ele abre o botão da calça, descendo o zíper lentamente.

Desce a calça, por favor. Põe para fora o gigante. Ele ouve minhas preces e como veio ao mundo, fica nu.

Uau! Não sabia que ele era canhoto. Sua mão trabalha toda a sua extensão ereta.

— Veja Beatriz, na ponta do meu pau, o quanto a porra mal cabe dentro de mim, assistindo este filme indecente.

— Sinto-me honrada por isso. Também faço muito gosto de ver o seu prazer.

— Você queria emoção, Beatriz? O que foi mesmo que você me disse? Refresca a minha memória.

Nem fodendo que repito. Sei muito bem que ele está com o cinto na mão.

— Eu disse que adoraria protagonizar um filme com você.

— Está com medo Beatriz, não quer mais comprovar as teorias das suas leituras? — Ele para

de se masturbar e pega com a mão o cinto, chicoteando o ar. Meu corpo chega a estremecer, credo em cruz, que não gosto de dor, faço cara de pavor e ele ri sarcasticamente. — Esta sinopse mencionava um sexo mais ardente.

— Eu não mencionei cinto. Eu disse palmadas.

— Acredite em mim, o efeito no final é o mesmo. Todo o sangue que você mencionou se convergirão para o mesmo lugar.

Uma grande linguaruda, eu sou. Sôfrega, esfreguei meus dedos na minha intimidade tentando distraí-lo. Isso Pedro calminho, esquece este pedaço de couro e foca na minha “pepeca”.

— Bela atriz você está me saindo. Estou adorando ver como seus dedos fodem você gostoso. Eu quero o seu dedo. — Ele não pediu, ele exigiu, reivindicou estendendo a mão, puxando meu braço e levou meu dedo à boca.

— Deliciosa! — Satisfeito com meu suspiro lascivo, ele mordeu com força, fazendo meu corpo ficar quase fora do box. Ai, isso doeu. — Você deveria selecionar melhor os seus espectadores. — Ele aliviou chupando meu dedo que latejava. — Brindamos à sua ousadia Beatriz e batizamos o nome deste filme. “Gostosa e Ordinária!” — O gargalo da garrafa virou entre a minha boca e a dele, escorrendo pelo meu corpo o líquido borbulhante. — Este é o melhor recipiente para se beber o melhor dos champanhes. — Sua língua toma tudo, não deixa uma gota por nenhum lugar onde a bebida escorreu.

— Pedro!

— Pedro? Contrata-me Beatriz, convida-me para protagonizar este filme com você. — Agachado na frente das minhas pernas o cinto não está mais na sua mão e nem a garrafa. A única coisa que vejo são seus dedos abrindo a minha fenda e sua língua lisa e cumprida lambendo o início da minha vulva. Que saudade eu senti desta língua. Este homem é um lagarto. Tateando a mão ao lado ele puxou do bolso da calça caída um saquinho laminado.

Pretensioso. Se soubesse que tinha uma camisinha no bolso da sua calça, eu tinha feito mais charme, para deixar de ser tão dono de si.

Até parece que eu faria charme.

Meu corpo queimava como brasa.

Virei meu corpo para a parede de ladrilhos abrindo bem as mãos, assim como minhas pernas e deixei a água escorrer pelas costas e quadris.

— Por favor, Pedro! Termina o roteiro deste filme.

— Eu disse a você Beatriz, que sou quase um selvagem. — Posicionando a ponta do seu membro na minha abertura ele me invadiu, uma lágrima escorreu pela minha face pela dor de acomodá-lo dentro de mim e de felicidade. Shlap. Shlap. Suas mãos estralaram nas minhas nádegas, segurando-as e ditando o seu ritmo perfeito, lento em momentos e rápido voluptuoso em outros tudo em um ritmo incessante.

— Ah. Pedro você vai me partir! — Eu grito feliz e realizada com o selvagem dentro de mim.

Ele desacelera e meu corpo reclama, alucinado pelo seu ritmo.

— Partir vai a cabeça do meu pau, que está doida para explodir dentro de você. Sinta Beatriz. O roteiro do filme, já que você não pode ver como é lindo meu pau invadindo você. — Coloco a cabeça de lado e vejo-o inclinado com o tronco para trás mordendo o lábio olhando-me invadir. — Sinta como a cabeça dele entra em você sem pedir licença.

— Este roteiro não está sendo justo — reclamei querendo também vê-lo me invadir.

— Shh! — Provocando-me, ele sussurra. — Esqueci de dizer que no meu roteiro, ele é cinema mudo.

Eu tento falar e ele estrala as mãos abertas nas minhas nádegas. Mordo o lábio para não mandá-lo bater “na mãe que caiu da ponte” e ele lê meus pensamentos e aperta meus cabelos.

— Esta próxima cena Beatriz, vai ser uma sequência de palmadas, assim como você descreveu na sinopse. — Sua mão aperta mais meu cabelo molhado que escorre a água por seus dedos, tento dizer que não estava escrito isso na minha sinopse, mas ele me impede.

— Quietinha, senão vou bater duro e forte para marcar meus dedos na sua anca. — Ele estrala a mão mais uma vez, só que dessa vez apertando os dedos nas minhas nádegas.

Muito melhor que a sinopse, pensei comigo. Ele não foi cruel, seus tapas foram ardidados, mas, ainda assim excitantes. O que podia querer mais naquele momento, do que aquele homem enorme me invadindo, segurando meu cabelo com força e ainda me açoitando com suas mãos deliciosamente e ainda por cima sussurrando palavras sujas no meu ouvido.

Ensandecido, prensou-me no azulejo gelado. Para mim foi mais que um cinema mudo, cinema surdo ou cego, definitivamente foi o melhor filme que imaginei estrelar.

— Isso, minha atriz gostosa e pornográfica! Mexe esta anca e engole meu pau inteirinho. — Se era possível não sei, mas o som estridente do meu gemido saiu como uma atriz pornô como ele descreveu. Senti todas as paredes da minha intimidade comprimir, porém ele foi rápido e me torturou, tirando sua extensão inteira de mim.

— Se vai gozar, Beatriz, vai gozar olhando nos meus olhos, mostrando a mim quem é dono do seu orgasmo. — Girando meu corpo em 180 graus ele me pôs em seu colo com a mesma euforia colada na parede, sustentando minhas pernas em seu quadril.

— A quem pertence o seu orgasmo, Beatriz?

— A você Don Vito Andolini Corleone! — Disse entre os dentes, sendo torturada e enfezada por ele prolongar meu orgasmo que estava por um fio.

— Péssima comparação. Se for tanto o orgasmo que quer Beatriz, a citação dos maiores gangsteres impetuosos, vai prolongar mais ainda a chegada dele. — Levantando meu corpo até chegar os meus seios à sua boca, ele me esvazia por baixo e preenche sua boca tomando cada seio em seus lábios, que chupam, mordiscam e lambem.

— Não mude a história. Ele também recompensava quem o agradava. E, você está sendo pior do que ele e está me levando à loucura.

— Bem lembrado. — Ele sorriu com as covinhas debochadas e levou-me ao delírio enterrando sua ereção inteira dentro de mim. — Então é assim que você me quer? — Firme e forte, voraz, viril e todas as qualidades que pode se dar ao homem mais gostoso e único da minha vida, beijando-me sofregamente levou-me à exaustão, gozando junto com ele no momento exato que decidi acabar o filme.

— Adorei o filme, Beatriz. — Abraçado ainda com os lábios aos meus, ele suspirou junto com suas palavras.

— Para a estreia, foi um bom começo.

— Está querendo outras sessões Beatriz?

Não ia botar tudo a perder, eu precisava mostrar a ele que não era um sexo casual, mas também eu não podia naquele momento me declarar e me decepcionar novamente. Eu já tinha ouvido um talvez e dessa vez eu não queria explorar sentimentos enquanto ainda estávamos ofegantes e entorpecidos. Eu queria um filme, porém um filme com um nome, como amor sem fim.

— Outro dia talvez.

Ele entendeu e não insistiu, por mais tentação, fiz-me de resolvida à espera de uma decisão sua.

Não me aventurei mais e ele por sua vez, não me procurou para tocar no assunto e eu agi como se não tivesse acontecido nada entretida na minha monografia e TCC.

E, nesse tempo — afastada — aprendi muitas coisas, caí muitas vezes e levantei outras. Sapos? Engoli diversos, aguentando firme. Na minha retrospectiva percebi que ele não é um príncipe encantado e muito menos o tão desejado ogro que projetei na minha cabeça. Ele é o Pedro um homem com um passado, com marcas desconhecidas por mim. E por que desconhecidas por mim? Por que sempre estive em busca da sua atenção, nunca me preocupei em saber quem era o homem que me despertava a paixão.

Agora, uma coisa não posso negar: o “talvez” ainda está entalado na minha garganta e eu Beatriz Eva, não sei dar-me pela metade. Não sou meio amiga, nem sei ser meio amante e nem amar só um pouquinho. Tempo quem dá é relógio, cansei de esperar. Muitas coisas entendi e aprendi que fazia errado e na dor reinventei-me decidida a querer ser melhor por mim. Agora chega de esperar.

Eu nasci para ser dele e somente dar-me-ei por vencida quando descobrir o significado do “talvez”. Onde ele vai ser um sim ou não.

CAPÍTULO 19 – Pedro Salvatore

— Por que você não voltou para ver se a tinham enterrado. Você deveria ter voltado.

— Que saco! Não me aterroriza mais do que estou aterrorizado com os últimos acontecimentos. — Ralho com meus pensamentos intrusivos. — Por favor, deixa-me em paz. — Estralo o pescoço tenso.

— Posso entrar? — Perdido em pensamentos, vejo seu rosto no vão da porta.

— Pode, estava descansando um pouco. — Sinto um grande alívio por ela estar aqui, quando estou com alguém consigo dominar meus pensamentos. Os rituais eu domino muito bem, esse sempre foi um grande exercício para minha compulsão. Por isso meus pensamentos são tão repetitivos, por que não costumo ceder a eles. Irritam-me, mas não cedo. Claro que às vezes assim como há poucos meses atrás, sinto a necessidade de arrancá-los de mim com a autoflagelação, porém a medicação ajuda-me a estabilizar essa compulsão.

— Fiz um chá de camomila, para você. — Estendendo a xícara ainda saindo vapor, ela se aproxima da cama.

— Não consegui comer nada hoje. Acho que um chá me cairá bem.

— Sinto muito. — Eloquente, ela me olha com ternura, enquanto o chá quente desce pela minha garganta e aquece o frio que sinto por dentro.

— Obrigado. — No luto de perder a pequena Vitória, ela está sendo tudo que eu precisava para sentir-me confortado, desde o amanhecer até agora. Porra! Eu tinha aquela menina como minha afilhada, amava-a como um anjo que veio para abençoar a todos. Aguentei firme ao lado do Marco. Quis passar a ele toda a força que não sei de onde tirei vendo a nossa estrelinha se despedindo de todos nós.

— A Vitória teve sorte e foi amada por todos. Você foi um grande padrinho para ela.

— Ela foi muito amada mesmo. — Com olhar perdido, sinto apenas o punhal que fincou no meu peito, desde o momento que recebi a notícia, mover-se e a dor lancinante se espalhar por todo o meu peito, fazendo pela primeira vez as lágrimas guardadas arderem meus olhos, por lembrar-me daqueles olhinhos expressivos que agora ficarão fechados eternamente.

— Pedro? — Ela me olha compreensiva, tento disfarçar limpando os olhos. — Não é feio homem chorar. Posso sentar ao seu lado e abraçá-lo? — Carinhosamente ela pega a xícara com as mãos e coloca na cômoda.

Afasto meu corpo para o lado e ela aproveita o espaço vazio. As emoções contidas, a dor encubada e um uivo dilacerante fogem do meu controle e escapam do meu peito, compreensiva ela debruça seu corpo leve, no meu tronco e afaga meu cabelo.

— Dói perder alguém que se ama.

— Faz bem chorar, isso vai fazer você se sentir melhor.

Não digo nada, o bem-estar que ela transmite para mim, vai me acalmando, puxo seu corpo

próximo do meu. Ela me faz tão bem e se molda ao meu corpo perfeitamente. Não existe intenção ou qualquer escrutínio erótico, simplesmente é assexuado nosso contato. Desde que ficamos juntos pela última vez, tenho desejado fazer coisas deliciosas com ela, como lambê-la, chupá-la, sonho com ela galopando em cima de mim, porém por agora o que meu coração deseja e meu corpo pede é abraçá-la juntinho de mim e agradecer por estar aqui comigo.

— Você me faz bem — confesso em voz alta. Ela é linda, não como capa de revista, simplesmente ela é linda. Amável no seu jeito de confortar, seus olhos brilham quando diz algo consolador. Não sei nomear o que é mais lindo seu interior ou exterior.

— Fico feliz em fazer bem para você — baixinho a ouço falar encostada no meu peito.

— Queria ter forças para estar ao lado do Marco e apoiá-lo nesse momento — sua mão que me acaricia aperta meus músculos.

— Ele sabe que você está aqui torcendo por ele.

— Quando perdi minha mãe fiquei sem chão, sem saber que caminho seguir.

— Você nunca me contou nada sobre você e sua mãe — não sei por que, mas de repente sinto a necessidade de falar.

— Minha mãe foi uma grande guerreira, uma mulher determinada a vencer os desafios que a vida lhe deu, para criar-me — ela pisca com os olhos incentivando-me a continuar — não foi fácil ver-me sem ela, nos seus últimos dias, senti-me inútil por não ser o oxigênio que ela precisava para poder respirar.

— Você deve ter sido o melhor filho! — Por alguma razão é libertador falar desses sentimentos para ela, principalmente por que não procurei ainda um terapeuta novo, assim indicado pela Daniela. Fiz apenas o tratamento com a medicação indicada pela Dra. Izabel e isso me tranquilizou. Claro que venho arriscando um pouco com a sorte, pois tomei a medicação por apenas três meses e sei que precisava continuar, porém dentro de mim, existe uma rejeição a qualquer tipo de droga, mesmo que elas sejam para o meu benefício.

— Fiz o que pude, dentro das minhas limitações.

— Como ela era?

— Linda! — Reflexivo lembro-me de como ela era feliz com tão pouco. — Ela tinha olhos claros como os meus e cabelos negros, um contraste perfeito. Para ela tudo estava bom.

— Ela nunca casou?

— Não, amor para ela, era uma vez só na vida — compelido concluo. — Ela sonhou com o mesmo amor a vida toda e esse amor se bastou.

— Esse amor era seu pai.

— Meu progenitor — um ser abjeto penso comigo.

— Sobre ele, não precisamos falar, se não quiser. — Seus dedos trilham um caminho de carinho pelo meu braço. Porra! Esta cabecinha inteligente e compreensiva só vem surpreendendo-me — Adoraria ter conhecido sua mãe, ela realmente lutou bravamente para criar você.

Ela sabe que minha mãe era cadeirante e que como artista plástica trabalhava dia e noite para cuidar de mim.

— Sim, bravamente, mas ela não quis continuar lutando por sua vida. Ela simplesmente se entregou, não quis continuar pelas portas que tinham brechas para entrar e o resto você já sabe. — Ela me olha dizendo que tem mais o que saber e mudo de assunto bruscamente. — Imagino a dor que o Marco está sentindo por perder sua filha, que irradiava a força de viver. Aquela menina também era uma guerreira. Eu queria poder mostrar para ele um caminho menos tortuoso para essa dor.

— Você não é o mestre dos magos, sabia?

Um leve espasmo singular mistura com uma gargalhada.

— Mestre dos magos?

— Isso mesmo. Você não pode querer achar a saída de tudo para todos. Como você pode pensar sempre nos que estão à sua volta, e esquecer-se de você? Ele é seu amigo e tem sua família e a Bárbara. E, você tem a mim.

— Tenho você? Mesmo me achando parecido com um velhinho baixinho careca?

— Velhinho às vezes — ela sorri. — Mas, somente aqui. — Levando a mão à minha cabeça ela sinaliza. — De resto, acho você um garotão.

— Não sei se levo isso como um elogio ou como uma ofensa, bonequinha pensante! — Entre risos, bagunço seu cabelo com um beijo na testa. Ela consegue ser amiga, uma excelente amante e uma distração animada. A mistura completa para uma mulher. Tenho vontade de dizer a ela muito mais, contenho-me para não falar neste momento de vulnerabilidade algo tão especial.

— Estas gargalhadas não são por que bagunçou meu cabelo e me fez parecer uma bruxa, né? Por que se foi, saiba que sou uma fada e sei fazer feitiços.

— Não Bya, essas risadas são porque você é — paro e respiro fundo — especial.

— Ufa, que alívio, por segundos pensei que iria falar palhaça. Você pode me achar impulsiva, às vezes, mas eu também sou sensível e paciente.

Abraço-a mais forte no meu peito, levantando sua cabeça capturo seu olhar e nele vejo toda a empatia

— O que faço com você?

— Tenho mil ideias, mas acho que por agora só abraçar-me e me deixar ficar aqui o confortando, já é o bastante.

— Isso é o que mais quero.

Ela se ajeita melhor e o silêncio conforta e abriga nossas caricias taciturnas.

— Espero que a mensagem que enviei junto com as flores, para o Marco, esteja do seu agrado. Mande uma cópia no seu e-mail.

— Obrigado. Não tinha pensado nisso e nem mesmo na coroa de flores com porquinha

Peppa. Você pensou em tudo.

— Você sabe rezar?

— Sei! Por que está perguntando isso.

— Por que faz tempo que não rezo e queria que você rezasse comigo, para a Vitória, por sua mãe e meus pais.

O óbvio não deixa espaço no peito para eu duvidar que a amo, que vou sufocá-la do meu amor, que vou arrepender-me por isso, mas que arrumarei um jeito para que ela me perdoe e me ame. Venho evitando este amor por amar demais, mas chega de ficar sozinho, quero-a comigo assim. Na felicidade e na dor e juntos, sentindo o mais lindo sentimento que é o amor.

O tempo não conta quanto precisamos de um beijo e nossas almas juntas lado a lado se beijam primeiro. Assim rezamos baixinho de mãos dadas até o silêncio voltar.

— Pedro?

— Oi! — Quase adormecido respondo.

Ela demora a falar e baixinho pergunta, com a fala contida.

— Você acha que começamos errado?

Como responder o que começamos se impedimos de iniciar. Minha pupila, você deixa-me alucinado. Pergunto-me dia e noite que amor louco é esse e você pergunta-me se começamos errado? Não sei responder a isso, a única resposta que tenho é que você não sai da minha pele, da minha mente, seu cheiro está impregnado na minha narina, sinto o seu sabor na ponta da língua a cada vez que me lembro de você e quando estou com você. Ah, quando estou com você! Não sei o que fazer, não sei por onde começar, sinto-me um bobo, um inexperiente.

— Acho que sim! — Beije-a, meus pensamentos intrusivos aparecem. Beije-a, porque se você não beijar, quando acordar ela não vai estar mais ao seu lado.

Tento concentrar-me apenas nas nossas carícias, faço de tudo para não ouvir meus pensamentos. Este não é um momento de namorar e sim de conhecimento e carinho.

— Beije-a, Pedro — os pensamentos seguem repetitivos. Não quero perder o sono e rendo-me a eles.

— Beatriz?

— Oi! — Ela levanta o rosto para mim.

— Admitir que começamos errados não significa que não foi bom. Só ainda não descobrimos como continuar.

— Então isso significa mais um talvez entre nós.

— Não minha pupila. Isso significa que não disse a você um talvez de propósito. Não quis ferir você, pois o ferimento é nosso, só acho que precisamos saber lidar com os ferimentos e cicatrizá-los para não deixar marcas e sairmos machucados.

Ela abaixa o olhar e eu levanto com o dedo seu queixo.

— Sabe o que minha cabeça está pedindo para eu fazer.

— O quê?

Estremeço com a expectativa, meus braços a puxam para ficar com o rosto que repousa no meu peito na altura do meu rosto.

— Ela está pedindo para eu beijá-la.

— Então faça o que ela manda.

Passo pelo seu rosto o meu rosto lentamente, da face ao queixo, reconhecendo o seu cheiro, sua forma, os fios de cabelo se misturam com a terna carícia e delicadamente sem pressa aprecio o seu rosto, tirando os fios que encobrem sua beleza.

— Bela! Bela como a luz da vida! — Meu polegar circula seus lábios. — Perfeitos! — Falo próximo ao seu rosto, me aproximando. — Não fecha os olhos Beatriz, olha dentro de mim. Olha o que meus olhos dizem a você. — Sinto formigar minha nuca ao ver a intensidade nos seus olhos negros. Nossos lábios se tocam como uma primeira vez se conhecendo, lentos, desritmados, acelerados. Somente são nossos corações que se conectam com o ar que sai dos nossos pulmões.

— Você é muito especial para mim, Beatriz. — Seus dedos enlaçam os meus e as nossas palmas da mão suadas e quentes se reconhecem, assim como nossas línguas absorvendo o que cada um tem a dizer para o outro. Não precisamos do toque quando o beijo é um elo. Mesmo não sendo um beijo luxurioso ele é lascivo de sentimentos. O magnetismo entre nós dois é crescente! Não há impressões que existam em um amor por vestimenta, por porte físico ou por favorecimentos, nosso amor é puro e cheio de promessas em busca de uma tormenta de paz.

CAPÍTULO 20 – Beatriz Eva

Acho que cai adormecida com os meus lábios colados ao dele.

— A culpa é sua.

Minha? O que é isso? Acordo com as palavras do Pedro, mas não abro os olhos. Recuso-me encará-lo.

— Não quero você aqui.

Diacho de homem doido. Será que dá para ele decidir se eu faço bem para ele ou não?

— Vai embora.

Arregalo os olhos e me dou conta que não é comigo que o Pedro fala.

Sonilóquio?

— Você tinha que ter feito algo por ela, enquanto era viva. Vai embora.

— Pedro? — Chamo-o baixinho.

No relógio do aparelho da TV a cabo marca 4h25min.

— Você não tem direito a nada. Você foi o maior câncer na vida dela e foi matando-a um pouquinho a cada dia, desde que você a abandonou.

Quem matou quem? Não sei o que fazer, assustada, olho para ele totalmente desamparado, perdido com seus espasmos e uma luta interna.

O que faço? Sei que não posso sacudi-lo, pois sempre ouvi dizer que é perigoso acordar alguém de um pesadelo. O suor escorre por seu rosto e seu corpo está frio, quase congelado. Até sua expressão está diferente. Seja lá o que ou com quem quer que seja que está tendo pesadelo, é insuportável vê-lo sofrendo.

— Já não basta o que você fez? Não quero nada seu. Para quem você tinha que dar algo não está mais aqui.

Sua voz é chorosa movida pela dor. O que será que aconteceu no seu passado? Será que este pesadelo é real ou fruto da sua imaginação?

— Pedro? — Chamo-o baixinho.

— Você também Beatriz, vai embora junto com eles, não preciso do seu olhar de piedade.

Não sinto piedade por você meu garoto grande e assustado. Não suporto vê-lo mencionar isso sobre mim e ponho as mãos na sua face.

— Está tudo bem Pedro, eu admiro você e nunca vou olhar com pena. Acorda, meu amor.

Ele não se mexe, chega a ser angustiante.

— Relaxe, meu amor — parece que no fundo me ouve.

— Amo você, como nunca imaginei amar alguém. Como é que posso, um dia, sentir pena de um homem que cuidou de mim, que me faz perder o chão que piso e se tornou o ar que respiro?

Seu semblante vai mudando e ele para de se debater com dor. Fico minutos olhando para ele e afagando o seu cabelo até que ele parece relaxar e sair desse pesadelo.

Sinto alguns espasmos do seu corpo e motivo-me a continuar acariciando-o.

— Você é único. Meu grande amor, entendeu? Seja lá o que tenha levado você a ter esse pesadelo, nunca duvide de mim, amo você do fundo do meu coração.

A respiração que parecia estar presa nos seus pulmões sai com uma bufada de ar.

— Hei? Você não ronca também, né? Não vai querer assustar-me na primeira noite que dormimos juntos? — Sorrio sozinha.

Mais uma bufada e percebo-o mais relaxado.

— Isso, ronca meu amor. Se for para ter sonhos, prefiro que ronque. Pode apostar: é melhor ver você roncando e sonhando, que em sonilóquio tendo pesadelos.

Brincadeiras à parte, sou pega de surpresa quando abaixa a adrenalina do meu corpo e de repente sinto meus olhos encharcados de lágrimas.

— Você me assustou, viu seu lindo? — Beijo sua testa e levanto de mansinho. O relógio marca 4h50min e está quase no meu horário.

Faço tudo de mansinho, não quero acordá-lo, ontem não foi um dia bom para ele e pelo que vi a noite também não foi.

Arrumo-me rápido, hoje eu quero deixar para ele um café da manhã especial, não sei se serei tão eficiente como ele na arrumação da mesa, porém faço o meu melhor.

Passo a manhã inteira pensando em mandar uma mensagem para ele e desisto. Não quero parecer ansiosa e nem fazer projeções sobre nosso beijo tão cheio de promessas de ontem à noite.

Desisto de ficar na palestra da coordenadora da monografia, professora Salete. Não consigo concentrar-me em nada e caminho em direção ao estacionamento para pegar o carro e dar uma volta. O pesadelo do Pedro parecia tão real.

— O que será que aconteceu no seu passado? — Abraço o volante sentindo-me interrogativa. — Será que ele sempre tem esses pesadelos?

Não consigo entender por que ele nunca fala do seu passado.

— Beatriz, você alguma vez perguntou? — ralho comigo.

Desorientada e perdida nas minhas dúvidas, sigo para a estrada de Itapeacerica da Serra.

O Pedro ainda não sabe, mas eu comprei um terreno em um loteamento fechado. E quando contei ao empreendedor minhas ideias sobre a urbanização e paisagismo do local e que estava me formando nesse semestre e que seria uma honra poder ter o loteamento como inspiração ao trabalho de apresentação, ele ficou deslumbrado. E só não aceitou fazer parte da conclusão do curso, como também entregou todo o projeto do loteamento para mim.

Passei praticamente parte da manhã sentada em uma pedra no alto do vale do loteamento, sonhando e fazendo anotações.

A natureza tem esse dom na minha vida. Seu som me acalma e organiza meus pensamentos. À tarde não fui para o escritório, o Pedro ontem tinha deixado claro que ficaríamos dois dias em luto.

Já em casa, rascunhando toda inspiração que absorvi pela manhã, perco a hora do tempo. E o perfume masculino misturado com o ar frio do ar condicionado, dá-me a impressão, junto com um calafrio na espinha de estar sendo observada. Ele tem esse poder sobre meu corpo.

Incapaz de parar os primeiros traços da planta baixa que comecei a desenhar sobre o papel, não percebi quando ele chegou e que horas chegou. A última informação que tive sobre ele foi através de mensagens que trocamos, logo após o almoço quando cheguei a casa e não o encontrei.

B:> Acabei de chegar, você está no escritório?

Tinha mandado a mensagem, pois achei estranho ele não estar em casa.

P:> Não fui para o escritório. Estou com o pai do Marco cuidando de alguns papéis.

B:> Estou em casa, se precisar de alguma coisa me avisa.

P:> Obrigado Bya.

:> Bjs

:>PS

Buscar na natureza tranquilidade foi como um chacoalho meditativo, onde descobri que não era a minha mente que precisa de tranquilidade e sim meu corpo que ainda ardia por ter dormido nos seus braços e não tinha acontecido nada além do beijo. Foi confortante e muito romântico. Acho que o beijo que mais sonhei na vida, porém a minha “pepeca” ousada se melou toda com seu toque e meu coração a impediu de seguir em frente. Meu “Cristozinho”! Acho que virei uma ninfomaníaca. Também o que posso fazer se ele provoca em mim esta devassa de prazeres.

— Não vai comer nada?

— Você chegou? — Viro meu corpo com a cadeira giratória ao som de sua voz rouca e largo o lápis em cima da prancheta. Não sei se corro e me jogo nos seus braços, ou espero que venha até mim. Como é difícil esta situação. Não sei se é namoro ou amizade. Se é só sexo ou atração física. Também quem manda ser tão másculo, viril, e ao mesmo tempo parecer tão carente!

Decido por nós dois e pulo da cadeira.

— Ai. Que cadeira tarada! — Reclamo ao perceber que me desequilibrei devido à minha saia enroscada no encosto. Suas mãos ágeis me amparam, impedindo minha queda.

— Será que preciso trocar o mobiliário ou você passou o dia estudando e se esqueceu de comer?

Propositalmente ele puxa meu corpo próximo ao seu, sem nenhum movimento para se afastar.

— Não, bonitão, dessa vez sou inocente, foi à porcaria do encosto que me pregou uma “trollagem”.

— Pensando melhor acho que vou espalhar cadeiras como esta, pelo apartamento e pelo escritório. — Ele sorri sarcasticamente ao perceber junto comigo que o elástico preso à cadeira faz com que minha saia fique a centímetros do meu corpo.

— Vejo que não é só o encosto da cadeira que é tarado por aqui.

Ele sorri, seus dedos fortes e quentes sobre meus braços esquentam até a minha alma e acordam meus sentidos, dominando-os.

— Confessa que colou o cós da saia para acontecer isso — ele brinca. Céus, como um simples contato de pele pode mexer tanto com a minha libido.

— Verdade, minha mente é muito fértil! — Encaro-o e puxo o elástico da saia. Conclusão meu corpo colide com o seu, o impacto é suficiente para eu sentir a muralha do seu peito e dureza do seu abdômen bem definido, faíscas saem dos nossos olhos.

— Agora é aquela hora do beijo?

Ele joga a cabeça para trás rindo.

— É?

— Não sei na vida real, mas nos livros e filmes, sempre tem uma cena dessas, quando a mocinha é amparada pelo mocinho, eles se olham e se beijam.

— Mocinho? Pensei ter ouvido você me chamar de velhinho baixinho, ontem.

Seus pés descalços brincam com meus dedos do pé também descalços. Esse homem é um psicanalista dos meus instintos e tem o dom de arrepiar até os pelos das minhas narinas.

— Mencionei o Mestre dos Magos por sua determinação em querer encontrar saída para todos, mas acredito que você se parece mais com Yoda. — Aproximo mais do seu rosto. — Você é mais sábio e inteligente, então acho que sabe o que fazer, pois se está me segurando até agora com suas mãos, é porque quer um beijo meu.

— Estou mal — ele ri e sussurra retribuindo a minha provocação. — Você acaba definitivamente de classificar-me como baixinho, só que dessa vez verde e muito enrugado.

Movo meu corpo delicadamente na intenção, ou beija ou sai de cima, e ele ignora meus movimentos, atraindo-me mais perto, só que dessa vez passando os braços pela minha cintura. Boa! Isso significa beijo.

— Suponho que você não entendeu o que quis dizer. Quem sabe lendo a linguagem do meu corpo, você entenda — replico satisfeita roçando meus lábios aos seus.

Lutar contra seu corpo quente não tenho forças, então me rendo às suas provocações e a sua virilha pressionada na minha pélvis mostrando toda a sua virilidade. Classifico na minha mente o meu jeito. “Auto da Compadecida”. Um está doido para beijar e o outro está doido para ser beijado, então está tudo certinho. Ok, confesso. Dou uma mãozinha e umedeço os lábios com a ponta da língua.

Oh, céus, ele vai me beijar, estou vendo isso no seu olhar felino e na sua expressão totalmente decifrável. Um dos seus braços que enlaça minha cintura sobe lentamente a minha espinha trilhando um calafrio dos céus, parando no meu rabo de cavalo.

— O que está esperando, Beatriz? — Acirrante, ele suga meu lábio inferior. Seus olhos intensos me hipnotizam. Aquela sensação estranha de que os nervos todos do meu corpo se contraem, se faz presente e por mais que meu órgão feminino latejante se umedeça, estou decidida que só passarei para outro nível, quando ele levar a nossa relação para esse estágio. Gosto desta situação erótica e sensual estabelecida por nossos corpos, porém a pontinha de orgulho depois do nosso banho erótico e a falta dele me procurar nos dias subsequentes para falar sobre qualquer coisa, ainda martela na minha cabeça.

— Um beijo! — Não só um beijo claro, mas o bônus de que ele pode render depende de você. Seus lábios esboçam um sorriso. Filho de uma mãe, ele sabe exatamente o que causa em mim.

Ele estrala os lábios na minha face.

— Assim é o beijo que você espera, Beatriz?

— Assim mesmo — sussurro frustrada e ao mesmo tempo estremecida com seu contato. Bem pão com ovo. Penso comigo.

— Que pena, estava pensando que pudesse ser assim. — Seu beijo misturado com a nossa respiração chega a ser eletrizante, como se a nossa conexão pudesse arrepiar até a nossa alma. Assim é melhor, penso comigo. Gemendo, ele me puxa voluptuosamente para mais perto como se isso fosse possível e todas as iniciativas partem dele, cada toque, cada carícia e cada carinho, sou apenas a coadjuvante nesse desejo lascivo.

— O que acha de sairmos para jantar?

— Você está me cortejando, Pedro? — Consigo falar ofegante. No fundo queria ser seu prato principal, mas se ele quer me levar para jantar, ainda tenho a esperança de ser a sobremesa.

— Assusta a você, esta ideia?

— De jeito nenhum. — Ele tenta buscar meus lábios novamente e eu levo a cabeça para trás. — Se esse é um encontro, estarei pronta em 20 minutos! — Dou um beijo casto.

— Não se atrase, detesto ficar esperando.

— Você está falando sério?

— Muito sério! — Pisco para ele, feliz. — Esse é o meu primeiro encontro com um rapaz. Agora se você não se importa, tenho que ir me arrumar.

CAPÍTULO 21 – Beatriz Eva

~Beatriz Morena Tropicana :> Tenho um encontro e estou indecisa qual roupa usar.

Mando uma mensagem ao grupo que faço parte junto com a Elaine e o Beggo. O nome do grupo é uma brincadeira para música do Alceu Valença, Anunciação, que o Beggo é fã número 1. Antes de colocar esse nome, sempre que marcávamos alguma coisa, meia hora antes ele começava mandar mensagem. “Tu Vens?” Quando não, ele mandava áudios com o refrão da música, e assim nomeamos o grupo. Ele tem mania de cantar todas as músicas do seu ídolo para tudo. Eu por exemplo me chama de “morena tropicana”, já a Elaine ele a apelidou de “vampira”, devido um dia que eles saíram e ela bebeu todas e o infernizou pela noite adentro dizendo que daria um beijo em seu cangote.

~ Elaine Vampira:> Conta tudo.

~ Beggo Bicho Maluco:> Que progresso. Até que enfim desencantou do tiozão.

~Beatriz Morena Tropicana:> Quem disse? Estou cada vez mais encantada, só para o seu bico. Agora não posso falar muito. Entrando no banho. Ajuda-me escolher algo apropriado, já que grande parte do meu armário vocês estavam comigo escolhendo.

~ Beggo Bicho Maluco:> Mentira?

~ Elaine Vampira:> O que?

Enquanto eles ficam por minutos se provocando, vou para o banho rapidinho. Confiro tudo esperançosa, é apenas um jantar, porém não sei se depois dele, posso vir a ser a sobremesa, então verifico.

“Pepeca” depilada, ok .

Pernas depiladas, ok.

Axila depilada, ok.

Enquanto me enxugo, eu pego o celular para ler se eles já chegaram a um consenso do que usar. Caraca! 157 mensagens em minutos e a Elaine ainda não sacou.

~ Beggo Bicho Maluco:> Acorda querida, ela vai sair com o tiozão.

~ Elaine Vampira:> Precisava ter enrolado até agora, para dizer que ela vai sair com o Pedro? Nem acredito que não pensei nele.

~Beatriz Morena Tropicana:> Centenas de mensagens e nada de opinião. Vocês já foram melhores amigos.

~ Elaine Vampira:> Estou tão surpresa que nem lembro qual roupa já compramos juntas. Quando você falou um encontro, é um encontro de verdade?

~ Beggo Bicho Maluco:> Não querida, é de mentirinha, ela está toda regada na ansiedade com suas respostas, porque queria nos enganar.

~Beatriz Morena Tropicana:> Desisto de vocês, meu coração parece que vai sair pela boca e vocês ficam nessa de discutir.

~ Beggo Bicho Maluco:> Meu coração tá batendo.

Como quem diz:

"Não tem jeito!"

Zabumba bumba esquisito

Batendo dentro do peito.

Teu coração tá batendo

Como quem diz:

"Não tem jeito!"

O coração dos aflitos

Pipoca dentro do peito

O coração dos aflitos

Pipoca dentro do peito.

Coração-bobo

Coração-bola

Coração-balão

Coração-São-João

A gente

Se ilude, dizendo:

Já não há mais coração!

O Beggo grava um áudio cantando Coração Bobo.

~Beatriz Morena Tropicana: Engraçadinho. Vocês não ajudaram em nada.

~ Elaine Vampira:> Você gosta de cantar? Está na hora de aprender querido, meu ouvido não é pinico.

~ Beggo Bicho Maluco:> É verdade seu ouvido não é pinico, você está na classificação tanque de esperma.

Desisto deles. Não sei por que mais acho que a paixão que a Elaine vem alimentando pelo Beggo está mais forte a cada dia. Jogo o celular na cama, essa discussão deles vai longe.

~Beatriz Morena Tropicana:> Amanhã nos falamos.

Com o estômago contorcendo em nós e com meu corpo em espasmos de excitação, me pego escolhendo a lingerie mais sexy na cor pitanga que tenho. De frente ao espelho o reflexo que vejo nele é de uma mulher com o humor na cor exata do lingerie, cítrica, porém adocicada. Sorrio. O que duas peças pequenas não fazem para a autoestima de uma mulher! Sinto-me bem e poderosa ao mesmo tempo! Se tenho alguma imperfeição no meu corpo nem dou bola, o que vale é o poder que estas peças pequenas causam.

Tudo dentro do meu armário é muito Beatriz de ser, não quero nada formal, também não vejo porque sair com ele com algo esportivo demais. É muito duro morar no mesmo teto que o seu acompanhante para o jantar e ainda por cima conseguir surpreendê-lo. Passo cabide por cabide e nada. Um vestido preto chama minha atenção.

— Não! Pretinho básico nunca erramos, mas ainda não é isso que eu quero. Meu celular não para de apitar e curiosa pego para ver se os dois amigos desnaturados decidiram em alguma opção e para minha surpresa além de mais centenas de mensagens dos dois que não atrevo perder tempo para ler, tem uma que chama a minha atenção e faz meu coração disparar.

~Pedro Salvatore:> Ansioso para nosso encontro.

Que fofo! Um dia ele falou que não era romântico, pois eu discordo totalmente dessa teoria.

~Beatriz Morena Tropicana:> Somos dois, acho que vou atrasar 10 minutos.

~Pedro Salvatore:> Logo no primeiro encontro? Rssss. 9h.

Realmente ele está muito compreensivo acrescentou até alguns minutos a mais. Já que estou em vantagem aproveito para provocar meus amigos. Envio cópia da mensagem do Pedro.

~Pedro Salvatore:> Ansioso para nosso encontro.

Decidida e encorajada puxo um tomara que caia vermelho do cabide assim como tiro as alças do sutiã.

— Pronto! Linda, porém, ordinária.

Distraída e entretida, ouço a campainha.

— Não atende Pedro — suplico, seja quem for vai saber que não tem ninguém em casa e vai embora.

Novamente ela toca. — Justo no nosso primeiro encontro tem que aparecer uma visita.

Insistente ela toca algumas vezes. Se o Pedro não atendeu deve partilhar da mesma opinião. Uma sequência de sons se alastra.

Meu celular, a campainha e as minhas lamentações todas juntas acontecem ao mesmo momento.

Entre todas as opções que tenho, pego a mais simples, meu celular.

~Pedro Salvatore:> 9h02min e estou há minutos esperando você.

~Beatriz Morena Tropicana:> Onde você está?

Pergunto assim que chego à sala e a campaninha não dá trégua.

~Beatriz Morena Tropicana:> Onde você está?

~Pedro Salvatore:> Onde estou? Na sua porta. Pelo que me lembro, temos um encontro marcado.

Uau! Ele sabe fazer do primeiro encontro, um verdadeiro acontecimento.

Tremendo consigo abrir a porta e ele rouba meu fôlego. Com as mãos para trás, ele parece ansioso tanto quanto eu. Vestido com uma calça cargo marinho e uma camisa listrada na mesma sintonia de cores azuis, ele simplesmente está lindo.

— Oi. — Ele me cumprimenta e seu lábio dá uma físgada para esquerda, por diversas vezes. Nunca vi esse tique, porém acho charmoso, sua boca é fascinante e libidinosa, sei que com esta atitude ele quer me agradar fazendo tudo certo. Mas ainda assim não posso deixar de fantasiar sua boca percorrendo minha intimidade nos lugares secretos do meu corpo e tão vibrante ao vê-lo.

— Não contava com você vindo me cortejar na porta.

— Achei mais respeitoso. Quero que seu primeiro encontro seja como você merece. — Suas íris esmeraldas que se destacam nos seus olhos se movimentam da minha cabeça aos meus pés, como um mimeógrafo passando seu estêncil na folha de papel da aba ao rodapé imprimindo no meu corpo um arrepio por onde seus olhos passam. Noto suas pupilas dilatarem escurecendo o verde translúcido para um verde escuro.

— Você está linda — o rouco da sua voz é diferente, ele tem som de carinho misturado com desejo.

— Obrigada. Você também está perfeito — não sei o que dizer. Poxa! Este é meu primeiro encontro e ele está deixando-me nervosa, desarmada. Luto com a agitação dos meus sentidos. Quero parecer preparada para ele, mas simplesmente é impossível — Será que devo convidá-lo para entrar e beber alguma coisa antes de sairmos?

— Se você me convidar para entrar, não sei se seremos capazes de sair novamente. Este vestido está me testando, não sei se prefiro sair ou ficarmos em casa e jantarmos por aqui.

Este homem me enlouquece, deixa-me devassa, ascende meus desejos mais libertinos, sem contar com a chama que incendeia meu corpo quando ele me olha desse jeito, como um lobo faminto. Querido, isso é porque você ainda não viu o que tem embaixo dele, sorrio por dentro impaciente.

— Então acho melhor irmos. — Oh céus, como eu consigo resistir a este homem e não desistir deste encontro? O mar verde dos seus olhos me afoga de paixão.

— Não antes de entregar um presente de agradecimento por aceitar sair comigo. — Seus braços se movem em câmera lenta com um lindo vaso com um bonsai todo florido de rosa do deserto.

— É linda! Como você conseguiu isso? — Digo surpresa.

— Digamos que viver por algum tempo com a minha acompanhante de primeiro encontro, ajudou na decisão do que melhor agradá-la.

— Você ainda me diz que não se parece com o mestre dos magos. Você faz mágica? Como conseguiu se arrumar todo lindo em tão pouco tempo e ainda conseguiu comprar o presente em tempo recorde.

— Minha mágica foi seu atraso.

— Agora entendi porque não ficou bravo — jogo a cabeça para trás sorrindo. — Tem um cartão?

Ele acena positivo com o mesmo tique no lábio. Por que será que nunca vi esse charmoso tique nos seus lábios?

Dando um passo para trás, não quero interromper nossa conexão, porém tenho que deixar o vaso em algum apoio para ler o cartão. Assim me viro com o coração apertado.

“Beatriz

Não teria uma flor mais expressiva para representá-la como a rosa do deserto.

Assim como ela admiro você por ser tão resistente, receptiva e aguentar as fortes temperaturas que a vida a aquece.

Assim como ela é capaz de armazenar uma grande quantidade de água para sobreviver, você é capaz de armazenar muita ternura.

É bela, exótica e rara como ela, tem um formato único que eu admiro desde o dia que conheci você.

Adéqua-se aos ambientes, perfeitamente, e mesmo cultivada no vaso ou na imensidão de um grande deserto, é capaz de florir de forma majestosa por uma vida inteira.

Cultivá-la não é uma tarefa fácil, mas é simplesmente prazerosa e encantadora.

Desta árvore florida hoje, desejo ter a sabedoria de vê-la florir por uma vida inteira. Sei que para este vaso chegar aqui, ele passou por muitas coisas, porém hoje ele se mantém florido, assim como espero que ele floresça como você amanhã, depois de amanhã, depois e depois de amanhã e assim por diante por uma vida.

Surto de beijos, flor do deserto.

Pedro Salvatore.”

Uau! Se isso não é uma promessa, não sei o que é prometer. Se isso não é um “eu amo você”, também não sei o que é amar. Ouvir qualquer palavra em forma de sentimento não chega a emocionar tanto quanto a sua comparação. Desde que comecei a trabalhar como paisagista me fascinei pelas histórias e origens das plantas, conhecia todas as curiosidades da rosa do deserto, porém ele poetizou tão carinhosamente que, por dentro, sinto-me a própria rosa do deserto.

De costas para ele, sinto-o se aproximar de mim.

CAPÍTULO 22 – Pedro Salvatore

Irônico para não dizer broxante lembrar-me do Marco, justo agora, exatamente no momento que tenho à minha frente a imagem da mais bela e angelical, fada Aguane, com formas humanas e com o aspecto sedutor. Enfeitiçado, não canso de olhar como é linda, de costas lendo o cartão, como um imã o seu corpo me atrai. Com riso de lado, me pego a apelidando em minha mente, como o Marco com seu exagero galanteador fazia, quando se referia a Bárbara como sereia. Seus cabelos negros soltos, compridos, brilham cobrindo seu pescoço segando a sua silhueta perfeita.

A ansiedade é inimiga número 1 para quem tem TOC. Quando a convidei para jantar não passava pela minha mente virar um acontecimento. Na verdade foi um convite despretenso, porém uma coisa foi chamando outra e quando me vi, estava totalmente implexo à situação.

As coisas com a Beatriz acontecem como uma tormenta que me devasta de desejos e impulsos.

Do momento em que saí da porta do seu quarto até agora sinto repuxar o canto direito da minha boca como um tique ansioso. Tomei banho em tempo recorde, tentei fazer mil coisas para dissipar este repuxão que se fazia presente no meu lábio, mas nada adiantou.

Até uma volta decidi dar para não ficar tão ansioso à sua espera. Porra! Não sou nenhum moleque que vai ter o seu primeiro encontro, então não entendo porque acontecem esses cacoetes quando estou ansioso.

Quando vi nos brilhos dos seus olhos a felicidade por considerar meu convite como um encontro, eu quase a peguei no colo de tanta felicidade.

Porra! Ela me faz sentir querido, homem e viril. Nos seus olhos vejo um sentimento que vai além da gratidão. Quando penso na expressão que se diz sobre um cupido acertar a flecha no coração, entendo perfeitamente o que isso representa, pois esta diabinha só não acertou, como fincou a lança da flecha no meu coração, varando-a do outro lado.

Faz-me sentir essencial a ela, mostrando que pode viver sem mim, mas não quer. Hoje eu sei que ela não precisa dizer que me ama, simplesmente por que é natural a forma como ela demonstra esses sentimentos. Não sou fadado a declarações principalmente dizer “eu amo você”. Se esses sentimentos que sinto por ela levam esse nome, ela só descobrirá meu amor por minhas atitudes. Simplesmente não sei dizer estas três palavrinhas.

— São lindas.

— Quando vi o Bonsai na floricultura, imaginei que iria gostar. Fico feliz que gostou.

— Ele também é perfeito, mas lindas são as palavras do cartão — respiro fundo próximo a ela.

Inebriado, solto o ar lentamente, já com saudades do perfume do seu cabelo. Porra! É um cheiro com uma essência exótica, que chegam a comprimir minhas bolas, despertando meu sentido a querer cheirá-la mais.

— Seu perfume é um mistério — com o queixo afasto seu cabelo que encobre o pescoço. —

Delicioso! — Inalando esfrego meu nariz por toda a extensão e lateral do seu cangote chegando à sua orelha. — Viciante!

— Toda mulher tem que ter um segredo. — Agrada-me ver o quanto está arrepiada.

— E, todo homem sortudo tem que ser persistente e tentar descobrir todos eles — digo baixinho ainda explorando seu cheiro afrodisíaco e quando falo afrodisíaco, não exagero em uma só letra, visto as circunstâncias do meu pau dolorido dentro da minha cueca, pedindo libertação.

— Acho que essa é a intenção.

— E, se eu disser que essas intenções estão me deixando louco.

— Darão mais motivos para querer continuar o mistério.

Sorrio. Esta diabinha é tão verdadeira, dá para sentir o sorriso nos seus lábios, quando ela está sedutoramente provocante e deliciosa.

— Melhor eu não falar mais o que me deixa louco em você. — Mordisco de leve o lóbulo da sua orelha. — Não acha? — Transpassando o braço pela sua cintura, dobro a haste de uma rosa vermelha como o sangue que fervilha nas minhas veias e levo à sua orelha. — Perfeitas!

— Ah! — Ela suspira.

— A única coisa que eu acho. — Ela se vira de frente para mim, com os olhos fechados. Sei que espera um beijo. A minha vontade é de tomá-la nos meus braços e esquecer tudo. Não sei se só consigo ficar no beijo e não quero ser injusto. Ela ficou muito excitada com este encontro, então tento me conter, apenas aproximando meus lábios ao seu, em um beijo raso e inocente. Quero fazer tudo certo. Porra, como amo o toque macio dos seus lábios. Foda-se esse negócio de fazer tudo certo. Torno-me mais uma vez egoísta e quando vejo, estou explorando cada espaço da sua boca com a minha língua intrometida sem pedir permissão a preenchê-la.

Conseguindo separar-me dela a contra gosto, vejo-a morder o canto do lábio inferior, tentando esconder o nervosismo. Esse beijo foi tão sôfrego e sem fôlego que mal conseguimos puxar juntos, o ar. Sinto-me excitado, porém um pouco mais relaxado que até o repuxão no meu lábio fica mais ameno.

— Acho que precisamos ir.

— Aonde?

— Temos uma reserva.

— Uma reserva? Você conseguiu também, em tão pouco tempo, fazer uma reserva em algum restaurante?

— Já disse que sou um sortudo, por conhecer também o gosto alimentar da minha acompanhante. — Conduzindo-a com os braços na sua cintura, saímos pelo corredor.

— E posso saber aonde vamos?

— Não! — Brincando apertado seu queixo dando-lhe um beijo casto.

— Não?

— Também sei manter segredos. Acredite em mim, o restaurante irá agradá-la.

— Só porque eu disse que tenho segredos, você resolveu aguçar a minha curiosidade.

— Digamos que a sua curiosidade não será aguçada por tanto tempo, enquanto a minha será eternizada. Ou você vai me revelar o segredo do seu perfume?

— O que acha de algumas dicas? - Ela pergunta assim que o elevador abre a porta e nos deparamos com ele praticamente cheio e barulhento. Moramos dois andares abaixo do salão de festas e pelo grupo de rapazes dentro do elevador, imagino que estava rolando lá em cima um churrasco de bigode, visto o cheiro de álcool e fumaça no ar. Os infelizes assobiam e eu que não estou à vista deles dou um passo a frente, ficando ao lado dela.

Com uma pontinha de frustração e hesitação, impeço sua entrada no elevador, coloco o braço em proteção na sua frente.

— Opa! Está cheio, podem descer — aviso aos garotos desnutridos. — Vamos esperar o elevador subir novamente.

— Estamos em cinco pessoas — meio enviesado ele aponta os dedos. — Se tiverem pressa é melhor descerem com a gente. — Que esponja raquítica, mais filha da puta, o cara encara a Bya na minha frente. — O grupo de pessoas que vai descer nas próximas vezes será infinitivamente maior.

— E, ele se esqueceu de citar, mais bêbados também — um dos outros rapazes que segura um cara babando no seu ombro acrescenta e todos riem.

— Não temos pressa — digo sério entrando na frente dela. — Podem descer. — Nem fodendo entro com a Bya nessa porra. Possessivo, aceno para eles e a porta se fecha.

— Tudo isso foi medo de me jogar aos lobos? — Ela me abraça.

— Prevenção — digo entre os dentes. Quase que desacreditado de ver o quanto tremo por dentro de ódio por ver como os bastardos olhavam para ela.

— Meu herói! — Orgulhosa, ela beija minha face. — Temos o elevador de serviço, vamos desistir do elevador social, vai ser melhor. — Ela puxa minha mão, dando-me ciência que a fúria de segundos atrás me deixou também imóvel, totalmente estático e de punhos fechados. Porra! Que caralho foi essa reação?

Nunca fui encanado com esses lances de proibir roupa à namorada alguma, mas este vestido que ela colocou hoje, definitivamente, darei um jeito dela bani-lo de seu vestuário, ou usá-lo apenas dentro de casa e de preferência dentro do quarto, de portas fechadas comigo. Olhando para ela, entendo perfeitamente porque os hormônios dos garotos berraram dentro do elevador. O vestido marca sua silhueta, como uma segunda pele cobrindo seu corpo escultural. E os saltos? Porra! Eles são simplesmente eróticos e perigosos, deixaram a metade da sua perna torneada mais marcante.

Juro que meu instinto selvagem está tentando domar o lorde que decidi ser em nosso primeiro encontro, como um casal, mas está impossível. Ela está malditamente gostosa.

Ela está incrível. Feliz, chega a brilhar ofuscando-me! Na verdade, isso sempre acontece.

— É uma droga ter um salão de festas, na cobertura. Ainda bem, que não tem nenhuma assinatura do escritório mais bem-conceituado em arquitetura, no projeto deste edifício. Duvido que a Salvatore concordasse com a ideia de bêbados circulando pelos elevadores.

Sorrio para ela.

— E depois de hoje, acho muito difícil você ver algum projeto desenvolvido por mim com qualquer área de lazer no último andar.

— Eles incomodaram mesmo.

O elevador abre a porta e ela entra na minha frente toda charmosa. Fico dividido em apenas apertar o botão do subsolo ou roçar meu braço no seu corpo e mostrar a ela que o que é meu ninguém tem o direito de desejar. Proposital ela para ao lado do painel e não o aciona no andar de destino.

— Licença — digo divertido, roçando meu braço por seu ventre bem na altura onde se mostra o botão do subsolo.

O canto do seu lábio se curva, transformando em um sorriso travesso.

— Você pede licença sempre depois de tocar em alguém?

— Não, só quando esse alguém fica no meio da passagem proposital.

— Bom saber.

— Quer dizer que não estava esperando? — Dando mais um passo no pequeno espaço, apoio uma mão acima do seu ombro na parede. — Seu batom é fácil de sair?

— Preocupado?

— Nem um pouco.

— Perguntou por quê?

— Por que estou louco para testá-lo a noite toda.

— E creio que não pedirá licença?

— Não! — Escorregando a mão por seu corpo, puxo-a ao meu encontro. Dentro de mim sinto a necessidade, como um homem das cavernas em prová-la para saber que é minha, somente minha. O gesto costumeiro se repete e perdida nos meus braços, roço meus lábios nos seus, beijo-a sofregamente como um beijo de posse, um beijo marcando território deixando-a sem fôlego.

Escutando-a até o carro, praticamente não digo nada, abro a porta e delicadamente acomodo-a. No fundo tento acalmar meus nervos ainda contraídos e a fera indomada que desabrochou dentro de mim. Não sei explicar o tamanho da fúria que fui tomado. Ao seu lado cada dia que passa, sinto um sentimento novo acontecer e a porra do repuxão volta com tudo.

— Está tudo bem?

— Tudo bem! — Tento fazer uma voz não tão afetada, debruçando por cima dela para fechar o cinto de segurança sobre seu corpo. Não sei por que esse gesto me conforta, é como se

ao prendê-la no cinto, eu mostrasse ao mundo que ela é minha. — Não conheço o restaurante que vamos, mas vi boas notícias sobre ele.

— Estou muito feliz, por ser você o primeiro homem no meu primeiro encontro.

Feliz, dou um beijo casto em seus lábios. Ela sabe dizer a palavra certa no momento certo.

Sentado ao seu lado dirijo pelas ruas de São Paulo, como uma primeira vez, com um sentido diferente a tudo que vejo, ela é falante e vê brilho em tudo. Já estivemos centenas de vezes nesta posição, mas desta vez é diferente, tem um motivo especial.

— Por que tenho a impressão de nunca ter visto você repuxar os lábios?

Ela me pega de surpresa, totalmente desprevenido, sua curiosidade é inocente, é um querer conhecer-me. O caminho para um relacionamento dar certo é viver a experiência onde é possível e necessário se falar a verdade. Um caminho onde se desenvolve a amizade, a confiança e a entrega, sem amarras ou muralhas e por este motivo sou espontâneo. Não sei ao certo como falar um pouco de mim, quando admitir para mim mesmo é tão difícil.

— Talvez porque esses repuxões, só aparecem quando estou muito ansioso.

— Eu deixo você ansioso?

— Acredite no que seus olhos vêem. Estou totalmente ansioso! — Pisco para ela desviando o olhar por um segundo do trânsito.

— Também estou — ela retribui a piscada carinhosamente. — Veja como as minhas mãos estão frias e suadas — ela toca minha mão que descansa na sua perna, tentando acalmar-me, seu toque é frio e quente ao mesmo tempo. Porra, esta diabinha tem conseguido passar como um trator a cada muralha em torno de mim. Se ela soubesse como isso é confortante seu contato ao meu corpo e que a porra dos meus rituais são puros gestos decorrentes do TOC. — É algum tipo de TOC?

Caralho! Isso não era para estar acontecendo dessa forma, no que ela se transformou do dia para noite? Em fada com poderes paranormais e deu para ler a minha mente?

— Sim é um dos sintomas do TOC que tenho. — Hoje é moda, dizer que todo mundo tem algum tipo de TOC, qualquer mania as pessoas se rotulam, porém, mal sabem elas os transtornos como são aos que convivem com ele. Para uma primeira confissão não me sinto mal, dizendo apenas o suficiente.

— Exagerado! — Ela sorri. — Conheço algumas manias que você tem. Como organizar tudo milimetricamente no escritório. Fora isso nunca percebi nenhuma obsessão a nada. — Ela leva na esportiva e no bom humor e eu prefiro deixar as coisas assim por enquanto.

O Tantra é um dos poucos restaurantes no Brasil, especializado na culinária da Mongólia, além de ter pratos tailandeses, super recomendado por páginas de gastronomia. Ele é localizado na Vila Olímpia, que para uma sexta-feira o trânsito se torna ainda mais caótico.

Quando fui decidir que lugar levar a Bya, pensei em todas as suas preferências gastronômicas. E depois, logo em seguida, lembrei-me de quanto ela achou animador conhecer a Patrícia, amiga da Babby, no aniversário da pequena Vitória e o quanto elas se divertiram com ela

contando como era uma massagem tântrica. Confesso que até eu fiquei excitado com os detalhes que ela me contou e jurei para mim, que essa massagem ainda faria parte de uma noite vivida com ela. Curiosa como é, ela ainda pesquisou em saber algumas coisas sobre o Tantra e dividiu comigo que de uma conversa com fins de divertimento, ela acabou conhecendo um pouco da cultura.

Então quando busquei o restaurante nas minhas buscas pelo celular enquanto tentava distrair minha cabeça, caiu como luva quando liguei e o recepcionista mencionou que além do jantar contaria o restaurante hoje com algumas atrações.

— É um restaurante Tantra?

— Sim, o Mongolian Grill é um restaurante Tantra — com humor a conduzo entrar. — Viu como não esqueço nada do que você me diz?

— Qual foi a parte do Tantra que mais chamou sua atenção? — De mãos dadas, digo baixinho.

— Não foi a forma que eles meditam. Gostei mais da parte da agitação — a provoco.

— Quer dizer que ficou interessado pelos orgasmos múltiplos que a massagem Tântrica é possível dar a uma pessoa? — Ela devolve a provocação sussurrando e eu tento me concentrar no senhor com o dedo no nariz à minha frente. Isso para não dar um show de atentado ao pudor com a demonstração de agrado do meu pau que se agita alegremente.

Puxando sua mão entrelaçada à minha, roço seus dedos na minha ereção.

— Tem coisas que não podem ser ditas a um homem publicamente.

Dando um passo mais largo à minha frente, ela se posiciona com o quadril na minha ereção e diz:

— Se é para preservar a sua integridade, saiba que meus quadris são largos suficientes, para privá-lo de um escândalo.

Com algumas pessoas à nossa frente ela para em uma microfila na entrada da recepção e eu aproveito para me encaixar e roçá-la.

— Você é uma diabinha? — Apoio o queixo no seu ombro.

— E você é regador de caixinhas.

— Acho que errei o restaurante — brinco com ela. — Você está me fazendo mudar de planos.

— Nada disso. Aceito essa sugestão para comer a sobremesa.

Porra! Ela realmente quer foder com as minhas bolas. Como é que vou jantar com tranquilidade, sabendo que temos uma sobremesa bem melhor que qualquer tipo de jantar servido? As pessoas vão entrando e ela vai seguindo.

— Que arquitetura linda e de bom gosto! — Ela diz com olhos brilhando, assim que entramos no restaurante.

— Diferente. — Confesso que não esperava um lugar tão exótico e de tão bom gosto. E nem meu pau esperava se comportar como um adolescente louco para ir ao banheiro dar um alívio. Porra! Esta noite vai ser longa.

Ainda bem que fiz uma reserva, a recepção está cheia de clientes aguardando. E no sofá decorado com almofadas com tecidos da Mongólia, só tem um lugar, ofereço para ela sentar, mas ela insiste que eu sente, enquanto olha tudo minuciosamente. Ela não dá desconto, provocando-me e se remexe, faz algumas observações e em todas às vezes ela comprime minha ereção com a sua deliciosa bunda que é impetuosa.

Calçando meus dedos por sua face, trago seu rosto próximo do meu ombro e duro tento ser claro com ela.

— Até eu controlar meu pau louco parar babar dentro da cueca, ficaremos assim em pé e você. Comporte-se. Caso contrário. — Com a outra mão aperto sua cintura, firme. — Cancelo o jantar e pulo para sobremesa. — Recuo o quadril e ela obedece. — Agora afasta um pouco sua bunda do meu pau, pois ela está prensando-o, deixando-o a ponto de alguém perguntar se algum garçom deixou cair algo úmido na minha calça.

CAPÍTULO 23 – Beatriz Eva

Sem fala é assim que ele me deixa, muda e excitada. Provocador de uma figa. Tudo nele soa erótico e sedutor. Eu deveria fazê-lo engolir suas palavras com um belo orgasmo em público, mas como ele se afastou um pouco acato o seu pedido. Quer dizer melhor encarar como um pedido e não encarar como uma ordem.

No maior estilo parque temático, vislumbro a decoração exótica do restaurante. A música ambiente é diferente e tem muita sensualidade e relaxamento envolvido nela. O salão conta com decoração em bambus, tecidos espalhados e narguilês por todo o recinto, uma mais linda que a outra. A cada cantinho tem uma referência sensual. Sinto-me quase em um paraíso. Entre as mesas gigantes vasos de barro ornado com palmeiras tornando o paisagismo do ambiente confortante, isso sem contar com os vasos de orquídeas sobre as mesas na maior sintonia feng shui.

— Simplesmente excitante este lugar — junto às mãos empolgadas, em palmas, radioativamente feliz.

— Eu e todos no restaurante, agora sabemos o que você acha do ambiente — ele sorri e a hostess ao seu lado também.

Em gesto de cavalheirismo ele puxa a minha cadeira na mesa indicada pela hostess.

— Devo lhe dizer que mal posso esperar pela sobremesa, tendo em vista que pela marca discreta da sua calcinha, ela deve ser minúscula. — Como uma rajada de ar congelante suas palavras causam calafrios do meu cóccix à última vértebra cervical. Fico corada em perceber a hostess parada nos aguardando sentar para colocar os cardápios à mesa. — Bom jantar Beatriz! — Se ele não estivesse empurrando a cadeira para eu sentar, cairia no chão. Seu tom provocante e rouco me tira o ar.

— Você também Pedro tenha um excelente jantar! — Tento devolver no mesmo tom, mas minha voz afetada não ajuda.

— Aposto que será — com um sorriso de escárnio ele se senta.

Acomodados, não canso de olhar e ver cada detalhe. E, claro muito consciente que dois pares de olhos verdes como esmeralda não param de me observar ao meu lado, com o sorriso estampado, em ver o quanto estou contente com a sua escolha. No centro do restaurante tem o maior atrativo, uma grande chapa, onde alguns cozinheiros trabalham sobre elas com mestria.

Um garçom se aproxima da mesa.

— Já escolheram as bebidas?

— Ainda estamos nos ambientando, logo pediremos. — O garçom se afasta e ele sorri para mim.

— Não estou mais certo se fiz uma boa escolha.

— Não? Por quê? Você simplesmente acertou em cheio. Este lugar é lindo.

— Tão rico em detalhes, que minha presença ao seu lado empobreceu — ele brinca. —

Vamos escolher as bebidas?

Como ele pode pensar que sua presença ao meu lado pode tornar-se insignificante por algum segundo? Será que ele não imagina, que no carro, só de estar ao seu lado senti no meu ventre os mesmos repuxões, que ele estava sentindo na boca? E posso jurar: a minha calcinha molhada não tem nada a ver com o TOC! Para falar a verdade, o meio das minhas pernas sentiu falta do toque isso sim.

— Sua presença ao meu lado em primeiro lugar é prioridade — pisco para ele. — E sobre escolher as bebidas ainda estou bem indecisa. Quanto a você sugiro que não escolha piña colada. — No mesmo momento que eu brinco, sinto-me mal. — Tenho tanta vergonha de lembrar-me do que fiz! — Confesso em voz alta, totalmente arrependida.

Baixando o cardápio, ele me encara parecendo surpreso a minha confissão depois de tanto tempo.

— Verdade! Essa bebida não nos traz boas recordações. Nada de piña colada por hoje. Porém — ele faz uma ressalva — hoje estou protegido. A causadora da alteração de ingredientes está ao meu lado e não do outro lado do balcão.

Rindo animado, ele me tranquiliza quando vê minha cara de espanto, colocando sua mão sobre a minha causando um tsunami de arrepios.

— Você me deve ainda algumas palmadas.

Ele sorri.

— Pensei que isso fosse coisa do passado.

— O acontecimento sim. Agora as palmadas ainda estão bem presentes e desejosas dentro de mim.

Se ele queria mexer com a minha libido, ponto para ele, pois acabo de fantasiar deitada sobre seu colo levando boas palmadas e isso não é nada bom, tendo em vista que se algo dentro das minhas pernas escorrer mais uma vez, quem passará vexame quando levantar, serei eu.

Sua companhia é fascinante, consigo perder o fôlego, rindo de algumas histórias de sua infância e de suas aventuras com o moto clube. Ouvi-lo falar com tanto entusiasmo, faz-me sonhadora em ser sua garupa, sem contar que olhar o tempo todo para a sua beleza marcante. Não encontrar nenhum defeito em sua genética perfeita é como um colírio aos meus olhos.

Sobre seu passado e sobre o que ele mencionou no carro - em ter TOC, não disse mais nada. Eu por outro lado, preferi deixá-lo o mais à vontade possível. Mesmo por dentro querendo saber tudo de uma vez só. Não tenho um passado que me lembre para dividir com ele qualquer informação e por este motivo só ouço.

— No único passeio que você me levou — friso — adorei a aventura.

— Num próximo passeio familiar levarei você.

— E, posso saber qual será o meu papel, nesse passeio familiar? — Arrependo-me de perguntar, assim que vejo a sua expressão. Meleca! Acho que o encurralei e então tento remendar.

— Meu papel será de sua garupa, é claro! E prometo dessa vez, acompanhar você nas curvas, inclinando meu corpo na direção certa.

— Então você ainda se lembra do que falei?

Sua voz séria tira meu fôlego. Será assim à noite toda? Ele não pode me olhar e nem falar, que o ar falta nos meus pulmões? Minha Nossa Senhora Desatadora de Nós de mulheres destrambelhadas, me ajuda. Acho que passei dos limites, tentando remendar e o cobrando novamente, como se tivesse ficado ressentida.

— Você foi perfeita. — Atônita olho para ele. Eu ouvi isso mesmo?

— Mas. — Ele me silencia com a ponta dos dedos.

— Não existe um “mas”. Eu fui um idiota e menti para você. — Ele para e examina-me, colocando a minha franja atrás da minha orelha. — Seus movimentos foram precisos, você se curvou a cada curva, assim como uma bailarina que se deixa levar pela música e sua melodia. Como você pode ver, eu também tenho algumas coisas para me envergonhar, principalmente porque não fui honesto com você.

Sua confissão é como uma cicatrização de uma ferida aberta. O garçom chega novamente e faz nossos pedidos de bebidas. Não estou raciocinando direito, para falar a verdade! Nem o cardápio eu consegui explorar direito! Vi que tem bebidas afrodisíacas e exóticas, mas quem consegue pensar em uma bebida como essa se a pessoa ao meu lado é tudo isso em um só recipiente? Ele pede uma tônica com limão e eu levanto a sobrancelha.

— O quê?

— Você nunca bebe quando sai? Veja quantos drinks exóticos tem.

— Não quando estou dirigindo e principalmente quando estou com uma bela pupila ao meu lado. Sem contar que deixei um delicioso frisanter para mais tarde, guardado no freezer.

Sugestivo.

— Pensou em brindar alguma ocasião especial?

— Sim, ao sucesso do nosso encontro.

Para liberar o garçom que fica aguardando meu pedido, imito-o e dessa vez, ele que levanta a sobrancelha.

— Por que não pediu nenhum drink exótico? Você não está dirigindo.

— O garçom estava muito curioso e pedir uma tônica com limão pareceu-me uma boa ideia — pisco para ele. Até parece que vou ficar escolhendo uma bebida, enquanto o que me interessa é ficar vidrada no que ele fala.

— Voltando ao assunto que estávamos conversando, você sabe que não deveria me contar coisas como essa, não é? De que mentiu para mim, fazendo-me pensar ser uma pena na ponta do nariz de um equilibrista.

— Não? — Em um ataque de risos ele mal consegue concluir o que quer falar. — Essa de

pena na ponta do nariz de um equilibrista é a melhor.

Balanço a cabeça de um lado a outro.

— Não Pedro, você não deveria. Por que agora você me deve um passeio de moto em outra serra como aquela e não aceitarei mais desculpas. Você traumatizou profundamente a minha coordenação motora. Como você pode ver eu também sei como puni-lo, mas é claro que não penso com você em palmadas — o provoco. — Minha punição está mais para prazerosa do que dolorosa.

— E, você acha que umas palmadas na sua bunda, não serão prazerosas?

— Só se for prazerosa para você — minto totalmente empolgada. — Você não é um desses dominadores de livro, não né?

— Não sei como são os dominadores de livros, mas posso trabalhar bem na região dos seus glúteos, sem deixar marcas.

Inclino-me na sua direção.

— E, como você pode garantir que será prazeroso?

Fitando-me com o olhar intenso, enquanto o garçom coloca nossas bebidas sobre a mesa, ele morde o lábio. Acho que sei exatamente o que está passando pela sua cabeça e isso me deixa mais quente. O garçom se afasta e ele ergue o copo.

— A nós! — Brindando nossos dedos se tocam, parece sem graça o brinde ser por tônica, porém, nada nunca é de menos quando estamos juntos, lado a lado.

— A nós! — Tudo bem, eu admito! Poderíamos estar brindando com alguma bebida mais excitante. Mas com o Pedro é assim, o simples é mais arrebatador. Cruzar nosso olhar e beber um gole da bebida é como um acasalamento de emoções, onde o único sabor que interessa é o da emoção.

Há um momento de silêncio e então ele puxa a minha cadeira próxima da sua.

— Sua expressão demonstrou gostar da possibilidade de levar algumas palmadas e agora me sinto duplamente desafiado e intimado? O que você vai fazer amanhã?

Tirando que estou um pouco atrasada com a monografia e que planejei um dia entre amigos, porque não contava que você fosse ficar em casa no final de semana, respondo sem pensar. — Nada!

— E o que acha de fazer companhia para mim e para Stell?

Imagina quando o personagem Stanley colocou a máscara no filme e seu coração saiu do peito. Assim acontece com o meu coração, por um triz ele não sai do meu peito.

— Tentador! — Sorrio, fazendo charme, para não gritar e chamar a atenção de todos nas mesas ao lado.

— Tentador são seus lábios sorrindo! — Meus lábios latejam, o som ambiente com música tantra é sedutor. — Se soubesse que eles ficariam tão lindos sorrindo assim, teria convidado você

antes para fazer companhia para nós.

— Perdeu a oportunidade — crepita dentro de mim a ansiedade de ouvir sua resposta.

— Ainda bem que sempre a tempo de corrigir. — Como câmera lenta, a atração e o magnetismo dos nossos lábios vão se aproximando.

— Sempre! — O ambiente exótico e sensual, combinado com o som dos sinos e a água caindo na fonte misturada com os instrumentos e a melodia da música, juntam nossos lábios, despretensiosos, tímidos e contidos por estar entre muitas pessoas. Tudo vai acontecendo naturalmente na sintonia perfeita, como um beijo apaixonado, como dois enamorados. O feitiço, a música, o carinho vai se alongando e posso dizer que nunca na minha vida beijei alguém dessa maneira. Sua mão é audaciosa, começa como uma carícia carinhosa na minha perna nua e de repente vai subindo ao meu núcleo.

— Estamos em público — digo entre o ar e o espaço do beijo.

— A toalha é cumprida suficiente para ninguém ver o quanto é delicioso tocá-la. Continua me beijando discretamente e ninguém vai perceber.

Alguém pode dizer quem apagou a luz? Pois a minha sanidade entra em blecaute, quando seu dedo põe a calcinha de lado e escorregando-o lentamente seu dedo brinca com a minha abertura de um lado ao outro.

— Molhada e deliciosa como seus lábios.

— Você não pode fazer coisas como estas aqui.

— Não posso? — Impetuoso, ele desliza o dedo dentro de mim. — Acho que posso.

Deixa de ser um beijo de língua e passa a ser um beijo de lábios se encostando, enquanto alguns gemidos silenciosos escapam pela minha boca.

— Que poção mágica você colocou no seu perfume hoje?

— Nem sob essa tortura, eu digo.

— Não? — Ele afasta um pouco sua face e tira o dedo de dentro de mim. — Então, acho que tenho que descobrir sozinho, levando o dedo à boca, não acredito no que ele faz. — O sabor já sei distinguir, é doce. — Crepita a excitação em todas as células do meu corpo e como se não bastasse a tortura, arregalo os olhos quando vejo o que ele faz, levando o copo na superfície da mesa entre seu corpo e a toalha, ele enfia o dedo na tônica e tira um pedaço de gelo. — Também sei o quanto está quente, acho que a refrescando um pouco, vai me ajudar a conseguir a resposta. Rolando o pequeno cubo de gelo oval ele devolve o copo à mesa e me mostra o seu anel de gelo. — Vamos ver minha pupila até quando consegue guardar este segredo.

— Você não vai fazer o que estou pensando? Vai?

— O quê? Isso? — Ele levanta a sobrancelha e seu dedo volta para a minha base quente e intumescida. — Posso sentir entre os meus dedos o quanto está quente. — Escapa da minha boca um gemido de angústia e formigamento. — Shh! Não vamos chamar a atenção, ele volta a morder meu lábio.

— Você fala isso porque não é em você que tem um torturador introduzindo um pedaço de gelo.

— É melhor relaxar, você está muito tensa. Isso! Dilata esta musculatura.

Uma labareda clareia ao nosso lado, assustados, viramos para admirar o show de pirofagia, simplesmente fantástico. Seu dedo ainda se move dentro de mim e o gelo derrete como uma geleira com o aquecimento global. Não sei o que mais lança chamas: o cuspidor de fogo ou o meu ventre que pensa em entrar em erupção.

O artista se aproxima da nossa mesa e me convida para participar do show. Se as coisas podem ficar piores, elas se tornam.

— Dá-me a honra.

— Você quer a minha participação? — Ofegante tento falar e o Pedro afunda mais o dedo dentro de mim.

Nossa senhora das despudoradas, o restaurante inteiro está nos olhando. Será que é pela minha cara de estar sendo penetrada, ou é pelo o artista estar me chamando para participar.

— Isso, se o cavalheiro permitir.

Seu dedo se move, dentro de mim, fazendo o sinal de não.

Ah! Desmancho-me em tesão, não sei onde seu dedo tocou dentro de mim. O que sei é que senti fisgadas por todo o corpo. Meus hormônios convergem todos ao tesão de ser observada. Cara de pau! Ele me paga. Estou subindo pelas paredes, a sensação de estar dando um show particular, ao mesmo tempo é intimidador e excitante.

Nossa sorte é que nossa mesa está de costas para a parede e por esse motivo, não temos ninguém atrás. Como ele consegue mexer o dedo habilmente dentro de mim sem mexer os braços, não entendo. O que sei é que sua mão está fazendo um verdadeiro contorcionismo entre as minhas pernas.

Em súplica olho para ele.

— Senhor, não tem perigo, cuidarei da segurança de sua dama.

Mais uma vez ele mexe os dedos e isso me leva à loucura, as pessoas me observam, assim como o artista que aguarda uma resposta. Tenho que dar um basta, ou vou gozar aos olhos de todos que me encaram.

— Agora é minha vez do show, Pedro. — Dou um beijo em sua face. — Estamos empatados, observa como uma mulher fodida em público se porta perante as pessoas. — Sussurro me curvando para seu lado.

— Poderia ser menos exibicionista e se faltar de um belo prazer. — Ele retribui, sussurrando.

Exibicionista? Eu? Ele simplesmente me fodeu perante centenas de pessoas e eu sou a exibida?

Tiro o guardanapo do meu colo junto com sua mão, com um jeitinho de mulher passo

disfarçadamente o guardanapo entre minhas pernas molhadas. Com a calcinha de lado consigo apenas ajustar o vestido. É desconfortável a situação.

Pedindo para eu segurar uma tocha de haste cumprida, o artista me posiciona na maneira certa. Sinto-me aquelas ajudantes de palco. Olhando para o Pedro, tento desfazer sua cara de terror, fazendo caras e bocas de quem está excitada e pose de ajudante de palco. Ele fica vermelho e me fulmina com os olhos. Ele não desmancha a feição preocupada. Ok. No fundo estou me borrando toda também e melada entre as pernas, mas acho divertida a situação.

— Preparada?

— Pode cuspir, homem do fogo! — Você cospe pela boca, porque eu estou quase cuspiendo pela “pepeca”.

Ele mostra os dedos e os clientes do restaurante em voz alta repetem com ele. E eu a cada número contado aperto mais meus olhos.

1. Acho que quero desistir.

2. Como fui aceitar fazer isso?

3. Foi. Simples assim.

Ovacionado o artista dá a mão para mim e agradece a todos.

— Que emoção! — Digo eufórica.

— Não sei se fiquei mais apreensivo com o perigo eminente ou em perder você como estagiária.

— Olha que, pela quantidade de palmas, fiquei tentada a me candidatar para o cargo. Duvido que meu novo chefe faria comigo o que você fez há pouco.

— Se tivesse me deixado terminar o que comecei, aposto que as palmas seriam maiores, ao público se deparar com a sua satisfação de prazer estampada nos olhos.

— Você ainda diz que eu sou a exibicionista? Você além de tudo é muito confiante.

— Não duvide de mim, Beatriz!

— De jeito nenhum.

— Vamos comer? — Ele sorri.

— Estou faminta.

Enquanto escolho o que quero comer, leio acima da mesa do bufê a referência e o significado das cumbucas. A tradição do Mongolian Grill originou-se na lenda do grande guerreiro Genghis Khan, que organizava e alimentava seus soldados sobre os escudos que se tornavam uma chapa de ferro onde grelhava qualquer alimento a qualquer hora. E os capacetes dos soldados eram seus próprios pratos. Cumbucas ideais para receber a comida que era servida a fio de espadas pelo mestre cozinheiro. (Dados do próprio restaurante.)

Pedro acertou em cheio, tudo neste restaurante é fascinante! Entrego a minha cumbuca ao

cozinheiro, com carpaccio de tubarão, vegetais e fatias de manga e ele mexe e remexe os ingredientes no fogo, finalizando o prato com flores comestíveis e um molho e temperos que dão o toque especial ao prato. Tudo é muito afrodisíaco.

— É prazeroso vê-la sempre comendo.

— Adoro flertar com a comida e não posso deixar de dizer que tudo está delicioso.

Nossos olhares voltam a se encontrar. Ele é sagaz e me fascina como o sorriso lhe curva os lábios o tornando ainda mais viril.

— Por que você sempre está só? — Na verdade gostaria de saber se ele tem outras mulheres, não sei por que sinto a necessidade de saber.

— Por que há algum tempo uma única mulher habita minha mente.

Idiota! É isso que sou. Agora estou me torturando querendo saber mais sobre essa mulher, quando podia estar falando de outras coisas, ou poderia estar sabendo mais sobre ele.

— Ela deve ser bem interessante. — Tento encerrar o assunto.

— Pena que no meio desta decoração linda não tenha um espelho, para você ver o quanto ela é interessante.

Desmancho-me. Isso é um “eu amo você”? Não! Quer dizer não sei o que isso significa.

— Você parece surpresa.

— Estou.

— Será que sou tão difícil de ser lido? — Apanhando minha mão que treme, ele rodeia o polegar sobre ela.

— Tanto é difícil que nunca sei como interpretá-la.

— Assim você machuca o meu coração. Não é possível que ler a minha alma e meu coração seja tão difícil assim.

A temperatura do ambiente aumenta. Hoje tudo parece um sonho, só não me belisco para saber se estou acordada, porque não sou boba.

— Você está querendo que eu me apaixone mais por você?

— Se conseguir ler a minha alma e meu coração, e der a você razões para isso, me sentirei o homem mais feliz. Dança comigo?

Não havia percebido que a acústica do restaurante havia aumentado o som. Ainda estou concentrada nas suas palavras.

De pé ele estende a mão.

— O quê?

— Pedi para dançar comigo.

— Mas aqui não tem nenhuma pista de dança.

- Também não tem nenhuma placa dizendo que não pode dançar.
- Seremos os únicos.
- Não me importo. Minha única intenção aqui é ser único para você.
- Não sei dançar música tântrica.

Tento enrolar, na verdade estou morrendo de vergonha de me levantar. Ainda sinto minhas pernas tremerem por saber que estou nos seus pensamentos. Será que também estou no seu coração, como ele está no meu?

— Vamos?

Com você vou ao fim do mundo! Levanto-me inibida e ao centro no canto do restaurante há um espaço vazio próximo à caixa de som, onde um DJ trabalha em sua mesa com o sistema de áudio.

Parados ao centro ele não diz nada, apenas enlaça a minha cintura, sua coxa rígida se interpõe levemente entre as minhas e me deixo levar à sensualidade da melodia. A música é calma, relaxante, assim como seu ritmo conduzindo o meu. A leveza do seu toque é como os passos ritmados, com muito sentimento e expressão corporal.

Entendendo um ao outro, nossa sintonia é segura, cheia de contato físico. Muito sensual confesso, mas ainda assim puro.

Seu gingado me leva a cada minuto entrar em um estado de aconchego tanto físico como emocional. É delicioso o seu balançar.

— Você dança muito bem, minha pupila. Parece que nasceu balançando.

— Essa é uma parte da minha vida que queria poder lembrar. Não sei como foi a minha infância.

— Imagino uma pequenina de bumbum arrebitado, fazendo passinhos no balé.

— Será que eu fazia balé? Ou era aquela menina que preferia judô?

Ele me roda e me encara.

— Seja lá o que você fazia, tenho certeza que se saia muito bem. Você é muito determinada a tudo que se propõe a fazer.

— Você é muito romântico.

Ele torce a boca.

— Sou apenas realista.

— Você nunca vai admitir, né?

— Nunca é muito tempo. O que sei é que com você sou diferente do que fui até hoje. Tenho uma necessidade de querer ser melhor. — Puxando meu corpo ao seu, ele diz me encarando, enquanto acompanhamos o ritmo do dois para lá e dois para cá, a música acaba e antes de nós separarmos, tecidos começam a se desenrolar do teto, com acrobatas apresentando um show

misturando circo com teatro. Não somos os únicos no meio dos tecidos que se desenrolam e assim como nós os outros casais ficam admirando o show particular vibrando com cada espetáculo que os acrobatas apresentam.

CAPÍTULO 24 – Beatriz Eva

Parados no meio-fio na calçada esperando o manobrista trazer o carro, seus braços enlaçam minha cintura, ficando atrás de mim e eu descanso a cabeça no seu peito. Posso sentir o calor do seu corpo pela fina camisa, vigoroso e alto suficiente. Sinto-me amparada. É muito bom ficar assim e agradeço aos céus pelo trânsito estar parado dificultando a chegada do manobrista e permitindo que eu possa me deliciar neste corpo esculpido.

Dizendo palavras carinhosas e como foi agradável nosso jantar, ele me faz um convite irresistível, quando a eletricidade dos nossos corpos começa a exigir mais proximidade.

— O que acha de prolongar nossa noite? — Apenas um sopro é capaz de fazer minhas pernas tremerem e meu coração saltar do peito. Agora imagina ouvir um convite com uma voz incrivelmente sedutora próxima a mim, é simplesmente de se desmanchar em pó e arrepiar até o céu da boca.

— Pensei ter ouvido mais cedo uma promessa de uma sobremesa especial.

— Não estou pulando a sobremesa, só quero levá-la em um lugar diferente e apreciar a sobremesa no meu jeito de ser. — Seu rosto afasta meus cabelos caídos pelo ombro e seu maxilar se encaixa ao meu ombro. Uma onda de desejo em beijá-lo faz com que eu vire o rosto e capture seus lábios ao leve roçar.

— Lugar diferente é? Acho que gosto da ideia de ser apreciada no seu jeito de ser.

— Sim, um lugar onde acredito que não tenha ido ainda. — Sua respiração próxima do meu pescoço faz com que arrepios eclodam por todas as células do meu corpo. — Está com frio minha pupila? — Um sorriso vitorioso estampa seus lábios. — Hoje eu quero tudo. Quero você perdida nos meus braços e ainda molhada em volta do meu pau. — Ouvir tudo isso embaralha toda a minha sanidade — Adoro ver seu corpo arrepiado me chamando para aquecê-lo. Amo esta boca sôfrega sobre a minha.

— Está querendo aguçar minha curiosidade, para me convencer?

— Não! Quero levá-la apenas por curiosidade. — Roçando sua masculinidade rija nas minhas nádegas, sobre o vestido, até meu jardim do éden enrugado se arrepia. Incentivada por sua ousadia, pressiono sua ereção. Também sei provocar, gostosão! Virando meu corpo nos seus braços, ele me põe frente a ele e me encara. Seus dedos impetuosos movimentam pelo comprimento da minha espinha, parando com sua mão quente próximo do meu pescoço, enfiando os dedos por baixo do meu cabelo. Ele comprime um aperto excitante, fazendo minhas pernas amolecerem. Gosto desta ousadia e dos seus lábios úmidos trabalhando no meu pescoço, deslizando com leveza. — Quero que vá porque deseja ir e porque seu sexo pulsante me quer. Quero você gritando no meu ouvido que me quer duro e fundo dentro de você. Quero você toda minha.

— Pela demonstração, estou quase convencida.

— Confia em mim? — Como se tivesse todo o tempo do mundo, sua língua trabalha a extensão da minha orelha e eu me entrego à sensação, enfraquecida e amparada pela muralha

do seu corpo.

— Confiança é uma das qualidades que você vem conquistando dia após dia, desde que chegou à minha vida.

— Posso ser um lobo disfarçado em pele de cordeiro.

— E, eu posso ser a chapeuzinho vermelho moderna, que adora o lobo mau, em vez do caçador.

— Então se prepara, pois ainda nesta noite, vou ouvir você me perguntando o porquê de fazê-la gozar com o pau tão grande e fundo! — Sua voz alterada me remete a imaginar o quanto ele pode ser voraz aos meus sentidos.

— Este lobo mau é bonzinho, então? Estou começando achar que é a chapeuzinho que é má, nesta aventura. Acho que também vou perguntar para que olhos tão grandes? Pois, por baixo deste vestido, tenho exatamente as cores apropriadas para mostrar o quanto sou moderna para este lobo mau, faminto. — Provoco-o.

— Se não percebeu, meus olhos quando estão voltados para você, sempre são grandes.

Mal consigo processar as palavras e a euforia de saber que é nos seus braços que passarei a noite e que é nessa mesma noite que ele vai saciar todas as partes do meu corpo que estão intumescidas, túrgidas e desejosas por seu toque. Sinto latejar cada célula que habita meu corpo.

Envolta nos seus braços num delicioso dispêndio de tempo, beijamo-nos como dois apaixonados, sem nenhuma pretensão de separar a química radioativa lasciva que nossos corpos despertam. Seu celular insiste em tocar e ele insiste em não atendê-lo. A textura dos seus lábios macios entorpece os meus. Ainda sinto o sabor do licor de cassis, que provamos quando fechamos nossa conta. O doce e o melado impregnados na sua língua, faz com que eu absorva com prazer o seu sabor.

Para nós não existe o que nos cerca, porém o toque não para e nossos olhos adormecidos e embebedados pelo beijo se abrem e se encontram. Por mais difícil que possa parecer, compreensiva, pisco para ele para atender a ligação.

Com a mão direita na minha cintura ele não me solta, enquanto com a esquerda ele pega o celular no seu bolso e aproveita para esbarrar propositalmente ao meu seio intumescido.

— Fala meu velho.

Ele é curto e grosso com o seu ouvinte.

— Não vai dar. Esta semana não vou com vocês.

Falando ao celular, mal dá atenção para seu expectador, sua mão não me solta e seu queixo circula meu rosto como um leopardo, cuidando da sua cria.

— O que é isso? Está querendo pagar minhas contas? Desde quando tenho que dizer por que não vou com vocês?

Provoco-o mordendo o lóbulo da sua orelha, enquanto com a outra ele apoia o celular.

— Sei que planejamos há semanas, mas aconteceu um imprevisto e não vou poder ir.

É muito bom saber que ele está deixando de ir ao compromisso, para ficar comigo. Parabéns, Pedro! Você merece um carinho extra. Sussurro. — Minha calcinha está tão encharcada e não tem nada de imprevisto, se tocá-la verá quanto está previsto um orgasmo a qualquer momento.

— Se falar mais uma vez coisas como estas, rasgo sua saia aqui no meio da rua e não me importarei se estamos em público ou não.

Ele afasta o celular da orelha e devolve a provocação, molhando mais ainda minha calcinha com o líquido viscoso que escorre entre as minhas pernas por ouvir o que diz.

— Rabo de saia? — Acho que a pessoa do outro lado ouve o que ele diz e ele se atrapalha com a resposta. Sorrio para ele, soltando meus braços do seu pescoço e com a minha mão enlaço meus dedos aos seus, conduzindo-o a deslizar pelo meu quadril para simulando subir minha saia. Uma atitude nada decente, mas, o que é ser decente, quando dentro das veias passa um sangue quente e luxurioso. — Não, nada disso. Prefiro sem a saia.

Seu sorriso se alarga e eu respondo baixinho. — Mal posso esperar para estar sem ela.

Atento a mim, mal presta atenção no que o seu espectador está dizendo.

— É alguém que estou conhecendo.

Virei uma desconhecida? — Ele está mentindo, acredite em mim, ele conhece até o sabor do líquido que está entre as minhas pernas.

— Otávio, você está parecendo aqueles moleques de colegial, querendo investigar quem o amigo está pegando. Você não a conhece. — O amigo continua falando. — Porra cara, que chato, é uma amiga, caralho.

O que? Então quer dizer que o Otávio não me conhece, agora? Meleca, o cara frequenta nossa casa desde sempre, já foi ao escritório milhares de vezes e diz para ele que não me conhece. Uma dor dilacera minhas vísceras e um gosto amargo sobe à minha garganta.

— Sim! Claro. Fica para próxima.

No fundo da minha alma acho que recebo uma descarga elétrica, com a mesma intensidade de quando encostamos a um fio ligado na tomada e sentimos aquele desconforto de formigamento. Não consigo processar, ser apenas uma amiga na vida dele e de repente se torna difícil mensurar o quanto forte ou fraco foi esse choque. Dentro de mim tenho consciência que esse choque é recorrente a vários fatores, o de querer ser algo a mais e o de querer ser dele, só dele. As correntes elétricas circulam de ponto a ponto no meu corpo, causando um curto-circuito.

— Boa aventura para vocês.

— Tenho certeza que será. Falando nisso, manda no meu zap o telefone do Eco Resort de Brotas, estou pensando em um final de semana ao meu estilo.

— Beleza.

Como uma ligação consegue transformar um momento especial em um momento de infortúnio e o príncipe. Ah! O príncipe se transforma em um sapo. Quer dizer se transforma não. De sapo ele

não tem nada. Porém o medo de errar e não estragar tudo acabo engolindo mais um sapo. Um sapo como esses quando amamos e não sabemos como lidar com uma situação.

Empolgados, envolvidos. Nossa noite até aqui foi um sonho regado de carinho, excitação, bem-estar, aconchego. Um conhecer diferente regado de promessas não ditas, de um amanhã feliz. Porém as coisas saem do eixo e eu completamente perdida não sei o que fazer e como fazer. Para não demonstrar a ele a minha frustração dele não mencionar com quem estava para o Otávio. É como se um balde, cheio de flocos de gelo fosse despejado em cima de uma brasa aquecida pelo fogo da paixão.

Como é difícil me conter, quando dentro de mim tem uma fera enjaulada louca para atacar, para se defender.

PEDRO SALVATORE

Desde que saímos do restaurante, depois de ter recebido a ligação, algo mudou no seu humor. Porra! Não consigo entender o que pode ter acontecido e isso fode os meus miolos.

Desmarquei o compromisso que tinha marcado com o Águias para ficar com ela e levá-la a viver um final de semana no meu mundo forasteiro. Respeitei e a privei de detalhes para o Otávio, não achei necessário dizer para ele que estava com ela. Primeiro porque não devo satisfação a ninguém, segundo por que ele a conhece e não quero ninguém insinuando nada sobre ela. Tudo ainda é um começo, tenho muita vontade de viver o que estou sentindo, mas isso só diz respeito para nós dois e para ninguém mais.

Até sua cor está diferente, a pele corada de momentos retroativos, ficou opaca e pálida. Seus olhos parecem perdidos em pensamentos. Sua respiração é seguida de pequenas bufadas de quem parece travar uma briga interna. A pulsação acelerada na lateral do seu pescoço me dá a certeza que algo não está bem. Ver o desgosto estampado no seu rosto assombra-me e algo dentro de mim grita que eu não posso fazer para ela o que foi feito para minha mãe.

— Esta ruginha entre seus olhos, é de preocupação ou medo do lobo mau? — Brinco para desfazer o clima tenso.

— Já disse que não tenho medo.

— Posso saber onde foi que a Miranda Priestly do “Diabo Veste Prada” colocou a minha pupila?

— Não sei o que você está falando — com a voz fraca ela responde.

— Pois eu sei. Você estava empolgada, bem-humorada e de repente fechou a cara e parece distante.

— Está tudo bem. — Tentando tranquilizar, ela sorri e pela preguiça dos lábios, sei o quanto está sendo forçado.

— Não Beatriz, não está tudo bem. E, vou ser claro com você, se vamos seguir além, não vou permitir que não me diga o que está acontecendo.

— Desculpa.

Que se dane o que combinamos ou que acontecerá depois, no primeiro recuo de um estacionamento de uma farmácia fechada eu estaciono o carro.

— Posso saber sobre o que tenho que desculpar?

Com os olhos lagrimejantes ela me olha.

— Não sei dizer sem parecer infantil. — Seus olhos baixam carentes, como um bichinho a ser analisado por alguém prestes adotar.

— Olha para mim Beatriz. Não tenha medo de me dizer nada. Se algum dia, referi-me a você como infantil, foi pela sua impulsividade e por suas atitudes impensadas. Não por dizer o que não me agrada.

— Por que você não disse para o Otávio que estava comigo?

Sinto meu estômago revirar e um gosto amargo na boca, por saber que querer protegê-la, acabou magoando-a.

Finalmente entendo o que aconteceu com o seu humor. Sua sinceridade desperta em mim admiração por ela ser corajosa em admitir o que aflige, porém se vamos começar algo direito - tenho que deixar as coisas claras. Não quero esconder do mundo ou ocultar uma possível relação que possamos ter. Nós dois temos muito ainda que conhecer um ao outro. Não é o momento de pessoas de fora fazerem projeções sobre nós. Já vi muito casal se separando por não dar conta de seus relacionamentos pressionados por algumas posições que ainda não estavam convencidos a tomar.

— Por que não interessa a ele com quem estou. Você ficou magoada por isso?

Ela acena a cabeça de forma afirmativa, parece que tem vergonha de confessar seus sentimentos. Meu coração aperta e dentro de mim tudo o que mais quero é apagar do seu rosto a expressão de tristeza. Erguendo com o polegar o seu maxilar, faço-a encontrar meus olhos e ver a sinceridade contida dentro deles.

— Dizer o que estamos sentindo não nos diminui. Quero você ao meu lado, pronta para viver o que o futuro tem para nos dar, mas isso é entre mim e você. Não acho que sair dizendo para o mundo que estou conhecendo você, vai acrescentar algo entre nós. Eu estou aqui, não estou?

— Sim! — Trêmula ela responde e uma lágrima escorre por sua face. Seguro seu rosto entre as minhas mãos, próximo suficiente, beijando sua face onde a lágrima escorre.

— Bya, eu quero que você seja minha, não sei em que posição social ou status de relacionamento, a única coisa que sei é que quero você. Não vamos preannunciar ou antecipar as coisas.

— Também desejo muito você.

— Linda! — Contorno sua face com o polegar. — Não estou me referindo a você apenas como um desejo carnal. É muito mais do que isso. Quero sua entrega de corpo, mas principalmente de alma. Sou quebrado e sei que você também está quebrada por dentro, então vamos viver somente nós dois, sem interferências externas, pode ser?

— Eu. — Ela se atém em continuar.

— Eu? — Pergunto de forma sucinta.

— Eu quero que dê certo entre nós.

— Beatriz, sou um homem cercado de manias e rituais, nunca gostei de cobranças, tenho o meu modo de vida fechado. Não sou de dividir meus problemas e nem suporto a ideia de alguém se intrometer na minha vida. Mas, isso não significa que não podemos trabalhar o que sentimos juntos. Só não dá para incluir mais alguém nisso tudo, entende? Será que podemos viver por enquanto somente os dois, esta relação?

Fico observando-a me olhar. Sei que ela não está convencida sobre meus argumentos. Deixo-a raciocinar o que acabo de pedir, ainda acarinhando seu rosto delicado.

— Claro que pode ser.

— Você não está sendo apenas conciliatória ao meu pedido e antagonista aos seus desejos, está?

— Ainda não entendo por que não podemos dizer aos nossos amigos que estamos começando algo, mas no fundo sinto que devo confiar em você. — Ela dá de ombros.

— Sua sinceridade me encanta.

— É porque é exatamente assim que quero que você seja comigo.

Perfeita, não define nem de perto o bem que ela me faz sentir e o bem querer de fazê-la feliz, movo meus lábios contra os seus.

— Não entenda isso como rude, estou sendo sincero com você como nunca fui com ninguém.

Sinceridade e transparência são o que mais quero entre nós dois! Tanto sinto isso, que tenho vontade de dizer para ela tudo de uma só vez, porém aqui não é o lugar e nem o momento para fazer isso.

— Você tem razão, acho que foi um capricho ou até mesmo insegurança. — Percebo pela forma que fala o quanto é difícil para ela admitir, tudo isso em voz alta, porém para mim é como uma declaração e enche meu coração de paz.

— Não seja dura com você e fale para mim sempre, qualquer coisa que a desagrade ou que esteja sentindo.

— Para estar ao seu lado, sou capaz de fazer tudo.

— Não a quero se degradando em nenhum momento ao meu lado. Você tem a mim de corpo e alma e não é preciso fazer nada que não lhe agrade. Entendeu?

— Eu amo tanto você, que chega a me cegar.

Porra! Tenho vontade de dizer o mesmo, mas não consigo, minha garganta trava. Caralho, sou um merda de um quebrado! Tento responder mais uma vez limpando a garganta, mas não sai, então consigo apenas dizer e fazer o que meu coração manda, desobedecendo ao que meus pensamentos estão dizendo.

— Você é a coisa mais linda que aconteceu na minha vida! — Abro os cintos de segurança e a puxo para meu colo, beijando-a brandamente e deixando-a explorar minha boca, entre língua e dentes, como se não houvesse o amanhã, feliz e realizado por saber que sou amado por ela. Minhas mãos não cabem em si de tão carentes de explorar todo o seu corpo.

— Leva-me para aonde você ia me levar, Pedro. — Ofegante não paro de beijá-la.

— Levo minha linda pupila.

Seguindo à velocidade máxima permitida nas ruas de São Paulo e considerando a nova legislação de 50 km por hora, suponho que meu coração está mais acelerado do que a própria velocidade do carro.

De início fiquei temeroso se deveria seguir com meus planos de prolongar nossa noite. Entendi seus anseios e espero que ela também tenha entendido o meu ponto de vista, que o início de um relacionamento é como um prematuro e que em seu nascimento precisa ser cuidado e alimentado em uma incubadora, para só depois de protegido e forte ser apresentado ao mundo. Quando planejei nossa noite, minha intenção era sair da rotina e ter com ela uma noite de um casal normal. Porém o clima me deixou em dúvidas. Mas graças à decisão de tirar a limpo o problema que rondava o clima e quase possuí-la no banco do carro no estacionamento da farmácia, algo que para mim seria inusitado, preferi seguir com os planos iniciais e não nos colocarmos em perigo, voltando seguir em direção à Via Anchieta no bairro Ipiranga.

Não consigo manter minhas mãos longe dela. Dentro de mim os pensamentos intrusivos, tentam destruir minha noite, mas, eu por outro lado, não permito que nada atrapalhe nossa noite, ela merece e é justamente isso que quero dar a ela. Uma noite especial. Antes de sair de casa tomei quase o dobro da dosagem medicamentosa, depois de estar há dias sem tomar, porém acho que apenas o pequeno cálice de licor deu rebote ao efeito.

Alguns rituais de colocar a mão na sua perna e tirar — repetiram-se por algumas vezes — e acabou sendo quase engraçado quando, parado no último farol, ela pegou minha mão e segurou à sua pele sedosa. Sua atitude de dominar minha mão, fez com que minhas bolas se contorcessem dentro das calças.

— Os documentos, por favor.

Sorrindo ela me olha surpresa. Minha pupila travessa está de volta.

— Um motel egípcio?

— Decepcionada?

— Não!

— E, isso é bom, certo?

— Espera para ver o quanto.

— Estou feliz por ver novamente o sorriso no seu rosto. É assim que quero vê-la sempre.

— Você será meu faraó?

— Desde que seja minha rainha. Sim, serei seu faraó.

— Você não cansa de me surpreender?

Já estive aqui antes, porém todas às vezes foram como um local privado, para horas de prazer ao lado de uma bela companhia. E, hoje o Motel Faraó tem um significado especial, pois tenho ao meu lado a mulher que mexe com a minha fantasia e mexe com a minha vida. Sou fetichista e adoro um local libertino e pretendo que ela conheça todos os lugares inusitados que sinto prazer em foder sem sentido.

— A intenção é surpreendê-la sempre. Se isso significa que consegui, dou-me por feliz.

— Sou capaz de cair de joelhos, de tão feliz.

— Não seria uma má ideia — digo estremecido, com o pensamento lascivo de tê-la tomando meu pau em sua boca.

— Você parece bem seduzido com a opção. — Sua mão audaciosa desliza pela braguilha da minha calça, meus nervos rígidos por uma noite sentem que precisam ser libertados. Não vejo a hora de fazer amor com ela, com sua boca, com seus seios, com sua mão. Ter o meu pau dentro dela, até esfolar seus miolos.

— Se abrir meu zíper, não seremos capazes de sair deste carro.

— Esta é uma ameaça, Pedro?

— Não minha pupila, isso é uma premonição.

— Adoro premonições.

Suspirando profundamente ela acaricia com sua mão pequena todo o meu pau da base até a cabeça, que por motivos de excitação, baba dentro da minha cueca, irradiando um calor por todo meu corpo, quase me fazendo esquecer que ainda estamos dentro da garagem.

— Está querendo ser possuída aqui mesmo? Se não está, é melhor parar.

— Você gosta de ditar regras, né?

— E você, gosta de segui-las. — Capturando seus lábios, não consigo me afastar mais. Adoro a textura da sua pele macia, seu cheiro e como seu corpo responde ao meu.

CAPÍTULO 25 – Beatriz Eva

Do momento que o portão da garagem da suíte fecha até a entrada no quarto, não sei dizer quem é quem. Nossos corpos são unidos em um só corpo. A decoração é toda egípcia, a iluminação é sedutora em tons dourados e laranjas que refletem nossas sombras na parede. Há desenhos egípcios esculpidos na parede.

A suíte é duplex e a lentidão dos nossos passos com a urgência das nossas mãos, ainda não nos permitiu subir mais um lance de escada. Nunca vou saber se antes de conhecer o Pedro, eu já tinha classificado o corpo de um homem como algo desejoso, porém depois dele, não posso imaginar ficar sem tocar cada parte do seu corpo. Fisicamente ele é imponente e poderoso. Ele me fascina com apenas um olhar.

— Tenho algo para você. — Paralisada no meu interior, não tenho quase forças para raciocinar o que significa que ele tem para mim. Ele é como um mito milenar, por onde passa e toca deixa sua marca registrada. Não consigo ver nada além do seu belo rosto com o maxilar trincado me observando. Como ele é lindo. Seus ombros largos e o peito esguio, porém musculoso, são como bálsamo para os meus olhos. Suas feições são como aquelas que deixam marcadas na nossa memória para o resto da vida.

— Claro que você tem. Você! — Falo ainda ofegante, depois do beijo quente e avassalador.

— Digo um presente. — É tão carinhosa a forma como ele diz, que parece até uma carícia.

— Mais um? Assim você vai me deixar mal-acostumada.

— Tenho todas as más intenções também. — Mantendo o som suave no tom da sua voz ele separa nossos corpos e tira do bolso um pacotinho.

— Não é um grande presente, mas ele tem um grande significado. Quero que você o receba como um símbolo de confiança. Eu teria entregado antes de sair de casa, junto com a flor. Inicialmente era essa a ideia, porém, acabei esquecendo-me de entregar. Depois deveria ter entregado no restaurante e por fim decidi entregar a você no final da nossa noite. E, agora, depois da nossa conversa, acho que o destino e o esquecimento acabaram conspirando comigo, pois inicialmente ele tinha um símbolo que era cuidar do seu sono e agora ele tem um destino novo.

Sim, nossa conversa. Lembro-me nitidamente sobre ela. Ainda não me convenci sobre os motivos que ele prefere ocultar do mundo sobre nós dois, porém preferi dar um voto de confiança e fazer como ele aconselhou.

Não por que sou fácil de ser convencida, ou por acreditar que ele é a última bolacha do planeta, mas, também acho que é tudo muito cedo e cobranças agora sobre um status de relacionamento, poderia botar uma pressão sobre nossa relação que nós dois ainda não sabemos como lidar. Sinto ter que enganar a Bobby e meus amigos, sobre o que estamos vivendo. Na verdade não vou enganar ninguém, só vou omitir e tentar não dizer mais nada.

Ansiosa, abro o laço do pacote, curiosa. O que será que pode ser e ter duplo sentido? Dentro encontro uma máscara de dormir negra com uma corrente dourada. Simplesmente linda. Fico comovida por ele lembrar que sempre reclamo que não consigo dormir com clareza. Tão

fofo!

— Adorei, Pedro!

— Como você pode ver, não é uma joia, porém é algo muito valioso para mim. — Ele pega a máscara das minhas mãos e delicadamente coloca sobre meus olhos e ajeita meus cabelos. — Pronto, Beatriz Eva! — No blecaute, sinto apenas seu corpo a menos de um palmo, a sensação não é confortável, mas, meu corpo gosta desta aproximação. — É assim que a quero, entendeu?

— Cega?

Ouçó uma risada convencida.

— Este é um bom ponto de vista, mas não é cega que a quero. — Seu tom de voz é quase sedoso. — O que preciso de você é a confiança. Uma confiança em nós dois.

Meus sentidos parecem ser despertados na escuridão e tudo que se refere a ele próximo de mim, desencadeia uma sensação diferente. Seu toque parece mais quente e até sua respiração parece mais forte.

— Já disse que confio em você. — Não me movo. Minhas pernas não são capazes de carregar meu peso, meu coração bate forte, dentro da escuridão que ele me deixou. Tudo parece mais intenso.

— Sim, você confia no Pedro tutor, no Pedro que vive com você diariamente. Porém eu quero que confie no homem que você está entregando os seus sentimentos e que respeita você acima de tudo.

Fico tonta só de senti-lo rodear meu corpo lentamente, enquanto fala. Entendo o que ele pede, só não sei se consigo. Sou daquelas mulheres vesgas que tem um olho no peixe e outro no gato, mas posso tentar.

— Vou tentar — sua voz intimidadora encoraja-me a ser sincera.

— Resposta errada. — Ele replica, inclinando sua boca perto do meu ouvido. — Você consegue mais do que isso. — Soprando junto com as palavras sinto seu hálito mentolado quente. Fico imóvel, pois a pequena rajada de ar se transforma em um tornado girando fortemente dentro de mim como um redemoinho em uma velocidade de excitação, fazendo meu corpo todo estremecer sentindo a devastação que ele faz aos meus sentidos.

Ele se afasta de mim e sou obrigada a buscar forças para manter as pernas bambas em equilíbrio.

— Tira a roupa Beatriz. — Sua voz aguda me tira o ar. Como assim tira a roupa? Mal consigo ficar de pé.

— Sem ao menos eu conhecer toda a suíte? — Respondo no mesmo tom de voz.

— Você terá muito tempo para isso. Agora tire a roupa, caso contrário, vou amordaçar sua boca também, para entender que não aceito que você tente e sim consiga confiar em mim.

Ao invés de me amordaçar adorável faraó, você deveria é me calar com a sua serpente, tenho certeza que seria mais prazeroso para nós dois. Engulo seco, para não dizer. Porém não

deixo barato lembrando-me da história do antigo Egito em que as mulheres também podiam ser faraós, e sensualizando, começo a tirar os saltos.

— Eu disse a roupa, os sapatos você mantém.

Ah! Como resistir esta voz soberana como um chefe supremo. Sei que a hierarquia de um faraó era muito rígida antigamente, mas se ele falar malditamente sedutor assim novamente, eu juro que tiro o salto e pode apostar, acerto a cabeça dele, mesmo de olhos vendados. Como é que ele imagina me equilibrando sobre um salto de 10 cm com as pernas tremendo desse jeito, só por ouvir sua voz.

— Como quiser — respondo e entro no jogo, colocando a mão para traz para fingir que vou abrir o zíper. Se vou ter que confiar, ele vai ter que me ajudar a ter confiança. Ele é um homem surpreendentemente, bipolar, em alguns momentos é gentil e em outros é autoritário. Ainda não descobri, qual das suas facetas, gosto mais. — Vou precisar da sua ajuda.

— Está fazendo de propósito, minha pupila?

Minha Nossa Senhora das mulheres sem opções! Quando o homem amado conhece todas as suas artimanhas, dê-me uma luz!

— Claro que não! Você acha que pediria sua ajuda se não tivesse travado.

Um passo, dois passos e novamente atrás de mim, como uma entidade de prazer sinto sua presença, antes mesmo dele me tocar. O calor do seu corpo formiga a minha feminilidade íntima.

A ponta do seu dedo raspa pela minha pele, conforme ele puxa para baixo o zíper com facilidade, das costas até o meu quadril. Puxo o ar consciente da sua proximidade e o vestido solto desliza pelo meu corpo, causando calafrios por onde deixa a pele nua e para nos meus pés.

— Estava bem emperrado? - Dentro de mim dou um sorrisinho intrépido, consciente da sua ironia e do trovão da sua voz que me atingem como raios.

— Acho que destravou. — O estremecimento de estar parcialmente nua na sua frente, sem saber se ele está me observando, queima minha pele e dentro do meu ventre sinto a sensação do oco e do vazio, formando-se uma avalanche pronta para me deixar pingando de prazer.

Se ele me jogasse na parede e transasse comigo duro, rápido e profundo, prometeria sem pensar, confiar nele até a morte, porém não me atrevo falar, quando o seu silêncio me deixa em dúvidas sobre o que ele está pensando e fazendo.

Rouco ele diz:

— Quente. Adoro sentir o seu calor. — Dou um pulo, por essa não esperava, como um ladrão ele consegue roubar meu ar ao tocar sobre a minha calcinha meu núcleo no meio das minhas pernas. — Gosto do seu calor úmido. — Ele suspira pressionando os dedos na minha área mais sensível. Eu não aguento e solto um gemido. — Também gosto muito disso. — Prendo a respiração, esperando-o tirar o tecido que separa seus dedos da minha pele. — Sabe Beatriz, estou aqui pensando em mil formas para lhe provar que pode confiar em mim. — Acariciando-me sobre o tecido úmido e rendado, ele suspira e eu o imito. — Agora mesmo estou aqui, como você descreveu, com os olhos grandes, admirando cada partícula do seu corpo arrepiado e analisando

como é que posso fazer para a confiança penetrar em cada poro do seu corpo.

Continue assim, que logo você vai encontrar como, não para não.

Ele funga.

— Adoro o seu cheiro faminto. É tão doce.

Faça-me sua sobremesa e chupe até se fartar do meu doce. Tenho certeza que no final quando eu estiver explodindo de tesão, gritarei aos quatro cantos do mundo que confio em você.

Rodeando novamente meu corpo, ele para na minha frente e inclina seu rosto próximo ao meu, com os lábios entreabertos, sinto algo liso, macio e molhado me lambar.

— Ah! — Escapa como um suspiro, um gemido que vem de dentro. Ele me faz sentir adorada e divina, sem dizer uma palavra.

— Não sei qual parte do seu corpo, aprecio mais. Será que são seus lábios? — Com um puxão ele suga meus lábios a um chupão de dar nós no meu ventre, enquanto suas mãos fortes puxam meu quadril para seu corpo. — Deliciosos! — Ele se afasta e eu abocanho o ar. — Não Beatriz, você ainda não pode ter meus lábios. Não quando ainda não tem certeza, se pode confiar em mim.

— Ah! — Arrepio-me e suspiro de tesão, parece que esse som, virou um hino na minha boca.

— Você está tremendo. Beatriz? Será que é a temperatura do ar?

— Pedro, você gosta de testar meus limites.

— Sim, gosto de ver como você responde a mim. Mas isso não é nada ainda Beatriz, pois eu mal comecei a testar todos eles.

Sinto-me à beira de um precipício, prestes a cair em queda livre, pela forma que minhas pernas tremem por antecipação.

— Tão lindos seus seios emoldurados por essa renda. Sem dúvida, eles foram esculpidos pelos deuses. — Uh lá lá! Ele sabe como agradar uma mulher. A minha mente neste momento é a zona mais erógena conflitante de excitação que irradia por todo o meu corpo calafrios de prazer.

Apenas a proximidade de suas mãos nos meus seios sobre a renda do sutiã, faz com que o tecido raspe pelo bico sentindo a necessidade da libertação. Meu peito sobe e desce buscando o ar que fica rarefeito. Não preciso estar vendo tudo ao meu redor para senti-lo. Posso sentir seu calor e a energia que seu corpo irradia sobre o meu. Ele é magnético e eu dou um leve passo à frente.

— Você tem pressa do meu toque Beatriz?

Engulo um suspiro, trincando a mandíbula.

— Tenho! — Admito.

— Então me diga o que preciso fazer para que confie em mim sem pensar. — Seus dentes travam sobre a renda e meu bico intumescido fica entre a sua mordida e a renda.

Lobo mau! Que dentes são estes? Como eu era bobinha quando pequena. Como é que eu poderia imaginar que a chapeuzinho poderia sofrer tanto assim?

Numa fabulação de personagens na minha mente, não sei o que é mais erótico ouvir: o domínio da sua voz como um faraó ou o sentir de seu toque como lobo mau.

— Ah! Isso é tão bom! — Mordo o lábio inferior, gemendo suavemente suplicando. — Não me tortura Pedro, eu prometo que vou confiar em você.

Não minto. Eu disse que vou confiar nele. O que não sei se consigo é confiar na minha insegurança. Eu preciso mais do que você está propondo me dar, mas isso eu sei que podemos conseguir juntos, choramingo como uma mendiga por dentro. Eu quero um relacionamento, quero o seu amor, um compromisso.

— Não! Eu ainda não sei se confio na sua promessa. — Seus dentes intensificam a mordida e alivia quando ele conclui seu pensamento. — Ela me pareceu mais sexual do que real e esse lingerie que você colocou, foi para me tirar do eixo.

Ele me provoca, até que afasta o lado esquerdo do tecido e libera meu seio túmido. Sua mão tateia e seus dedos torcem meu bico dolorido. Seus lábios encontram os meus novamente e o beijo é leve, suave. A pressão dos seus lábios é suficiente apenas para me deixar mais desejosa por ele, fazendo percorrer um calafrio por toda a minha espinha até última vértebra da coluna.

O Pedro aprofunda o beijo e sua língua passa rapidamente pelos meus lábios e desce pelo meu pescoço. Uma das suas mãos desliza pelos meus ombros até a base da minha cintura, puxando meu corpo e travando sobre o seu. Faíscas acendem como pólvora um incêndio dentro de mim. Cravo por cima da sua camisa as unhas e mostro a ele a felina que ele desperta em mim.

— Pedro. — Clamo seu nome.

Ele finge não me ouvir e suas mãos seguem por toda parte do meu corpo, ora beliscando meu mamilo, ora me provocando com o dedo por cima da renda na minha feminilidade.

— Eu preciso de você dentro de mim, agora!

— E, você vai ter. — Apoiando a mão sob meu seio, seus dedos o ajudam enfiar todo o globo redondo em sua boca e ele chupa com uma compressão de tirar o oxigênio do ar. A dor da chupada é aliviada com sua língua que circula por toda a pele intumescida. Sua outra mão desce pelo meu ventre.

— Maldição Beatriz, isso é o que mais preciso agora e quer saber? — Ele diz quando seu dedo encontra meu núcleo túrgido.

— O quê?

— Que se dane a confiança, por agora. Temos um tempo enorme para conquistar isso juntos, não é mesmo?

— Sim!

Sua boca cobre a minha rapidamente, sua urgência se torna palpável e antes de descobrir o que ele quer dizer com isso, suas mãos assaltam meu corpo com fúria, estabelecendo um lado

emocional excitante. Tento puxar a máscara dos meus olhos e ele impede, sorrio pela minha ousadia.

— Não! Ela fica.

Suspensa do chão e tomada em seus braços, sinto seu peito nu queimar meu corpo e me entrego leve e feliz totalmente. Quando foi que ele tirou a camisa não me lembro e nem percebi, o que sei é que o atrito de pele com pele é delicioso.

Subindo a escada, sinto segurança na firmeza de seus braços que me dão a certeza que ele pretende não me soltar nunca mais. A pressão erótica dos seus lábios chupando o meu me leva à loucura.

— Meu Deus Beatriz, como desejo você! — Deslizando em seu corpo, ele me põe de pé à sua frente. — O que você está fazendo comigo? — Suas palavras formam um rodado no meu ventre. - Não consigo pensar em não estar com meu pau enterrado dentro de você.

Sua língua volta a trabalhar entreabrindo meus lábios que o recebe. Um gemido lascivo escapa das minhas entranhas, quando ele aprofunda o beijo.

Sem dizer mais uma palavra, com as mãos encaixadas nas minhas nádegas, arqueio o corpo ao seu encontro e um calor líquido escorre entre minhas pernas, despertando em mim um desejo maior que apenas os de seus beijos lascivos.

Seus dedos trabalham habilmente o fecho do meu sutiã.

— A meia taça é linda, a cor é vibrante, mas eu prefiro ver seus mamilos desenhados libertos e livres para mim.

A peça que era a minha aliada há instante, vira minha armadilha e ele puxa meus braços para cima, laçando a renda vermelha que me orgulhei em usar, como algemas nos meus pulsos, que ele eleva sobre minha cabeça e os prende.

— Você vai rasgar meu sutiã, ele foi muito caro, sabia?

— Compro uma dúzia deles para você.

Sinto a eutanásia das minhas forças, quando ele aperta o nó e mordia meu antebraço descendo a repetição até o lado interno do meu seio.

— Ah! — Um gemido de protesto, alto, escapa dos meus lábios.

— Você consegue ser a coisa mais deliciosa que já experimentei. — Ele crava mais ainda seus dentes e chupa a minha pele e eu suspiro junto com um gemido. — Geme alto, adoro o som do seu grito sem pudor e sabe o que isso me causa, Beatriz? Causa uma dor dilacerante, nas minhas bolas. Meu pau pulsa a cada gemido seu.

— Você é o maior torturador de todos os tempos.

— Não tanto quanto esta minúscula peça de roupa que encobre sua boceta. — Ainda de pé e sem mais forças para manter o meu corpo enfraquecido, ele percebe meu vacilo e assim guia meu corpo até encostar minhas costas na cama. E então ele se abaixa, deixando minhas pernas pendentes para fora da cama e com seu vigor e potência morde a pequena renda que resta no

meu corpo, puxando o tecido com que o faça se reduzir e penetrar entre minha vulva.

— Rosada, como um suflê! — Uma ânsia dolorosa arde entre minhas pernas, quente e úmida. Torço para que ele continue e assim ele faz, explorando e trilhando lambidas, voltando, volta e meia para minha pélvis e quando parece que vai chegar ao meu núcleo, ele volta e começa tudo novamente. Solto um gemido de frustração, levantando meu quadril para chegar à sua boca, onde necessito ter sua língua.

— O que acontece, minha pupila? — Posso ouvir o riso travesso em sua voz.

— Você não está fazendo as coisas fáceis.

— Você precisa disso?

Sim, mil vezes sim! Contraio-me ao sentir seu dente puxar minha calcinha para o lado e sua língua me invadir. Gemo, grito e levanto meu quadril para que sua língua cada vez se afunde dentro de mim e ele trabalha entre o meu núcleo como nunca, curvando-a dentro de mim, fazendo com que cada terminação nervosa dentro de mim estremeça. Ele faz tudo o que preciso até a maldita campainha tocar. Agora, não! Por favor, não atenda. Antes de entrarmos na suíte ele pediu o cardápio para a recepcionista e fez o pedido de um número que indicava alguma coisa no cardápio, mas, não mencionou o que era - apenas acrescentou para a recepcionista que exigia que fosse separado. Ela não entendeu direito. Ele disse que cuidaria — ele próprio — do preparo. É obvio que fiquei curiosa, porém a ansiedade de estar em um motel pela primeira vez, dispersou qualquer curiosidade momentânea.

— Não era sem tempo.

Antes de se afastar ele lambe toda a extensão da minha feminilidade e meu corpo chora. Ele é impetuoso e volta à renda entre meus lábios, provocando-me.

— Isso a manterá aquecida e entretida.

— Por favor, estou tão perto. Não me abandone agora.

— Shh! Não vou deixá-la por muito tempo, só um pouco.

Volta aqui, tenho vontade de gritar, por sentir a renda estimular meu clitóris dolorido.

Meleca, era só o que me faltava, ficar amarrada com o próprio sutiã, com os olhos vendados e ainda por cima sendo estimulada pela calcinha. Pronto ele acaba de me mostrar que posso ser autodidata em orgasmo com as minhas próprias peças íntimas.

A passos lentos, eu o ouço voltar. Meu corpo estremece.

— O que foi que você pediu?

— Sou cumpridor das minhas promessas. O que foi que prometi a você para depois do jantar?

— Uma sobremesa?

Ouço o som de algo ser depositado na mesinha ao lado da cama e uma música vibrante ressoa na acústica do quarto, junto ao barulho de uma cascata deslizando pela parede.

— Isso, minha pupila, uma deliciosa sobremesa.

— Pensei que eu fosse a sobremesa. — Provoco-o e ele retribui a provocação descendo lentamente o zíper da calça, fazendo com que eu ouça seus movimentos.

— A mais gostosa, pode apostar. Porém vamos rechear esta sobremesa.

— Adoro doces recheados.

— Então vamos preparar nossa sobremesa e, sabe onde foi que decidi preparar o doce, Beatriz?

— Em mim?

— Esta é a minha pupila. Inteligente e gostosa como o céu.

Sinto o colchão afundar ao meu lado e o som de utensílios se estralarem.

— Você pode me despir? Prefiro você me comendo no lugar da minha calcinha.

— Essa não era minha intenção, mas faço esta concessão. — Sua voz fica rouca quando me ajeito na cama para tirar a calcinha dentre minha vulva, suspendendo o corpo. — Porra! Beatriz.

Sua boca desce, para a bainha da minha calcinha.

— Você prometeu tirá-la.

— E, vou fazer isso, mas antes preciso apreciá-la mais um pouco no seu corpo. — Você fica gostosa pra caralho com ela.

Remexo-me e ele é ousado esfregando seu nariz pela minha feminilidade.

— Seu perfume me embriaga e me vicia. — Sua língua é impetuosa e desliza em círculos, pressionando meu ponto mais intumescido. Ele chupa a renda junto com o meu clitóris.

— Você é uma bela distração, minha pupila, mas temos uma sobremesa nos aguardando.

Puxando minha calcinha para baixo sinto um alívio, uma liberdade indescritível.

Engatinhando sobre mim, ele chega próximo do meu rosto, beijando cada parte do meu corpo, arrepiando até a minha alma. Ele rompe o contato e apenas sua respiração se aproxima do meu ouvido.

— Vamos partir para nossa sobremesa?

Um recipiente, gelado, encosta na minha parte íntima.

— Aqui seria um ótimo lugar para começar a apreciar essa iguaria, mas não sou tão egoísta assim, a ponto de privá-la. — Provocando-me, ele rola o recipiente pela minha barriga e quando chega ao meio do colo dos meus seios, ele derrama algo congelando, entre o contraste do gelado com o calor da sua língua, ele lambuza todo o colo, levando aos meus lábios o sorvete de papaia.

— Sei o quanto gosta de papaia com cassis, então para fechar a noite, achei pertinente fazermos uma sobremesa diferente.

Assim começa a nossa degustação, o desejo é intenso. Dos seus lábios ele me alimenta com

um beijo gelado de fazer esquentar todo o meu corpo. Tento soltar minhas mãos e ele percebe.

— Não está gostando da sobremesa Beatriz?

— Adorando, mas queria poder tocar em você também.

Que química é esta que sempre quero mais dele? Droga de homem maravilhoso. Ele é tão intenso, tão físico, tão sensual.

— Já abri concessões demais para você hoje. Um lobo mau não solta sua presa, mas posso ser um lobo faraó solidário e deixá-la ver o quanto adoro devorá-la.

Agradeço o quarto estar iluminado à meia luz. Ele me encara e eu me sinto extraordinária, desejável, sexy e valiosa para ele. Sobre a cama redonda toda acolchoada tem panos como mosquiteiros em sua volta, imitando uma cama egípcia. O Pedro vê meu olhar entusiasmado e solta os tecidos para apimentar o clima. Na penumbra da claridade vejo em suas mãos uma garrafa com cassis.

— O doce precisa ser completo. — Assim ele faz depositando em uma trilha incrível o sorvete e por cima com a outra mão, despejando o líquido viscoso por todo o meu corpo. Entre uma chupada e uma lambida, ele me leva próxima ao prazer. Estimula meu corpo como se fosse o diário de suas confissões, ele sabe onde toca e o que causa em mim. Sinto-me em desvantagem. Meus seios parecem que vão explodir, acredito até que tenha dobrado de tamanho e o que nunca imaginei acontecer, acontece. Tomada por um fogo incontável, perco a razão absorvida por ele que perversamente se posiciona entre minhas pernas e enfia a língua dentro de mim. E como um alcoólatra, ele despeja o gargalo da pequena garrafa sobre meu clitóris e lambe até a última gota.

— Beatriz, você é tão perversamente deliciosa. — Descobridor das minhas necessidades e do meu corpo que arqueia necessitando mais, ele me penetra com dois dedos, cada vez mais fundo e em forma de âncora. Ele encontra meu ponto sensível e me estimula, enquanto sua língua massageia meu núcleo intumescido dolorido. Meu corpo implora para liberar toda a explosão que se forma em cada célula lasciva, que vem a cada segundo em forma de calafrios.

Todos os músculos do meu corpo se contraem assim como meu canal.

— Goza para mim, minha pupila, liberta esse mel e me lambuza do seu doce! — Seu pedido se torna uma ordem ao meu corpo, levando-me ao êxtase no mais profundo clímax.

— Você fode meus miolos. Não sei dizer o que é mais prazeroso: fazer você gozar ou sentir e ver você gozando.

Retornando a consciência, vejo-o me encarando com intensidade e seu membro viril brilhando a ponto de explodir. Mal consigo falar, mas quero e preciso dele.

— Veja, Beatriz, como você me deixa. Quase me fez perder o controle.

— Se não posso tocar em você, dê-me mais uma concessão e deixa a rainha chapeuzinho ser maldosa e provar do doce em você também.

— Como você prefere o doce? — Ele pega a garrafa. — Assim?

Segurando toda a sua extensão, ele derrama sobre seu membro em zigue-zague o licor e ainda na ponta ele coloca um pouco do sorvete. Ajudando-me a sentar na cama, ele fica de joelhos na minha frente e como um bastão de doce, o tomo nos meus lábios. Sinto suas veias saltarem e pulsarem, cada vez mais fundo, sugo-o e são dos seus lábios desta vez que saem as palavras e gemidos de prazer.

— Sua boca é gostosa pra caralho. Toma tudo o que é seu, minha pupila.

Estimulada continuo e ele vai mais fundo, causando-me uma ânsia prazerosa, por saber que ele está transando com a minha garganta, como se tivesse dentro de mim. Seu joelho roça minha vulva e ele percebe que estou molhada novamente, só por senti-lo nos meus lábios e mal percebendo ele solta meus pulsos e muda nossas posições, colocando-nos invertidos. Por cima dele, ele me invade com sua língua, proporcionando-me sensações ótimas, enquanto seu membro transa com a minha boca. Ele me deixa controlar a velocidade e a profundidade. Este é o sexo oral duplo mais lascivo e erótico que já imaginei na vida. Contraio novamente e seu membro pulsa na mesma intensidade.

— Bya, eu preciso estar dentro de você.

Ouvir isso é quente, sexy e emocionante e em um passe de mágica, lá estamos nós, absortos em nossas bocas, o nosso sabor, unidos em um só corpo. Ele se põe entre minhas coxas, deslizando seu membro rígido, do jeito que eu gosto na minha entrada túrgida, esfregando sua ponta para cima e para baixo.

Feitos um para outro, sinto-o me preencher. Seu encaixe é perfeito, com estocadas fundas e quando o prazer se aproxima, ele retarda os movimentos. Um gemido gutural e rouco escapa dos nossos lábios.

Eu quero mais pressão e não menos e assim arqueio meu corpo ao encontro do seu, esperando-o aumentar o ritmo, amando o atrito dos meus seios no seu peito duro. Ele toma o controle, enchendo-me até onde seu membro aguenta ir, ele incha dentro de mim, fazendo-me pulsar e contrair. Meu corpo formiga, com a sensação deliciosa. Ele é grande, duro, viril, quente e aproveita o quanto pode me provocar. O surpreendente de estar ao seu lado, é que ele não se limita apenas a uma posição, ele é criativo e movimenta nossos corpos, sempre procurando uma posição erótica, mas que seja confortável para mim.

Sou como uma marionete de prazer em seus braços, ele estimula meu clitóris, em todo momento. Uma onda de prazer surge na região do meu ponto mais sensível e no meu interior, pulsando diretamente no meu ventre, espalhando-se rapidamente por todo meu corpo. A sensação faz-me perder o controle.

— Pedro! — Grito seu nome e enquanto ele acelera seus movimentos.

— Isso, gostosa, aperta o meu pau e goza por todo ele.

Suas palavras são como terremoto junto com a explosão de prazer que expelle do meu corpo com um turbilhão inegável, intenso. Precisando de mais, finco no seu ombro minhas mãos, convulsionando.

Ele suga o ar pelos dentes, no mesmo instante, sinto seu corpo enrijecer e a liberdade do meu

orgasmo o instiga a pressionar mais estocadas e junto com o suspiro de alívio, ele se esvazia fundo, dentro de mim.

Nosso peito desce e sobe em ritmo acelerado, buscando ar e como imã impossível de separar, não rompemos a ligação.

— Minha pupila, não consigo me afastar de você. — Com o membro nadando na piscina de prazer, ele mergulha lentamente, novamente, como se nossos membros precisassem desta sensação. — Não há nada melhor do que estar dentro de você.

Meus músculos internos o recebem preguiçosos e seus movimentos vão acordando-os.

— Você não cansa? — Deixa o Beggo saber do fôlego do Pedro, quero vê-lo o chamar de tiozão novamente. Sorrio por dentro vingativa. Na verdade prometi não contar sobre nosso relacionamento, mas tripudiar Beggo. Ah, isso eu posso.

— Eu mal comecei, minha pupila.

Sentado de pernas cruzadas, ele me leva ao seu colo, deixando-me sentada sobre ele fazendo com que eu envolva as pernas em sua cintura.

Minha vagina fica elevada e ele faz questão que sua pélvis a estimule, fazendo com que meu clitóris sinta a dureza do seu osso púbico, enquanto cavalgo sobre ele, seus beijos e olhares sobre mim, me fazem sentir desejada, querida e até mesmo amada. Vou à loucura, ele apoia suas mãos nos meus quadris fazendo pressão cada vez mais. Sinto outro orgasmo se aproximar.

— Adoro sentir como você comprime meu pau e me acolhe dentro de você.

Seus olhos encaram os meus e deitando para trás, ele leva meu tronco junto, beijando-me e ditando o mesmo ritmo da sua língua e seu membro que me invadem, não sei como ele consegue o atrito intenso da sua pélvis que não abandona o meu clitóris túrgido. Um dito de ritmo alucinante, ele vira meu corpo e passa a me penetrar alucinadamente, até que arremetemos em um orgasmo prazeroso, agarrados, melados, entregando-nos juntos ao êxtase do prazer. Talvez seja difícil encontrar um meio de estabelecer a total confiança dentro das minhas inseguranças, porém nos seus braços e ao seu lado, sei que tudo posso.

PEDRO SALVATORE

Chegar ao orgasmo enquanto ela atinge seu auge é delirante e, ouvir seus sentimentos aflorados juntos, é a melhor sensação do mundo.

— Amo você Pedro!

Enquanto derramo a última gota dentro dela, dou por mim que não usamos camisinha. Um choque me remete à uma história que conheço, do passado, e eu não me movo enquanto absorvo tudo de uma só vez, na mistura da responsabilidade de ouvir seus sentimentos e da responsabilidade que eu deveria ter e não tive. Simplesmente, tê-la ao meu lado torna-me insano e o sentimento desdobra dentro da minha alma.

— Você é a coisa mais linda que aconteceu na minha vida.

Passo o tempo todo com ela em meus braços, querendo compensá-la com carinho, cada

carícia é como um sentimento não verbalizado.

— Amanhã, nós vamos viajar? — Sua voz é preguiçosa, sentir seu maxilar movimentando no meu peito, enquanto fala, aquece meu coração.

— Vamos, minha pupila. Agora descansa, teremos um dia bem agitado.

Não sei ao certo quando ocorreu ou iniciou o sentimento profundo que sinto por ela, não tive o livre arbítrio de querer sentir isso, simplesmente sinto este bem-estar e este bem querer.

Ela adormece exausta e eu choro por dentro com a punição da minha consciência, de ser incapaz de dizer para ela o que mais quero dizer.

CAPÍTULO 26 – Pedro Salvatore

Cuidadoso para não acordá-la, eu ajeito seu corpo próximo ao meu, beijando sua testa.

— Minha pupila, o tempo vai se encarregar de encontrar um meio de eu dizer a você o que sinto.

Conformado com este pensamento, me junto mais a ela, repousando meu rosto no mesmo travesseiro que o seu, admirando-a e a abraçando pela cintura.

Respirando seu perfume, tenho a certeza que ela já é o meu oxigênio e que sim, não posso mais viver sem ela. Acompanhando a cadência de sua respiração e do seu sono, não sei se durmo ou tenho um pesadelo acordado.

A confusão embaralha meu raciocínio. Eu estava a instantes, pensando nos sentimentos da Bya, como era bom ouvir da sua boca. Eu amo você. E me reprimindo por não ser capaz de devolver a ela as palavras com os sentimentos estampados. E de repente, no outro momento a única coisa que vejo diante de mim, é a impressão de um sorriso irônico me observando e a efígie do homem que afetou meus valores quanto aos sentimentos.

Meus nervos se contraem por lembrar-me dele. Acho que já nasci odiando-o.

Não consigo me concentrar corretamente, e as imagens de forma erroneamente não permitem minha total lucidez.

Vejo-me parado entre uma linha desconexa sem nenhuma ligação, onde de um lado tenho o mal-estar e do outro, o lado bom, com uma leve imagem da minha mãe, linda, como se tivesse ali, só para mostrar que não estou sozinho.

Quando ouço falar que os anjos que vão fazer parte da sua vida, acompanham a gente desde sempre, não duvido dessa teoria. Ainda acredito e sinto que todo o desgosto que minha mãe viveu, eu absorvi na sua gestação ainda dentro do seu ventre.

Viver ao seu lado, não foi preciso ouvi-la dizer palavras ou verbalizar seu passado, para eu ter dentro de mim, que o amor podia destruir as pessoas.

Esses pensamentos vêm junto como se eu tivesse acordado e dormindo ao mesmo tempo. Não sei o que estou sentindo, é estranho dizer, praticamente não tenho domínio da realidade.

Uma confusão do passado com o presente me deixa agitado. Ao mesmo tempo em que vejo aquele homem me observando com o olhar de desdém, vejo também a imagem dele morto, dentro daquele caixão, com o nariz tampado com algodão, sem me causar qualquer má impressão de quando eu fui ao seu velório. Parece monstruoso dizer que não senti dor alguma, mas foi assim que os sentimentos aconteceram quando vi o homem que biologicamente era meu progenitor ali deitado.

Encará-lo ali, sério, imponente e ainda assim impotente, naquele momento me deu um ar de vingança, por saber que o seu destino foi o mesmo da minha mãe, que indiretamente ele matou. Ainda naquele momento vendo seu corpo estendido rígido, como seus atos em vida. Pensei em virar as costas e não velar aquele homem sem coração, porém no fundo um sorriso satisfeito me fez

encará-lo.

Tenho certeza que se a alma dele estava ali me observando, ela naquele momento estava querendo revirar o corpo dentro do caixão.

Concentrado, olhando suas mãos entrelaçadas acima do seu peito me vi naquele momento, vingativo, podendo mexer meus dedos e ele não. O garotinho magoado dentro de mim que ele assoberbou por diversas vezes, sentiu-se aliviado, pois sofreu humilhação no passado. Puxões de orelha daquele homem obtuso que insistia em ignorar seus transtornos e deu as costas para sua mãe, dizendo que a loucura dela estava contagiando-o. O terço preso em suas mãos, chegava ser de origem hipócrita, pensando o quanto ele abominava a ideia da minha mãe ter fé e ser católica. Se a pessoa que colocou o terço em suas mãos pensou que isso o aliviaria dos seus pecados, se enganou. Sua passagem direta para o inferno foi comprada na primeira ação diabólica que ele cometeu.

Seu sorriso de desdém se amplia e eu teimo em buscar em minha memória, sua imagem da forma que quero lembrar. Seu sorriso irônico não representa nada para mim. Digo mais para mim, do que para sua própria imagem à minha frente, observando-me querendo dizer algo.

Nunca tivemos tréguas ou aproximação. E, como é que teríamos isso? Se dentro de mim não existia o perdão para ele. Como é que um homem, que cresceu com uma mulher inocente e linda ao seu lado e prometeu amor eterno, pôde no momento mais difícil de sua vida abandoná-la?

Exatamente assim aconteceu. Desde a adolescência eles foram próximos e quando o corpo de mulher começou aflorar, ele resolveu se aproximar mais. Minha mãe sempre o resistiu e ele por outro lado, sempre a cortejou, até conseguir o que queria com juras de amor. Incansáveis vezes a ouvi dizer que não o culpava por ter cedido para ele entrar no seu coração.

Claro que ela não o culpava, morreu ainda o amando. Mas eu, neutro nessa história, nunca engoli saber que quando ela ficou doente pela primeira vez, ele foi capaz de começar a destruição na vida dela, juntamente com a avó da Beatriz.

Algo se aperta dentro do meu peito. Ela era avó da Beatriz.

Não! Não pode ser, sou um homem amadurecido e sei que não dizer para Beatriz o que sinto, é mais por covardia da minha parte, do que qualquer vingança de passado. Ela é inocente, não tem culpa do que sua avó fez.

Quero puxá-la mais para meus braços e sentir seu corpo nu conectado a mim, mas meu estado de dormência não permite.

Este é o sonho mais confuso que tenho na minha vida. Ainda sem entender o porquê tudo isso está acontecendo, meu subconsciente em sonho, permanece deixando-me espectador de toda história.

E a história da minha mãe foi mais ou menos assim. A avó da Beatriz era prima da minha mãe e sofria maus tratos do marido e por esse motivo decidiu fugir da cidade de onde morava e trocou seu nome e de sua filha de três anos, que carregou junto. Sem ter para onde ir, ela pediu asilo e um teto para minha mãe, que possuidora de um coração gigante, não mediu esforços para acolhê-la, mesmo moribunda e grávida e com seu destino traçado para o resto da vida, por estar

atrelada a uma cadeira de rodas. Depois de amputar as pernas, minha mãe continuou seu trabalho e por meses ajudou a prima a se restabelecer e se aqueitar com a filha pequena, porém mal sabia minha mãe que o homem que ela amava, deixou de ter interesse por ela e passou a ter interesse na prima. E enquanto ela saía com toda sua bagagem solitária para vender suas obras de artes em feiras, os dois se esbaldavam debaixo do seu teto.

Um dia do nada a prima foi embora sem dizer ao menos obrigada e o homem que a deixara com um filho no seu ventre a abandonou impetuosamente. Dado aos fatos, minha mãe descobriu que fora abandonada duplamente e que em suas costas os dois a traíram e viviam felizes.

Chorar? Acho que ainda no seu ventre ouvi todos os choros e é justamente aí que nasceu dentro de mim, o ódio que tenho por esse verme que do nada está me observando. Quanto à avó da Beatriz. Dela eu só tenho os pesares, mas dele, eu tenho ódio correndo nas minhas veias até hoje, pois não se contentando com tudo que fez para ela, ele ainda tentou afastá-la de mim, todos os dias da sua vida, até descobrir que eu não era aquele garotinho perfeito que ele imaginava e mais uma vez ele foi impetuoso culpando minha mãe, dos meus rituais e manias. A lembrança dele comigo no shopping em um dia quando meus transtornos estavam à flor da pele, por estar ansioso para voltar logo para casa, pois eu odiava ficar com ele, são aniquiladores.

Flashes estralam nos meus olhos e volto a ser o garotinho assustado.

Sem ao menos entender quem fala comigo, os pensamentos repetitivos intrusivos pedem para cada dez passos à frente, eu retroceda um, ameaçando-me se não fizer, algo ruim pode acontecer. Fico com medo, pois não é uma voz que me dá ordens, são meus próprios pensamentos! É estranho sentir isso e conforme os pensamentos vão se seguindo, assustado resolvo fazer.

1, 2, 3. 10 e um atrás — percebo meu pai me olhar de lado.

— Isso, bom menino! Faça novamente se não algo ruim vai acontecer a você.

Assim repito e quando termino, sinto um tapa forte na minha cabeça.

— O que é isso moleque, está louco?

Sentido e amedrontado, quero dizer para ele que é minha cabeça que está mandando fazer isso.

— Não liga para ele, vamos novamente. Não se preocupe! Nada pode ser pior, caso não repita o que estou pedindo para fazer. — Meus pensamentos insistem e eu cedo, repetindo.

1, 2, 3, 4. 10 e um atrás.

Outro tapa e dessa vez mais duro.

— Está me desafiando moleque? Não sou a doida da sua mãe que aceita tudo o que você faz. Ela não me deixou educá-lo como tinha que ser feito, mas ainda sou seu pai e posso consertar agora você. Quer ver?

Os pensamentos imponentes foram se estendendo do estacionamento do shopping até nos seus corredores cercados por lojas e pessoas. Impaciente meu pai me deu vários solavancos na cabeça como se fosse algum tipo de molecagem da minha parte.

Fora a tristeza de ouvir meus pensamentos dizer que se eu não fizer o que eles mandam algo de ruim vai acontecer, ainda tem a desaprovação do homem ao meu lado, mais a multidão de pessoas nos corredores, deixando-me claustrofóbico. Meus olhos viram para todos os lados, quero chorar, espernear, me morder e puxar meus cabelos. Começo a entrar em pânico e a única coisa que faço no momento é me machucar, para a dor ser mais forte do que tudo isso que estou sentindo e não parecer uma menininha.

Paro incerto.

— Vai ficar parado? Vamos moleque, você tem uma praça de diversão pela frente.

— Eu não quero brincar — digo com a voz embargada.

— Claro que você quer brincar, deixa de ser teimoso.

— Eu quero ir embora — não quero ficar ali, ele me faz mal. Eu só fui por que minha mãe insistiu que eu tinha que ter um momento com ele.

— Nós não vamos embora — ele grita comigo. — Eu sei que sua mãe encheu sua cabeça de merda, mas você vai aprender comigo que a vida não gira em torno das suas manhas.

Meus pensamentos mudam as ordens e dessa vez, eles pedem para tocar as pessoas. Teimoso e envergonhado, inicialmente cometo o ato sem chamar muito atenção. Toco disfarçadamente nas pessoas que passam por nós, porém, os pensamentos intrusivos se tornam impetuosos e quando um senhor passa por mim e esbarra em meu braço acidentalmente, ele insiste que eu vá até o homem e esbarre com o outro lado do meu corpo e assim faço.

— O que foi menino? — Espantado ele enverga a cabeça para me olhar e ver que eu bato na sua cintura.

Meus olhos ficam arregalados e assustados ao mesmo tempo, mas dentro da minha cabeça, os pensamentos insistem que fiz certo.

É enlouquecedor, pois não consigo controlar direito minhas ações.

— Pedro, seu moleque imbecil, peça desculpas para o homem.

— Desculpa — disse com os olhos lacrimejantes.

— Senhor, peço desculpas pelo menino, ele é criado com a mãe e ela não é capaz de dar bons modos a ele.

— Está tudo bem? — Com piedade, agachando para encarar meus olhos, o homem segura meus braços, carinhosamente, para dizer que está tudo bem.

É torturante. A piedade que vejo nos seus olhos, com a mistura de ouvir meu pai resmungando ao lado, com uma sequência de atos me julgando erroneamente, me fez cada vez mais ter vontade de chorar.

— Vamos moleque, sua diversão acabou. Se você não sabe se comportar em um convívio social acho melhor continuar na gaiola que sua mãe insiste em aprisionar você.

Tive vontade de gritar para ele naquele dia, que eu preferia uma gaiola de amor que a

liberdade de incompreensão.

— O que o senhor é dele?

— Sou pai do menino. E, se me dá licença, estamos indo embora.

Puxado pelos braços frágeis, arrastado pelo shopping, sinto toda a humilhação como um garoto birrento, ao ver as pessoas me olhando, enquanto dentro de mim as lágrimas escorrem como sangue com o gosto amargo na minha garganta, por morder minhas bochechas para me proteger ainda mais da humilhação de ele me vir chorando.

Volto ao meu corpo adulto, ainda dentro desse pesadelo e tento gritar e me desvencilhar das mãos que me arrastam.

A impotência é devastadora, mas algo dentro de mim, diz que vai passar. Que logo estarei novamente com a minha mãe.

Enquanto minha mãe procurava soluções para tranquilizar meus transtornos, os moleques da minha escola me faziam sofrer *bullying* e aquele homem me fazia sentir como um louco.

Flashes e mais flashes aparecem no meu pesadelo, com lembranças do passado e volto a ser o garotinho novamente.

Meus rituais faziam parte da minha rotina. Eu não dormia sem ouvir histórias, nem ia deitar sem organizar meus carrinhos em fileiras simétricas perfeitas. Eu tinha mania de contar árvores quando passeava em qualquer rua que caminhava. E assim minhas manias passaram a ser cada vez mais frequentes e algumas delas passaram a interferir no meu dia a dia e passaram a me causar as repressões dos que me rodeavam.

A lembrança presente de ficar atrás da porta e ouvir a reunião da minha mãe na escola vêm como uma historinha e eu desperto olhando para o teto, lembrando, numa paralisia do sono com a realidade.

Em um acompanhamento com uma psicopedagoga da escola, minha mãe foi chamada e notificada que eu era portador do TOC precoce e ainda foi notificada que quanto mais cedo os sintomas eram diagnosticados, melhor seria para um tratamento, caso não feito isso pioraria a evolução do quadro para o resto da minha vida. Ela até tentou procurá-lo, para discutir o assunto, mas ele se recusou a aceitar e ainda por cima, mais uma vez a deixou ter que lidar com toda a situação.

Minha mãe procurou um médico e ele disse que eu estava em um sofrimento e precisava encontrar uma zona de conforto e que para isso era necessário um tratamento medicamentoso. Ela se recusou a ir por esses meios e foi na fé que ela procurou tentar me curar, pois como ela tinha aversão à overdose de medicamentos por ter que tomar um verdadeiro coquetel diariamente, ela decidiu substituir o tratamento com muito amor, compreensão e carinho. Eu não a culpo, pois para eu tomar um antitérmico quando tinha febre, eu fazia um alarde de avisar a vizinhança, parecia que eu estava sendo torturado. Acho que tudo isso era resultado, por ver o quanto minha mãe sofria quando tomava e sentia todos os efeitos da droga.

O sorriso repugnante volta e dessa vez vem com um som e os flashes do passado se vão.

— Então agora você entende o que é o amor. Será que você é capaz de retribuí-lo, Pedro? Ou será que você é como eu.

Tento responder, mas minhas palavras ficam trancadas como se um cadeado tivesse fechado minhas cordas vocais.

— Não foi isso que você disse para mim, quando sua mãe morreu. Como foram mesmo as suas palavras? — Ele me olha e eu tento me movimentar. Ele sempre teve esse domínio enquanto eu era criança, mas agora depois de adulto, tento lutar com os meus sentidos, mas meu corpo não se move. — Lembrei! Você não é digno de receber o amor, você mata quem ama você. Bela ironia do destino, não é mesmo? Você sabe que uma mulher o ama e você não consegue dizer para ela que a ama. E sabe por que você não consegue? Por que é igual a mim.

Luto contra minhas cordas vocais, para dizer que não, que não tenho nada dele e quando acho que vou conseguir ele some covardemente.

Então era isso que ele queria me dizer.

Suado, sem ainda ter qualquer domínio sobre mim, me pego tentando sair desse pesadelo e o pânico invade meu subconsciente, fecho os olhos para encontrá-lo novamente e gritar para ele não. Não sou como ele. A resposta fica entalada e presa na minha garganta. Ele simplesmente sumiu.

Pela primeira vez, depois do tempo interminável na tentativa de doutrinar meu corpo, consigo, com força, fechar minhas mãos em punho e cravar as unhas nas palmas, para com a dor, conseguir trazer minha consciência de volta.

Consciente, vejo a Beatriz ao meu lado dormindo como anjo e de repente as palavras daquele homem são repetidas pelos meus pensamentos intrusivos repetidamente. O ambiente aconchegante parece ficar pequeno, as paredes parecem que vão se fechando, sufocando o pouco ar que vai restando.

Esforço-me para respirar, meu coração bate desenfreadamente, só consigo ouvir meus pensamentos e a minha respiração me consumindo. Tento tocar na Bya para me sentir protegido, mas parece que seu calor me queima.

Uma cachoeira de suor escorre pelas minhas costas como cascata. Tento recuperar o fôlego e pedir socorro, mas a vontade de escapar dali é como senti no dia que fui arrastado.

Como um sonâmbulo — inconsciente — não domino meus sentidos. Tudo ocorre mecanicamente, vertigens vêm à tona, quando levanto, me deixando enjoado, me arrasto procurando na dor o alívio como sempre, para recuperar a minha sanidade.

Submerso no fundo do mar das minhas dores, começo a imergir quando sinto a primeira chicotada da toalha molhada.

O uivo de dor é música para meus ouvidos como um alívio por sentir meu corpo de volta e as lágrimas contidas há muito tempo, vem junto com um soluço que escapa com a minha libertação.

Nu, ajoelhado no chão, com a toalha caída ao lado do meu corpo, saio do meu devaneio, quando abro meus olhos e vejo à minha frente ajoelhada na mesma posição a Beatriz.

— Pedro, meu amor, o que está acontecendo?

*_*_*_*_*_*_*_*_*_*

CAPÍTULO 27 – Beatriz Eva

Despertando de um sonho lindo, espreguiço-me nos lençóis macios de braços abertos. Sinto-me de repente carente e a partir daí de olhos abertos percebo que estou só na cama, ainda caindo em si de onde estou e com quem passei a noite.

No teto tem um espelho enorme, pelo seu tamanho posso ver o quanto estou descabelada, de lábios inchados, com a maquiagem borrada e ainda assim com uma aparência de que fui bem cuidada.

— Uau! Acho que fui devorada pelo lobo faraó. — Acordar e sentir que passou a noite com a pessoa que se ama é a melhor maneira de acordar e pela minha mobilidade e reflexo no espelho, sei que não fui mumificada.

Rolando na cama, pego meu celular e vejo que não passam das cinco da manhã. A ausência do Pedro na cama, não me adverte em nada, sei que ele gosta de acordar cedo.

Estranho está apenas meu corpo todo dolorido pecaminosamente.

Fazendo um inventário da suíte egípcia, sinto-me a própria Cleópatra, louca para encontrar meu faraó e tocar novamente a sua flauta. Pelo quarto percebo que suas roupas estão espalhadas por todo o ambiente, é tão tórrido e libidinoso, que chego a suspirar de satisfação travessa.

Caminhando, para ir ao encontro dele consigo vislumbrar pelo vão da porta entreaberta, algo que gela meu coração.

Não sei explicar milhares de possibilidades que passam pela minha cabeça. Não é uma cena normal de se ver. O ar condicionado do quarto de repente parece esfriar mais o ambiente. Abraço meu corpo, esperando algum movimento dele.

Imóvel, solto todo o ar do meu peito, quando ouço um som angustiante escapar dele. Sem imaginar que meu coração pode apertar mais do que está, ele se aperta. Ele parece estar chorando.

— Beatriz, não seja covarde, encara esta situação de frente e vá ver o que é que está acontecendo.

Abro a porta lentamente e me aproximo dele.

Frio e com as costas marcadas, vejo vergões vermelhos, na sua pele que brilham num misto de suor e sofrimento.

O que será que ele fez? Por que fez isso com ele?

Não há tempo para perguntas, ele precisa do meu carinho e é isso que preciso lhe dar. O porquê de tudo isso descubro depois.

Na verdade, pareço uma barata tonta sem saber o que fazer, meu coração parece que vai sair pela boca.

Talvez emitir algum som pelo ambiente o faça se virar para mim.

Olho para a banheira e é nela que aposto minhas fichas. O som da água que escorre, não chama a sua atenção.

Ele parece estar em outra dimensão e por não saber me comunicar como um extraterrestre, eu sigo o que meu coração manda.

Diante dos seus joelhos, ajoelho-me na mesma posição. Quero que quando ele desperte deste mar de angústia, veja que estou na sua mesma posição, nua e de corpo e alma aberta, para lhe dar o conforto que ele precisa.

No seu rosto tem linhas de expressão de dor e terror. Suas pálpebras fechadas parecem assombrá-lo. Sua mandíbula parece travada e sua respiração parece dar indícios de estar cansado e destroçado por dentro.

Meu Deus! O que ele fez com ele?

Se não tivesse presenciado o pesadelo que teve na noite que dormimos juntos, estaria mais assombrada.

Como é que amo tanto um homem que mal conheço? Como é que moro no mesmo teto que ele e nunca percebi que tem demônios que o assombram?

Será que sou eu que causo essa repulsa nele? A tutelada assanhada? Ou será que ele faz parte de alguma seita religiosa?

A adrenalina de salvar alguém que você não sabe como cuidar é angustiante e a gana de querer ler seu passado, decifrar seu presente e desmitificar seu futuro, incentiva-me a tocar seu braço repousado em sua perna. Torço para ele não repelir minha atitude.

Seus olhos se abrem e o verde esmeralda que brilha na sua íris está encoberta pela dilatação da pupila em um tom verde escuro, refletido dentro deles o medo.

Vejo a vulnerabilidade nas suas pálpebras pesadas que tenta sustentar seus olhos abertos, propositalmente intensifico um pouco mais o toque.

— Pedro, meu amor o que está acontecendo? — Falo baixinho, passando o polegar sobre sua mão trêmula de forma uniforme, não querendo assustá-lo.

Ele não diz nada, mas vejo seu pomo-de-adão se mover, mostrando que ele engole as palavras em seco e em silêncio. Meu peito aperta pela sua rejeição à minha pergunta. Ele parece estar em estado de choque.

Pensa Beatriz! Pensa em alguma coisa.

O que sei é que por mais que domine na minha vida, tudo que acredito ser certo, não é a mesma coisa, quando me vejo em uma situação como esta.

Afasto um pouco mais meus joelhos e pressiono levemente os seus entre os meus para que eu decida por onde começar a fazer com que ele saia de onde quer que esteja preso. Fazendo uma trilha de carinho superficial com as costas das mãos em seus braços, procuro um meio de poder abraçá-lo.

Seus olhos não se desconectam dos meus. Comemoro por ele não me afastar. Paciente, volto

com os dedos em todo comprimento dos seus braços, até chegar às suas mãos geladas e assim envolvo as minhas para lhe passar calor humano.

De frente um para o outro não digo nada. Ousada, aproximo-me mais, puxando-o pelos braços seu tronco junto do meu corpo e como câmera lenta, ele sede um pouco parecendo ainda temeroso.

A cor esmeralda da sua íris começa a clarear seus olhos e uma pontinha de esperança alivia o meu peito.

Sua cabeça debruça no meu peito, que toca uma sinfonia no meu coração que bate sem parar. Parecendo um garotinho assustado, o conforto acariciando meus dedos habilidosos nos seus cabelos e na sua nuca.

Encontro uma força interna que nem imagino de onde, para ser tão forte e passar segurança para ele a cada toque. Ontem eu me vi protegida nos seus braços e hoje é a minha vez de retribuir.

— Não sei o que aconteceu — ele fala e meu coração dispara, uma infinidade de emoções sai junto com suas palavras carregadas de constrangimento, vergonha e incerteza. Seus olhos parecem que estão apagados e sem esperanças. Gelados. Desprovidos de emoção.

— Está tudo bem. — O quê? Está tudo bem? Uma ova que está tudo bem Beatriz, você acaba de encontrar o homem que você ama, ajoelhado na porra do chão do banheiro, cheio de vergões nas costas e diz está tudo bem. Que merda é essa? Seja lá a merda que for, nesse momento, prefiro ser forte, engolir minha curiosidade e não afastá-lo.

Ainda afagando seu cabelo, sinto os espasmos do seu corpo. Foi no momento da minha dor que o conheci, sempre o tive como meu porto seguro e acho que é isso que no fundo me causa tanta dor por vê-lo assim tão vulnerável.

— Seja lá o que está acontecendo, quero que você saiba, meu amor, que estou aqui. E daqui só sairei se você quiser que eu saia. Tudo vai ficar bem.

Agora seja bonzinho e me conta tudo.

— Não está tudo bem, Beatriz.

O pânico vem à minha mente. Será que ele está arrependido do que aconteceu? Será que foi tudo empolgação? Meu Jesus “Cristinho” e se ele se arrependeu? Será que ele acha que perdeu o juízo ficando comigo e a culpa o fez fazer isso? Não! Isso eu não suportaria. Não, nada disso, ele não é tão cruel assim, não foi algo de momento, vem acontecendo já há muito tempo. É muito mais fácil eu querer acreditar em rejeição, quando o problema parece ser bem maior. Sufocando a vontade de querer gritar com ele pedindo explicação de tudo isso, antes de ficar louca, mantenho a calma.

— Mas vai ficar. Tenho certeza que vai. — Não sei se digo isso mais para confortá-lo ou para convencer a mim. — Eu te amo tanto, meu amor.

— Eu não mereço você, Beatriz! — Levantando o rosto do meu colo, ele leva as mãos aos cabelos e posso garantir que desta vez tem cor no seu rosto, que em instantes atrás não tinha. Vejo

a timidez nos seus olhos.

— Talvez eu também não mereça você. — Levanto os ombros.

O espaço embaçado pelo vapor da água que começa a encher a banheira consegue ser claro suficiente para nos encararmos.

— Como você pode dizer isso? Quando é tão perfeita! — Recuperando o foco nos seus olhos, a tensão ainda está presente.

— Posso dizer, do mesmo jeito que você me diz.

— Sou estragado Beatriz! Você merece muito mais.

— Acho que quem tem que decidir isso. Sou eu. Você não acha? — Quase soletro as palavras para ele entender.

Posso vê-lo cerrar os dentes, seus ombros eretos mostram o quanto está tenso, seus olhos se estreitam em minhas mãos que estralam meus dedos. Até que eu acompanho seus olhos e me pego aflita e com medo do rumo desta conversa.

— Beatriz. Eu. — O músculo do seu maxilar pulsa e ele mexe o pescoço estralando a sua tensão.

Não. Agora não é o momento de dizer nada. Se ele me disser que foi um erro entre nós dois, eu acho que não serei capaz de aguentar. Não que ele seja o oxigênio que eu preciso para respirar, mas.

— Shh! — Meus dedos trêmulos seguem para seus lábios. — Pedro, agora não é o momento de falarmos nada. Não, quando você se encontra tão vulnerável e não tem certeza do que vai dizer. Não sei o que aconteceu e definitivamente, não diga nada agora, que você possa se arrepender depois.

— Você não entende, Beatriz. — Ele levanta o quadril que está apoiado na panturrilha e fica com o corpo reto e ereto à minha frente.

Não me deixo intimidar e repito o seu movimento, ficando pela primeira vez com o corpo paralelo ao seu em menos de um palmo de distância. Posso sentir que seu corpo não está mais gelado, muito pelo contrário, seu corpo queima e meus seios tocam seu peito pela proximidade. O medo dos seus olhos é substituído pelo desafio.

Este homem só pode ter um termostato potente para mudar sua temperatura tão radicalmente. Ufa! Do frio dos Alpes Suíços, em segundos, ele me teletransporta para as montanhas vulcânicas do Havaí.

— Realmente não entendo, mas agora a única coisa que preciso saber é se você está arrependido.

— Porra! — Ouço dizer sua maldição preferida baixinho. — Arrependido? Isso nunca. Não me arrependo de nenhum toque no seu corpo. Não me arrependo de nada que diz respeito a você.

Eu só precisava ouvir isso. Inclinando meu tronco mais próximo do seu, o tempo para e nossos

olhos se congelam momentaneamente, seus olhos verdes brilham intensamente me hipnotizando, a dúvida do próximo passo é indiscutível e sufoca o ar entre nós dois. Os olhos que me encaram agora são do mesmo Pedro que estava comigo ontem à noite. Eles estão vivos e providos de sentimentos.

— Pedro! — Ele fecha os olhos ao sentir que toco seu corpo e minha boca aproxima da sua.

— Beatriz! — Ele diz meu nome, como se precisasse afirmar que é real nosso contato. — Tenho tanto medo de decepcionar você.

— Você só vai me decepcionar, se me afastar. — Ofegando próxima do seu ouvido, ele me permite ditar os próximos movimentos sem se mexer. Solto meus braços parando no comprimento das suas coxas e de lá da sua musculatura rija, vou serpenteando com meus dedos uma trilha arranhando lentamente cada parte do seu corpo.

— Não sou um homem perfeito. — Ele imposta toda a sinceridade em sua voz.

— Eu não estou procurando a perfeição. — Encontrando a saliência na pele das suas costas, delicadamente traço as linhas, mostrando que seja lá o que o aterroriza, estarei junto dele para ajudá-lo a cicatrizar cada ferida. E, o que parece que era para ser carinhoso, tem um efeito contrário e sinto na minha pélvis a sua protuberância me cutucar. Achando graça, olho para ele — O que pode ser mais perfeito, do que ter um homem tão remotamente preparado?

— Você está brincando com fogo.

— Ainda não percebeu que adoro me queimar? — Cruelmente cravo minhas unhas na lateral das suas omoplatas onde já tateei e não senti marcas. — Desde que este fogo não se apague, quero ser a pólvora que o incentiva a continuar incendiando para manter esta chama.

— Como eu preciso de você! — Preguiçosamente saem as palavras em forma de gemido dos seus lábios, junto com os seus braços que tomam as rédeas e enlaçam minha cintura, agarrando-me.

Uau! Não me pega assim que fico “facinho”!

Precisando de um contato maior e provar a ele e a mim que, juntos, podemos vencer qualquer obstáculo e domar qualquer monstro, encosto meus lábios nos seus de olhos abertos, deixando meu coração falar.

— Você tem a mim, de corpo e alma. Eu só sei amar assim. Aceita meu amor, Pedro! Seja lá o que tem dentro de você, estou aqui disposta a vencer com você.

Ele parece entender e aceitar despertando em mim, todos os sentidos para vida, no instante em que sua língua experiente me invade, beijando-me de olhos abertos, querendo tomar tudo que posso dar a ele. Do medo à autoconfiança ele me pega nos seus braços e me senta na pia gelada. Um tremor violento percorre cada cédula do meu corpo, em uma intensa excitação e em um gesto instintivo dou a ele tudo o que precisa para afogar em mim sua incerteza. Os movimentos da sua língua no interior da minha boca, além de incontestavelmente deliciosos, são uma busca da certeza que estou disposta a dar tudo a ele.

Um redemoinho de emoções transborda a ânsia e a urgência do nosso beijo em uma

promessa de algo que nós ainda não sabemos como lidar.

Sua mão sobe pela minha coluna, com um toque ardente, até envolver minha nuca e enlaçar meus cabelos longos, forçando-me a olhar para ele, como se pedisse para eu fugir enquanto é tempo.

— Você é minha salvação e minha perdição! — Em um gemido gutural e com as narinas dilatadas, ele percorre meu rosto com sua barba por fazer, trilhando beijos por toda a extensão. — Diz que estou enganado, que não posso buscar em você minha salvação. Afasta-me de você.

Ah, por favor, tenho vontade de mandá-lo calar a boca.

Travando minhas pernas nos seus quadris, trago sua ereção próxima da minha intimidade feminina.

— Não posso, Pedro. Não posso me afastar de alguém que me faz tão bem.

— Desta vez não vou esquecer o preservativo — ele interrompe o clima de entrega.

Será que foi isso? Será que ele ficou com medo de me engravidar? Ou de algum contágio por doença sexualmente transmissível?

— Pedro, eu estou protegida. — Rasgando o envelope laminado que não sei onde ele encontrou tão rápido, seus olhos encontram os meus aliviados.

— Mais cedo, fui um irresponsável. Proteção nunca é demais.

Entre minhas pernas abertas e espaçadas ele introduz seu quadril, apartando-as de forma autoritária, segurando sua ereção grande e riça, ele me penetra sem preliminares, sem palavras ditas e sem pedir licença, consumindo-me até onde meu corpo pode chegar lascivamente e totalmente entregue para ele. Dessa vez seus movimentos de vai e vem são como uma invasão reivindicando tudo que prometi lhe dar.

— Está disposta, Beatriz, a ter um homem ao seu lado, cheio de manias e rituais?

— Totalmente disposta.

PEDRO SALVATORE

Os cabelos longos soltos por seus ombros, aberta e totalmente receptiva, ela parece uma diabinha, muito maior e mais sagaz que todos os demônios que carrego comigo. Fim para o medo. Fim para a incerteza. Possuo-a fazendo sentir todo o meu comprimento dentro dela e ela aceita toda a dor que lhe causo, determinada, olhando-me desafiante, mostrando que nada a intimida.

Excitada, úmida, ela me acolhe da forma mais bruta e rude que sei ser, ela joga a cabeça para trás, mostrando-me que neste jogo, ela é capaz de suportar tudo por mim e meu coração acelera cada vez mais. É excitante saber que ela me deseja fisicamente, mas é mais reconfortante saber que ela acolhe a minha dor.

Ouvi-la gritar de prazer quando penetro dentro dela um pedido de socorro, é alucinante. Esta foda não tem nada a ver com a minha excelência como um amante, mas sim, até onde ela suporta me receber cheio de amarras e dor.

Prendendo com os dentes seu lóbulo da orelha, sou insistente.

— Você vai se arrepender por ter aceitado a mim.

Sem piedade, sinto bater no colo do seu útero.

— Não costumo me arrepender daquilo que tentei. Se um dia tiver que me arrepender será por não ter tentado.

Suas coxas pressionam meus quadris, incentivando-me a seguir com sua acolhida e seu abrigo para as minhas voluptuosas arremetidas, assim como suas palavras entram em mim apertando meu peito com uma pontada incomum, mostrando que sou o bastardo mais sortudo deste mundo.

— Não sei se sou capaz de dizer o que significa o que você viu hoje. Eu.

— Não tenho medo de não ouvir. — Ela me interrompe com uma chave de pernas, prendendo meu pau, dentro de si determinada. Diabinha desafiante, como amo a sua audácia. — O que tenho medo é de você me afastar e eu não ser capaz de conseguir fazer você falar. — Suas paredes molhadas expõem meu pau que vai para sua borda e sem aviso nenhum ela o suga novamente pressionando sua pélvis a bater na minha. — Ou será que meu poder de persuasão pode ser eficaz?

— Estou achando que faremos uma boa dupla.

— Na cama e fora dela!? — Não me pareceu apenas uma pergunta, foi um misto de exclamação e inquérito.

— Se seremos uma dupla? Acho que isso funcionará bem dos dois jeitos.

Saboreando o contato íntimo, cru, selamos um pacto e nossas bocas voltam a se unir, no mesmo ritmo voraz, enquanto sugo a pontinha da sua língua e ela suga toda a extensão do meu pau que abre caminho preenchendo-a.

— Mais — ela implora. Como uma terapeuta dos meus desejos, entendo suas palavras.

— Não quero machucar você.

— Você nunca vai me machucar.

Suspirando juntos acelero o ritmo, ela arfa e se contorce, contraindo e apertando toda a base do meu pau.

— Pedro! — Ela grita meu nome. — Eu sou sua. — Gozando e olhando para mim, vejo e sinto toda a verdade dos seus sentimentos, ainda tendo convulsões facilitando mais a minha penetração cada vez mais funda, sinto um grito gutural escapar quando esvazio tudo ainda dentro dela.

Abraçados, sinto-me bem.

— Obrigada, minha pupila, por estar aqui.

— Não agradeça ainda. Você não esqueceu que me deve um final de semana completo.

— Quer dizer que ainda posso me surpreender mais?

— Muito mais, espera até eu estar sentada na sua garupa.

Soltando uma risadinha, ela me dá um beijo casto e apoia a cabeça no meu ombro olhando para trás.

— Se quer nos manter vivos e não nos afogar, vamos ter que nos soltar, a banheira começa a vaziar água por todos os lados.

Virando, dou por mim e vejo a banheira aberta.

— Quando foi que ligamos a banheira?

— Não ligamos — ela dá um pulo. — Fui eu que liguei sozinha, para dar um banho em você, quando o vi.

Ela para de falar e um pequeno constrangimento, invade meu peito.

— Estava pensando em me dar um banho? — Brinco para dissipar o constrangimento. — Então terá que ser completo.

— Ai! — Ela reclama, balançando a mão no ar. — Acho que me esqueci de ligar a água gelada.

— Estava pensando em me fazer de ensopado?

— Você ainda me pergunta se pode me fazer mal? Eu deveria vir com uma tarja. “O Ministério da Saúde adverte. Beatriz faz mal à saúde de seus pretendentes.”

— Pretendentes? — Levanto a sobrancelha, com uma pontada de dor no peito.

— Eu poderia ser um perigo para qualquer pretendente. — Ela pula no meu pescoço. — Mas eu só quero um. Você.

A dor pode ser implacável, persistente, dura, mas ainda assim pode ser apenas uma ilusão. Se eu ficar preso no passado e não me livrar dele, vai ser difícil eu conseguir um futuro diferente, e olhando para ela, tão linda e disposta a querer estar comigo, vejo que depende unicamente e exclusivamente de mim, um presente sem amarras.

CAPÍTULO 28 – Beatriz Eva

— Pronta para um final de semana cheio de aventuras? — Entregando o capacete, ele beija minha face.

Pronta? Meu querido, eu nasci pronta para estar colada em você.

— Prontíssima!

— Então, vamos andando, por que a senhorita demorou uma eternidade para arrumar suas coisas.

— 25 Minutos é uma eternidade?

— Quando se quer aproveitar cada segundo do dia. Sim!

Ele põe o capacete e eu posso jurar que vê-lo vestido com a jaqueta igual a minha, mexe com minha libido. Ainda estou surpresa por ele ter me dado antes de ir arrumar a minha pequena mochila, uma jaqueta de couro preta com um filete branco, igual a sua. Nossos capacetes são da mesma cor, parecemos um par de vasos e isso enche meu coração de ternura.

— Que sorriso largo é este?

— De felicidade! — Confesso.

Ele sorri também.

— E o seu sorriso largo é de felicidade também?

— Estou rindo da grande surpresa que você é. Rindo feliz por contemplar sua beleza. — Ele me encara e eu me atrapalho toda para fechar o capacete. — Rindo da sua espiritualidade espontânea e por me deixar louco e fazer tudo o que nunca imaginei fazer.

— Nossa! Tudo isso, sim é motivo de rir! — Tento disfarçar para não mostrar o quanto ele me distrai com suas palavras e da forma como ele me olha intensamente.

— Deixa que eu fecho para você.

— Não precisa pedir duas vezes. — Levanto as mãos em rendição e meus olhos não deixam escapar nenhum movimento seu. Ele é cuidadoso, mega charmoso e sentir seu perfume faz a diabinha da minha “pepeca” fazer movimentos de dança do ventre se contraindo.

Geralmente quando está fazendo alguma coisa que requer concentração, ou força, ele tem o hábito de morder a língua. É simplesmente a coisa mais sexy que já vi e isso não ajuda nada na coreografia da minha intimidade que insiste em se contrair.

— Prontinho! Já sabe o que tem que fazer mocinha, por isso não pense em me soltar um só segundo, enquanto a moto estiver em movimento. Entendido?

— Sim comandante! — Bato continência. Ficar grudada nele é a coisa que mais desejo.

Montando no seu cavalo de aço, ele passa a perna sobre o Stell e como um cavaleiro romântico ele estende a mão para eu subir na moto. Uma covinha charmosa se forma no seu

maxilar, a despeito da alegria de me ver na sua garupa, quando eu me acomodo e o abraço, observando pelo retrovisor abaixar a viseira soltando uma piscada de tirar o fôlego.

Reverbera um brilho nos seus olhos, quando ele dá partida e acelera a moto. C A R A C A. Dou um pequeno pulo, sentindo meu coração acelerar no mesmo giro das cilindradas desta máquina. Com a outra mão ele aperta meu joelho e desliza os dedos pela minha panturrilha revestida pelo jeans justo e eu posso apostar que nenhum pelo do meu corpo fica imune sem se arrepiar.

Sair da penumbra da garagem para a claridade da rua ascende a esperança do final de semana promissor. Entre as avenidas da cidade ele manobra a moto com maestria e a cada farol que para, encaramo-nos pelo retrovisor com um sorriso de dois aventureiros sem destino.

Os raios de sol desenhavam e afloram as cores da paisagem em volta na estrada.

Sinto-me mais feliz e brilhante do que uma atriz de Hollywood que tem um tapete vermelho com alguns metros estendido para desfilar. Pois eu tenho um tapete escuro cinza com um nome de asfalto por toda uma estrada com quilômetros de extensão e ainda por cima tenho o privilégio de estar abraçada ao homem que eu amo, indo ter um final de semana de aventura.

No fundo algo me diz que nunca mais será igual nossa relação, desde que o encontrei no banheiro, nossos olhos vêm se encontrando com um novo sentido, uma conexão diferente, parece que nossas almas se conectaram.

Stell Horse brilhantemente nos proporciona um verdadeiro show de equilíbrio sobre duas rodas. Confesso que é excitante sentir o corpo do Pedro dominando seu cavalo de aço por toda a estrada.

O vento que parece ser agressivo em contato com nossos corpos, acaricia nossa alma, dando a impressão de liberdade e refresca o calor escaldante que o sol nos proporciona. É fácil de entender a paixão tão grande que o Pedro tem por essa máquina.

Ver sua mão movimentando o acelerador me deixa hipnotizada. Ele tem esse poder sobre mim, é seguro e sabe acelerar de maneira correta em cada situação. Sinto um formigamento na minha intimidade e instintivamente comprimo minhas pernas.

Parecendo ouvir meus pensamentos e sentindo meu desatino lascivo, o vislumbro sorrir pela viseira no retrovisor da moto.

Não faz isso comigo homem de Deus, que eu desequilibro na sua garupa.

Este homem é lindo. Seu sorriso é de matar qualquer uma. Devolvo o sorriso e ele morde o lábio inferior.

Acelerando cada vez mais a potência do Stell, ganhamos velocidade suficiente para fazer meu corpo estremecer de pura adrenalina. Não preciso olhar para o retrovisor para saber que ele está gostando de eu estar apertando meus braços no seu corpo, pois ele acelera cada vez mais e eu aproveito cada vez mais para agarrá-lo.

Uau! Adoro quando ele vai rápido a tudo que faz. E como do limão sempre sai uma limonada, aproveito o único meio que tenho para me comunicar com ele e o aperto por toda a

estrada. E de vez em quando dou uma deslizada de mão sem querer, querendo, no seu membro que parece enrijecer cada minuto. Flerto com ele de tempo em tempo, quando consegue me olhar por segundos sem tirar a atenção da estrada. Ele é impetuoso e desliza pela estrada me fazendo cada vez mais sentir a adrenalina desta emoção.

Provocamo-nos a cada quilômetro rodado, cada um com a possibilidade que tem. Forço o contato da minha intimidade túrgida que umedece meu âmago quando pressiono no seu quadril, que me recebe disposto a me deixar me masturbar e prensar meu seio intumescido à sua muralha de músculo que me encaixa nas suas costas. A sensação é deliciosa, minha mão sente seu membro pulsar sob ela, suas aceleradas e desaceleradas na moto faz meu corpo dançar ao ritmo que ele determina para me excitar cada vez mais e o efeito é delirante.

A viagem passa mais rápido do que imaginava, meu corpo parece que passou por uma locomoção de sexo, sem penetração, ou orgasmo, mas ainda assim sentindo-se totalmente extasiado e satisfeito. O Pedro tem pressa em nos acomodar no pitoresco Eco Resort Brotas. Praticamente ele faz com que a recepcionista se apresse em explicar tudo rapidamente, eu fico só observando a moça se engraçar e por dentro comemoro, por ele não perceber nada, ou fingir que as indiretas e caras e bocas da assanhada não o atinge. E ainda para talvez tranquilizar minha cara de poucos amigos, ele me puxa pela cintura, dizendo que adorou a companhia.

A atrevida recolhe nossos cadastros preenchidos e nos entrega uma pulseira de acesso ao resort, enquanto ponho a minha pulseira, ela se prontifica a colocar no braço do Pedro.

— Obrigada querida. Já coloquei a minha, pode deixar que eu coloco no pulso dele. — Toma essa lacraia loirinha. No meu homem você não põe seus dedos.

Segurando um sorriso, o Pedro entende meu recado e estende o pulso para mim. Fuzilo-o com os olhos. Com as chaves na mão, acompanhamos o bellboy que leva nossa pequena bagagem e nos auxilia no caminho para o quarto.

— Ufa! Até que enfim a recepcionista, nos liberou. Achei que ela ia querer ver até a cor da sua cueca.

— Esta resposta eu deixaria você dar, já que você foi a última que viu. — Ele brinca, puxando-me e lançando meu pescoço para andarmos abraçados.

— Sou inocente mesmo ou você só se fez de lerdo?

— O que foi?

— Pensei que só eu estava percebendo o entusiasmo da recepcionista.

Seu olhar safado o entrega.

— Jura que ela estava entusiasmada?

Epa. Epa. Epa. Ontem à noite você pediu para eu confiar em você. Não foi isso? Então vamos colocar logo os pingos nos is. Posso até parecer uma mulher insegura. E daí? Não vou engolir sapos com medo de ser julgada pelos meus atos e sim deixar que eles fiquem claros, que eu tenho uma personalidade forte e se eu errar ele que me perdoe. Aprendi nesses anos de convivência ao seu lado que a conversa comedida não nos levou a nada. Então peito estufado e palavras e

sentimentos para fora. Este final de semana vamos deixar as palavras e sentimentos fluírem.

— Você acredita mesmo que a loirinha de olhos azuis não estava entusiasmada? Ou está dizendo isso para eu não parecer uma dessas mulheres inseguras?

Apertando o braço no meu ombro, ele diz sério eu até mordo a língua por ser tão impulsiva.

— Estou falando isso para que você entenda de uma vez por todas, que enquanto estivermos descobrindo o significado do que temos um com o outro, não existirá entusiasmos, bundas grandes ou siliconadas, desviando o meu olhar, a não ser que não seja para você. Entendido? — Seus dedos beliscam meu ombro.

Ele mina minhas dúvidas. Chega ser flutuante ver este Pedro encantador, com um canudinho na boca assoprando e enchendo cada vez mais minha bolhinha de sabão de felicidade. Sei que já mencionei isso para mim mesma hoje, mas o que posso fazer se é exatamente assim que me sinto. Uma bolhinha de sabão, com a superfície frágil, mas ainda assim como uma leveza para poder voar ao seu lado. Ele me faz flutuar no ar, parecendo me levar ao encontro das nuvens. E seus olhos chegam a brilhar como uma criança satisfeita por ver onde a sua bolhinha pode chegar.

Mais jovial, ele parece mais leve e a carga gigante que carregava em suas costas pela manhã dá uma trégua. Agora entendo quando ele diz que a estrada é uma grande terapia para ele. Mesmo me mostrando um pouco enciumada, ele não desmancha o lindo sorriso no rosto, olha para todos os lados encantado.

O caminho para o quarto é charmoso e arborizado, lembra aquelas fazendas de colônias escolares com quartos parecidos com chalés. A arquitetura é simplista e aconchegante ao mesmo tempo.

Processando a imensidão do lugar, habilmente, ele muda o rumo da história.

— Diversão ou comida, primeiro?

— O café reforçado que você me fez tomar, no motel — digo baixinho, sabendo que temos companhia — me dará energia para pular todas as refeições do dia.

— Vamos de tirolesa ou rafting?

— O que acha de irmos ao menos perigoso?

— Às vezes até respirar pode ser perigoso. Vamos lá Bya, coragem, não vou deixar nada de mal acontecer a você. Onde foi parar aquela moleca que subia em lajes?

— Foi parar no seu colo, na última vez que ela foi inconsequente — confesso em voz alta. — E você, hein? Reprimia tanto minhas molecagens e adora viver perigosamente também, não é, Pedro?

— Boa teoria essa! — Ele sorri e me encara brincalhão. — Na verdade acho que sim. Olha só como gosto de viver perigosamente. Estou na companhia da mulher que já me envenenou, que quase me levou perder metade das minhas clientes femininas, que mexe com o meu corpo como nenhuma outra mulher e mesmo assim estou com ela, como se fosse uma bomba relógio a explodir a qualquer minuto.

Dou uma gargalhada, por essa eu não espera. Até o rapaz que dessa vez, para na frente da porta que diz o número do nosso quarto sorri.

— Você tem razão. E, essa sua resposta, acaba de armar esta bomba relógio que estava desativada.

Abrindo um sorriso, entramos no confortável quarto, com uma decoração de lua de mel, com uma cama enorme ao seu centro. E mais uma vez me agarrando por trás, assim que o rapaz vai embora, ele me enche de beijos e estabelece um tempo recorde para eu colocar uma roupa confortável para aproveitar o dia ao seu lado.

Desinibida, tiro o jeans justo, fazendo um leve charme e show de costas para ele, para mostrar que já estou vestida com uma nova roupa íntima, que por sinal se esconde entre minha lombar, deixando aparente apenas um triângulo negro na altura no meu cóccix.

Sem olhar para trás, sinto-o se aproximar e suas mãos deslizarem por toda a curvatura da minha bunda, como se tivesse fazendo um reconhecimento.

— Você é uma grande distração, sabia?

— Cuidado, pois em campos minados, qualquer passo em falso, pode levá-lo para os ares.
— Brinco no duplo sentido.

— E, eu não sei disso? Basta estar perto de você e meus hormônios explodem fazendo verdadeiras erupções dentro de mim.

Semiagachada para tirar a calça pelos pés, eu curvo um pouco mais o quadril para tocar sua virilha. Olhando para trás me dou conta que ele está lindo, parece um garotão com uma camiseta branca esportiva e uma bermuda de tãtãl preta, estilo surfista com um boné todo estiloso. Arrumando a aba, ele morde o lábio e eu puxo a calça pelo calcanhar e roço nele.

— Pronta para uma aventura nos ares ou na água? — Ele espalma sua outra mão na minha lombar.

— Quase pronta — provoco-o, esperando que ele exploda também o orgasmo eminente preso no meu ventre por toda a extensão da estrada.

— Gostei deste boné. Aliás você fica bem de capacete também. Mas ainda acho que de boné, parece mais jovial, mais viril. Acho que tenho uma queda por garotões.

Estico o corpo, pronta para pegar minha calça legging na cama.

— Será que terei que mudar meu visual para sempre? — Ele segura meu braço, impedindo-me de pegar a peça de roupa, ficando assim próxima ao seu corpo praticamente nua da cintura para baixo.

— Acho que não será preciso, adoro as suas mil facetas.

— Como pode dizer isso, se essa minha faceta, você ainda não provou.

— Nem preciso, meu corpo já tem uma leve noção de como ela me atrai.

— Ah, Beatriz. — Ele me ameaça com os olhos. — Não me faça mostrar como desejo que

cada faceta minha marque seu corpo.

Meu Jesus Cristinho, como este homem pode imaginar marcar mais algum espaço no meu corpo, quando ele tem esculpido seu nome em cada espaço dele? Eu acordo todos os dias respirando e já o amando, assim como no dia anterior quando adormeci. E se esse amor já existia mesmo quando eu via somente a sua beleza exterior, depois da sua entrega sem se afastar de mim no seu momento de surto, eu o amo mais.

Meu coração não escolheu, simplesmente aconteceu sem avisar e o que mais me enche de esperança é que seus olhos dizem para mim: que ele me quer, assim como eu o quero.

— Não deseje meu amor, me marque.

— Você me deixa insaciável. Nunca tenho o suficiente de você. — Praticamente me empurrando com o peito, minhas pernas arriam e eu me sento na cama.

— Não estávamos com pressa?

— Não mais — ele diz, tirando o boné. — Você é a minha ruína.

PEDRO SALVATORE

Claro que eu deveria saber que nada sairia como planejado, tinha em mente levá-la ainda pelo final da manhã praticar algum esporte de aventura, mas ela foi mais convincente e me fez aproveitar cada curva do seu corpo, num esporte mais lascivo. Ela causa em mim um verdadeiro exercício, o brilho dos seus olhos me faz perdido e ao mesmo tempo vivo por querer profanar o seu corpo sagrado aos meus desejos mais sórdidos.

Praticamente estou em choque até agora, com as pernas bambas e me controlando como nunca, com tudo que aconteceu desde que ela me encontrou no meu momento mais vulnerável. Juro que não esperava receber tanto aconchego no seu silêncio e na sua acolhida. Eu estava tão certo dentro de mim, de ser errado para ela, que tudo acabou me surpreendendo.

Ela me mostrou que mesmo caído, posso ter forças para levantar com maior glória e vencer tudo que me vem pela frente. Parte de mim aguardava um revés, um grande questionamento. Mas, ela tem sido paciente, não me perguntou nada. Está deixando com que eu comece a falar alguma coisa. Assim como numa terapia, onde o terapeuta tem todo o tempo do mundo para lhe ouvir no momento certo.

Há anos parei de fumar e hoje, juro o que mais queria era ter a nicotina entre meus dedos para tentar me tranquilizar e poder dizer para ela quem eu sou e o que sou.

Já na cidade na rua principal, dezenas de agências de ecoturismo ladeiam os dois lados do quarteirão. As opções são infinitas e por já conhecer a cidade, vou à agência Eco Ação Brotas, que pertence a dois campeões mundiais de rafting por três anos seguidos.

Enquanto ouvimos a programação de todos os esportes da cidade. Vejo os olhos da Bya brilharem com a possível adrenalina que cada um, causa. Ela enche a atendente de perguntas sobre a segurança.

— O que você quer fazer primeiro?

— Como está muito quente, acho que o rafting vai ser refrescante.

— Pensei justamente isso — pisco para ela, feliz por sua decisão. — Você vai amar a descida pelo rio.

— Então somos dois que gostamos de adrenalina, não é? — Provoco-a, dando um leve empurrão de quadril no seu.

— Acho que sim.

A menina nos dá um óleo de citronela como repelente, assim que fechamos os dois esportes que praticaremos esta tarde.

Ainda enquanto acerto o pagamento vejo um rapaz se aproximar dela e toda simpática, estende a mão e o cumprimenta.

Meu sexto sentido me deixa alerta. Para uma simples saudação o infeliz não precisa ficar tanto tempo segurando sua mão.

Seus olhos encontram os meus e ela parece dizer ao seu algoz, quem está com ela. Um peso na minha consciência parece me chutar na boca do estômago quando dou por mim, de como ela deve ter me apresentado para o tão infeliz que a cerca.

Como um namorado? Um amigo ou seu tutor?

Medindo o cidadão me aproximo.

— Pedro! Este é o Bruno, vai nos acompanhar, ele é instrutor e campeão mundial de rafting na última temporada.

E, estes são meus dedos, fecho minha mão em punho, sem vontade de cumprimentá-lo, amigos da fada dos dentes que arrebenta dentes de cara exibidos como ele.

Sem jeito o cara acena para mim e segue em direção a outro grupo.

— Qualificado o rapaz — desdenho assim que nos deixa. — Acho que ele gostou de contar dos seus troféus para você.

— Ah! Sim, ele me contou brevemente — ela diz inocente.

— Caras assim costumam querer ganhar troféus com seus troféus.

— Você me acha um troféu? — Encarando-me, ela dá um passo à frente. — Não responda. — Seus braços laçam meu pescoço. — Ele pode até achar que sou um possível troféu, mas eu já sou um prêmio de consolação de um homem que amo há um tempão.

Foda-se onde estamos, encurralo-a num canto escondido e a beijo mostrando que ela não é nenhum prêmio a nenhum idiota arrogante e sim minha. Não sou exibicionista e nem gosto de dar show em público, porém com ela ao meu lado e frisando sempre o que sente por mim, é difícil conseguir me controlar.

Um ônibus antigo nos leva estrada a fora da cidade, indo ao nosso ponto de partida. Ela está linda de colete salva vida e de capacete, esses são os equipamentos de segurança cedido pela agência. Eu tirei o meu assim que entrei no ônibus, mas ela está tão envolvida a ser simpática

com todos que nos acompanham para esta aventura, que nem se dá conta que está com o capacete de proteção.

— Acostumou tanto com a ideia de usar capacete que não tirou nem dentro do ônibus?

Ela leva a mão à cabeça, rindo junto comigo.

— Nossa! Nem me dei conta. — Ela abre a fivela do capacete e joga os cabelos para os lados bagunçando. Meu instinto Neandertal tem vontade de puxá-los entre meus dedos e trazê-la a mim. — Você já veio muitas vezes para cá?

— Umas duas vezes com o pessoal do moto clube.

— Parecem tão solitárias essas viagens que vocês fazem, sós.

Dou de ombros.

— Não são. Os rapazes são animados.

— Ah. Isso, são mesmo, adorei viajar com eles.

A vegetação aberta aponta que chegamos ao ponto de partida, os botes começam a ser retirados do ônibus pelos instrutores.

Ela se mostra entusiasmada e amiga da galera e chega a desafiar dois garotinhos e apostar que terá mais medo do que eles e ainda dizendo para um senhor de idade, na faixa dos seus 70 anos, que ele é muito ousado para sua idade. Fico admirando sua desenvoltura e como sorri feliz e despreocupada.

Mal montam as equipes e todos já sabem seu nome. Os instrutores explicam todo o trajeto e como teremos que usar os remos.

O tal Bruno faz questão de ser atencioso excessivamente com ela e eu o encaro deixando claro que vá remar por outros rios que este aqui é meu.

É pedido para todos nós criarmos um grito de guerra de cada equipe e quando chega a nossa vez, ainda indecisos, ela decidiu por todos gritando.

— Adrenalina. Lá vamos nós.

Um homem pode se acostumar com uma mulher como ela. Quem diria que a pirralha mimada se transformaria na mulher brilhante e compressiva que ela vem se mostrando a cada dia. Um pouco insegura, mas ainda assim encantadora. Esse último pensamento me faz rir. Acho que tenho estado mais inseguro do que ela.

Na fila dos botes aguardando nossa vez, ajeito seu colete, ela sorri.

— O que foi?

Olhando para direção das minhas mãos, ela me surpreende com uma pergunta.

— Desde quando você tem TOC?

Aqui? Por que ela quer falar sobre isso justo agora, quando estamos prestes a nos aventurar?

— Por que você está me perguntando sobre isso?

— Por que percebi que você afivelou meu colete, por no mínimo umas 10 vezes seguidas, em 5 minutos que estamos na fila. — Ela põe a mão sobre a minha e leva aos seus lábios, beijando com carinho. — Não precisa falar sobre isso, se não quiser.

É tão instintivo que às vezes, nem percebo meus rituais e manias. Ela me olha despretensiosa, não parece esperar um grande drama. Qualquer bom senso ou preocupação sobre o assunto ou no ambiente que estamos desaparece no momento em que seus olhos me passam toda a confiança que preciso naturalmente. Tento colocar todo o constrangimento em falar sobre isso, de lado.

— Eu era bem garotinho, quando tive minhas primeiras manias — me pego falando em voz alta.

A pressão delicada das suas mãos que seguram as minhas, me fazem sentir bem em contar para ela um pouco sobre mim. Nossos olhos se conectam, enquanto cada um de nós se apropria da informação. Para mim por ser a primeira pessoa que conto que não seja sentado em um divã e para ela a absorção da informação.

— Engraçado, mas nunca percebi nada que ligasse você ao TOC.

— E o que você sabe sobre o TOC?

Devolvo a pergunta, para me acostumar com a ideia de falar sobre isso com ela e saber o quanto consigo continuar falando sobre ele.

— Não muita coisa. Mas tenho certeza que você me explicará tudo sobre ele, não é? — Ela pisca para mim.

— Não sei se saberei explicar.

— Talvez demore um pouco e isso signifique que eu tenha que esforçar-me mais em persuadi-lo. — Um lindo sorriso ilumina seu rosto e eu tenho certeza que ela não precisará de muita persuasão, pois parece que falar sobre isso para ela, alivia um pouco meu coração. Sorrio da forma espontânea como ela lida com a situação e só percebo soltar o ar preso no meu peito, quando a fila anda e ela vira para frente para ver os botes entrarem na água.

— Está chegando nossa vez!

Ainda temos que esperar mais duas equipes entrarem na correnteza. Apoiando os braços nos seus ombros, minhas mãos conectam as dela. Minha pequena pupila! — Suspiro para mim. Tão pequena no seu tamanho e tão grande nas suas virtudes. Tenho diante de mim uma caixinha de Pandora.

— Quem foi a primeira pessoa que você falou sobre o que sentia? — É tão natural como ela pergunta e no lugar de me sentir coagido, conto para ela na mesma naturalidade.

De repente, tomo consciência que realmente estamos falando sobre mim.

— Você sabe que não venho de uma família muito tradicional. Era só eu e minha mãe, então foi ela que percebeu minhas manias, ainda criança.

— Gosto de ouvir quando você fala dela, sabia? Sua voz fica mais leve e transmite

admiração.

— Também gosto de falar dela. Ela foi uma grande mãe guerreira.

— Mas você nunca diz muita coisa.

— Acho que é porque passamos grande parte da nossa convivência, nos provocando mais do que nos conhecendo.

Brincando com os meus dedos, sinto que ela quer saber mais, sobre a minha vida.

— E na escola? Como era?

Cada músculo da minha face se contrai, fecho os olhos momentaneamente para saber se consigo falar sobre o assunto. Sustentando a junta dos meus dedos juntos aos seus, parece que criamos um elo entre nós e quando vejo estou fazendo um resumo breve, omitindo um pouco sobre o bullying que sofri ainda pequeno, quando ainda não sabia disfarçar meus rituais, para não deixá-la tocada demais. E sigo em frente pulando a minha adolescência, onde mais sofri com ele, chegando à minha formação na faculdade, onde deixo claro que meus amigos não souberam de nada e eu prefiro assim, até hoje.

— Você nunca falou sobre o assunto nem com o Marco, seu melhor amigo? — Sua voz é de espanto.

Na verdade, além da Bruna, que é uma amiga que acabou me indicando sua prima como profissional, nunca disse a ninguém.

— Não é um assunto que me sinto à vontade de falar com ninguém. Ele é meu melhor amigo e um bom amigo precisa compartilhar apenas o que cada um sente à vontade de se abrir.

Não preciso olhar para ela para saber que deve estar revirando seus olhos com aquele olhar pertinente. Ela aperta minhas mãos, como se tivesse aflita, puxando-me mais próximo.

Estou prestes a virá-la para mim, para encarar seus olhos e ver o que achou sobre meu pequeno resumo, quando a fila avança um pouco mais.

— Agora é nossa vez — vibrante ela bate as mãos em palmas novamente.

O guia nos orienta a entrar no bote e eu automaticamente me antecipo, entrando primeiro. Para infelicidade da minha razão o campeão é nosso instrutor.

— Estou me sentindo a mulher mais feliz do mundo, por estar aqui com você.

Sei o duplo sentido do que ela acaba de dizer.

— Diga isso novamente, quando chegarmos à linha de chegada — brinco com ela, quando dou a mão para sentá-la ao meu lado no bote, beijando seu cabelo.

— Ei, casal, vocês vão precisar dos remos.

O instrutor nos entrega os remos e ela bate o seu no meu.

— Juntos seremos uma excelente equipe.

— Sim, seremos — respondo feliz e reflexivo do que acabo de conseguir dizer para ela.

Sorrio de um jeito leve. Meu coração deseja tãõ mais quando estou ao seu lado. Sua pureza parece limpar o gosto amargo de todo meu drama.

CAPÍTULO 29 – Beatriz Eva

Por muitas vezes, eu o toquei esperançosa em senti-lo de verdade, porém nunca o senti tão próximo como hoje sem ao menos tocá-lo.

Chega ser irônico lembrar-me de todos seus sorrisos marcados, sem saber o que tinha por trás deles.

O ambiente descontraído e pouco convencional está proporcionando a nós dois sentimentos intensos, os sorrisos estão mais largos, mais felizes, livres. A paisagem é linda, o verde margeia o rio de águas turvas, aqui parece o verdadeiro paraíso, porém dentro de mim algo parece não se ambientar direito a este cenário. É estranho dizer.

Envolvo-me ao clima amistoso do esporte para tentar livrar-me desta angústia que aperta meu peito sem eu muito entender.

— Adrenalina — grito, assim que descemos a primeira queda d'água e todos animados com um estado emocional agitados gritam comigo.

Rindo da minha coragem de levantar com o remo na mão, empolgada, o Pedro me encara divertido.

— Eu poderia ficar o resto da vida aqui olhando você tão líder e tão linda.

— Acho que gosto da ideia de querer ser sua líder? — Provoco-o.

— Se é para ver este sorriso lindo e essa euforia toda, eu finjo deixar você ser minha líder.

— Fingir não vale, eu quero — faço bico.

— Só pense em me querer pequena, se puder me dar tudo de você.

— Acho que encontrei meu esporte predileto, já que aqui posso me sentir um pouquinho sua líder.

— Perfeita! — Ouço soletrar cada sílaba com uma piscada. — Também acho que você combina com o rafting.

— Está me cantando, Pedro?

— Sempre.

Seus olhos olhando minha boca fazem com que eu sinta um calor imenso e uma vontade louca de me jogar no seu colo.

— Você vai ficar sentado aí, sem remar, somente me encarando?

— Mandona você, hein? Basicamente a ideia inicial era essa, mas vou me juntar a vocês, caso contrário, não chegaremos à reta final.

— Cara de pau! — Com ajuda do remo, jogo água nele.

A cada queda d'água ele olha para mim e faz de tudo para ver se estou segura, como um

guardião. Ele consegue dissipar qualquer possibilidade de medo que eu venha sentir, tornando tudo muito prazeroso.

Durante todo o percurso o homem que vejo ao meu lado é diferente, jovial e despreocupado com os problemas do mundo. Ele sorri levemente, me abraça e me beija sem se importar se existe mais alguém no bote conosco e eu tenho vontade de gritar para o mundo que sou dele.

Na pressa de amar este homem lindo ao meu lado, esqueci-me de prestar atenção na direção a tomar, deixei de observar o quanto ele também precisa de mim.

Em uma região calma do rio o guia para o bote.

— Aqui vocês podem mergulhar.

Prontamente todos levantam para um mergulho. E eu pela primeira vez desde que acordei naquela manhã desmemoriada sinto uma fobia que nunca imaginei sentir, minhas pernas paralisam, minha boca seca, minhas mãos ficam geladas. A água turva e barrenta faz se formar um nó na minha garganta. Alguns flashes indecifráveis vêm a minha mente, não consigo nitidamente saber o que é.

— Vamos? — Ele me olha questionador, observando minha reação.

— Vai você, eu gosto de ter meus pés no chão — consigo falar. Pelo menos a minha língua parece ser a única a não sentir o mal-estar.

— Está quente demais, a água deve estar ótima.

Ainda trêmula e sem entender a reação do meu corpo, ele toca minha mão fria.

— Você está bem?

— Estou — tento tranquilizá-lo. — Só prefiro ficar aqui admirando meu peixe nadar.

— Em águas doces não tem tubarão — ele brinca.

— Tubarão não, mas um boto sedutor isso tenho certeza que tem.

— Estou em dúvidas quanto este boto é sedutor. Acho que para ser sedutor ele tem que usar mais seu poder de persuasão, uma vez que você está recusando o convite para um mergulho.

Meu amor, não é seu convite que estou recusando, na verdade é um medo que eu não sabia que existia.

— Não me olha com esta cara de que sou parente do Cascão.

Ele joga a cabeça para trás rindo.

— Você está mais para uma gatinha com medo de água do que para Cascão.

— Pessoal, se vão mergulhar, vocês têm pouco tempo — o guia diz percebendo nosso impasse. — Pedro ficarei no bote, pode deixar a Beatriz, ela estará segura.

— Não vamos pular — decidido ele segura minha mão e eu sinto meus olhos se arregalarem.

— Por que você não vai?

— Por que prefiro ficar com você.

Sua resposta não me convence, visto que ele encara o guia. Apertando os lábios dou um sorriso secreto observando-os trocar miras laser como se estivessem em uma competição de paintball. O que é isso? Tudo bem que o guia vem explicando tudo sobre a aventura sempre mencionando meu nome e tudo bem também que ele tem sido simpático além da conta, mas não quer dar um mergulho com receio de nos deixar sozinhos, isso é demais.

— A água deve estar perfeita — ainda encarando o Pedro, o guia fala comigo, não rompendo o contato com ele. — Aqui não é muito fundo Beatriz e você está de coleite.

— Imagino — ele se limita a responder por nós dois.

O medo repentino que se apoderou do meu corpo há instantes dá lugar a um orgulho imenso por vê-lo tão possessivo. Seus olhos parecem que vão engolir o pobre rapaz e para não dar chances a um mal-estar nos próximos quilômetros de passeio, rendo-me ao desafio, mesmo com o coração acelerado. Se tem um monstro no fundo do rio que me impede de querer pular, que eu seja corajosa e o enfrente.

— Vocês me convenceram.

— Nós?

— Sim, você e seu jeito sedutor de me convencer.

— Você não precisa mergulhar se não está com vontade.

— Mudei de ideia — algo me diz que, para darmos certo, é preciso estarmos sintonizados na mesma página da nossa história e nesse livro eu quero muito um final feliz.

Sem ao menos esperar, ele me pega no colo.

— O que você vai fazer?

— Pular logo com você, antes que mude de ideia.

— Pedro! — Grito no ar, indo ao encontro da água gelada, nos seus braços. O que agrada um homem é participar das suas loucuras e isso é o que enlouquece uma mulher. Saber que ela é capaz de participar de suas loucuras.

Submersos ele não me solta.

— Você é louco?

— É você que me faz ser assim.

A água realmente está deliciosa, não tive tempo para sentir ansiedade, nem tensão, foi tão rápida a sua decisão que agradeço por curtir junto com ele essa aventura enquanto ele me tem em seus braços.

— Definitivamente, este guia gostou de você.

— Eu acho que você está vendo coisas onde não existem.

— Que seja! O caralho que ele ficaria com você sozinha no bote.

Beijando-me com firmeza, minhas pernas enlaçam sua cintura e a correnteza arrasta nossos corpos colados. Ele não é gentil, me aperta poderoso, como se eu fosse uma preciosidade e isso faz meu coração palpitar. Insistente e dominante tento me soltar para recuperar o fôlego.

— Onde você pensa que vai?

— Puxar o ar que você está sugando do meu corpo.

— Se está sentindo falta de ar, receba-o — sua boca cola novamente à minha acompanhada de um sopro e sua língua investe me provocando.

— Não é assim que se faz respiração boca a boca.

— Não, mas é exatamente assim que uma boca gostosa como a sua excita meu pau. — Sua mão desliza pela minha perna que o enlaça parando seus dedos longos nas minhas nádegas que prontamente me apalpa, deixando-me louca para me esfregar nele, mas os coletes salva-vidas que usamos não permitem. — Procurando algo, minha gatinha fujona de água? — Ele ronrona nos meus lábios.

— Sempre! — Digo ousada.

— Acho que tenho algo que pode lhe ajudar.

— É?

Seu sorriso de lado e seu dedo atrevido circula por cima do tecido que encobre minha intimidade.

— Não estamos sozinhos — tento lembrá-lo.

— Em primeiro lugar a água está turva — seus dedos impetuosos, beliscam a carne intumescida e eu mordo os lábios, para não gemer. — E, se de cima do bote o abelhudo está olhando para onde não deve, problema de ele ver sua feição de mulher satisfeita.

— Você está querendo punir a ele ou a mim?

— Ele. Só quero deixar claro que ele não deve olhar para a mulher dos outros, e a você, um pouquinho de quanto é prazeroso estar comigo.

Seu dedo pressiona minha abertura.

— Tinha que estar de calça? — Chupando meu lábio inferior lentamente até estralar ele não alivia.

— E você, tinha que não me avisar que me queria foder no rio?

— Olha a boca, Bya? — Seu dedo força mais a entrada, chegando a dar uma dor prazerosa no meu ventre. Minha cabeça cai para trás em rendição. — Você gosta de ser o centro das atenções né, Beatriz?

Aceno uma resposta negativa, já é difícil trabalhar minha respiração ofegante, que dirá responder a ele qualquer coisa, enquanto seus dedos trabalham habilmente minha intimidade.

Usando uma entonação erótica ele diz coisas que arrepiam até minha alma. No seu rosto, o desejo marca suas linhas, e agradeço por ser a mulher dona desse desejo.

— Seu aceno negativo não está mostrando o quanto não gosta de ser exibicionista.

— Digamos que não me importo com o que os outros vão pensar enquanto estou tendo uma diversão em curto prazo.

— Sou uma diversão em curto prazo agora?

Seu olhar ameaçador e um dos seus braços me segurando não me dão nem chances de recuar.

— De jeito nenhum, curto prazo é só o showzinho que estamos dando a todos.

Meu corpo responde prontamente a ele, mas em minha mente tocam sirenes que tem algo me incomodando, inicialmente imaginei ser a forma exposta que estamos perante todos, porém lá no fundo, sei que não é isso que atrapalha a minha concentração. Ainda ofegante ele respira fundo.

— Vou dar um mergulho ou seremos presos por atentado ao pudor — ele mergulha sorrindo, deixando-me boiar e eu entro em um desespero repentino quando me sinto só com a correnteza me levando.

A sensação de câimbra em todas as partes do meu corpo vem junto com um medo exagerado e o ar parece que falta nos meus pulmões.

Tento nadar até a margem e me agarro em um galho de uma árvore para tentar me salvar. Tudo acontece em segundos, tempo apenas de um pequeno mergulho dele, mas para mim parece a eternidade.

— Bya! — Ele grita me procurando.

— Aqui! — Digo rouca com a voz fraca.

Batendo os braços ao meu encontro, ele luta contra a correnteza.

É muito bom estar nos seus braços, a fobia intensa me deixa trêmula. Não consigo me conter e uma lágrima escorre pela minha face, indo ao encontro de nossas bocas unidas.

Ele para de me beijar de repente.

— Você está chorando? O que aconteceu?

Não consigo responder, pois um rio de lágrimas se junta à água que escorre pelo meu rosto até meu cabelo.

— Desculpa, se assustei você minha pupila! — Ele me abraça mais forte e eu encosto meu rosto no seu ombro, sem entender por que não contenho as lágrimas e um pequeno soluço escapa. — Perdoa-me.

Ele me abraça forte.

Não tenho nada o que perdoá-lo, ele não fez nada e seus olhos de arrependido me deixa com o coração partido.

— Você não fez nada. Acho que entrei em pânico à toa.

O bote chega até nós.

— Está tudo bem? — O guia interroga.

— Ajuda-me a subi-la no bote.

Seu instinto de proteção me deixa em alerta. Não, mil vezes não. Definitivamente, não o quero cuidando de mim como uma pupila desprotegida do mundo, justo agora que conquistei mais do que apenas ser sua responsabilidade. Por este motivo puxo de dentro do meu baú ordinário uma solução imediata.

— Estou bem, foi só uma câimbra no tornozelo.

Ele me olha sério. Sei que ele não está engolindo esta resposta, mas aceita, para evitar o constrangimento perto de todos apostos ao bote.

Meu querido Pedro pode esquecer que não vou falar sobre os meus fantasmas. Pelo menos não por agora. Continua sendo meu lobo mau, pois a era da vovozinha onde você cuidava da netinha é passado.

PEDRO SALVATORE

Burro! É isso que sou.

Deveria ter me lembrado da forma como aconteceu o acidente da Bya e dos seus pais. Será que ela se lembrou de alguma coisa?

Pelo que sei e fui informado pela seguradora, o carro capotou por diversas vezes em um barranco antes de ficar com ele parcial dentro das margens do rio Tiête.

Não sei se sua aversão pela água tem alguma relação ou não, mas isso agora é o menos importante. O mais importante é confortá-la, sei muito bem que está mentindo sobre a câimbra.

Mas ela chega ser uma atriz, fazendo caras de dores no tornozelo, encenando para todos no bote, que a tratam com carinho.

O projeto de homem até tenta ver seu tornozelo e é claro que dou um corte nele.

Se alguém no bote tem alguma dúvida sobre nosso grupo ficar apreensivo depois do que aconteceu, ela dá uma volta no clima e com a sua espontaneidade dá uma reviravolta, estimulando todos a curtirem a emoção a cada queda d'água.

Enquanto os acidentes da natureza nos proporcionam fortes sensações, ela me fornece admiração. Firme e forte, volta a ser a menina sorridente, claro que não é mais aquele sorriso de orelha a orelha, acho que posso até ouvir a traquinagem dos seus pensamentos trabalhando.

— Uau! Minha gente para que montanha russa? Estas quedas são mais desafiadoras do que descer naqueles carrinhos sobre trilhos.

Sem sombra de dúvida a emoção provocada pelo esporte na natureza é diferente da provocada pelos parques urbanos com alta tecnologia. Aqui a cada quilometro percorrido temos a

surpresa da natureza e suas mudanças.

— Eu gosto de montanha russa — o garotinho que se tornou melhor amigo dela na expedição rebate sua comparação.

— E quem disse para você que eu também não gosto. Eu adoro.

— Jura?

— Juro, mas acho que prefiro o rafting agora.

— Eu ainda não decidi.

— Decida depois de descer aquela queda — ela aponta para o garotinho e faz careta de terror.

Sempre atento a observei o resto do passeio, entre beijos e brincadeiras. No fundo fico preocupado de ter falado um pouco sobre mim e desencadeado alguma emoção guardada na sua memória.

Depois do dia cheio de revelações, emoções e fuga para uma aventura urbana, fico olhando-a adormecida na cama com os cabelos ainda úmidos espalhados por todo o travesseiro depois de fazermos amor. Será que eu disse amor? Sim, eu disse amor. Porra! Esta pupila me arrebatou.

Ela apareceu na minha vida como uma obrigação, uma responsabilidade sem tamanho. E espaçosa foi colocando toda a minha razão de escanteio e vem deixando apenas minha emoção falar por mim.

Sorrio, lembrando o quanto ela é ligeira. Ela percebeu que iria abordá-la sobre o que aconteceu no rio e antes de conseguir arrumar um meio de entrar no assunto, ela me surpreendeu.

Perdido nos meus pensamentos de como iniciar o assunto, fico observando-a enxugar cada parte do seu corpo e provocadora, ela não disfarça o quanto está ciente da direção dos meus olhos.

— Bya, o que aconteceu hoje, me. — Ela não me deixa concluir e completa o diálogo por mim.

— Lembrei-me de que você gosta de me observar.

Que mudança de assunto, drástica.

— Não me lembro de ter mencionado isso.

— Você não falou, mas descobri isso desde o dia que você não conseguiu tirar os olhos de mim, enquanto eu hidratava meu corpo.

— Não me lembro desse fato — minto para provocá-la, já que ela prefere jogar no lugar de conversar, entro no jogo. Se eu tinha qualquer intenção investigativa a atmosfera é dissipada pelo clima erótico que ela conduz.

— Não? — Sorrindo, ela me espeta. — Tem certeza? Não faz tanto tempo assim, mas vou refrescar sua memória.

Porra! Ao seu lado tem um frasco com um creme e ela começa com simulação exatamente como fez no dia que a encontrei quase nua no seu quarto. Minhas bolas se contorcem na lembrança de como eu tive que aliviar o tesão encubado que mantive por tanto tempo.

— Sabe Pedro! Preocupo-me com sua memória.

— Eu me preocupo com você.

Sorradeira, ela sobe as mãos pelas pernas e para na região do quadril, fecho meus dedos conforme meus olhos acompanham ela desenhar a curvatura da sua bunda com forma arredondada que me excita tanto. Tudo nela é quente e erótico.

— Não sei se você está recordando de algo, mas seu membro diz que gosta do que vê.

— Na minha vaga lembrança, você estava mais comportada aquele dia.

— Está insinuando que virei uma sem vergonha, Pedro? — Totalmente sem vergonha, na verdade descarada, ela massageia seus seios redondos em suas mãos.

— Você sabe que se fizesse essas caras e bocas aquele dia, eu teria mandado meu senso de responsabilidade para o espaço. — Ameaçador, parecendo um animal selvagem, eu caminho em sua direção. Até parece que tudo isso é totalmente verdade, eu atacaria inocente ou esta nova Bya de qualquer jeito, porém hoje não sou mais doutrinador dos meus desejos.

— Não acredito que esqueci a performance das minhas caras e bocas, aquele dia.

— Você estava ótima.

— Então você me desejou, aquele dia?

— Muito! — Confesso puxando-a nos meus braços, encarando-a. — Você sabe que precisamos conversar, não sabe?

— Pedro!

— Oi.

— Faz amor comigo?

Que argumento eu teria a um pedido, onde dentro de mim era o que mais queria naquele momento.

Agitada no seu sono, com alguns espasmos, fico observando se é o reflexo do dia movimentado ou se ela está tendo algum pesadelo.

Não consigo conter meu espírito protetor e abraço-a, até tranquilizá-la, adormecendo junto.

CAPÍTULO 30 – Beatriz Eva

A mistura do cheiro do campo com o perfume do homem que amo faz-me despertar de um sono pesado e indecifrável. Sinto-me diferente de como adormeci, na mente estou mais leve, mas sobre meu corpo sinto um peso sobre mim.

Não consigo me espreguiçar, levo poucos momentos para entender o motivo de estar tão imobilizada. Abrindo os olhos entendo o motivo.

O Pedro está com rosto alinhado entre meu ombro e minha cabeça, sua perna está sobre as minhas pernas e seu tronco sobre meu braço e peito.

Fico feliz em estar no seu aconchego pesado.

Tento buscar o que virou nosso dia de felicidade em uma angústia interminável. Penso, analiso e nada sai.

Até meditação tento fazer, porém nem mesmo Goenka, o mestre da meditação, seria capaz de conseguir se concentrar com o peso que sinto sobre meu corpo.

Arrasto um pouco o corpo para o lado na esperança de aliviar o formigamento que começa aparecer e uma massa muscular me prende em seus braços.

— Estava pensando em ir a algum lugar?

— Você é pesado, sabia?

— Um lindo dia para você também? É muito confortante acordar com uma declaração tão quente como esta, insinuando que sou gordo.

Puxando meu corpo sobre o seu, ele enfia os dedos nas minhas costelas arrancando-me gargalhadas histéricas. E o formigamento que sentia há instantes no meu lado esquerdo do corpo centraliza na minha pepeca.

Qualquer arfar que possa tentar dar junto com as risadas são abafadas pelo meu coração disparado quando ele me encara de repente.

— Seu bom dia, não está sendo melhor do que o meu.

Bruscamente ele rola meu corpo na cama.

— Então preciso me redimir.

E ele se redimiou muito melhor do que eu poderia esperar com um bom dia oral delicioso. Simplesmente orgástico.

— Este seria um bom despertador para todas as manhãs — digo preguiçosa olhando sua mão estendida.

— Vamos lá sua sem vergonha, este despertador pode fazer uma anotação na sua programação diária se você merecer.

Mas do que depressa levanto da cama.

— Se isso pode se tornar uma promessa serei a mais dedicada e educada. — Não sei acrescentar o que sou dele.

— Namorada — ele declara.

— Você está me pedindo em namoro?

— Como seu tutor quebraria a cara do bastardo que acordasse você com uma bela lambida e a chamasse apenas de amiga com benefícios.

— Você é tão romântico! — Pulo de cavalinho nele sem esperar.

— E você tão deliciosamente quente e molhada. — Acho que fico vermelha quando sinto que minha intimidade está colada nas suas costas.

— Vou acrescentar ao meu tutor que você tem que ser mesmo meu namorado, pois ele detestaria me ouvir dizer que você diz palavras obscenas para mim e que só pensa em me foder.

Abrindo o chuveiro ele vira meu corpo para debaixo do jato frio.

— Ai! Esta água está congelando.

— Isso é para você aprender a não falar também palavras obscenas.

Para variar o banho esquentava e nossos corpos também acabavam na cama molhados e saciados.

— Está com fome?

— Faminta — levo a mão no seu membro, brincando.

— Que apetite o seu.

— Não me farto nunca de você, mas você tem razão, precisamos recuperar a energia.

Dou graças a Deus que ele não toca no assunto sobre o que aconteceu ontem e o fantasma do velho Tutor vai embora dando lugar para o novo Tutor. O quente e bem-humorado.

O verde e o caminho até o restaurante do resort, que se diga de passagem, serve um dos melhores cafés que já tomei. Admiramos a beleza do local e a neblina no vale que vai se dissipando conforme o sol vai esquentando.

Estava muito bom para ser verdade, pois ele volta a rodear o assunto sobre o que aconteceu ontem e eu desvio aproveitando a deixa de ele repetir como um ritual, girando a maçaneta por mais de uma vez para abrir a porta e pergunto se aquilo faz parte do TOC.

No fundo não quero falar sobre o fato, pois dentro de mim algo impede e como ainda não sei por que, prefiro manter as coisas como estão.

— Necessariamente este não é um ritual diário meu, mas sim, girar a maçaneta algumas vezes foi mais forte do que eu. Foi algo que meus pensamentos insistiram para eu fazer.

— Isso incomoda você?

— Sempre! — Ele é breve na resposta e eu decido perguntar sobre como ele lida com tudo isso e se ele já fez algum tipo de tratamento. E ele diz que sim, inclusive me deixa com peso na consciência enquanto narra rindo de mim que no seu último tratamento eu na tentativa de ser uma Sherlock Holmes acabei sendo um Inspetor Jacques Clouseau tirando conclusões precipitadas.

Acho que aqui nessa relação precisamos cuidar de cada um de uma vez. Muitos fantasmas juntos podem causar um verdadeiro baile dos horrores.

— Pedro?

Ele me olha ainda rindo. Como ele pode me contar tudo isso nesse bom humor, enquanto eu me sinto a pior das pessoas? Aproximando-se de mim, ele vê em meus olhos o arrependimento.

— Desculpa?

— Desculpo se você me beijar, para recuperar o tempo que perdemos afastados por sua teimosia.

— Se eu pudesse voltar no tempo.

Sem dizer nada seu lado predador age rápido. Suas mãos vão ao meu cabelo apertando do jeito que me desmonta, deixando minhas pernas moles.

— Se tivéssemos o poder de voltar no tempo, nunca aprenderíamos a seguir em frente tentando não errar novamente.

Seus lábios tomam os meus, deixando-me mais calada do que estou, com tudo que ele me ensina a cada dia.

Como não amar este homem?

— Estamos atrasados para a tirolesa — ofegante ele me encara divertido.

— Você jura que quer ir?

— Não vai dizer que acordou com medo de menininha, ou será que algo que aconteceu ontem a faz impedir de querer ir.

— Medo de menininha? — Finjo não ter prestado atenção na segunda parte do seu questionamento. — Você não esqueceu que adoro altura, né?

— Não duvido disso — sarcástico ele pisca para mim. Essa piscada eu deveria dar o nome nela de “piscada que causa frisson na “pepeca”.

A brisa da manhã entre a estrada de terra que nos leva ao parque onde tem a tirolesa, permite-me aproveitar do homem gostoso sentado e pilotando sua moto na minha frente.

Duvido que qualquer tirolesa no mundo me causará mais emoção do que estar abraçada a ele.

Chegando ao ponto de partida da tirolesa, tento não me concentrar na altura.

Enquanto um rapaz coloca o equipamento em mim, o Pedro observa tudo com olhos de lince. Adoro esse modo macho alfa.

Feitas as explicações, não titubeio e me ofereço a ser a primeira corajosamente.

Vou de cadeirinha, a descida é rápida, sinto-me livre e a emoção é imensa. É um misto de não ter controle, com um saber que está sob controle, aliada à velocidade e à altura. Simplesmente uma aventura marcante, onde meus gritos saem com uma libertação de algo preso no meu peito.

Aproximo-me vibrando do “ponto de chegada” rindo e feliz, esperando um super-homem descer preso somente pelas costas e gritando no tom de brincadeira, arrancando risadas de todos que o aguardam.

— Para o alto e avante.

Este é meu super-homem!

PEDRO SALVATORE

Desde que voltamos de viagem algo mudou entre nós. Talvez a incerteza de ambos de como lidar com o final de semana perfeito, tenha feito com que cada um seguisse para seu quarto.

Inicialmente, imaginei que ela estaria levando a mochila para seu quarto e passaria a noite comigo, mas quando fui ao seu quarto depois de mais de uma hora à sua espera, encontrei-a adormecida apenas enrolada na toalha.

E pelo rastro cristalino marcado na lateral dos seus olhos imaginei que ela tivesse adormecido enquanto chorava. Meu coração partiu e por horas velei seu sono. Tentei até confessar enquanto afagava seu cabelo de forma carinhosa, o que tinha acontecido no dia do seu acidente, mas ela até adormecida, pareceu se recusar a ouvir falar sobre esse assunto. Senti naquele momento que algo dentro dela rejeitava a situação, não sei se por medo de sentir a dor, ou por não querer lembrar os motivos dessa dor.

Nos dias seguintes ela só era receptiva quando eu não era atencioso. Esta mulher definitivamente parece gostar do modo mulher de malandro. Por vezes frisou que não era de cristal e que sua carcaça era de vidro puro e difícil de quebrar.

Por querer ser melhor para ela e provar isso, deixei que marcasse minhas consultas com a terapeuta e com a médica, fiz isso por querer que ela também procurasse sua terapeuta para falar sobre o que aconteceu. Claro que em nenhuma vez, sugeri isso em palavras, mas deixei claro para ela o quanto tudo isso estava me fazendo bem.

No fundo acho que também tive uma parcela de culpa e medo. Inicialmente de ter novos pesadelos ao seu lado. E acabei não forçando a barra para vivermos como um casal.

As semanas foram passando, fomos ao cinema, a restaurantes, dormimos muitas noites juntos e até sair com o Marco e Bárbara saímos. Claro que como amigos para seus olhos.

Achamos pertinente deixar a nossa novata relação no anonimato, mas a danada me torturou à noite toda com sua mão sobre a braguilha fazendo movimentos para me deixar sem jeito perante nossos amigos. A Bárbara diz que vai ao toalete e antes que a Bya dissesse que a acompanharia, o Marco levanta junto com ela para acompanhá-la.

— Pensei ter combinado que deixaríamos nossa relação no anonimato, por enquanto.

— Não vejo o que falei que possa revelar o que temos.

— Você é impossível.

— Por quê? O que eu fiz? — Sua mão aperta com mais intensidade o meu pau e eu jogo a cabeça para trás para não me contorcer. — Está tudo bem Pedro?

Não tenho tempo de responder, nossos amigos voltaram para mesa e quando achei que ela ia aliviar, ela intensificou.

Tentei focar no assunto que o Marco dizia e minha pigmentação vermelha chamou a atenção da Bárbara.

— Está tudo bem Pedro? Será que comeu algo que não fez bem?

Pensei em esganar a dona daquela mão atrevida, por me fazer passar aquele constrangimento.

— Tudo bem! Acho que é o ar do restaurante que está fraco.

— Para mim o ar está perfeito, acho que está fresco até demais.

Jurei para mim que sua bunda imploraria por um ar fresco depois das palmadas que iria lhe dar.

Não soube o que fazer, se me mexesse para tirar sua mão, eles perceberiam o que estava acontecendo, se pedisse licença para ir ao toalete, minha calça também me entregaria, o jeito foi aproveitar. E quando achei que as coisas não ficariam piores, ela foi além e sussurrou no meu ouvido que por baixo de seu vestido curto não continha nenhuma peça de roupa.

Isso só antecipou eu inventar uma história qualquer para levá-la dali, caso contrário, não só nossos amigos, como também o restaurante todo descobririam em uma atitude de atentado ao pudor que não tínhamos apenas um relacionamento de Tutor e pupila, como também de um casal desavergonhado que não conseguia ficar longe um do outro.

Seguindo para o estacionamento no sentido oposto do carro dos nossos amigos, não deixei passar a oportunidade de ver o estacionamento deserto e dei uma caixinha extra ao vigia para nos permitir uns instantes de privacidade, já que queria mostrar a ela que sua provocação acordou o selvagem dentro de mim. E que minha intenção era de levantar seu vestido até a cintura e fodê-la até os miolos vendo-a gritar pedindo desculpas por ser tão ousada.

— Gostou de me bulinar à noite toda? Será que criei um monstro? — Digo com pressa pressionando-a sobre o primeiro capô de carro que encontro entre o caminho fora do campo de visão da guarita do vigia.

— Você acha que sou uma boa aprendiz?

— Uma indecente a classificaria melhor. — Gemendo ela levanta o joelho nu e roça na minha ereção protegida pelo jeans.

— Devo levar isso como um elogio ou uma crítica?

Porra! Muito mais que tudo isso, ela é uma sedutora irresistível.

— Nem um. Nem outro. Beije-me, você fala muito.

— Mandão! — Ela resmunga quando a deito sobre o capô ainda quente e invado sua boca penetrando minha língua até sua garganta, suas mãos agarram meus cabelos pedindo por mais, ofegante a preno com força. Se a porra do carro amassar eu pago essa merda, pois a única coisa que penso agora é em recompensá-la por me deixar tão sedento. Distraio-a assaltando seu corpo com pegadas que enche minha mão da sua carne macia, enquanto trabalho subindo seu vestido até a cintura e roço minha ereção na sua pélvis nua para provocá-la. Com falsos protestos, finjo não ouvi-la e sem ao menos esperar viro seu corpo deixando sua bunda redonda nua e vulnerável na posição que me deixa mais excitado e congelo. Meu Deus, ela consegue ficar mais gostosa a cada dia. Percebendo minha avaliação, ela vira o rosto de lado com sorriso malicioso.

— Eu poderia gritar pedindo socorro por estar sendo atacada em plena luz do luar por um tarado.

Droga, ela consegue me deixar mais excitado e me faz sorrir.

Plaft. Desço a mão com vontade na maçã da sua bunda, para deixar de ser tão bocuda.

— Você pode gritar o quando quiser, mas será de prazer. — Mordendo os lábios não contengo o desejo lascivo que tenho, abro o zíper pondo para fora o meu pau latejante querendo ser abrigado, não espero seu aval penetrando-a com vontade.

— Isso é tão profano. — Ela geme alto quando vou com meu pau até o fundo.

— Não minha pupila, isso é a urgência que tenho de fodê-la até os miolos por ser tão ousada.

Não brinco, mesmo querendo eternizar esse momento vendo o brilho do luar refletir na sua pele. Sou incessante e vou à loucura quando ela pede por mais gritando meu nome e assim o faço indo fundo e rápido com a minha mão descendo na sua bunda misturando o som de plaf. plaf, junto com o seu gemido. Até sinto contrair sua boceta no meu pau, convulsionando e o melando todo. Minhas veias latejantes são estimuladas por seus gritos de prazer e jorram minha porra toda dentro dela.

Ainda não nos acertamos no nosso mundo pensante, mas sei que estamos caminhando para encontrar a melhor forma de nos ajudarmos. Sei que está acontecendo isso, pois todas as vezes que chego de uma consulta, ela sempre está entre o material de estudo me esperando, para falar nem que seja um assunto breve sobre o resultado de mais uma terapia.

Tenho tentado não atrapalhar a conclusão do seu curso, já que descobri que estava sendo uma distração para ela que, depois de nossas saídas, passava praticamente a noite toda focada no seu TCC. No início ela tentou me provar o contrário para me agradar, mas mesmo contrariado, tenho tentado ocupar meu tempo indo mais vezes ao Moto Clube. E em uma noite dessas cheguei a casa depois de ficar horas por lá com o pessoal jogando conversa fora, ouvindo ronco dos motores e só então decidi ir embora, quando dei conta ao ver no celular que tinha diversas ligações perdidas da Beatriz.

Curioso para descobrir o que queria, procurei-a pelo apartamento e quando finalmente fui ao seu quarto, deparei-me com o som que fez meu coração congelar. Ela chorava seguidamente.

Na hora imaginei ser mais um dos seus chilikues por não ter respondido suas ligações, se bem que ela não tinha mais cometido nenhum ato insano, depois da nossa última discussão sem sentido.

Hesitei em bater na porta com um nó na garganta e quando criei coragem descobri como um chute no estômago, que eu só não era a razão do seu choro, como também era um pretensioso de um bastardo. Porra! A Bya chorava pela dor da amiga e quando precisou de mim para consolá-la, não estava lá e ainda por cima a julguei.

O peso na consciência me torturou, tive vontade de me punir, mas, naquele momento não poderia ser egoísta, o que interessava era cuidar e ver o que esses danos estavam causando para ela.

Acompanhá-la no enterro, não foi uma tarefa fácil. Sabia que o turbilhão de sentimentos a atormentava. Ela tinha perdido seus pais e compartilhar com sua amiga a dor de velar a mãe: não seria uma experiência fácil. Acho que naquele momento não foi fácil para nenhum de nós, principalmente por saber que uma lembrança na sua memória a tinha feito sofrer mesmo que inconsciente em um passado tão próximo.

— Pronta? — Estendi a mão para ela e não soltamos nenhum só instante, nem nas condolências à sua amiga.

Foi como uma construção de um elo de cumplicidade e apoio. Os dias se passaram e não vi voltar o brilho dos seus olhos.

Ela realmente havia ficado muito abalada pela amiga. Ela não precisou pedir para eu faltar aos meus compromissos semanais. Eu simplesmente não fui. Chegava a casa juntamente com ela e um dia resolvi perguntar o que estava acontecendo, depois de uma ligação da Elaine. Tudo aquilo estava me aniquilando e estava sentindo falta da falante Beatriz.

— Era a Elaine?

— Era — monossilábica respondeu com o olhar perdido.

— Como ela está?

— Trancou a matrícula na faculdade.

— No último semestre? — Perguntei indignado, mas por quê?

A Bya me contou os verdadeiros motivos, que ela tinha gastado o que podia e não podia com as despesas da doença da sua mãe, com o velório e trâmites para enterrá-la na sua cidade natal, entre palavras e lágrimas, naquele momento, mais uma vez vi o quanto especial era minha pirralha.

Prontifiquei-me a bancar suas despesas, para amenizar a sua dor, porém, a Bya disse que já tinha se prontificado ajudar e a sua amiga não aceitou.

— E, se eu oferecer a ela um trabalho no escritório, indiretamente ela poderia nos ajudar e continuaria a estudar.

— Você faria isso por ela?

Por ela e por você, pensei comigo na hora. Porém naquelas lágrimas que teimavam em

escorrer pela sua face, consegui perceber que tinha algo a mais.

Então fiz o esperado de um homem apaixonado, abri meus braços, comovido e com dor no peito, por vê-la tão triste. Em segundos ela aceitou meu gesto de carinho.

— O que mais está tirando o sorriso deste rosto lindo? — Com o polegar limpo suas lágrimas e levo à boca o líquido salgado matando minha sede e molhando minha garganta seca.

— Sinto-me oca.

— Oca? Por que, minha pequena?

— Por que sinto inveja da dor e luto que a Elaine está sofrendo. Você consegue entender, Pedro? — Ela grita com dor e mais lágrimas inundando seus olhos. — EU SOU OCA. Não senti nada disso na morte dos meus pais, a amnésia me tirou a dor de chorar por eles.

Abraçando-a forte, a consolo como uma parte de mim se quebrando por ver seu estado de sofrimento.

— Bya! Você não está oca. Tem muito sentimento aqui. — Levo a mão no seu coração. — E muita memória aqui. — Beijo sua testa. — Acho que está na hora de você tentar falar sobre o seu passado, venho há dias tentando tocar no assunto e você não me permite chegar perto. O que aconteceu naquele rio, tem algo a ver com o acidente que você sofreu com seus pais. — Seus olhos se abrem, assustados, e agora que comecei tenho que terminar de falar, ela precisa se permitir começar a sentir o seu luto.

— O que você sabe sobre o acidente?

— Não sei o que causou, mas soube pela seguradora que o carro desgovernou e vocês capotaram várias vezes, até ficarem presos nos arbustos com o carro parcialmente dentro do rio Tietê.

Fria como uma pedra de gelo, seu olhar fica perdido no nada, seu rosto perde a cor, ficando pálida, perdendo toda a sua cor do pecado. Percebo que ela briga com a memória para tentar lembrar-se de algo e puxando os cabelos entre as pernas ela grita.

— NÃO CONSIGO LEMBRAR-ME DE NADA.

Não a forço dizer mais nada, em silêncio, a puxo novamente ao calor dos meus braços e ela não esboça nenhuma reação. Deixando-se levar ela aceita a minha acolhida, aquecendo-a com carinho, ternura e amor como sempre fiz.

Sem intenções perversas, retribuo o amor que ela me entregou quando mais precisei sentir-me vivo, despindo-a, repito o gesto me despindo, amando-a para se sentir amada.

Nossos corpos não têm necessidade de buscar o orgasmo, eles apenas se entrelaçam nos fazendo um só corpo, dizendo no silêncio que um tem o outro.

Os dias foram melhorando. Ela acabou aceitando a minha sugestão de procurar um profissional que faz regressão e sua amiga acabou agradecendo a proposta e prometeu pensar para os próximos meses estar trabalhando conosco. Entendi perfeitamente e deixei em aberto minha proposta.

— A Elaine acabou se arrependendo um pouco de trancar a matrícula, mas acho que foi melhor, ela está mais determinada a vencer. Antes ela era tão desanimada e agora, já fala em logo estar trabalhando no escritório.

— Vamos dar o tempo dela. — Vi-me um pouco na pele da Elaine, com a diferença de que minha mãe me deixou uma herança, para poder continuar estudando e cuidando de mim. Nada de heranças para garantir um futuro milionário, apenas uma pequena herança para eu sobreviver e poder estudar.

Com o seu trabalho durante vida, ela conseguiu nos manter, sem muito luxo, mas sempre com algo no prato para comer e um teto para morar.

O que ela economizou e nunca mexeu foi na pensão alimentícia que eu recebia por direito daquele homem. Dinheiro esse que mexi só para sobreviver até que consegui um emprego em uma construtora. Naquela época eu não precisava mais do que a metade do que recebia e assim economizei tostão por tostão para devolver a ele o que gastei.

Infelizmente não tive como devolver o dinheiro a tempo para ele e foi daí que surgiu a minha contribuição de doação mensal às instituições voltadas a pessoas com qualquer tipo de deficiência.

— Nossas histórias são tão diferentes e tão parecidas ao mesmo tempo.

— Muito! — Abraço-a enquanto esperamos na fila do caixa. Até esse progresso ela conseguiu me laçar. Eu odiava ir ao mercado e hoje junto com ela, essa tarefa tornou-se prazerosa e olha que ela confere cada item no caixa com os valores da gôndola, brigando quando vê que algo não bate. Nunca que eu faria isso antes, seria enganado na pressa de me ver livre logo.

Bravamente, e orgulhosa, ela conta com os dias da sua formatura e me enche de orgulho, por conseguir seguir em frente no momento que um turbilhão de sentimentos quase a distraiu.

CAPÍTULO 31 – Pedro Salvatore

Parafusando a última prateleira, sinto o suor escorrendo, começando a cegar meus olhos, instintivamente passo o braço pela testa realizado e ao mesmo tempo cansado. O remédio causa estas reações, mas perto do que ele me alivia, não ligo para suas reações.

A danadinha se mostrou totalmente responsável com seu último semestre, por vezes quis aproximar-me dela e confortá-la nas noites em claro que passou esforçando-se para apresentar seu melhor TCC. Porém achei prudente ficar apenas ali ao seu lado sem chamar sua atenção.

— Sr. Pedro, a pintura já acabou. Está tudo certo?

— Obrigado, Pila, vocês foram rápidos e ficou perfeito. — O Pila é um pintor que conheço há anos e faz diversos trabalhos para mim. Quando disse que tinha uma missão impossível e que era uma surpresa para a Beatriz, ele não mediu esforços. Não há nenhum pedreiro, pintor ou prestador de serviço que não seja encantado com os feitiços daquela bruxinha. Ela é um verdadeiro tsunami aos meus nervos, mexe com o que tenho de pior e nesse caso o meu pior é o ciúme que tenho dela.

— O senhor vai precisar de mais alguma coisa ainda hoje? Se não for precisar, já estou indo.

— Não, já estou terminando aqui também. Obrigado por tudo, Pila. Manda-me a nota para acertarmos.

— Imagina, homem de Deus, depois de tudo o que a D. Beatriz fez pela minha esposa a levando todos os dias ao Hospital das Clínicas para fazer hemodiálise, porque eu estava sem carro. Nada disso. Esse é um presente para ela. A Beatriz é uma mulher de ouro.

— Obrigado, Pila, ela vai ficar muito feliz pelo presente. — Ela é sim uma mina de ouro a ser explorada. Exausto, sento e viajo na transformação do espaço.

Ah, minha pupila! Você me surpreende a cada dia, com sua determinação e garra. Animado com o resultado, termino os últimos detalhes e coloco na sua porta o Brasão da sua família.

Inicialmente, era uma boa ação que tive para motivá-la a lembrar do passado, mas que para mim se tornou um mega problema, quando descobri que a família da Beatriz não era feliz e que esse motivo pode ser a causa do bloqueio em sua mente e, uma possível rejeição de querer saber do seu passado.

Com a tela aberta em várias páginas pelos sites de busca querendo encontrar o brasão do sobrenome Torres Machado - acabei encontrando não só o brasão dos dois sobrenomes, como também notícias do passado.

“Ejecutivo brasileño es engañado por su esposa hermosa y caliente también brasileña y su jardinero español, uno de los mayores escándalos del Mercado de peaje multinacional. La pareja de amantes después de capturados por su hija y su marido estaban espoxtos por los comentarios de sus vecinos y familiares, tras el escándalo va a volver a Brasil.”

Traduzi cada linha — perplexo - com o tamanho da responsabilidade das informações que lia.

“Executivo brasileiro é enganado por sua bela e quente esposa, também brasileira, com seu jardineiro espanhol, um dos maiores escândalos do mercado de pedágio multinacional. Os amantes foram pegos por sua filha e seu marido e ficaram expostos aos comentários de seus vizinhos e parentes, após o escândalo vão voltar ao Brasil.”

Por um momento fui insano e pensei ligar para a redação do tabloide para pedir para tirar a matéria do site deles, com a intenção de privar a Bya de um dia encontrar essa matéria pela internet.

Alguns fatos curiosos vêm à minha mente. Como é que ela nunca viu nada sobre isso?

Primeiro, a falta de interesse dela em descobrir seu passado. Segundo, ela nunca ter pesquisado nada sobre o que aconteceu e, em terceiro, seu desinteresse aos seus bens que venho administrando, sem mexer em um só centavo. Quer dizer, administro seus bens, mas algumas rendas vão para sua conta pessoal e dessa conta não tenho acesso.

A somatória da sua fortuna garante uma boa vida para ela e para sua próxima geração. Porém, esse é um assunto intocável, eu sempre deixo seus demonstrativos e, pelo que percebo, nos meses seguintes, eles sempre estão como os deixei.

Desde que descobri essa informação, venho vivendo um inferno interno e, para privá-la dessa informação, e deixá-la descobrir esse fato do passado sozinha, tenho evitado questioná-la e por mais covarde que possa parecer, não tenho coragem para fazê-la saber por mim esse episódio que ela sabe e não quer lembrar.

Hoje tenho certeza que ela no fundo, sabe de tudo, mas construiu uma barra imaginária para não pensar na dor que isso causa. Tenho tentado estar de braços abertos para quando ela precisa. Compreendê-la quando necessita de um colo e ainda ser opressor quando precisa de um puxão de orelha. Mas fazer mais do que isso seria querer viver e decidir por ela e isso não vou fazer. Meu apoio ela sabe que tem para o que precisar, porém minha responsabilidade para por aí. Suas dores — posso até tentar sentir por ela —, mas isso por mais que eu queira ter super poderes, não conseguirei tirar dela.

Porra! Não vi a hora passar, vou ter que tomar um banho aqui mesmo no escritório, ainda bem que trouxe a roupa comigo.

Meus banhos nunca mais foram os mesmos, é só entrar num banheiro e a imagem dela protagonizando uma atriz pornô deixa-me duro. Porém hoje devido o meu atraso, não tenho tempo de fantasiar nada, além da ducha rápida.

Dirijo pelas ruas de São Paulo feito louco, os segundos parecem que ganharam velocidade no relógio.

Inquietante, linda e brilhante. Sinto-me orgulhoso ao vê-la se aproximar do púlpito. Estou 25 minutos atrasado e irritado por saber que sentarei com seus amigos.

Para falar a verdade fiquei surpreso que o moleque topetudo, também não se formaria com ela. A Elaine eu já sabia, que tinha trancado a matrícula do último semestre, a garota perdeu a mãe há pouco tempo e preferiu esperar, mas ele. Porra louca de moleque, tomou bomba no penúltimo semestre?

Apresso-me para encontrar o meu lugar para sentar. Logo, ela como oradora, começará a falar.

Avisto os dois sentados ao lado da Cida. Esta pupila é valiosa, para ela não existe diferença entre religião, cor ou qualquer tipo de discriminação de classes sociais, ela trata a todos como amigos. Peço licença para sentar cumprimento-os.

— Chegou a hora da nossa morena tropicana falar — o topetudo comemora e eu aproveito o cumprimento para mostrar para ele que ela não é sua em nada.

— Ai! — Seu amigo Beggo chacoalha a mão. — O que você tem no lugar dos dedos, alguma espécie de prensa?

— Shh! — Repreendo-o, assim que ela diz. “Boa noite a todos”.

— Ai, que emoção. Linda! — O infeliz grita.

Ela está linda mesmo, seus olhos brilham.

— Não vai sair dançando rumba, para querer chamar mais a atenção que a Bya. — A Elaine também o repreende.

— De jeito algum, vou poupar cada passo de dança, para arrasar na festa de formatura. Vou cansar os pés da morena tropicana.

— Se não ficar calado e prestar a atenção no púlpito, conhecerá minha morsa na sua língua também — falo entre os dentes cerrados.

— Cruzes. Agressivo você, hein?

— Shh! Vamos ouvir a Bya. — A Cida fala apalpando o lenço na face. É contagiante a admiração que uma tem pela outra.

Ela faz os agradecimentos e cumprimentos a todos da bancada, formandos, paraninfos, parentes e amigos de todos e um adendo que enche meu coração de orgulho.

Os últimos meses antes da conclusão da faculdade, a Bya se esforçou como nunca, desenvolveu seu TCC com excelência. Sei que no fundo ela queria mais a minha participação no seu projeto arrojado, porém, quando ela me falou a ideia inicial, senti na sua apresentação que ela tinha muita propriedade em desempenhá-lo sozinha. Apenas a alertei que poderia simplificar um pouco mais, que mesmo assim ficaria perfeito, mas ela não aceitou e eu acatei sua decisão. O TCC era dela e se acreditava nele como mostrava certa, não poderia colocar em questão as minhas opiniões.

A experiência com a mistura sonhadora dela transformou o projeto como um dos mais arrojados que vi. E por esse motivo e por outros fiquei de longe apenas observando o quanto ela era capaz.

Ela precisava desse momento só dela, por mais que por dentro eu sabia onde economizar tempo para as suas buscas por caminhos mais rápidos, não interferi.

Ela precisava sentir que aquele projeto era dela, somente dela, criado por ela.

Vi a Bya passar noites acordada e no seu momento de estresse maior, próximo à conclusão, com seu tempo quase estourado, ela praticamente surtou e mais uma vez eu estava lá, por ela.

— Mais uma noite em claro? — Puxo assunto enquanto ela anda de um lado para outro, puxando os cabelos com as mãos.

— Não sei se vou conseguir. O tempo está se esgotando e falta tanto ainda.

— O que você não sabe? Claro que vai conseguir.

— Eu deveria ter ouvido você, quando mencionou que o projeto poderia ter sido mais simplista. Por que você não me impediu?

— Não deveria ter ouvido não. Seu projeto está ficando espetacular.

— É tão trabalhoso.

— Para um criador não existe limites, Bya.

— Você faz parecer simples, mas não está sendo, viu?

— Sei que não e é exatamente por isso, que estou dizendo que você é uma exímia criadora. Está correndo tudo certo, para de se cobrar. Tenha calma.

Seus longos cílios negros se abaixaram junto com seu olhar, ela pareceu refletir e a partir desse dia tornou-se serena, mais confiante e determinada.

Volto a atenção à voz que seduz meus ouvidos. Adoro olhar para ela, conversar com ela e estar com ela. Seu sorriso ilumina meu dia, sempre fui muito rancoroso e de mal com a vida, porém ela mudou tudo isso. Minha tendência em acreditar que as coisas não dariam muito certas - mudaram. Ela simplesmente trouxe vida para minha vida.

“Sinto-me muito honrada e feliz por estar representando o curso de Arquitetura e Urbanismo. Sei que cada formando hoje tem uma história para contar sobre a conclusão deste sonho. No caminhar do meu sonho, vi alguns amigos desistindo, outros por motivos de força maior tendo que trancar suas matrículas e para os privilegiados como eu, a conclusão.

Quero agradecer ao meu incentivador, que no meio dos seus propostos desafios, me mostrou que eu conseguiria e venceria os meus limites. Obrigada Pedro por mostrar-me que, para um criador, não existem limites.”

Ela continua seu discurso brilhantemente e me pego de boca aberta, como um apaixonado babão. Cada palavra dita emociona todos que a observam. Um filme passa na minha cabeça.

Amo o mundo da criação, amo ser arquiteto, tenho orgulho da conclusão dos meus projetos, porém chega a ser bizarro quando vem à minha mente que no projeto da minha vida, ainda não consegui desenhar a forma correta do meu amanhã.

Ovacionada, ela deixa o púlpito. Ela me procura com os olhos e eu correspondo ao seu olhar piscando os dois olhos. Ela acena timidamente para mim com o sorriso de lado a lado.

— Esplêndida! — O infeliz fica de pé sozinho batendo as mãos. — Amo você, morena tropicana! — Moleque ousado. Acho que ele está desafiando demais a fada dos dentes.

— Ama?

— Amo! — Ele repete me desafiando.

— Ama como?

— Amo, amando — ele dá de ombros. — Ela é minha amiga, confidente, é engraçada e mesmo sendo minha concorrente, não me ameaça. — Ele faz cara de exibido.

— Concorrente? — O que este moleque está dizendo?

— Tiozão.

— Tiozão? Que porra é esta?

— Shh! — A Cida nos adverte.

— Eu e a Bya gostamos de esquadro.

— Todo arquiteto tem que se simpatizar com esquadro.

— Pedro, não cai na pilha desta libélula. — A Elaine sorri, entre palmas, enquanto, observa a repreendendo seu amigo. — O esquadro que ele se refere é totalmente sexual, nada a ver com equipamento de trabalho de um arquiteto.

Ele é gay? Ah não! Isso não é possível. Não sou cego, sei muito bem como ele olha para a minha pupila. E ela? Não, ela não iria me deixar pensar que ele é homem, para me fazer ciúme. Ou será que ia? Não. Acho que entendi errado.

Não presto mais atenção em nada. A Bya se sentou fora do alcance dos meus olhos e o pensamento deles gostarem de usar o mesmo tipo de esquadro, vem à minha mente novamente.

Mas não é que ele se porta como uma libélula mesmo? Filho de libélulas que se copulam enquanto estão voando, você me enganou direitinho! Você só não, a Bya também. Acho que essa mocinha está precisando de boas lições.

A colação de grau termina e o alvoroço de pessoas se cumprimentando começa. Levanto o pescoço para encontrá-la ansioso e mais uma vez o topetudo está lá, entre beijos e abraços com ela.

O suco biliar vem à minha garganta e o monstro primitivo ruga dentro de mim, não importa se ele tem a mesma preferência sexual que ela ou não. Enquanto ele tem o pau entre as pernas, para mim ele ainda é uma ameaça.

— Posso parabenizar a formanda e oradora mais linda e brilhante da noite? — Como um rolo compressor, praticamente, passo por cima dele.

— Ai! — Ele geme. — Sr. Morsa, ela é toda sua. — Afastando-se com o aperto das minhas mãos em seu ombro. — Onde pensa que vai com esta força toda? Cuidado querido, para não esmagar o ganso, algum dia. Eu confesso a você que prefiro afogar o ganso a esmagá-lo.

O que foi que ele falou? Mas é atrevido este garoto.

— Não tenha medo, você não corre o risco de eu chegar perto do seu algum dia. E do meu,

sei cuidar muito bem.

— A formanda mais linda, sou eu? — A Bya entende a hostilidade entre nós dois e chama a atenção para ela.

— A mais linda que já vi — meus olhos se voltam para ela.

— Calunia é crime.

— Vai dizer que tem uma equipe de advogados, prontos para me processar por dizer a verdade?

— De jeito nenhum.

Aproximo-me dela, orgulhoso por ver a vitória e a felicidade estampada nos seus olhos molhados, observo como sua respiração fica profunda e suas pupilas dilatam.

Não importa o som das pessoas em volta, para mim só existe ela na minha frente. Como queria poder tomá-la nos meus braços e ir muito mais além do que apenas um abraço de congratulação.

— É assim que você queria cumprimentar a formanda, parado como uma estátua na frente dela?

Ah seu merda! Vai trocar essas fraldas, meus dedos fecham em punho.

— Beggo, ouvi alguém chamando você ali na frente. — A Bya responde para ele sem tirar os olhos dos meus.

— Falou muito bem — profiro as palavras com admiração.

— Ele é chato às vezes.

— Não me referi ao seu amigo. Elogiei como se expressou bem no púlpito, como uma brilhante arquiteta e oradora.

Franzindo o nariz, ela sorri.

— Obrigada — ela dá de ombros — é a conclusão de um grande curso, mas ainda assim, prefiro continuar como paisagista, podendo acrescentar a natureza nos seus projetos.

Dou um passo à frente e meus braços a puxam para perto de mim.

— Adoro a nossa parceria.

— Nossa parceria? — Sua voz baixa repete as minhas palavras questionando-me, junto com um suspiro e eu sinto o quanto ela precisa desta aproximação, tanto quanto eu.

— Agora que se formou, não está pensando em me deixar, está?

— Esta decisão, definitivamente, não faz parte dos meus planos. Meu chefe é duro, mas ainda assim é um ótimo chefe. Quanto mais duro, eu amo mais.

Ela causa em mim diferentes emoções que jamais imaginei sentir por alguém, suspendo seu corpo do chão e a rodo.

— Parabéns Beatriz Eva Torres Machado, você é a mais nova contratada do escritório Salvatore Arquitetura. — Acho que esta é a primeira vez que falo seu nome completo e adoro como ele soou bem nos meus lábios.

— Não serei mais estagiária? — Ela ri enquanto giro-a no ar, já tive oportunidade de estar muito mais íntimo dela do que estou agora, mas para mim é mais que erótico ver sua felicidade.

— Isso mesmo! E ainda de quebra teremos uma estagiária.

— Não podia ser um estagiário? — Ela brinca enquanto sorri.

— Não. A menos que você já tenha mudado de opinião de ajudar sua amiga.

Ela pula do meu pescoço e irrita-me por dar uma notícia que a afaste de mim.

— Isso é o que estou pensando.

Balanço a cabeça afirmativa.

— Amo você Pedro! — Ela faz uma pausa, vejo que sua espontaneidade a constrangeu perante todos. — Você é de mais! Este é o melhor presente de formatura que eu poderia receber. — Sorrio quando ela se joga novamente nos meus braços.

Se este é o melhor presente não sei, porém tenho fortes expectativas para que ela goste também dos outros presentes. Esta menina mulher, garota inocente, com mente brilhante, vem a cada dia que passa provando-me que é a mulher que desejei ter ao meu lado.

— Ei, vocês dois? Todos aqui sabem que de uma árvore se faz milhares de palitos de fósforo, mas dá para os dois se afastarem um pouco. Aqui não é lugar para apenas um palito incendiar uma mata inteira.

Mesmo querendo quebrar seus dentes, consigo rir junto com todos ao nosso lado.

CAPÍTULO 32 – Beatriz Eva

Depois de uma noite para lá de animadora, onde nos divertimos muito, mesmo tendo uma guerra declarada entre o mesmo sexo, de quem chamava mais a minha atenção, o Beggo ou o Pedro.

Acabamos comemorando muito com um brinde emocionante da minha colação de grau, com direito a palavras de orgulho do Pedro, beijinhos de namorados na frente de todos e lágrimas de emoção dos meus amigos e ainda um brinde extra com a chegada da Elaine, na nossa equipe, no escritório.

Para mim foi uma novidade ele me tratar como namorada na frente de todos. Não que tenha sido como um pedido de namoro aos meus pais, se estivessem vivos, mas foi assim que me senti. Compromissada e assumida para as pessoas mais próximas que tenho como um primeiro namorado apresentado à família.

O Pedro me leva ao limite, testando minha sanidade a todo o momento.

Isso porque eu queria convidar o Marco e a Bárbara para a colação de grau e ele disse que preferia que eu não os convidasse, por que não se sentia à vontade de estar comigo, ainda, na frente dos seus amigos.

Ainda me contou que o casamento deles seria alguns dias depois da minha formatura e que o Marco o tinha chamado para padrinho e ele pediu para não me convidasse como madrinha.

Que direito ele tinha para fazer aquilo. Naquele dia senti meu coração partir em dois, queria sumir da vida dele e nunca mais encontrá-lo na frente, mais aguentei firme, seguindo as orientações da minha terapeuta. Ele não sabe que estive em consulta com ela para falar sobre o TOC e sobre nossa relação.

Eu estava perdida. Aquela noite no motel ficou marcada em mim e não saía da minha cabeça vê-lo tão vulnerável no chão daquele banheiro.

Sentia-me incapaz de poder ajudá-lo e a consulta com ela foi esclarecedora, quando ela disse que apenas as terapias e os remédios não eram eficazes para fazer um paciente se sentir bem e superar seus pensamentos intrusivos, ele precisa ser amado e ter o apoio de todos que estavam ao seu lado, sem cobranças, dando o tempo dele. Que uma pessoa portadora do TOC é muito intensa.

Por um momento pensei até em ir embora, para dar uma chacoalhada nele, mas me senti ingrata, depois de tudo que ele vinha fazendo por mim por todos esses anos. E não é só isso, ele também vinha me cercando para tentar ajudar-me a descobrir os motivos do meu pânico em Brotas. Por vezes tentou entrar no assunto e mesmo apresentando se sentir decepcionado por eu não falar, aceitou, ficando ao meu lado.

Algumas lembranças estão aparecendo na minha memória vagamente, nada ainda é muito claro. Tudo é como um apagão com uma leve luz piscando ao fundo e por já ter errado muito com ele, não quero falar por enquanto de coisas que não tenho nem certeza do que são. O que sei é que tem relação a sentimentos e dores do passado, mas o que, ainda não decifrei.

No dia que voltamos do jantar que iriam combinar os preparativos do casamento surpresa que o Marco estava preparando, eu estava calada quando chegamos e decidi ir direto para meu quarto, mas quando ia fechar a porta, seu sapato travou entre o batente e a porta. Ele sabia que eu estava magoada, destroçada e não precisei dizer nada, pois ele disse tudo.

Pedi perdão e consegui me convencer que tínhamos que lidar com muitos fantasmas ainda, que ele estava começando a responder aos medicamentos e que naquele momento, lidar com a cobrança e brincadeiras de todos, iria atrapalhá-lo.

Claro que eu entendi. Afinal eu amo este homem. O que eu poderia dizer a ele? Pedro, se você não me assumir vou embora, pois eu mereço um título de namorada? Não! Não era assim que conseguiríamos seguir juntos, não é um título que representa e sim o que estamos começando a viver juntos. Ele me respeita e isso já é um lindo começo.

Dias atrás ele se afastou de mim outra vez, nunca deixando de ser atencioso, porém no fundo sei que ele está escondendo alguma coisa. Sempre que eu tentava procurar respostas, ele saía pela tangente, com desculpas que meu foco era a reta final para a conclusão do meu curso e que parasse de procurar problemas onde não tinha.

No fundo ainda sinto que ele estava me escondendo algo e hoje parece outro homem, leve, brincalhão e levando na boa as provocações do Beggo, mas ainda assim atencioso com todos.

Na saída do restaurante enquanto brincamos e fazemos divisões de carro de quem leva quem. Já que frustradamente o Pedro não pode me levar e eu acabei levando todos porque estavam sem carro, ele vem ao meu lado e me surpreende:

— Pedro, você leva a D. Cida e eu levo o Beggo e a Elaine? Encontramo-nos daqui a pouco em casa, pode ser? — Pisco com segundas intenções, na esperança de uma comemoração mais quente para mais tarde. Ele retribui a piscada e me detém pegando a chave da minha mão.

— Você não irá levar ninguém.

O Beggo interrompe o que ele vai concluir.

— Que deselegante. Como é que você quer que vamos embora, de ônibus?

Bufando ele desvia seus olhos de mim para ele.

— Como pretende acabar a noite, consciente ou inconsciente?

— Progressos! — Ele aplaude provocando-o. — Quer dizer que tenho o direito de escolha.

— Aprenda moleque. Tem que ser muito homem para honrar o que se tem no meio das pernas. Não é por que tem preferências sexuais entre quatro paredes diferentes do comum, que isso diminui o seu senso de proteção com as mulheres à sua volta. — Jogando a chave nas mãos do Beggo, ele conclui — leva a Cida e a Elaine para casa e a Bya vem comigo. Pegamos o carro amanhã com você.

Vou tentar protestar que o carro é meu e por este motivo eu que decido se vou dirigir ou não e mais uma vez o debochado e enxerido do Beggo é mais rápido, impostando uma voz forte como a do Pedro, provocando-o.

— Para ser homem tem que falar com esta voz autoritária também? — Fecho os olhos. Sua mão aperta a minha eu faço uma oração breve, para o meu trator não passar por cima do Beggo.

— Pensei que estava fazendo a você um favor quando dei a opção de chegar a casa ileso, antes de acabar a noite. Mas acho que uma ambulância lhe cairá bem como uma carona.

Vendo os ânimos exaltados, a Cida intervém para o bem de todos. Ela parece que sabe bem os motivos do Pedro querer me levar embora. Esses dois ficaram de meias palavras a noite toda.

— Vamos menino, não deve ser tão ruim assim levar para casa uma senhora cansada e uma princesa como a Elaine.

Puxando-o pelo braço ela não dá opção para o Beggo continuar ou contestar nada. Cúmplice e piscando para o Pedro, ela deseja um bom final de semana a nós dois.

— Ei? — Chamo sua atenção, virando seu rosto para mim, quando o vejo repuxando o lado esquerdo da face por vezes seguida. Não sei o que aconteceu com o Beggo esta noite, ele não facilitou a vida para o Pedro. — Não liga para ele, quando não é o foco, dá sempre um jeito de querer ser.

— Ele gosta de você? — Direto, desconfiado e investigativo, ele tenta me sondar. Será que preciso desenhar para ele que o Beggo não é bissexual? Ele só gosta de meninos, pois caso fosse a Elaine já o teria conquistado, uma vez que sei que ela é apaixonada por ele. Claro que ela nunca me disse, mas também não precisa dizer. Nesses últimos tempos, se ela não está quase suspirando quando ele faz algo louvável, ela está desdenhando. Coisas típicas de apaixonada.

— Gosta sim, mas como amiga — dou um beijo nele. — E acho que hoje quando viu você me beijando, quis ser um amigo macho alfa, para mostrar ao garanhão, que eu tenho amigos, mas acho que não se saiu muito bem nesse papel.

— Ele teve sorte!

— Sorte! Tenho eu, que tenho você. Mas não se engane, não gostei de dar a chave do meu carro para ele levar as meninas. Eu vim sozinha e poderia muito bem voltar sozinha.

Enfiando a mão no bolso dele, para desmanchar o clima tenso puxo sua chave, mas não antes de provocá-lo, acariciando seu membro adormecido. Que comece a noite!

— Vamos? — Balanço as chaves seguindo em direção ao seu carro.

— Se a sua intenção não é testar meus limites, devolva a chave Beatriz. — Ele diz sério e posso apostar que está olhando o meu requebrado. Fingindo indiferença à voz dele autoritária, que mexe com meus hormônios rebeldes, provo-o. — Vem pegar.

— Não vou pegar. Você vai me entregar.

— Se eu não devolver. Você vai me castigar?

— Tinha outros planos. Mas se prefere terminar a noite assim.

Paro na porta do carro e olho para ele caminhando despretensiosamente em minha direção.

— Outros? Como quais, por exemplo?

Estendo a mão, ele não responde.

— Diz! — Quase suplico, imaginando mil coisas.

— Se me devolver a chave, talvez eu reconsidere a surpresa que tinha em mente. Agora, caso não devolva terei que tomá-la de você e seguiremos para casa e lá. Bom, lá posso pensar em um bom corretivo para você deixar de ser tão teimosa.

Seus braços apóiam em cada lado da porta do carro, deixando-me presa entre eles. Este homem exala virilidade e autoconfiança, deveria ser ilícito ter um olhar penetrante como o seu. Minhas mãos ficam frias, contrastando com o calor que sobe do meu ventre.

— Não sei qual opção me atrai mais — digo lentamente.

Sua expressão facial muda naturalmente para sarcástica.

— Estou me superando — ele afirma, com segurança. — Esta noite estou concedendo o direito da dúvida a todos.

O tique charmoso continua lá, do mesmo jeitinho. É muito bom saber que amo até suas repuxadas. Sua proximidade é suficiente para seu cheiro invadir minhas narinas e me entorpecer.

— Vamos, Beatriz! Estou esperando.

Puxando todo o ar que preciso para não expor o gemido de prazer, por estar perto dele e sentir meu corpo tremer, fico encarando-o incerta.

— Onde você esteve hoje à tarde?

As comissuras dos seus lábios se contraem num gesto que parece segurar o sorriso.

— Então, é isso? — Seus lábios vêm acompanhando seu hálito vicioso aos meus ouvidos. — Está fazendo pirraça para descontar a minha ausência?

— Você pensa muito mal de mim — estico o pescoço de lado, curtindo-o roubar minhas defesas.

— Seu problema é que você duvida das minhas boas ações.

— Bom, eu não tenho dúvida nenhuma do que desejo de você. Porém não posso mentir que me atrai muito, a forma que o quero — mordo o lábio inferior, pensativa, — bravo ou romântico.

Não aguentando ele joga a cabeça para trás rindo.

— O que faz pensar que estas são as duas opções que tem? Posso ser indiferente a você.

— Pode sim! — Desencosto do carro, chegando perto do seu corpo. — Mas para ser indiferente a mim, terá que me superar.

Minhas mãos que há segundos tremiam junto ao meu corpo, movem por suas costas deslizando as unhas.

— Posso ser uma gatinha muito manhosa também, querendo atenção do seu dono. — Ele

fecha os olhos quando minha língua lambe atrás da sua orelha, enquanto falo baixinho, repetindo, sem medo de pecar. Afinal, ladrão que rouba ladrão no meu ditado, tem uma noite de prazer. — Ou posso ser uma leoa e cravar minhas garras quando estiver gritando o seu nome, enquanto está dentro de mim.

Não devolvo a chave, abaixo a cabeça passando por baixo dos seus braços, mas não devolvo a chave. Destravo a porta e antes de entrar no lado do passageiro, olho por cima do carro e acrescento.

— Prontinho, estava só querendo ser gentil com você, quando peguei a chave e já posso afirmar. Você também sempre duvida das minhas boas ações.

O carro dele não precisa colocar a chave na ignição. Sentada no banco do passageiro, sorrio feliz, esperando-o também se ajeitar no seu lugar.

— Então surpreendi você também? — Digo esperando ele dizer algo. Ainda em silêncio, seu olhar de canto de olhos, me deixa ansiosa. Ele estende o braço longo e as veias dos seus braços evidenciam o esforço que faz para não me tocar e eu me hipnotizo sentindo dentro de mim a expectativa dele me tocar. E ele não o faz, abrindo o porta-luvas, ele pega algo e me entrega.

— Isso é seu. Quando lhe dei de presente junto com as flores, era para você saber que na escuridão ao meu lado, você pode um dia precisar da luz, mas ainda assim poderá confiar sempre em mim, mesmo na escuridão. Parabéns minha pupila. Meu próximo presente para você começa aqui.

Meu coração dispara, com a máscara de dormir depositada no meu colo.

— Você a pegou nas minhas coisas?

— Como deve ter notado, ultimamente, até nossas escovas ficam juntas, então acho que nossas coisas também e em uma dessas noites que dormimos juntos, você esqueceu no meu quarto. Então, não, eu não fuzei nas suas coisas, ela foi deixada lá.

— É para eu colocá-la?

— Só se quiser. Como disse quando entreguei a você, ela é apenas um simbolismo, de que mesmo na escuridão pode confiar em mim! — Sorrindo, com olhar despretenso ele, acrescenta — estou bonzinho hoje, concedendo o direito de decidir a todos. Mas acho que se usá-la, será mais emocionante e saíra como eu planejei presenteá-la.

— Manipulador! — Digo sorrindo.

— Linda! — Ele retribui, beijando meus lábios com um beijo casto, mas ainda assim cheio de promessas. — Pronta?

— Prontíssima.

Na acústica do carro começa Mirrors — Justin Timberlake.

— Você sabe a importância de um espelho, Beatriz? Escolhi esta música para nós.

A melodia começa, conheço perfeitamente a letra dela. Porém ouvi-lo cantar a estrofe enquanto dentro da minha mente raciocino a tradução e o que ele quer dizer com esta música é o

que para nós dois, fazem meus olhos lacrimejarem.

“Você não é algo para se admirar?

Porque seu brilho é parecido com um espelho

E eu não posso deixar de reparar que

Você reflete neste meu coração

Se você se sentir sozinha e

A luz [intensa] me fizer difícil de encontrar

Apenas saiba que eu sempre estou

Paralelo do outro lado”

Enquanto ele dirige o ouço cantando, em outras épocas retiraria a máscara para olhar a sua perfeição. Sua mão encobre meu joelho e seus dedos pressionam a cada estrofe.

— Pedro! — Tento dizer que imensas vezes ouvi esta música pensando nele.

— Ouça minha pupila, o que meu coração diz.

“Eu estou olhando diretamente para minha outra metade

A maior cena está definida no meu coração

Há um espaço, mas agora você está em casa

Mostre-me como lutar pelo ‘agora’

E eu lhe conto, querida, que foi fácil

Voltar pra você uma vez que eu entendi

Que você estava bem aqui o tempo todo

É como se você fosse meu espelho

Meu espelho está fitando a mim

Eu não poderia ficar maior

Com ninguém ao meu lado

E agora é claro como essa promessa

Que estamos fazendo

Dois reflexos em um

Porque é como se você fosse meu espelho

Meu espelho está fitando a mim, fitando a mim.”

Se isso não é uma declaração de amor, não sei o que é o amor. Sei que para o amor é mais fácil emprestar atributos a ele do que defini-lo, mas a alegria de ouvi-lo em canção dizer como ele

me vê, faz com que meu coração chore de felicidade plena, assim como cada parte do meu corpo.

Ele parece estacionar o carro.

— Já, chegamos? — Pergunto mais como um protesto, não queria que este momento nunca mais acabasse, ainda mais o ouvindo cantar o quanto sou importante para ele.

— Digamos que o universo e o trânsito de São Paulo conspiraram para o nosso início de madrugada. Preparada para uma longa madrugada de presentes?

— Você está me deixando nervosa, onde estamos?

Sinto sua presença próxima com o calor que seu corpo transmite ao meu e este mesmo calor vem de dentro do meu coração para minha face, mas posso garantir dessa vez que não é por timidez, é calor da paixão que ele me faz sentir.

— Logo você verá. Não tire a máscara. — Ele beija meus lábios.

— Pensei ter ouvido você dizer que eu tinha opção.

— Isso era até ontem às 23h59min. Já passa da meia-noite, portanto, hoje decidi não abrir concessões e nem direitos de decisão.

Abrindo a porta do carro, ele não espera pela minha resposta.

— Trapaceiro.

Sensível, sigo a orientação do seu braço que me conduz.

— Esta rampa parece familiar! — Sensitiva a cada passo, sei que estou pisando em algum projeto executado por ele. A preocupação que ele tem a cada projeto, com acessibilidade para permitir que pessoas com necessidades especiais ou mobilidade reduzida possam ter o direito de ir e vir sem barreiras é uma marca sua. — Ainda não sei onde estamos, mas sei que você projetou esta rampa.

— Sinto-me honrado — sua voz demonstra orgulho.

— Não foi difícil descobrir. Este é um reflexo que vejo todos os dias da sua sensibilidade e respeito com o próximo que vejo no seu espelho.

Puxada por uma alavanca de braços, eu sou pega de surpresa perdendo o ar.

Este homem pode me deixar de olhos vendados o resto da vida, porque tudo que ele me faz sentir e ver é um arco-íris de emoção.

Então de olhos abertos ou não, o vermelho do fogo que ele me incendeia está aqui, agora, vivo e quente, incentivando-me ousadamente descer minhas mãos pelo seu corpo, encontrando atrevidamente seu membro por baixo do tecido.

Seu suspiro de satisfação me incentiva a continuar, já que sou privada de vê-lo com aquele olhar sacana de que gosta de me ver tocando-o. Grosso, sinto que o sangue está todo ali, pulsando e me desejando.

— Você é uma caixinha de surpresa, não é mesmo? Quando é que vai parar de me

surpreender.

— Nunca, seria muito tempo?

Ainda não sei onde estamos, porém isso não o intimida a descer a mão sobre a minha, mexendo para cima e para baixo no seu membro que parece querer se libertar.

— Perfeito.

Tomada por seus lábios, não percebo o que ele faz com as mãos para abrir a porta de acesso e quando vejo, estou novamente presa e prensada em uma parede gelada entre seu corpo e um desejo imenso de tê-lo dentro de mim.

— Se continuar me provocando assim, não chegaremos até seu presente — entre meus lábios, ele sussurra. — A homenageada é você hoje. — Tento soltar minhas mãos presas acima da minha cabeça, por sua mão, enquanto a outra saqueia cada parte de mim. — O que implantaram dentro de você naquele hospital, que puxa como imã, minhas mãos para cada parte do seu corpo?

— Seja lá o que implantaram, não devolvo nunca mais, já fiz usucapião, só para ter suas mãos para sempre em mim.

Languidamente, ele gira meu corpo para parede e o cheiro que vem no ar é familiar. Bingo! Agora sei onde estamos.

— Está tentando fazer algum teste do sofá, para eu poder tomar posse da minha promoção? Isso pode render um processo por assédio, sabia?

— Desminto até a morte! — Ele sobe meu vestido até a cintura, e enfia a mão livre entre minhas pernas. — E se o juiz teimar. — Deslizando o dedo sobre a renda que encobre minha intimidade túrgida e intumescida, ele fala no meu ouvido. — Digo a ele que foi impossível manter meu pincel longe da abertura da lata de tinta e quando vi, já estava dentro.

Seu dedo me invade, sem carícia inocente, simplesmente bruto e fundo.

— Agora se prometer foder com seu chefe, boazinha, posso dar uma gratificação junto com essa promoção.

— Onde assino o contrato?

Seu riso de satisfação o anima, tirando o dedo de dentro de mim.

Ele me conduz um passo ao lado direito, para a mesa da recepção. Esta mesa eu conheço e a devassa dentro de mim, dá pulos comemorando por eu ter a oportunidade de realizar uma das várias fantasias que sonhei ter com o Pedro sobre ela.

— Mal posso esperar sacramentar esse contrato.

Deitando meu tronco no tampo de granito gelado, sinto minha bochecha se encostar-se à base fria, mas não reclamo, pois, o calor contido nela é capaz de esquentar rapidamente a sua base. Ele é rápido, eu ouço abrir o zíper da calça. Como anseio ele dentro de mim. Ouvi-lo cantar no carro, que sou seu reflexo, faz com que eu queira ser sua para sempre.

Puxando minha calcinha de lado e ajeitando meu quadril na altura ideal, ele sacramenta com

urgência dentro de mim, preenchendo-me lascivamente.

— Vejo que pela urgência do meu chefe, terei que começar a vir trabalhar sem calcinha.

Possessivo, sinto-o juntar meus cabelos com força e puxar até que eu levante o tronco do meu corpo, aproximando meu rosto do seu.

— O regulamento de ética da empresa, só lhe permitirá ficar sem calcinha quando for entrar na minha sala, entendeu?

— Entendi — atrevida o encontro com meu quadril forçando que vá mais fundo, com a dor aguda, prazerosa, que sinto.

— Isso Beatriz, boa menina, vem ao meu encontro. Prova para seu chefe que aqui, jamais terá assédio sexual e que será sempre tudo consensual. — Obediente faço o que me pede, sentindo impossível não ir ao encontro de cada estocada entre as carnes úmidas e lubrificadas que se preenchem a cada golpe. Esta noite pode me chamar de recordista, pois sinto as paredes da minha “pepeca” se contraírem desde quando ele me tocou no início da noite. Os movimentos frenéticos e libidinosos de vai e vem, vão se intensificando cada vez mais fundo.

— Terei que fazer um adendo no contrato. Você fica deliciosa sobre uma mesa de escritório.

Sinto que vou explodir e implodir ao mesmo tempo.

— Posso não dar conta de todas as atribuições do meu novo cargo.

— Sou seu chefe Beatriz. Darei um jeitinho de fazer você conseguir gozar nas suas atribuições.

Sugando-o cada vez mais fundo e o apertando, meus músculos internos parecem que vão devorá-lo. Uma cócega misturada com uma preguiça prazerosa começa a subir pela minha panturrilha, indo direto para meu ventre.

— E como deverei chamá-lo quando estiver próxima do gozo das minhas atribuições? — Digo as palavras em súplicas, sussurrando, prestes a gritar de prazer.

— Como quiser minha arquiteta linda.

Agonizando em êxtase, grito seu nome e junto com ele nossos fluídos se misturam, enquanto meu corpo deita sobre o dele.

— Você é o que tenho de melhor na minha vida.

Levada pela mão, ele me explica que estamos lá no escritório, não para meu chefe me foder apenas, mas para eu receber meu presente de formatura.

Parados na porta que parece ser do almoxarifado, onde ele guarda todas as plantas dos projetos, ele pede para eu tatear o relevo na porta.

— O que é isso? Um desenho?

— Um símbolo combina mais com o significado.

Ansiosa não me contenho.

— Acho que meus reflexos não estão sendo transmitidos com eficácia. Você ainda não percebeu nesses anos que sou péssima em deduções?

— Vamos lá, mais duas chances. — Sua mão vem sobre a minha juntando meus dedos e passando em letras logo abaixo do desenho. Circulando-as junto às sílabas e meu coração chora de felicidade e emoção.

“Arquiteta

Beatriz Eva Torres Machado”

Repito o nome e a nomeação, junto com um mar de lágrimas.

— Parabéns, Beatriz Eva Torres Machado.

A venda é removida do meu rosto. Ainda não consigo decifrar e nem entender toda a emoção que eu sinto. Minhas mãos estão como se eu tivesse Parkinson.

Não sei se é nervoso ou porque sempre achei que o símbolo da arquitetura fosse uma figura erótica com mensagens subliminares de uma boa foda, meu mundo desaba em risadas.

O Símbolo da Arquitetura é constituído de dois elementos principais que se conjugam, de um lado um esquadro, e de outro um compasso, formando uma espécie de retângulo um de frente ao outro, como dois corpos de frente com pernas abertas. Tanto um como o outro, simbolizam o Céu e a Terra. O compasso é posicionado de modo a representar o seu traçado circular, remetendo à abóbada celeste. Já o esquadro simboliza as coisas fixas da Terra.

E para ficar mais erótica, a figura tem no seu centro um G que emblema a geometria, que no caso da minha cabeça pornográfica, é como se fosse um homem e uma mulher procurando o seu ponto G.

Precisando de um minuto para me recuperar da sucessão de gargalhadas e me recompor, chorando e rindo ao mesmo tempo, ele se junta a mim, balançando a cabeça e lendo meus pensamentos.

— Cabecinha fértil.

— Desculpa, mas acho que foi muita emoção junta ao mesmo tempo. Obrigada meu amor, por tudo o que você me faz ser.

— Fazemos — ele retribui meu abraço. — Como disse a pouco no carro, você é meu espelho.

Eu preferia ouvir que ele me ama, mas se é assim que ele prefere dizer, eu entendo o sentido.

Ele põe na minha mão uma chave com o laço vermelho.

— Ela é toda sua. Aproveite cada espaço dela.

Considerando sua ausência do dia inteiro e todo o mistério que fez para me entregar o presente, tenho certeza que o que encontrarei atrás desta porta, será muito mais que ouvir um “eu amo você” e por mais que eu esteja ansiosa, não consigo deixar de abraçá-lo e encher de beijos,

repetindo por diversas vezes que o amo muito.

— Se não quiser estrear a porta da sua nova sala, sugiro que abra logo.

A ideia é ótima, mas sei que ele está mais ansioso do que eu. Este é mais um reflexo que consigo enxergar nele. Seu modo perfeccionista de querer agradar a todos com seus projetos.

Giro a chave abrindo a porta. O cheiro é de tinta nova, tudo no tom de marfim. No centro da sala uma mesa e cadeiras estilo colonial combinando com os móveis e acima da mesa um arranjo lindo com rosas colombianas vermelhas.

Deslumbrada caminho passando os dedos pelos móveis, curtindo cada pedacinho do meu cantinho.

— Uau! Ela ficou linda.

Abraçando as rosas mais lindas e vermelhas, inteiras, aspiro a sua fragrância procurando um cartão ou bilhete.

Uma massa de calor para atrás de mim. Meu coração acelera e meu corpo treme.

— Desta vez não tem cartão. Preferi dizer olhando nos seus olhos, para que você eternize meus sentimentos.

Girando o corpo para ele, meus olhos encontram um homem marcante, com o olhar penetrante.

— Beatriz Eva Torres Machado — languidamente, ele passa carinhosamente seus dedos pela minha face, fazendo-me inclinar o rosto em suas mãos, que se acomodam delicadamente entre meus cabelos. — Você chegou invadindo minha vida, sem pedir licença, devastou qualquer barreira de proteção, como um furacão. Conheceu meu pior e melhor e hoje não consigo mais me ver sem estar ao seu lado — inspirando meu cabelo ele fala baixinho. — Seu cheiro é como uma parte do oxigênio que preciso respirar para viver.

Por segundos, acho que meu coração para de bater. Descanso as flores na mesa atrás de mim, jogando meus braços nos seus ombros.

Seus lábios tocam o meu de um jeito casto e delicado.

— Seu sabor é meu desjejum predileto e você, minha pirralha mimada, transformou-se na mulher mais linda que já vi e é o amor da minha vida.

— Você está dizendo que me ama, Pedro?

— Eu amo você, Beatriz. Com você me sinto forte, sinto que tenho forças para vencer qualquer barreira que a vida já me impôs.

— Amo tanto você, Pedro.

— Eu sei disso meu amor e é por isso que peço que tenha paciência. Ainda temos um amor para viver juntos, um amor capaz de superar todos os problemas e fantasmas que possam aparecer, mas para isso, precisamos confiar um no outro e dizer sempre tudo o que nossos corações sentem. Não quero viver de um amor de mentira. Quero seguir daqui dizendo tudo a

você, quem sou, quem fui e onde quero ir. Porém tenha em mente que esse ir, está incluindo a mulher que você se transformou e que roubou meu coração. Tenha em mim seu porto seguro, sua fonte de desabafo, onde a dor mais difícil que possa sentir, dividirá comigo e juntos procuraremos uma forma de conviver com cada problema sem fazer deles dramas que não possamos carregar.

— Vai incluir isso como um adendo no contrato? — Brinco feliz e irradiante.

— Não, isso serão desafios de se amar, que aprenderemos a conviver juntos. Nesta relação não existe um subordinado. Existem somente dois corações apaixonados em busca de um amor sem fim.

— Já disse que nasci para amar você? — Digo violentando seus lábios em um beijo cheio de promessas de amor.

CAPÍTULO 33 – Pedro Salvatore

Esticar as pernas e tocar sua pele macia pela manhã, acabou se tornando um desafio para eu lutar contra a vontade de ficar na cama.

Dormindo como um anjo, fico velando seu sono, ainda querendo buscar dentro de mim um novo jeito de fazê-la sair de dentro do labirinto que a vida a trancou.

Depois das suas demonstrações de gratidão e felicidade, ainda explorando sua nova sala, ela se deparou com o brasão do seu sobrenome. Juro que vi dentro dos seus olhos a busca da lembrança do seu passado.

Busquei forças no fundo da minha alma, para parecer indiferente e não dizer o que descobri nas buscas, enquanto pesquisava.

Sei que ela viveu uma história com seus pais, ainda pela manchete o escândalo deixou claro que ela e o pai tinham flagrado sua mãe com o amante. E isso que me deixava intrigado, quanto à sua perda de memória. Será que ela que tinha bloqueado seu passado?

Ela me fez querer pegá-la no colo.

Tão linda!

Mas em se tratando de acordá-la para satisfazer meus desejos lascivos e de proteção, depois da noite que tivemos regada a um ótimo Prosecco Donatella, em comemoração a sua graduação, era injusto da minha parte.

Sorriso enquanto sigo pela minha corrida matinal.

Aquela moleca me leva ao precipício de emoções.

Ela me torna indulgente aos seus encantos sempre incitando algo em troca.

A sem vergonha me levou no papo quando chegamos a casa.

E a culpa de tudo isso foi minha, é claro.

Fazia tempo que eu tinha ganhado uma caixa de Prosecco do meu cliente e proprietário da vinícola Goes, ainda não tinha mexido nela e achei um momento especial comemorar com um brinde. Porém eu sabia do meu limite, pois devido à medicação um gole para sacramentar a comemoração era suficiente, mas ela. Bom, ela tomou até a última gota da garrafa.

— Chega Beatriz! Você já bebeu a minha taça, a sua e já teve direito de repetir. Três taças. Está ótimo! — Tento distrai-la com um beijo para retirar a garrafa da sua mão, que tenta colocar na taça mais uma dose.

— Pedro, você não vai privar minha comemoração. — Diabolicamente e safada, ela retirou a última peça de roupa me encarando e circulando seu ventre com o dedo, lentamente se estendendo para o seio contornando a aureola rosada. — Eu poderia beber uma adega inteira e mesmo assim não perderia a consciência do dia mais especial da minha vida.

— Especial!? — Curioso, quero jogar a garrafa no chão e agarrá-la.

— Muito especial! Hoje eu ouvi o homem da minha vida dizer que me ama. Vamos lá meu amor, deixa-me “bebemorar” este dia ao seu lado. — Abrindo os braços e rodando de felicidade, nua e de peito aberto, ela saltitou quebrando minhas defesas.

A garrafa em minhas mãos, com a combinação da sua despretensão de ficar alcoolizada, mais meu desejo de agradá-la, tornou-me insano.

— Quer comemorar, Beatriz?

Ela sacudiu a cabeça como uma mendiga de prazer e eu como um usurpador dos seus desejos, enchi a taça novamente olhando para ela sem perder qualquer movimento seu.

Sua língua contornou languidamente os lábios, sedenta e com a taça na mão, puxei seu braço que estava ao meu alcance, trazendo-a próximo a mim.

Vislumbrar o pulsar latejante das artérias do seu pescoço, evidenciando sua ansiedade e sentir os bicos dos seus seios tocarem meu peito nu e quente como brasa, fizeram meus testículos se contraírem como se dessem um nó de desejo.

— Então beba com moderação minha pupila. — Minha ação foi instintiva, se naquele momento ela precisava matar a sede, que fosse saciada sua seca bebendo o líquido borbulhante no meu corpo.

Virei o copo nos meus lábios fechados e o vinho escorreu pela extensão do meu corpo e ela com mestria e gulosa lambeu e chupou as doses homeopáticas com prazer, saboreando e me enlouquecendo com seu apetite, até a última gota que gotejou sobre meu pau.

Ter seu olho no meu, enquanto ela sorvia do vinho no meu pau, apertando-o uniformemente entre seus lábios, tão despudorada e inocente ao mesmo tempo, foi alucinante.

Putá que pariu que noite, foda! — Penso comigo arrumando a enorme ereção que se forma com meus pensamentos, enquanto ainda corro. Como é difícil tentar enganar uma ereção quando seus pensamentos manipulam tão ardentemente seu corpo.

Pensar nela ultimamente tem me ajudado a deixar de lado meus pensamentos intrusivos, porém eles são como praga, nunca morrem, e neste momento eles dizem que devo ir buscar o carro na casa daquele moleque ainda indefinido.

As ameaças dos meus pensamentos são repetidamente como:

— Se você não pegar o carro, não vai ficar bem.

— Se você não buscar o carro, não terá forças para voltar caminhando.

— Se você não pegar o carro, pode acontecer alguma coisa.

Assim sigo, como sempre cedendo a eles.

Já no carro ironicamente a música The Mummer’s Dance da Loreena Mc Kennitt começa a tocar e eu começo a prestar atenção na letra e ver como ela se encaixa ao nosso momento.

Assim comona música onde diz que a vida é um grande baile de máscara, eu vivi dentro do

meu silêncio ensurdecedor onde meus pensamentos me doutrinaram por anos, ditaram regras e instruíram-me a uma razão onde nela, não tinha espaço para o amor e lá conheci o amargo da vida e agora estou conhecendo o doce.

A dualidade no percurso da minha autopunição mascarada, fez com que eu criasse barreiras ao que a vida me presenteava de graça e nessa dualidade a mim apresentada, um grito de libertação chamado amor vem fazendo estragos e aniquilando tudo de mal que até hoje me dominou.

No balanço da vida aonde os pesos chegam ao ponto de decisão do futuro, dou graças a Deus ao destino por colocar na minha vida um anjo.

Um anjo em forma de luz que me faz querer bailar na sinfonia do amor.

Um anjo que chegou para dominar e colocar de lado, o lado feio da vida.

Um anjo que não se importa com o que carrego de feio.

Um anjo que me faz sentir diferente e que me faz querer viver e ser feliz.

Meu celular toca e o toque anuncia uma mensagem do whatsapp. Tenho certeza que é a resposta da mensagem que deixei para ela no celular antes de sair.

Pego o celular e vejo que ela escreveu uma bíblia. Ansioso, ligo a seta para esquerda para estacionar e ler.

>: *Bom dia!!! Mesmo sentindo sua falta na cama. Adorei acordar com a mensagem dizendo que sou sua dama da noite. Só espero que minha fragrância não embriague você somente após as 18h do dia, tendo em vista que é assim o ecossistema de uma Dama da Noite.*

Bruxinha, ela tem que colocar uma piada sempre.

>: *Já estou chegando. Espere-me estou com uma ereção gigantesca e só a atrevida do dia é capaz de fazê-la sentir-se melhor.*

Rindo aperto enviar.

:> *Estou saindo. A atrevida do dia tem manicure marcada.*

Com vontade de rir a classifico mentalmente.

Linguaruda!

:> *Que pena, estou levando guloseimas que você adora para o café da manhã.*

Xingo-me mentalmente quando a deixei pela manhã, se soubesse desse compromisso teria curtido o acordar ao seu lado.

:> *Não demoro.*

Ela até pode demorar uma eternidade, que sei que a ereção vai continuar onde está. A noite que passamos juntos está muito presente no meu pensamento e alma.

:> *O que importa. Ficarei sozinho mesmo. Eu, minha mão e a enorme ereção que você me faz sentir.*

Apelo para a chantagem emocional, sexual.

:> *Gostei de saber que sou dona da sua ereção.*

:> *Queria conseguir chegar a tempo de encontrá-la em casa e mostrar o quanto esta ereção deseja você.*

Sinto-me um adolescente e adoro provocá-la.

:> *Onde você está?*

:> *A caminho de casa, fui buscar seu carro.*

:> *Isso é um mau sinal. Acho que vou ter que desmarcar a manicure. Só me diga hospital ou cerimônia de crematório?*

Como assim? — Sorrio quando a ficha cai.

:> *Ele acordou com sorte, deixou a chave na portaria.*

:> *Não fica bravo com ele. É um menino legal.*

:> *Menino ou menina?*

:> *Uma menina em um corpo de menino.*

Irrita-me ver o quanto ela acredita que naquele jeito dele espontâneo existe um cara atraído por ela. Sou homem e sei muito bem como um homem olha para uma mulher.

:> *Não sei se o pau dele se convenceu disso ainda, quando olha para você.*

:> *Para de enrolar, estou entrando no banho nua e louca para dividir este box com você.*

Ela tem razão, o que estou fazendo parado aqui, quando ela está nua me esperando.

:> *Não ouse sair dele sem eu chegar, remarca a hora com a sua manicure porque seu homem está chegando.*

BEATRIZ EVA

Sentada sobre uma pedra em meio à bruma no entardecer do alto da colina do terreno no loteamento onde eu sou proprietária, aposto que o nevoeiro neste momento tem menos números de gotículas de água, em vista das lágrimas que escorrem pela minha face. Choro por não querer sentir a memória dolorida de que meu passado vem se aproximando e muito claramente sinto que não o quero envolvido no meu futuro.

Ontem à noite, quando o Pedro chegou a casa, depois de uma das suas sessões de terapia, empolgado para dizer que começava a entender que na vida com suas três verdades, ele não poderia julgar as ações do passado do seu pai, quanto aos sentimentos dele com sua mãe. E algo dentro de mim, fez se romper quando ouvi toda a história e nela descobri que minha família o tinha feito sofrer por anos, mesmo que ele me provasse naquele momento que começava a desculpá-la.

Com sua cabeça no meu colo, assistindo um filme sem importância, ele contou um pouco da

história, coisa que ele nunca tinha mencionado direito e começou a confidenciar o quanto estava feliz com os progressos da terapia.

— Consigo começar a entender que lutar contra o amor é uma batalha perdida.

— Por que você fala isso?

— Por que cresci odiando meu pai por ter abandonado minha mãe. Acho que a compreensão hoje é mais branda, pois o amor que sinto por você mostra-me que seria capaz de roubá-la de mim mesmo.

— Para ficar com a minha avó — disse com pesar — imagino como deve ter sido duro para sua mãe, ser traída pelo seu namorado e sua prima que ela acolheu. — Um rancor brotou no meu peito.

— Poderia ter sido qualquer outra mulher. Ela ser sua avó, não muda os sentimentos deles. — Tentando me consolar, ele leva uma mecha solta do meu cabelo para trás da minha orelha. — Isso nunca foi relevante para mim — reflexivo, ele me encara silencioso. — Se não fosse sua avó, eu não teria você aqui comigo.

— Que fardo o seu, não é? — Brinco com ele.

— Um fardo muito pesado contendo nele, as melhores coisas da vida.

Ele levanta a cabeça, enquanto raciocino o que ele diz e me dá um beijo casto cheio de carinho.

— Como foi sua relação com a minha mãe.

Ele sorri.

— Ela era uma garotinha como eu. Éramos perdidos no meio de uma confusão. Ela sempre tentou se aproximar de mim, mas eu nunca a deixei chegar muito perto do meu coração. Ela tinha como um mantra sempre me dizer que ela não era como eles. Meu pai a tratava como uma bonequinha de porcelana, intocável. Ele fez coisas terríveis contra mim e sempre que eu via a diferença nos tratamentos, eu sendo seu sangue e ela apenas uma criança que estava na sua vida, eu me afastava mais dela. Você sabia que fui eu quem apresentou seu pai a ela?

Ouçó contar que meu pai se apaixonou pela minha mãe à primeira vista, mas que ele lavou as mãos, já que sabia que minha mãe, não se prendia aos rapazes e vivia trocando de namorado. Essa referência me fez dar um beliscão nele, que levantou os braços como rendição, dizendo que estava falando só o que ele acompanhava. Também gostei dele falar que meu pai foi um amigo especial, que sempre o respeitou viver calado no seu mundo. E principalmente que meu pai era quatro anos mais velho que ele e sendo assim, não fazendo nenhuma referência, nem por brincadeira, que tinha idade para ser meu pai. Afinal, só temos 13 anos de diferença.

— Então foi justo ser o cupido. Eles arrasaram na produção da mulher da sua vida, hein?

Sorrindo, ele me chamou de modesta, cheio de beijos e carinhos sensuais.

Ele ainda me contou como seu pai lidava com os seus transtornos com lágrimas nos olhos e eu tranquei todas as lágrimas dentro de mim, não querendo romper aquele momento de desabafo.

E, agora estou aqui depois de dois dias tendo sonhos enigmáticos, confusos, indecifráveis, chorando sem sentido, tentando descobrir lembranças do meu passado, esperando por ele, para mostrar a minha surpresa.

Passando a manga do casaco nos olhos, respiro fundo, decidida que não sofrerei mais pela perda da minha memória.

— Chega! Eu mereço a felicidade plena. Seguirei a indicação da minha terapeuta e procurarei um colega de trabalho dela que faz tratamento em uma área da Psicologia de Brainspotting. Vagamente ela mencionou que conheceu essa nova técnica e está muito encantada. Ainda disse que não só para mim pode ser eficaz, como para o Pedro mesmo, já que eles tratam do paciente indo direto na causa dos seus traumas.

Quer saber? Não são meus hábitos e por isso eu vou mudá-los.

Sou paciente e por esse motivo a minha missão é resgatar o meu ser e seja lá o que tem por trás de toda essa lembrança, sei que serei forte e capaz para seguir adiante lidando com o que a vida me deu.

— Quero ver se vocês, neurônios conflitantes, vão desafiar esse tal de Brainspotting. O nome dá medo, não é? Então comecem a se preparar para cooperar.

— Uhm! — Sou abraçada por trás. — Pela bronca, estou vendo que alguém tem que começar a cooperar com você.

Sorrindo me viro nos seus braços, ficando de frente para ele.

— Estava só alertando. Não era uma bronca.

— E posso saber quem é que precisa ser alertado?

— Decidi que vou procurar um terapeuta para encontrar resposta.

— Isso é muito bom.

— Muito bom! — Insinuante o beijo. — Muito bom.

— Delicioso! — Ele retribui.

O ar fresco nos faz aquecermos um nos braços do outro. Quando eu pedi para o Pedro me encontrar aqui, apenas deixei um bilhete para ele, dizendo que era uma cliente amiga e que me encontraria com ele no local.

— Que lugar lindo. Amei ver o andamento do seu projeto na portaria.

— Está ficando lindo mesmo — digo orgulhosa.

— Pensei que estava atrasado, mas vejo que a cliente também está atrasada.

Soltando-me dele sorriu.

— Não, Pedro, ela está adiantada.

— Se meu amor por você, não está me cegando, por ter olhos só para você, então o caso é mais sério do que eu pensava, pois só vejo nós dois aqui.

— Alegra-me muito saber que só tem olhos para mim. Também me alegra dizer que seu caso não é tão sério.

Confuso ele me olha interrogativo.

— Sr. Pedro Salvatore apresento a você, sua mais nova cliente e fã dos seus projetos. Beatriz Eva Torres Machado, proprietária deste lote com 1.000 metros quadrados.

Estendendo a mão para cumprimentá-lo ele me puxa.

— Parabéns! E obrigada por ser fã dos meus trabalhos.

Empolgada começo a falar sobre meus planos, sobre o projeto de paisagismo e quando olho para ele, o brilho que estava nos seus olhos ofuscaram.

— O que aconteceu?

— Nada! — Ele responde olhando para o vale sobre a bruma.

— Pedro?

— Ficaré uma bela casa sobre a colina.

— Não estou convencida, sobre não ter acontecido nada. Você não ficou feliz.

— Claro que estou feliz por você.

Meu Deus! A ficha cai. Será que ele acha que planejo me mudar sozinha?

— Você não tem que ficar feliz por mim. Quero que fique feliz por nós. Quando comprei este lote, era em nós dois que estava pensando. Pensando num cantinho de fuga nosso, nos finais de semana.

— Você não estava pensando em se mudar do nosso lar?

Sorrio pulando nas suas costas, laçando na sua cintura.

— Vamos jumento xucro. Cavalga! — Bato no seu bumbum simulando cavalgar.

— Olha a boca Beatriz.

— Não vou retirar o que disse. Pois quando se trata das minhas boas ações, você sempre é xucro.

— Xucro é? — Languidamente ele leva meu corpo sobre a grama úmida, ajeitando-se entre minhas pernas, rindo juntos como dois adolescentes, largados no chão.

— Gosto mais da comparação com o membro do animal, que é grande como o seu.

— Mula atrevida!

— Você me chamou de mula? Desvio o rosto quando ele tenta me beijar.

— É teimosa como ela, quando cisma com alguma coisa.

— Deve ser porque o campo nos faz sentir como animais.

Espera aí! Eu conheço esta cara despudorada.

— Acho que sim — entre minhas pernas sinto seu membro pressionar minha abertura. — Você sabe que animais copulam no meio da natureza, não sabe?

— Para Pedro! — Tento fugir, fingindo vergonha. — E se passar alguém por aqui?

— Com o nevoeiro que está não sou capaz de enxergar nem onde se esconde o zíper da sua calça. Que dirá alguém nos ver aqui.

— Não é o que está parecendo! — Remexo-me e dou acesso livre para ele baixar minha calça.

— Animais no cio é um perigo.

— Acho que já sei onde quero construir nosso cantinho do amor.

— Tudo pelo cliente.

Ele diz beijando-me e me amando de modo selvagem no nosso prematuro cantinho de fuga.

CAPÍTULO 34 – Beatriz Eva

Trajando um vestido frente única, verde Tiffany, rabo de peixe na altura da panturrilha, termino de abotoar o fecho da tira da sandália, no tornozelo esquerdo e ergo os olhos ao sentir um calafrio na espinha fazendo a pele arrepiar, no segundo em que senti ser observada por ele na suíte que ele reservou para nós dois, próximo à praia da Riviera, onde vai ser o casamento.

— Impossível ficar mais linda! — Levantando uma taça, ele brinda com o ar, como uma espécie de admiração orgulhosa e resoluta nos olhos, enquanto dentro de mim ecoa um tremor de excitação. — Eu mudaria seu armário para esta cor, se não ficasse linda com todas as outras.

— Tentando me encantar, meu querido e respeitável Tutor.

Não deixo de espezinhá-lo sabendo que daqui alguns minutos, terei que me comportar apenas como sua pupila.

Pretensiosamente ele leva a taça para boca, saboreando a beirada, como faz com meus lábios. Age como se o que acabo de falar não mudasse nada entre a gente.

— Puxa! Não muda, mas incomoda saber que só poderemos oficializar nosso amor, perante todos, depois do casamento. — Este homem sabe me manipular, mas engana-se ele se está pensando que não me vingarei dessa besteira de regra que ele estabeleceu.

Seus olhos são da cor do meu vestido, porém, eles brilham mais do que o crepe Georgette que visto. Para não dar o braço a torcer, que entendo sua posição perante seus amigos, tento reprimir o arrepio que ele me causa.

Mas sou pega desprevenida com os bicos dos meus seios que intumescem. Numa tentativa de disfarce cruzo os braços.

É inevitável não ver o sorriso sensual do Pedro curvando-se em um esboço ao ver-me desconcertada.

— Controle-se, corpo indisciplinado! — Reajo pensativa.

Merda! Parece que até meus pensamentos ele tem o poder de ouvir. Eu odeio saber que ele conhece tanto meu corpo.

— Se está com frio, Beatriz, deveria levar um casaco leve. — Deixando a taça sobre a mesinha de canto, ele caminha até mim.

— O ar condicionado está muito forte! — Em meu estado normal, poderia dar mil justificativas. Acontece que não estou no meu estado bem-humorado. Estou na verdade sentida por não chegar de braços dados com ele, sorrindo para todos como uma mulher bem comida e amada.

Se neste instante fosse capaz de doutrinar meu corpo, dar-me-ia por feliz, mas infelizmente ele não para de se aproximar de mim.

— Se o Marco não fosse meu irmão de coração, não sairíamos deste quarto hoje. E, juro para você que não me interessaria o quanto pagou neste vestido, pois eu iria rasgá-lo inteiro e fodê-la de todos os jeitos até seus miolos. E ainda faria muito amor com você até entender e enfiar

nesta cabecinha, que não estou oficializando nossa relação hoje por uma questão de preservação a você.

— Faz alguma diferença hoje, ou amanhã. O que isso mudará na vida deles?

— Hoje é o casamento do Marco e da Babby e não uma arena de luta. Se algum amigo insinuar um A, que não seja respeito a você, sou capaz de quebrar o infeliz em dois. Mas isso eu já disse para você por mais de uma vez. Agora desmancha este bico e o enfia entre meus lábios e sinta o quanto estou maravilhado com a sua beleza.

Vestindo uma bata branca e calça marfim, achei diferente sua roupa para a cerimônia, mas em se tratando de praia, ele parece o caçara mais lindo de todos os tempos. O amor é engraçado. Sorrio por dentro pensando que se ele estivesse apenas de sunga, ainda assim para mim, ele seria o homem mais lindo do mundo. Sem dizer uma palavra faço o que ele me ordena, por que assim que respondo a ele. Dominada por seu amor.

Mesmo na simplicidade, ele parece mais o noivo no altar para meus olhos sonhadores, que brilham ao vê-lo ali parado como sentinela, ao som de Can you feel Love tony de Elton John, do que qualquer cenário que rodeia a nossa volta.

Permito-me viver por instantes a utopia, a fantasia ou até o devaneio, misturado com a ilusão ali parado como se tivesse me esperando para ser sua para sempre, sentindo meu coração acelerado, uma lágrima de emoção escorre pela minha face.

Eu odeio esse negócio de fantasia.

Na fixação de olhares consigo ler nos seus lábios dizer que sou a mulher mais linda.

A cerimônia é de emocionar a qualquer convidado. Os padrinhos a postos no altar representativo, no meio da areia aguardam a noiva. Mais uma novidade fora dos padrões convencionais, onde o noivo entra primeiro.

Não canso de me maravilhar a cada detalhe do acontecimento do casamento mais lindo que já vi.

Um silêncio se instaura entre os convidados quando o piano começa a ressoar, acompanhado de violinos Ave Maria Gounod, anunciando a entrada da dama de honra.

Sinto arrepiar até o fundo da alma, vendo na imagem do telão que desceu ao lado do palco, a Vitória sorrindo e abençoando a cerimônia. No acorde mais grave da melodia, dois holofotes iluminam ao encontro do céu do entardecer, uma estrela dourada.

— Porra! — Só de olhar para o Pedro, sei que é exatamente isso que ele está pensando, na sua face vejo as lágrimas descenderem, assim em como cada um presente na cerimônia.

O Marco não economizou para nos emocionar e provar a todos como aquele momento estava sendo importante para ele.

E quando parece que mais nada neste casamento pode surpreender a noiva ou a qualquer convidado, eis que uma guitarra e um violão de corda de aço enchem a acústica do local, junto com o som das ondas e no fundo motores de motos e buzinas preenchem o sistema auditivo de todos.

Lá está o Marco, um noivo lindo, na ponta do tapete vermelho olhando para a Bárbara que chora e ri ao mesmo tempo no altar sem acreditar no tamanho do amor deles.

No final da cerimônia, os toaletes improvisados à beira da grande tenda que nos levam à recepção são invadidos por um bando de mulheres procurando retocar a maquiagem desfeita, pelas inúmeras lágrimas derramadas de tanta emoção.

Na porta encontro o Pedro com o pescoço esticado olhando para os lados.

— Tentando encontrar alguém cavalheiro? — Chego de mansinho.

— Pensei ter visto uma donzela perdida.

Diacho de homem! Como ele quer que me porte como uma moça direita, quando não para de me encarar e se aproximar de mim como se buscasse encontrar um meio de me fazer jogar em seus braços e beijá-lo.

— Não vi nenhuma donzela em apuros lá dentro — tento ser indiferente.

Seu sorriso torto mostra que minha respiração ofegante ao seu lado é tão falsa, quanto a minha indiferença.

— Engraçado que ela vestia o mesmo vestido que o seu.

— Estranho por que este modelo é exclusivo. Não creio que ela tenha a mesma autenticidade que a minha personalidade, para escolher um vestido tão exclusivo.

O sorriso debochado aparece novamente.

— Deve ter sido impressão minha então. Até porque duvido que uma donzela seja tão orgulhosa de si, como você.

— Não gosta de exclusividade, cavalheiro? — Provoco-o.

— Gostar? — Permanecendo no mesmo lugar que o encontrei, ele não desfaz o sorriso do rosto. — Eu exijo a exclusividade.

— Cuidado cavalheiro! Às vezes você pode estar dando armas a uma pessoa que queira vingar-se das suas ações, usando assim as armas que tem.

— Tente usá-las — não sei por que, mas acho que vejo na sua atitude, algo diferente do que inicialmente era à distância.

Movendo o braço em forma de condução, ele põe a mão na cintura.

Se imóvel ele me fazia sentir-me como gelatina fora da geladeira, fica pior quando de forma sexy ele se mexe. É letal para meus hormônios vê-lo tão perto como está.

— Dá-me a honra de conduzi-la para a recepção? — Sua outra mão sobrepõe a minha.

A parte mais insana de tudo isso é que parece que a preocupação mudou de posição e sou eu agora que fico nervosa de entrar com ele de braços dados.

Meu Jesus Cristinho! Será que a maresia assoprou na cabeça deste homem, que é tudo balela essa história de querer me privar de apresentar aos seus amigos como namorada?

— A honra é minha! — Digo feliz enlaçando meu braço ao seu.

PEDRO SALVATORE

Entrar de braços dados com ela na recepção chama atenção de todos e posso assegurar que não é por que estamos juntos, mas sim pela linda mulher que ela se transformou.

Dentro de mim crepita o ciúme eminente devido à cobiça dos homens que nos acompanham com os olhos.

Uma multidão de pessoas nos cumprimenta. A Patrícia amiga da Bárbara chama a sua atenção e pede sua ajuda com alguma coisa que não me atentei ouvir, pois meus olhos como um falcão analisam a cada um que a encara.

Mal consigo chegar perto dela na festa, mas meus olhos não deixam de segui-la por onde quer que vá.

Horas atrás eu estava destinado a privá-la de uma possível situação constrangedora quanto aos fanfarrões do pessoal do Moto Clube, assumindo-a como namorada. Porém fui pego de surpresa, quando ao cumprimentá-los ouvi dos que aqui estão solteiros, insinuações e brincadeiras, onde me chamavam de sogro.

Aquilo foi como um murro na cara.

Porra! Eu nunca fui o pai dela, se deixei transparecer isso fui um calhorda.

Quem é que eu queria enganar quando decidi estabelecer padrões de convivência e aparência para todos.

O que a atração entre um homem e uma mulher poderia alterar a dignidade de um homem e naquele momento tudo ficou claro.

Foda-se o que falam, o que interessava para mim era que eu queria gritar ao mundo que aquela mulher linda de vestido verde tiffany, de olhar marcante, era minha. Somente minha.

Tento aproximar-me dela, mas a noite passa e mal nos encostamos, até que chega a hora do brinde aos noivos e para meu desgosto a hora do mico que terei que pagar pela amizade que tenho com o Marco.

O cara me fez ensaiar com ele, com o seu sogro, seu pai e primo um showzinho para animar a noiva. O bom de tudo isso foi que rendeu boas risadas. A coordenação motora de nós cinco foi a melhor: todos descoordenados!

Nós os machões, até aquele momento tínhamos prometido que faríamos bonito, na apresentação da dança para a noiva. Mas aqui na hora do vamos ver, encaramos um ao outro querendo desistir, mas o pai da noiva não deixa.

— Que raios de machos são vocês? O Marco vai dançar para a noiva, mas nós vamos atravessar este biombo e vamos lá seduzir nossas fêmeas. O que estão esperando?

É isso aí! Penso comigo. Vou dançar para minha mulher e no final desta dança mostrarei para ela que nada e ninguém no mundo ficará sem saber que ela é minha. E, quero que vá à merda o

tique que se manifesta dentro de mim, quando estou ansioso, como estou.

Ele é o primeiro a entrar, eu me encorajo e os outros só nos seguem.

Meus pensamentos pedem para eu trocar de lado duas vezes.

— Pedrão seu lugar é do outro lado.

— Eu sei! — Respondo para o Rogério disfarçando o ritual que quer seguir com os meus pensamentos intrusivos.

Aguenta aí amigão. Agora não é hora de querer se manifestar — ralho com os pensamentos.

Ao som de Aerosmith começa Cryin. Linda com os olhos brilhando ela me encara.

Sorriu por dentro, pois sei o esforço que a Bya está fazendo para não gritar como tiete. Principalmente quando no refrão, meu corpo balança ao passo que ensaiamos e meus olhos estão como meus lábios cantando somente para ela a estrofe.

“Voltou para mim

É, eu tenho que te contar uma coisa

Está rondando a minha cabeça

Garota, eu tenho que dizer

Nós somos cúmplices

Você tem certamente de uma coisa

O que você me dá

Tira o meu fôlego

Agora o que dizem por aí

É que o diabo está no seu beijo

Se nosso amor pegar fogo

É um fogo que não posso resistir”

A música termina assim como nossa obrigação de continuar o show para todos que ovacionam. Mal consigo ouvir. Só desejo puxá-la nos meus braços e beijar aquela boca que ficou mordendo seus lábios durante a música inteira e quando vou descer do pequeno palco, o pai do Marco me puxa para um abraço rompendo nossa sintonia. Consigo ver seu olhar de desgosto, por eu não ter ido até ela antes, mas o que posso fazer? O velho foi um grande amigão durante o tempo que estudamos juntos em cursos diferentes, mas inseparáveis como amigos.

— Pedrão! Você e o Marco são orgulho para mim.

— O senhor que foi como um tio para mim. Nem sei como agradecer as barras que o senhor segurou para mim.

De um assunto ele puxa outro, sem querer parecer ansioso, perco-a de vista

As pessoas quando bebem têm a tendência de abraçar mais, falar mais e não nos deixam arrumar um meio de seguir os nossos objetivos. E hoje acho que Sr. Jordano está em um dia desses. Sua alegria por casar o filho que já passou por maus bocados é evidente.

Procurando-a com os olhos a vejo no meio de um emaranhado de homens dançando ao seu redor, babando como uns idiotas. Acho que por um momento perco a cor. A Patrícia e a Bárbara me olham cúmplices, levantando a taça em um brinde para mim, parecendo se divertirem com a situação. Estas duas quando se juntam, parecem formar um cartel de provocações.

— Porra! — Ralho, exaurido de ter paciência com as “vingancinhas” daquela moleca. Tenho certeza que está entregue ao deleite da cobiça dos amigos da noiva só para me provocar. Uma vontade imensa de puxá-la pelos cabelos arrastando por todo o salão, faz arder o fogo dentro do meu âmago.

— Disse alguma coisa?

— Nada Sr. Jordano. Apenas pensei alto.

Seus olhos seguem os meus.

— Vai lá Pedrão! A menina está quase laçando você para juntar-se a ela.

— Imagina, ela parece estar se divertindo.

— Se não estou precisando mudar o grau dos meus óculos, acho que estou vendo o contrário.

Com um tapinha nas costas, ele se afasta.

Minhas têmporas latejam e minha boca fica seca com o gosto amargo por vê-la tão lindamente fazer um rio com a baba dos babões aos seus pés.

— Calhordas! Vão procurar mocinhas se afogando no mar em outro lugar, pois esta pequena já tem salva-vidas.

Procuro um caminho mais rápido para chegar até ela, não meço esforços e nem peço licença a qualquer idiota à minha frente.

Sem hesitar ou pedir, seguro a mão que ela tem estendida enquanto dança e a puxo girando-a nos meus braços, até que fique com o corpo colado ao meu.

— Cuidado com a proximidade, meu querido Tutor! As pessoas podem achar que você está com segundas intenções.

Travando-a mais forte no braço, inclino a cabeça para falar diretamente ao seu ouvido.

— Andou bebendo Beatriz?

— Pelo que sei sou maior de idade e ainda posso decidir sobre meus atos e sou responsável por eles. E você Pedro é responsável pelos seus?

Minha voz ainda é calma se comparando ao turbilhão de sentimento que esta pequena provocadora causa em mim.

— Você verá o quanto sou responsável pelos meus atos. — Desenrolo-a dos meus braços deixando-a frente a mim.

Uma nova música começa e eu a puxo novamente, só que dessa vez prendo sua cintura no meu braço.

Sinto-a tremer sobre a pele e pela respiração sei que a peguei de surpresa. Vamos falar sério agora minha pupila, chega de provocações.

A música envolve nós dois e nossos corpos seguem o embalo, juntos, e colados sem regras, apenas concisos no vai e vem do balanço latino que a música conduz.

— Já dançou bachata, Beatriz?

— Nunca, mas sou uma boa menina, aprendo rápido.

— Não se preocupe com a coreografia — a virilidade contida dentro de mim evapora pelos meus poros. — Apenas sinta a música e deixa meu corpo bailar o seu.

Descendo as mãos pelas laterais do seu corpo a conduzo a rebolar o quadril, esfregando languidamente nossas pélvis. Um passo a esquerda e tenho o corpo dela como desejo grudado a mim e ela responde esplendorosamente.

— Acho que você está me enganando.

Ela requebra como uma latina perfeitamente. Parece que nasceu dançando bachata e destinada a me seduzir com seu corpo que se encaixa ao meu.

— Não o engano. Você que é um excelente professor.

— Na dança da vida, não existe professor. — Circulando os quadris unidos, ela acompanha o ritmo. — O que existe são dois parceiros na mesma sintonia da melodia.

— Está dizendo que estamos na mesma sintonia?

— Pensei que estávamos, até ver o show particular que estava fazendo para alguns espectadores.

Arredia, por um instante ela tenta se afastar para me provocar, mas desiste assim que percebe a óbvia futilidade da sua tentativa com meu aperto.

Arredia ela curva a cabeça pelo meu braço como um passo coreografado e consegue desvencilhar-se com o corpo, ainda segurando minha mão.

Provocante ela acompanha a batida da música e requebra os quadris movimentando seu ventre como uma dançarina árabe faz para chamar seu xeique.

Minha! Chego a repetir inúmeras vezes mentalmente.

Adoro cada balançar do seu corpo nos passos da dança e em um vacilo da sua provocação a rodopio trazendo-a para perto de mim. O duelo dos nossos corpos que se provocam me leva a nocaute, derramando sensualidade.

Quero sua bunda roçando em mim e não hesito em virá-la nos meus braços novamente como

uma boneca, brincando com a música.

Selvagem, sinto-me dentro do oásis paradisíaco do conto da autora Sue Hecker, onde apenas o instinto animal fala por mim e que se dane a plateia que nos observa.

Tenho vontade de segredar no seu ouvido, segurando seus quadris o quanto ela me faz trêmulo.

— Ouça-me Beatriz, você nunca mais se afasta de mim! — Profiro as palavras como um desejo. Mas ela é teimosa e interpreta minhas palavras como uma ordem.

— Mandão você, mas quem não me quis por perto, foi você! — Brincalhona em seus movimentos, ela rodopia na minha vacilada de braço e aproveita o toque alto da música abusando da sua flexibilidade se curva para trás em um cambré.

Adoro quando ela é ousada.

Se assim que ela quer. Não hesito e relaxo um pouco meu braço que sustenta seu corpo, flexionando-o um pouco mais.

— Vai enjoar Beatriz ou se arrepender por me permitir ser seu? — Forço o braço que a ampara trazendo-a lentamente até que fique cara a cara comigo. Enquanto minha mão disponível trilha um movimento do seu ventre até sua garganta, onde seguro levemente para que ela ouça o refrão da música, olhando nos meus olhos.

Pois preciso de uma garota que sempre esteja ao meu lado!

Poço sentir seu corpo incendiar. Sorrio satisfeito por ela responder tão desejosamente a mim.

Esta mulher é dona de todos os meus “talvez”.

Respondendo no bailar como um duelo, ela entreabre as pernas e encaixa a minha perna entre as suas esfregando inocentemente aos olhos dos que nos assistem, mas queimando minha coxa que sente o calor da sua abertura.

— Nasci para ser sua, Pedro! E não aceito menos.

A palavra que define a beira do colapso luxuriante que ela me leva é sequestro.

É isso que tenho vontade de fazer, sequestrá-la e deixá-la no meu cárcere privado, nua e toda para mim, o resto da vida.

— Na dança Beatriz, nossos corpos podem improvisar para onde quer ir, mas na vida não. Então tenha em mente: eu não improviso. Eu decido que quero você!

A vontade de penetrar meus olhos nos seus foi é um golpe para minha mente, desde quando a vi pela primeira vez. E esse foi o primeiro indício que a vida me mostrou que estarei enlaçado a esta mulher.

A música vai se acabando e nossos corpos bailando na mesma sintonia, porém mais desacelerado, mas lento com os rostos colados e no passinho lado a lado.

— E no final da dança o que acontece? — Vasculhando uma resposta com seus olhos negros, ela me questiona e me encara por instantes.

Segurando-a pelo pescoço e puxando-a para perto dos meus lábios, quase sorrio de satisfação com o seu olhar de espanto.

— Quando acaba a melodia e você entende que na vida nada é mais importante que sua parceira, você liga a tecla foda-se ao mundo e a beija.

Inclinando a cabeça a devoro com toda a força com um rugido alto no peito apresentando-a aos que nos cercam a mulher da minha vida.

Todos ovacionam e não me importo, porque ela corresponde a mim. Faz-me querer mais.

Puxando o fôlego ela ri.

— Por um instante pensei que as palmas eram para nós.

Olhando para o lado vejo todos virados aos noivos que cortam o bolo, antes de deixar a festa.

CAPÍTULO 35 – Beatriz Eva

Estou indo para a minha terceira sessão de *Brainspotting*.

Quando fui à primeira consulta estava convencida que visitar um profissional novo, não mudaria a minha impressão e nem resgataria minha memória aprisionada no meu labirinto cerebral, onde os neurônios estavam se divertindo com o meu esquecimento.

Logo no início o Dr. Daniel explicou que o *Brainspotting* era um tratamento que dependia muito de mim e que focalizava no funcionamento de identificar e processar as redes de memória que dão base à dor física/emocional. O princípio básico seria ajudar o meu cérebro se autorregular de uma forma mais adaptativa.

Pensei comigo na hora, mal sabia ele que eu era uma desmemoriada.

— Este é o problema. Estou aqui por que perdi a memória depois de um acidente.

— Quando falo de rede de memória, Beatriz, falo porque trabalharemos as memórias pré-verbais que de alguma forma interferem na sua forma de lidar com seu presente. Vamos estimular seu sistema nervoso, sua autorregulação e com isso fazer se expressarem nas suas reações fisiológicas. Buscaremos ativar as estruturas do cérebro reptiliano, nas respostas instintivas, assim poderemos conectar com essas redes que estou falando.

Algo dentro de mim queria provar para ele que estava errado. E assim o fiz.

Sem pausa para ponto e vírgula resumi meu presente derramando sobre ele tudo.

— Beatriz! Eu entendo que você traz um sofrimento grande e você já falou desse sofrimento por diversas vezes e pelo que você contou isso ajudou muito pouco, então eu quero ajudá-la de outra forma, em outro caminho.

Eu não entendia aquele caminho, mas a forma que ele falava, parecia fácil.

— Queria que você percebesse mais o seu corpo, quando se lembrar das coisas, sem precisar falar tanto e entrar em detalhes, esse caminho você já buscou e neste momento acho que você pode ir além disso.

Naquele momento inicial pensei: o que meu corpo tinha a ver com aquilo?

Fiz como ele orientou, quer dizer até tentei. Mas era difícil pensar e prestar a atenção no meu corpo ao mesmo tempo.

Tudo era muito novo.

O *Brainspotting* era novo.

Cada vez que seguia o que ele estava orientando-me, desconcentrava com vontade de rir. Sentia um nervoso estranho, como se eu não quisesse encontrar uma resposta. E, acho que minhas respostas fisiológicas, como ele citou, acabaram entregando-me.

— Entendo que por ora o que estamos fazendo não faz sentido, mas tenta se conectar mais com o seu corpo, Beatriz.

Juro! Estava começando a entrar em sintonia com a sessão.

— Beatriz, hoje nós demos um grande passo. — Abrindo a agenda, ele me olhou — o que acha de nos vermos na quinta, às 17h00min.

Já tinha acabado a sessão? O que era aquilo? O homem não tinha falado nada, além de pedir para eu perceber o que meu corpo falava? Que indicação era aquela da minha terapeuta?

Talvez, ouvindo meus pensamentos que uivavam de nervoso, por me sentir lesada por pagar uma consulta e não ouvir nada do psicólogo, ele resolveu falar.

— Quando você chegou aqui hoje, percebi que precisava se apresentar. Seus olhos e sua linguagem corporal não permitiram ser interrompidos e por isso Beatriz, nossas sessões se assim quiser seguir, serão orientadas daqui para frente por mim. Como disse a você, imagino a carga que carrega, mas no *Brainspotting* trabalhamos diferente. Por vezes você parece armada e eu acredito que esse comportamento já deve tê-la protegido por diversas vezes. Mas ao mesmo tempo também tem outro lado seu, que tem esperança na mudança. Então podemos pedir a ajuda dessa sua esperança validando a importância de seguir esse caminho com segurança e cuidado.

Sem chance de me defender, confirmei a próxima consulta e cheguei a casa contando para o Pedro, que não estava muito segura do *Brainspotting*, mas que tinha aceitado o desafio de continuar por mais uma sessão.

E a próxima consulta chegou.

Logo que me aconcheguei, minha atenção foi roubada. Como eu tinha feito na consulta passada, ele inverteu os papéis.

— Bom, Beatriz, na nossa primeira sessão ouvi o que você estava me trazendo. Hoje vamos entrar de forma mais direta no *Brainspotting*. Coloca, por favor, estes fones de ouvido que tocam uma música bilateralizada. E tenta se concentrar nesta varinha à sua frente.

Estendendo a varinha na minha frente. Faço uma análise mental.

Ameaçador! — Sorrio por dentro.

Comporte-se Beatriz e obedeça ao psicoterapeuta, ou esta varinha vai cantar na sua língua.

— Todo trauma Beatriz é uma retraumatização. No seu caso pelo que ouvi e quando falo de trauma, digo de uma rede de memória de funcionamento traumático. — Tento argumentar, mais ele continua. — Nas nossas sessões vamos trabalhar essas redes incluindo seus aspectos pré-verbais e o que eles causam no seu sistema nervoso, como isso se expressa no seu corpo.

Lá vinha ele falar de memória novamente.

— Imagina que você é uma bola de neve descendo junto com uma imensa avalanche e, para se salvar, precisa encontrar o núcleo mais profundo desse processo.

Pronto, agora eu era uma bola de neve?

Já tinha sido comparada a muitas coisas, mas a uma bola de neve, nunca. Se fosse pensar como mulher, aquela comparação poderia acabar com a minha autoestima.

— Entendo que você já fez muita terapia verbal, só que aqui tudo será diferente.

Rancoroso! Ele não esqueceu que disse que não acreditava muito em terapia.

— Aqui você não vai falar e imaginar que eu tenho a obrigação de entender você. Vamos usar sim da fala, mas será uma terapia de auto cura do seu cérebro e é através dela que vamos trabalhar suas sensações.

Quer dizer que vou pagar, para ele não me entender e ainda eu vou ser obrigada a me ajudar sozinha? Muito fácil para ele, não é?

— Pode me explicar um pouco melhor, fiquei um pouco confusa.

— Nossas sessões serão potencializadas através da sua auto percepção e auto observação a partir de uma posição ocular relevante que vai estimular seu cérebro a buscar uma nova autorregulação. Entendido?

— Entendi! — Menti. Não! Eu não tinha entendido como tudo funcionaria, mas estava gostando de saber que não iria ter que forçar a me lembrar de algo que eu não conseguia lembrar.

Arrastaram-se alguns minutos de silêncio, até ser interrompida por ele.

— Na sessão anterior você mencionou que em um passeio com seu namorado, você sentiu algo próximo ao pânico. Você pode me descrever como foi isso?

Mais uma vez não entendi onde ele queria chegar, mas tentei me desarmar e por um minuto comecei a relatar. Claro que pulando a parte erótica de chegar até Brotas.

Mas de repente algo inusitado aconteceu.

O silêncio da sala e a segurança do bem-estar de saber o que estava falando era para um prestador de serviço que eu estava pagando. E por isso eu poderia me permitir falar de peito aberto, me fez ir mais a fundo e me vi dentro da água novamente sentindo todo o pânico de novo, com um tremor pelo corpo, um medo apertando meu peito em forma de falta de ar, como se tivesse tendo um colapso, porém o mais incrível foi o que veio junto.

A voz do Daniel, pedindo para eu perceber tudo o que meu corpo trazia e deixar o corpo colocar para fora tudo o que aquilo representava.

— Beatriz? De 0 a 10, quanto você se sente ativada por esta lembrança?

— 10

— Onde você sente esta ativação mais presente no seu corpo?

— Na garganta e no peito.

— Se concentre onde você sente esta ativação.

A cada segundo parecia que minha garganta ia se fechando mais, incapaz de deixar sair qualquer som ou entrar qualquer resquício de ar.

Sem forças para gritar, sentindo uma bolha travando minha corda vocal, uma imagem de um

carro apareceu na minha mente do nada.

— Socorro! — Saiu da minha garganta como um pedido de ajuda.

— Isso Beatriz. Permita seu corpo se expressar.

Eu queria sair dali, mas a tranquilidade como ele falou, me deu segurança para continuar sentindo tudo aquilo.

Era uma sessão diferente, posso dizer que no meio do caos, algo estava me libertando e dando passagem para começar a perfurar a bola de neve.

Junto com o carro prata apareceu outra imagem.

— Eu consigo ouvir também o som de água corrente.

— Continua permitindo ouvir o som da água. Tapa seu ouvido esquerdo e depois repita no ouvido direito, veja qual dos dois você sente o som mais presente.

Fiz o que ele me pediu e a sensação de ouvir mais nitidamente aconteceu no ouvido direito. Ali cheguei à conclusão que a imagem seria talvez de um carro caído dentro de um rio, mas era tudo muito confuso.

— O que você percebe agora?

— Muita confusão de pensamentos e imagens.

— De 0 a 10, como está sua ativação?

- 3 ou 4

— Qual parte do seu corpo você sente mais tranquila ou segura? Entre em contato com esta sensação, feche seus olhos por um minuto e foque sua atenção nessa sensação positiva.

O Daniel conseguiu me fazer tranquilizar e antes de dar por mim, a sessão terminou.

— Quando podemos nos ver novamente?

Olhando para a agenda, um leve curvar de boca, mostrou que o Daniel tinha ficado satisfeito com a sessão, tanto quanto eu.

Sai da consulta com esperança, mesmo sentindo a agonia daquele dia.

Otimista com o progresso da lembrança, mesmo sem saber o que significava, eu dividi com o Pedro a experiência. Quando sai da sessão e lá estava ele me esperando.

Jantamos juntos. Eu estava feliz, radiante, mas mesmo no meu momento de êxtase, não deixei de reparar nos dias seguintes que ele estava muito preocupado comigo, parecia que queria me contar algo, mas se mantinha sempre hesitante.

Hoje pela manhã, depois de acordarmos enlaçados em nosso melhor bom dia matinal, sensual, enquanto estava deitada no seu peito, recebendo um afago no cabelo, ele me disse algo que não sai da minha cabeça.

— Minha pupila, estou feliz por vê-la empolgada para mais um *Brainspotting*, os progressos

desse tratamento têm feito muito bem a você.

— Muito mesmo — concordo com ele.

— Quero que saiba que seja qual for o progresso que venha ter hoje, não quero que jamais me afaste.

— Não vou me afastar — levanto a cabeça apoiada e viro os olhos para ele.

— Eu sou o seu presente Beatriz e não me interessa qual foi o seu passado. Entendeu?

Respirando fundo ouço a secretária de Daniel anunciar que posso entrar para a sessão.

— Então Beatriz, como foi essa semana?

— Motivacional para estar aqui.

Satisfeito, vejo surgir um sorriso de canto de boca no Dr. Daniel.

— O que acha de voltarmos a ativar as lembranças da última sessão.

— Acho perfeito!

— Quero que se sinta segura e que saiba que está em um ambiente seguro. Estou aqui sintonizado com você e vamos buscar um ponto ocular para ajudar seu cérebro. Isso é o que chamamos de sintonia dual, ou seja, relacional e neurobiológica para potencializar sua experiência interna.

Presto atenção em tudo que ele diz e cada vez mais me sinto segura para a nova sessão.

— Hoje vamos ativar através da varinha, sua posição ocular relevante. A ideia da autorregulação é o ponto chave da terapia para sua auto cura. Tudo bem?

Concentro-me na música bilateral motivando minha aura na melodia da paz que ela transmite.

— Tudo bem!

— Sente-se ativada para começar?

— Sim.

— Beatriz, você consegue lembrar-se da água batendo no carro?

— Não esqueci um só segundo, desde que lembrei.

— De 0 a 10, quanto está presente agora?

— 5 — respondo honesta, lembro da imagem, mas diferente da última sessão não sinto o turbilhão de sentidos.

O processo de ativação de tampar os olhos se repete e a partir daí, começo sentir tudo presente novamente, intensificando-se a cada ativação. Sinto o lado esquerdo mais vivo e mais claro. Mais perceptível aos olhos.

— Ótimo Beatriz, então vamos começar com o olho de maior ativação? Coloca estes óculos.

Ele me entrega óculos transparentes com um tampão no lado direito. Ficando assim o olho esquerdo livre para acompanhar a ponta da varinha.

— Beatriz, conectando-se com a lembrança que surgiu. Presta atenção em como seu corpo responde a isso e siga com os olhos o movimento da ponteira.

Seu movimento é lento do lado direito para o esquerdo, vou acompanhando com o olhar cada movimento e conforme ele vai chegando ao lado esquerdo, uma sensação de estranheza e mal-estar vai me invadindo, penso em desviar daquele ponto de desconforto irracional, mas o terapeuta me chama a atenção.

— Fala-me Beatriz: qual é o ponto que mais incomoda você?

— O esquerdo — digo prontamente tentando me livrar da sensação de angústia.

— Veja onde incomoda? Mais para cima ou mais para baixo — ele movimenta a ponteira. Para baixo sem dúvida, me incomoda olhar aquele ponto e eu nem sei por quê.

— Este ponto é muito desconfortável.

— Centraliza este ponto Beatriz. Sinta seu corpo e veja aonde ele levá-la. Não esqueça que estou aqui. Permita seu corpo expressar.

Com o olhar fixo no ponto e perdida no meio do nada, sinto lágrimas brotarem nos meus olhos. A dor no peito vem forte e inesperada como uma pancada, por um instante a água sumiu.

Meu coração acelera.

Inicialmente penso ouvir vozes na música ao fundo, porém elas vão ficando alteradas e percebo que é da acústica que elas saem.

— Não entendo, estou ouvindo vozes alteradas e dentro de mim elas parecem familiares.

— Deixa surgir Beatriz. Perceba essas vozes, é o que seu cérebro quer expressar.

— Elas parecem familiares. Tenho a impressão de já tê-las ouvido.

— Siga mais um pouquinho e veja onde isso leva.

Minhas mãos tremem tanto que penso que elas podem me desconcentrar. Sinto a boca seca e lágrimas instintivas descem pela minha face. Sinto como um déjà vu.

A paisagem de uma estrada passa como um flash.

— Parece que estou em um carro em movimento — repito o que vejo.

— Se concentra nessa imagem. As vozes pararam? — O doutor pergunta.

— Não! — Respondo. — Elas estão ficando mais audíveis.

— Permite-se ouvi-las nitidamente. Deixa acontecer.

E elas vêm.

— *Eu não o mandei vir atrás de mim. Já disse que o que aconteceu na Espanha foi passado.*

A tremedeira das minhas mãos se estende pelo meu corpo. É como se um nascimento fraternal me envolvesse, junto com a saudade. As vozes são dos meus pais.

— Não mandou? Você quer me enganar que o jardineiro, que não tem nem uma casa para morar, conseguiu dinheiro, sozinho, para vir atrás da sua amante no Brasil?

— Não sei como ele conseguiu nos encontrar. Nunca mais falei com ele.

— Você mente como sua mãe. Você trai as pessoas à sua volta como ela. O que podia esperar de você?

— Para de gritar comigo! Falamos sobre isso no hotel! A Beatriz não precisa saber dos nossos problemas.

— Então agora você tem respeito pela sua filha? Tarde demais, não acha? Esqueceu que nós dois, nossos amigos, mais fotógrafos que tínhamos contratado para registrar nossas bodas, flagramos você engalfinhada com o jardineiro, no meio do evento?

— Eu já pedi perdão a ela — a imagem da minha mãe chorando vem à minha mente.

Apavorada, não consigo dizer nada para ela. Meu pai dirige em alta velocidade.

— Você não sabe o que é ser perdoada. Você é egoísta! O perdão não tem o poder de acabar com o seu egocentrismo. A sua vaidade não sabe o valor do perdão.

Na minha memória vejo meu pai gritando com minha mãe, seu braço se inclinando no seu banco enquanto fala.

Ouçõ meu pai chorar enquanto dirige desgovernado.

Fico tonta.

Tudo começa a girar.

Não quero lembrar-me. É forte, dolorido.

— Vejo a dor. Sinto a dor.

Um clarão de dois faróis gigantes vem à minha mente.

— Pai! — Grito alertando-o.

Ouçõ nitidamente o estrondo do metal sendo raspado no asfalto e meu corpo sendo lançado para todos os lados. Essa é a última imagem que consigo resgatar na minha memória.

— Não! — Grito, quando a realidade cai por terra e percebo que não estou vivendo um pesadelo. Pois a realidade é dura e crua e me aniquila com a dor do luto.

— Eles estão mortos. Mortos! Eu perdi meus pais. Eu nunca mais vou vê-los.

Aniquilada, deixo o sofrimento de tristeza profunda me possuir. A amargura e o desgosto trancados no meu peito se libertam junto com as lágrimas. Passo minutos assim.

— Beatriz? — Ouçõ a voz de Daniel, distante. — Estou aqui com você. Deixe as coisas

surgirem. Posso ajudá-la a continuar a experiência com um pouco mais de distanciamento, de leveza.

Inerte, não consigo responder.

— Me dê um sinal se podemos continuar dessa forma ou se eu posso ajudá-la a se distanciar um pouco.

— Beatriz! Tenta se concentrar na parte do seu corpo mais relaxada.

Essa viagem para resgatar a memória, me desgastou completamente. Como consigo tentar concentrar-me em alguma parte do meu corpo, quando tenho em cada terminação nervosa a tensão e a dor nela presente?

Não sei quão longe estive e muito menos o quanto minha memória conseguiu resgatar.

Por enquanto.

Só sinto a dor.

Fiz tanto pedido aos céus para lembrar-me dos meus pais. E agora?

Sinto que um pedido foi aceito, trazendo com ele um lembrete de que não será fácil eu encarar a realidade.

— Beatriz! Em 3,2,1, você vai respirar fundo e se concentrar na sua respiração.

Faço como ele está pedindo, limpando os olhos com um lenço de papel que não sei como veio parar na minha mão.

— Como você está?

— Vou sobreviver.

— De 0 a 10 qual é a sua ativação?

— 5.

Não convencido ele faz mais alguns testes para ver o meu distanciamento. Sinto-o distanciar a ponteira e eu praticamente saio da zona de ativação.

Falamos um pouquinho, agradeço seu auxílio e deixo marcada uma próxima sessão.

Aperto a tecla do térreo no elevador, no modo mecânico ainda, sem compreender como toda aquela informação vai mudar minha vida.

A caixa de metal vai descendo os andares e dentro de mim sinto um vazio, uma carência precisando de um abraço forte, a cada segundo que a realidade vai se aproximando. Xingo-me mentalmente por ter dito para o Pedro que não precisava me acompanhar.

Como não?

Ele é o que mais preciso agora.

O elevador sinaliza que chegou ao térreo, as portas se abrem e lá está o homem da minha vida, sentado frente à porta, atento à abertura dela.

Não preciso dizer que é do seu abraço que preciso, pois ao ver-me seus braços se abrem e é para eles que corro com toda a minha bagagem de dor nas costas.

Sinto o calor, a segurança, o carinho, ele me abraça dando-me o conforto do bem-estar e de proteção.

É tão forte o aperto, que realmente tem o poder incrível de me sentir segura para enfrentar o que quer que venha daqui para frente.

As lágrimas derramadas pelos meus olhos, tem a dor da saudade, por saber que o abraço paternal e maternal que muitas vezes recebi quando era criança, quando me machucava, me esfolava, ou ficava magoada, esse abraço nunca mais terei.

Sei que já vivo sem eles há alguns anos, mas para mim a saudade veio com força hoje, com a recuperação das minhas lembranças.

— Vai ficar tudo bem — sinto seus lábios beijarem minha cabeça.

Seu abraço é terapêutico.

Cientificamente não sei se ao abraço foi comprovado algum tipo de cura, mas é nos braços do Pedro, que sinto que vou conseguir suportar esta dor que me dilacera.

— Eu sou seu presente.

Ouçó dizer enquanto inspiro o seu cheiro.

O cheiro do meu porto seguro.

CAPÍTULO 36- Pedro Salvatore

Seu silêncio me dilacerou, porém entre poucas palavras segui o destino que me pediu.

Minha impressão era que ela tinha conseguido recuperar ou resgatado algo na sua memória.

Eu queria comemorar, girá-la no ar. Mas a sua postura angustiante, não me motivou a querer seguir em frente, muito pelo contrário, eu estava ali sem saber o que falar.

Quando ela decidiu fazer sua despedida para os pais no Parque do Ibirapuera, naquele dia a consolei sabendo o tamanho da sua dor em um luto enrustido e mascarado dentro da sua falta de memória.

Seus olhos eram perdidos em um vazio, diferente de hoje que vejo entre suas lágrimas, seus olhos fixados em um ponto.

Sentado ao seu lado, na grama que envolve um dos lagos do Parque, seguro minhas mãos para não abraçá-la e mordo meus lábios para não beijá-la, para sugar para mim toda a sua dor. Cercando seus braços pelas pernas dobradas, tão vulnerável, não é fácil vê-la assim, mas entendo que precisa viver essa experiência para poder seguir em frente.

Minutos.

Horas.

Não sei o tempo exato. O que sei é que estarei ao seu lado o tempo que for necessário para sentir-se melhor.

— Você soube como foi o acidente?

Sinto meu coração sair pela boca. Sua memória voltou?

— Não os detalhes, minha pupila, apenas o que estava descrito pela seguradora.

— Você não esteve no local? — Estranho sua voz duvidosa.

Que pergunta é essa? Já contei a história toda para ela.

— Não, minha pupila. Só fiquei sabendo do acidente no hospital. — O apelido carinhoso sai naturalmente, tento abraçá-la para confortá-la e ela reage dura feito pedra.

— Como você chegou até lá? Nunca soube direito toda história.

— Se não soube de algum detalhe, foi porque não quis ouvir. Eu já contei tudo, mas posso falar tudo de novo. Estava numa festa de réveillon.

Sou interrompido, olhando para ela o que vejo são seus cabelos cobrindo seu rosto inclinado.

— Isso eu sei. Quero saber como você veio parar na história.

— Beatriz, não sei exatamente o que quer saber. Você pode ser mais clara? — Tiro as mechas que encobrem seu rosto languidamente, ponho-as atrás da orelha. Com o polegar viro seu rosto para o meu, quero enxergar dentro dos seus incríveis olhos negros qual é sua dúvida. Nunca

fugi das respostas e não será hoje que farei, sabendo que ela precisa de respostas.

Chorando copiosamente ela debruça seu corpo nas minhas pernas esticadas na grama.

Meu Deus, o que está acontecendo com esta mulher?

— Lembrei-me do acidente e como aconteceu. Por que Deus os tirou de mim?

— Pensa que eles tiveram sua missão aqui. Agora estão em outra dimensão, talvez com outra missão.

Brutalmente ela levanta do meu colo e seus olhos se voltam para mim.

— Missão? Você acha que uma vida na Terra, pode ser marcada por uma traição, por causa de uma missão?

Lembro-me da matéria que li na internet, pelo jeito sua memória voltou com todas as lembranças, levanto os ombros tentando ser indiferente e não fazer dessa lembrança algo mais duro para ela.

— Não sei, Bya. A vida tem seus mistérios.

Ela enrubesce, parece que algo a incomoda.

— Se você soubesse que minha mãe traia meu pai, sabendo que minha avó traiu sua mãe, você ficaria comigo mesmo assim?

Ela pergunta como se fosse uma doença contagiosa.

— Estou com você, não estou?

— Está por que não sabia que carrego no meu DNA, a traição.

— Beatriz olha nos meus olhos. — Ela não me encara e então uso meu jeito de ser. Seguro seus braços firmes e a ponho de frente para mim. — Há poucos dias, quando estava procurando na internet o brasão da sua família, acabei vendo uma matéria onde dizia algo sobre seus pais. — Não entro em detalhes. — Então por isso, não venha questionar-me se o seu passado influenciaria algo sobre o que sinto por você. Já disse que sou seu presente.

— Por que não me mostrou a matéria?

— Não mostrei porque a matéria estava lá todo esse tempo e você nunca quis saber do seu passado. Porra! Você vive nas redes sociais, navega por todos os sites e se nunca se interessou em procurar algo sobre sua família, não seria eu o enxerido a dizer.

— A culpa é minha agora, por você omitir que sabia do meu passado e não contou? — Suas palavras são acusatórias e seu semblante revela indignação.

— Não estou atribuindo culpa a ninguém. Só não venha querer mascarar sua dor, descontando em mim. Tenha em mente que serei forte como um bárbaro para protegê-la. Não medirei esforços e não terei remorso em derrubar qualquer problema que venha aparecer na sua vida. — Seus olhos se arregalam no meu tom seco. — Meu amor nasceu por você como um valente e não há passado temeroso que o acovarde.

Tinhosa, ela não responde à minha declaração.

— Como eu imaginaria ter uma matéria sobre minha família pela internet?

— Talvez você não tenha desejado saber — baixo o tom de voz em uma sutil acusação.

— Dói tanto saber quem sou. Você tem razão, acho que eu não quis saber quem eu era.

Por um momento meu coração se aperta, porém mantenho-me forte. A Beatriz precisa de apoio e alguém forte ao seu lado agora e não alguém que lamente com ela qualquer problema que tenha tido no passado.

— Se você não aceita quem você é. Então é só o sofrimento que conseguirá.

— Sempre fui tão omissa com as minhas opiniões. Teve uma época que me trancava no quarto para não ouvir as intermináveis discussões dos meus pais e, hoje sou tão expansiva, digo tudo o que sinto e penso.

— Seria demais pedir para você ser as duas opções? — Tento brincar para quebrar o clima. Não quero que se lembre do que fazia mal para ela como seu pior. Acho que consigo o objetivo, pois nos seus lábios enrugados pela dor aparece um leve sorriso.

— Engraçado — ela deixa cair os ombros — por muitas vezes pensei fugir deles e hoje eu queria que estivessem aqui para abraçá-los.

— Todo jovem tem seu momento de rebeldia. Não deixa as feridas oprimirem a saudade que você está sentindo. Para vencer suas hesitações do passado, corte o que faz mal a você e o resto sairá junto.

— Você faz parecer tudo tão simples.

— Nada é simples. Tenho as coisas que me fazem mal também. Mas, depois que conheci você e venho convivendo com você tenho me dado um minuto para tentar ser melhor, horas para me superar e uma vida para querer ser incrível para você.

— Desculpa-me! Foi tão real hoje na terapia. As palavras do meu pai não saem da minha cabeça — ela passa os dedos pelo cabelo. — Não quero fazer como elas. Jamais vou trair você, Pedro! Jamais.

Ela me abraça forte, duro.

— As pessoas não são iguais. — Sinto a necessidade dela falar. — Tenta não pensar nisso.

— Como não pensar, quando é só isso que tenho na minha mente. Minha última lembrança deles, brigando no carro por que minha mãe trouxe o amante para o Brasil. Meu pai sempre foi um homem incrível, ele trabalhava muito, viajava por dias, mas os momentos que estava com nós duas, ele estava em tempo integral. Não entendo por que ela o traiu. Ela era uma mãe maravilhosa.

— Isso só ela poderia responder. Não a julgue. Não agora que seu coração está tão dilacerado.

— Não entendo por que ela não ficou na Espanha com ele, meu pai deu essa opção para

ela. — Percebo que ela tem a necessidade de repetir em voz alta a recuperação das suas lembranças. — No aniversário de bodas de 19 anos, meu pai fez uma festa surpresa para eles. Ele estava tão feliz, minha casa tinha um jardim imenso e ele convidou todos os amigos, pois era o primeiro lugar, onde parecia que estávamos criando raízes. Não consigo lembrar o tempo, mas acho que foi mais de dois anos.

— Não se cobre tanto — digo percebendo que está fazendo um esforço enorme para recordar o tempo.

— Não ficávamos mais do que um verão em cada país e esse era um dos motivos de brigas dos meus pais. Mas, enfim. A festa estava linda. Posso dizer que mais linda que a minha de 15 anos, que tinha somente meus pais e alguns convidados. — Ela ri. — Você acredita que minha mãe fez uma festa e convidou pessoas que mal conhecíamos, para poder ter convidados, já que fazia só dois meses que morávamos na Turquia! Você consegue imaginar? Parecia uma festa de conto de fadas preenchida por figurantes que desfilavam pelo evento. Mas para mim tudo era lindo.

Ela mistura as histórias e eu a deixo no seu tempo. Sei que está sendo importante recordar.

— Diferente do glamour da minha festa, a festa que me pai preparou era romântica. Nos biombos espalhados pelos ambientes no jardim, ele montou painéis de recordações deles. Você acredita que na entrada da festa tinha um manequim com o vestido que minha mãe saiu com ele no primeiro encontro?

Ele guardou o vestido e nunca mostrou para ela. Para ela foi uma surpresa. Tinham fotografos espalhados por todo o evento. Meu pai queria registrar tudo, no telão da festa, passava em tempo integral a recordação que meu pai queria guardar dos convidados comemorando suas bodas, mas não sei como de repente. No meio da filmagem apareceu minha mãe atrás de um biombo. — Ela respira e conclui — aos beijos com o jardineiro que trabalhava para nós.

Aquilo foi um escândalo e em menos de 24 horas estava espalhado por todos os jornais. — Imagino como deve ter sido pela matéria que li. — Meu pai ficou por dias afastado do trabalho e quando abriu a porta do escritório, onde ficou enclausurado, apenas comunicou sua decisão de voltar para o Brasil. Eu não tinha dúvida, queria voltar com ele e foi aí que minha mãe pediu perdão e pediu para voltar e passar uma borracha no passado.

Acho que chegamos aqui duas semanas antes do Natal. Foi o Natal mais estranho da minha vida. Eles pareciam estranhos um para o outro e na noite de Réveillon a empresa reservou um espaço, em um clube, para os executivos passarem com suas famílias e lá. Bom lá, meu pai viu uma mensagem do amante da minha mãe dizendo que a esperava para um encontro no seu hotel aqui no Brasil. A partir daí a festa acabou e acabou a vida deles, pois meu pai transtornado com a situação acabou perdendo o controle do carro e o resto da história você já sabe.

— Lamento muito por tudo o que aconteceu. Vamos ter uma vida pela frente para contar um para o outro um pouquinho do seu passado. Mas agora vamos para casa, ou o monstro que está roncando na sua barriga, vai sair para me torturar por não alimentá-la. — O carro está estacionado alguns metros de onde estamos sentados perto do lago, calculando mentalmente o quanto tenho que carregá-la, não hesito em jogá-la nos meus ombros, quando ela tenta contestar, dizendo que não está com fome, finjo não ouvi-la, não digo nada, nenhuma palavra até o carro.

Abrindo a porta coloco-a sentada no assento.

— Deixa-me cuidar de você, minha pupila, como você merece ser cuidada.

Antes de fechar a porta dou um beijo casto nos seus lábios. Conheço-a um pouco para saber que minha missão não vai ser fácil. Ela vai tentar me afastar com medo de me magoar, mas eu não vou deixar lacuna para ela sonhar com essa possibilidade.

BEATRIZ EVA

Faz dois dias que reflito e a cada minuto uma lembrança nova vem à minha mente.

Em uma demonstração de carinho ontem pela manhã, quando fui tomar café, a Cida me entregou um pacote de presente.

— Sr. Pedro disse que você estava com enxaqueca ontem e por isso saiu mais cedo e não quis acordá-la, mas deixou algo para você.

— Ele tem sido o meu chão — confesso em voz alta.

— Esse rapaz vale ouro. Ele voltou quatro vezes para ver se estava tudo bem com o presente que deixou para você. Primeiro ele colocou em cima da mesa junto com um bilhete, depois voltou e pediu para eu entregar, não dando por satisfeito voltou novamente e disse que achava que o presente na mesa seria melhor. Eu já estava indo lavar a roupa quando ele voltou e disse que seria melhor eu entregar o presente, pois se você não visse sobre a mesa, não receberia a surpresa.

Pedro e suas manias! - Penso comigo e sorrindo enquanto leio o bilhete.

Memórias registradas são emoções revividas cada vez que são lidas.

PS:>Tire o dia para você.

Curiosa rasgo o papel e dentro tem um lindo diário.

Até tento tirar o dia para mim, mas sozinha não me sinto bem, a Cida é uma ótima companheira, mas ela tem os afazeres dela e eu não consigo ficar sem fazer nada.

Na verdade acho que ainda devo um pedido de desculpa para o Pedro de forma civilizada. Ontem não sei o que deu em mim, as palavras do meu pai para a minha mãe, sobre ela e minha avó, me fizeram surtar e mais uma vez o Pedro segurou a barra. Além dele estar sendo um bom companheiro, ele tem aguentado meu negativismo de forma passiva. Quer dizer não tão passivo, ele sabe ser duro quando quer.

Muito duro.

Suspiro. Enquanto me arrumo decidida a sequestrá-lo para ter uma tarde com ele e ainda me lembrando de ontem à noite e como foi.

— Você acredita que uma mulher que só conheceu um homem na sua vida, pode vir a se interessar por outro homem algum dia?

— Se o homem em questão deixar algo a desejar para essa mulher que ele tem a posse do

corpo e alma dela, eu acho que sim.

Sua resposta me deixou irritada naquele momento. Então ele tinha dúvidas que se deixasse alguma coisa a desejar eu seria capaz de traí-lo?

— Com quantas mulheres você já se deitou? — Tentei soar indiferente, não sei qual era a relação que aquela pergunta tinha a ver com o meu passado, mas eu já tinha feito e por isso não voltei atrás, mesmo não querendo saber quantas poderiam ter passado pela vida dele.

— Você quer saber com quantas mulheres já fodi? — Ele virou os olhos para cima, como se tivesse contando e isso me deixou ainda mais irritada. — Muitas! Não saberia falar o número ao certo.

— Muitas?

— Muitas! — Ele confirmou parecendo que estava respondendo uma pergunta simples, como quantos chicletes tinha chupado na infância.

— E você acha que isso é ser um garanhão?

— Bya, não queira respostas que sabe que não as darei. Tive muitas mulheres e todas elas foram antes de conhecer você.

Se despindo na porta da suíte ele puxou a cueca pelas pernas musculosas. Por um minuto parei de pensar ou querer contestar e quando voltei a pensar não ajudou em nada, pois diante de mim estava uma massa de músculos com um sorriso no rosto satisfeito por me ver sem reação.

— Para de pensar Bya. A vida não tem graça sem alguns dragões.

— Engraçadinho. Está chamando as mulheres que teve de dragões?

— Jamais faria isso! Quanto à frase foi uma referência ao Harry Potter e O Cálice de Fogo. — Ele ri por ter citado uma frase do filme e ainda ousado tocou sua ereção quando mencionou O Cálice de Fogo.

— Hum! “Quem hesita em punir aumenta o número de abusados.” — Acrescentei o autor — Publílio Siro.

— Quer me punir Beatriz? — Triunfante ele me provocou mordendo os lábios. — Tira a roupa e venha cumprir seu desejo.

— Não, quero tomar banho agora.

Na verdade, só queria ter coragem de perguntar para ele novamente se ele acredita em mim. Era uma insegurança boba, mas eu precisava ouvir da sua boca que confiava em mim.

— Não precisa tomar banho para me punir. — Ele fingiu dar um passo em minha direção. E pronto! Tive que me encostar no armário do quarto para me escorar. — Como já disse basta se despir.

— Você tem um jeito especial de mudar de assunto, não é mesmo?

— Qual era mesmo o assunto? — Encurtando a distância, me senti acuada, lembrava-me do assunto, mas não tinha mais forças para perguntar.

— Não lembra? Você disse que dormiu com muitas mulheres. — Menti para tentar arrumar um meio de falar.

— Eu pareço um homem que viveu a vida inteira no celibato? — Bandido! Ele inspirou meu pescoço e roubou meu ar, defraudou minhas forças e ainda esbulhou minhas defesas.

Se eu inspirasse um pouco mais de ar, meus seios intumescidos encobertos apenas pela leve camiseta seriam capazes de tocar seu peito nu. A fúria que tinha me dominado quando começamos a conversar se evaporou com o clima. Aquele homem tinha me marcado e eu não me imaginaria um dia poder ter olhos para qualquer outro homem que não fosse ele. E, mesmo que uma remota situação pudesse ocorrer, ele passaria por cima de qualquer um como um trator.

— Beatriz, nunca jogue suas raposas duvidosas no meu covil de lobos. — Suas mãos agarram a bainha da minha camiseta e sua boca ficou perto o suficiente do meu ouvido para entender que o que ele estava falando não era uma ameaça e sim que ele sabia onde eu queria chegar. — Seja direta — me encarando, pude sentir sua respiração quando ele puxou a camiseta pela minha cabeça em um piscar de olhos — não gosto de meias palavras.

Eu poderia beijá-lo pela proximidade, acuada por seu olhar fiquei mais excitada do que tinha esperado ficar.

— Sabe? Então me fala. — Ofegante consegui desafiá-lo e isso foi a minha morte. Sua boca engoliu a minha até eu não distinguir quem era quem, ele não parou no beijo, sua boca desceu trilhando os lábios com a ponta da língua por toda a extensão do meu corpo, até parar no botão da minha calça que ele puxou com eficiência brusca, abrindo-o com os dentes.

Ajoelhado diante de mim seu ato de submissão se tornou em um ato de dominação e suas mãos levaram o cóis da minha calça junto com a minha calcinha tornando-as peças como uma tornozeleira garantindo minha imobilização.

Um simples assopro foi capaz de levar-me à rendição.

— Não tenho medo de nenhum outro homem na sua vida e sabe por que Beatriz? Porque nunca entro numa disputa do que já é meu e se tiver que provar a você todos os dias da minha vida, eu provarei. — Seus dedos abriram minha vulva e sua língua me mostrou que eu só era dele, como também seria por toda a vida.

Respiro fundo olhando para o espelho, feliz por ter este homem na minha vida. Uma tarde simples de passeios entre namorados nos fará bem.

CAPÍTULO 37 – Beatriz Eva

Brincando de flertar no trânsito, enquanto imponente o Pedro desfila como um deus do asfalto, atraindo pescoços virados em cobiça da mulherada por onde passa e de admiração dos apreciadores de moto, nos paqueramos em cada cruzamento e farol.

Ele está me seguindo de moto até o escritório, onde marcamos com o Beggo e a Elaine para deixar o carro com eles.

Esse final de semana, passaremos como todos os outros anteriores, trabalhando no nosso cantinho. Às vezes eles nos acompanham e como estão sem carro, sempre vou de moto com o Pedro e eles nos seguem no meu carro.

O Beggo e o Pedro são nosso divertimento, a hostilidade entre eles é para lá de engraçada e contraditória. Enquanto se engalfinham nas opiniões, trabalham juntos como parceiros, na mais pura sintonia.

Desde que recuperei a memória o Pedro tem feito de tudo para me provar que sou amada por todos à minha volta. Sei que ele fez um esforço danado para se acostumar com a presença do Beggo entre nós, proporcionando-me uma zona de conforto, para não deixar qualquer fantasma do passado me assombrar.

Para o Pedro, o Beggo ainda não decidiu sua sexualidade, ele diz que percebe a briga interna que ele faz com os olhos, para não olhar para uma bunda feminina gostosa, quando passa perto dele. Mas ainda assim também não divide o vestiário masculino com ele.

Conclusão. É discórdia de opinião todo momento, eles mal percebem que estão se tornando amigos.

Vejo o quanto o Pedro o incentiva a voltar a estudar e até lhe ofereceu um estágio no escritório se ele quiser se comprometer.

A Elaine está feliz trabalhando conosco e já até se rematriculou no curso, motivada pelo desenvolvimento do escritório. A cada dia que passa estamos mais próximas e ela até confidenciou que gosta do Beggo e eu preferi não opinar sobre seus sentimentos.

Aprendi uma coisa sobre o amor: é que não adianta o mundo ir contra ou as circunstâncias, se o coração quiser viver uma paixão, ele vai sentir independente dos seus resultados.

Os empreiteiros foram muito rápidos na conclusão da entrega da obra, eles nos entregaram toda alvenaria, marcenaria, elétrica e hidráulica em quatro meses. Essa é uma das vantagens da facilidade de trabalhar com as pessoas certas e estar no ramo da construção.

A obra saiu mais cara do que prevíamos devido à situação atual do país e o aumento absurdo do material de construção e desde então decidimos juntos colocar a mão na massa. E agradeço aos meus amigos que volta e meia vem nos ajudar.

O paisagismo já está quase pronto, fiz uma promessa que deste final de semana não passa e a pintura.

Bom a pintura.

Essa tem história e marcas registradas nas paredes e em nossas almas. Um rolo de tinta nunca foi tão abusado eroticamente.

Esperando o farol abrir, olho para ele montado na sua nova R1 todo poderoso, fico pensando que este homem é gostoso de qualquer jeito, até com um rolo na mão. Seus movimentos enquanto pintava as paredes foram perfeitos, por vezes senti uma inveja branca por não ser todas elas.

Uma das vezes não aguentei o arrepio que sentia do dorso até a nuca, excitada como nunca e tentei distraí-lo e logo percebeu minha intenção, quando baixeí até o balde de tinta.

— O que foi? — Indagou com um riso no canto dos lábios.

— Nada. - Essas reticências sempre me denunciaram.

— Esse lado que você está parece não estar muito bom - disse com um olhar que me deixou acuada ao mesmo tempo com a boca cheia d'água. Quando o vi aproximando-se de mim com aquele rolo na mão e as gotas da tinta caindo pelo chão como um caminho para o que seria o destino do meu prazer, escorei-me na parede.

— Será que esse lado da parede precisa de uma atenção especial? — Perguntou-me tateando a parede enquanto ali no canto dela estava eu entocada. Pernas trêmulas. Coração acelerado.

— Acho que sim. — Escondi abaixando o olhar. Dessa vez o braço dele esticou-se por cima de minha cabeça. O cheiro do seu suor misturado com seu perfume me fez suspirar e ele notou.

— Está quente aqui, não? — Faça-me de sua parede, pensei.

— Esquentando cada vez mais. - De repente a mão dele desceu na altura do meu rosto e erguendo meu queixo.

— Parece que aqui também.

— Sim — sussurrei, sentindo sua língua trilhar até meu colo.

— Ui! Pegando fogo!

— Muito! — O rolo que estava na outra mão agora estava prestes a realizar meu sonho e tornar-me sua parede. Levantou minha blusa com um olhar penetrante roçando a pontinha em mim.

— Que pena. — Falou. - Parece que sem querer sujei seu umbigo. Quer que eu limpe?

— Por favor. — Sussurrei totalmente ofegante.

Largou o rolo de tinta no chão sem respeito algum. Colocou minhas mãos para cima dizendo:

— Não se mexa. Vou limpar tudinho. Eu sou tão desastrado.

Descendo lentamente. Roçando seus lábios no meu corpo até chegar ao meu umbigo onde senti sua língua me sugar.

— Pedro. - Chamei sem esperanças, pois aquele cômodo da casa ficou com mais uma das

nossas assinaturas de pintura.

Nem os banhos gelados da ducha ao lado da piscina escaparam. As desculpas de nos lavarmos na área externa, para não sujar os banheiros de tinta, foram regadas de muito amor lascivo.

Ele buzina, para me alertar que o farol abriu e o sigo.

Estaciono o carro em meio aos meus pensamentos e lá estão os dois, animados, lindos e amarrotados, nos esperando.

— Aonde vocês vão arrumados desse jeito?

— Não vamos amiga, estamos voltando.

— Onde passaram a noite?

Cúmplices trocam olhares. Não sei por que, mas acho que tem algo no ar.

— Não marcamos as sete horas? — Desconversando e carregando uma caixa com bebidas, com a mochila nas costas, o Beggo se aproxima do carro.

— E que horas são? — O Pedro olha no relógio. — Sete e cinco! Está reclamando por que atrasamos cinco minutos?

— Não sei não Bya. — Desmunhecando para apimentar a provocação em cima do Pedro, o Beggo diz enquanto coloca a caixa no porta-malas. — Estou achando que é melhor você arrumar um relógio mais novo. Esse cuco está começando a atrasar o passarinho.

Olhando para a Elaine mordo os lábios para não rir.

— Preocupe-se com seu filhote de andorinha perdido no tempo. Por que meu falcão atrasa o horário porque come a caça antes de sair do ninho.

— Pronto! Começou nosso dia. — Cumprimento a Elaine.

— Acho que o dia mal começou. — Ela retribui o abraço.

— Cachaça, vinho. O que é isso? Vai trabalhar ou passar o dia bebendo? — Ouço o Pedro perguntado para o Beggo.

— Enxerido, você, hein? Digamos que farei as duas coisas.

— Mas, não vai mesmo! Hoje vamos subir no andaime para envernizar o beiral do telhado. Se for beber não chegará nem perto. Ficaré sujando as unhas de terra ajudando as meninas.

— Cruzes! A pé no barro aqui é a Bya.

— Não quer sujar a unha ou está com medo das minhocas?

Antes que o clima fique mais alterado intervenho.

— Minhocas e andaimes nos esperam. Vamos embora?

O sol não perdoa o dia todo, e nem a mão de obra para arrancar todas as ervas daninhas que invadiram os canteiros onde nascem como praga, em uma semana.

Rastelando as folhas, presto atenção na Elaine que chega a fazer poemas às daninhas, enquanto vai limpando um canteiro de Maria sem Vergonha. Seu olhar não me engana e não é reflexo das plantas. Ela está mais. Maria sem Vergonha que as plantas e eu decido cutucá-la.

— Onde vocês foram, ontem?

— Quem? — Aérea ela responde e eu conclusiva não tenho dúvida, alguma coisa aconteceu ontem à noite.

— Quem Elaine? Você e o Beggo.

— Fomos à casa do Pablo, um amigo latino do Beggo.

— Era alguma festa? — Despretensiosamente investigo.

— Só alguns amigos, bebidas, risadas, danças e. — Ela para na vocal e parece sonhar.

— E? — Dentro de mim a comichão me corrói. Pode parecer intrusivo da minha parte, mas sei que tem algo a mais.

— Só isso. — Ela diz rindo.

— Bom de assunto esses amigos, imagino?

— Falamos pouco.

— Falaram pouco? O que fizeram o resto da noite?

— Dançamos. E?

Vou fazê-la engolir essa vogal.

— E?

— Transamos.

— Vocês o que?

— Isso que você ouviu.

— Todos?

— Não!

— Eu, o Pablo e.

— E?

— O Beggo.

— Você quer dizer. O Pablo comeu vocês dois, é isso.

— Sem sermão, pode ser? Por que se você falar um A. Paro de contar e para de olhar para o andaime. — Só dou por mim para onde estou olhando surpresa, quando ela me repreende. — Não quero que o Beggo saiba que te contei.

— Não digo nada — simulo passar um zíper na boca.

— Continua rastelando, mas vira o rastelo pro outro lado, porque se eu vir você fazendo cara de espanto. Paro de falar na hora.

— Nada vai me espantar — minto é claro.

— Acho que bebemos demais.

— Não tenho dúvida.

— Nem comecei a contar e você já está me julgando?

Levanto a mão e o cabo do rastelo cai.

— Rastelando, vamos.

— Mandona, hein? Mandou assim ontem à noite também?

— Shh! Trabalhando.

Rindo com ela, abaixo para pegar o cabo do rastelo, mas não deixo de olhar para o andaime e ver os meninos trabalhando.

— O que não faço por uma fofoca.

— Não é uma fofoca. É um segredo e você prometeu. — Aceno afirmativa e ela começa a contar. — Bom, nós estávamos num bate papo animado, rindo de tudo e dançando um pouco. Os amigos do Pablo são ótimos dançarinos, de mão cheia, de Kizomba, foi ficando tarde e foi indo embora um depois outro e no final ficou nós três.

— E, daí?

— Queria tirar uma foto para mostrar o quanto fica feia com cara de curiosa.

— Estou quase roendo as unhas aqui, isto sim. Para de enrolar e conta logo.

— Eu decidi ir embora, o Beggo estava um porre, implicando comigo a noite toda por que estava dançando, mas o Pablo pediu para eu ficar mais um pouco e disse que eu tinha um gingado gostoso, que seria uma ótima parceira de dança e blá blá blá. Que eu precisava sentir um pouco mais a música e então sem menos esperar ele disse algo para o Beggo e me pediu para dançar com ele, daí chegou perto de mim e disse.

— *Você é muito sedutora dançando, sabia? Acho que nasceu par bailar Kizomba. - Sem mais, soltou uma frase que me arrepiou inteira:*

Usted es una tentadora.

— Pensei que aquilo não estava acontecendo. Como assim? Nunca vi esse cara? Ah mais o que de fato sabemos nosso olhar jamais dobra a esquina. Senti-me tentada pelo olhar dele, que no mesmo gingado apanhou um lenço enroscando fortemente entre as mãos encarou-me num tom que parecia súplica:

— *Posso muchacha? E ele me vendou — ela conclui.*

Queria eu mesmo compreender a razão de minha resposta, simplesmente disse:

— Sim. — Meu corpo era pura erupção. Minhas mãos jaziam frias. Quando aquele lenço atravessou tapando meus olhos, engoli seco, todo orgulho e bons modos ciente que estava cruzando uma barreira. O tranco que senti no nó que deu me fez perceber que havia perdido o controle daquela circunstância.

— Gosta assim? — Segredou mordiscando a ponta de minha orelha enquanto suas mãos iam atracando minha cintura.

— Hanrã. - Devolvi no mesmo tom, já atônita. Depois a mão dele passou por cima dos meus seios naquele balanço de vai e vem. Seu corpo grudou ao meu. Entremeou a mão pela nuca até minhas madeixas puxando levemente contra ele onde fiquei emparelhada com seu rosto.

— Consegue imaginar como é deliciosa dançando? — Sabia que estou excitado só de encostar meu corpo com o seu. Está gostando. Sinta.

Tossindo chamo a atenção da Elaine, que parece estar presa na noite ainda.

— Você deixou um estranho tampar seus olhos?

— O que tinha demais? O Beggo estava lá, esqueceu?

— Não esqueci, mas é um tanto estranho um cara pedir para você tampar os olhos para dançar.

— Já vi que ficará sem saber o final.

— De jeito nenhum, jogo o rastelo de lado. Você começou e se não vai terminar, vou agora subir naquele andaime e perguntar para o Beggo que raio de amigo é ele que entrega as amigas aos leões. E se não me contar, jogo-o lá de cima.

— Você vai ficar quietinha onde está.

— Ah! Não vou mesmo. — Finjo dar um passo. — Vai continuar contando?

— Vou, mas chega de interrupções.

Então ela volta a contar. Sua interpretação dos fatos é tão real que posso sentir as batidas da melodia da música. Pelo que fala o tal do Pablo tem um gingado latino sedutor e a levou aos céus em seus braços. Sem contar que ela repetiu as palavras que ele disse no seu pé de ouvido.

— O que você acha que o nosso amigo está fazendo neste momento?

No começo não entendi bem o que almejava. Mas ele sanou minhas dúvidas.

— Enquanto estamos aqui acasalando nossos corpos nesse jogo ardente de sedução, vejo Beggo se tocando sem reservas, nos contemplando.

— O que será que ele quer? — Indaguei, aflita.

— Shh! Pergunta errada, muchacha.

— Qual seria a certa? — Falei em um tom de súplica.

Agarrou mais forte meu queixo quanto ao seu rosto arfando em meu ouvido:

— Será que você está pronta para entregar-se como ele quer? — Agora o vulcão entrara de vez em erupção.

— Não sei. — Hesitei ainda que louca.

— Quer dançar entre nós dois? — A devassa que há em mim expandiu seu poder bélico.

— Quero. - Respondi.

Novamente tenho que a interrompê-la.

— Que nojo, dá para parar de fazer esta cara de que está no cio?

— O que posso fazer se ainda sinto meu corpo em erupção.

— Vamos, termina de falar, estou ansiosa para saber onde o Beggo entrou nessa história.

— Em mim, você quer saber, não é?

Rindo juntas, ela continua.

— Senti seus corpos aquecendo minhas entranhas foi algo inesperado e apazível ao mesmo tempo.

— Quero descer sua blusa. - Pediu Pablo.

— Quero tirar sua saia. — Rogou Beggo.

Dentro de mim gritava:

— Quero ficar nua de vez!

O toque de quatro mãos em meu corpo ali consumindo toda minha seiva. O tato sempre me excitou, mas o balé daquelas mãos latinas me levou à lua de onde eu pretendia não mais voltar.

— Vamos jogar corazon? — Disse Pablo.

— De quê? — Completamente domada.

— Cada vez que você acertar de quem é a mão que está lhe tocando recebe um beijo.

— E se eu errar.

— Uma mordida bem safada, aceita?

— Sim.

Os dois me deixaram por um instante, podia senti-los rodeando-me. Imaginava seus rostos. Suas volições.

O primeiro toque foi delicado. Sorri burlesca mordendo o lábio inferior. Ele subiu lentamente até minha coxa onde um tapa estalou com a ordem:

— Quem é?

— Beggo! — Disse em pensar.

— Errou! Sou eu Pablo! — Uma mordida fina levemente doída foi deixada no meu bumbum.

O segundo toque foram nos meus seios, beliscando meus mamilos com certa força.

— Quem?

— Pablo!

— Errou de novo! Beggo!

Então veio o terceiro toque com duas mãos tateando todo meu corpo.

Ela joga o corpo para trás. E para de falar.

— Fala mulher dos infernos? — Ralho com ela.

— Bya, o Beggo estava tão excitado.

Minha vontade é gritar com ela e perguntar se é assim que ela quer conquistar o Beggo, mas me contenho, pois a história está muito excitante para interromper e confusa ao mesmo tempo. Acho que o Pedro tem razão. O Beggo ainda não definiu qual é sua opção.

— Quando dei por mim estava nua entre eles e os detalhes ficam para a sua imaginação. Só vou dizer a você que por mais sedutor que o Pablo possa parecer, o Beggo que tem o picasso e dominou a situação e não permitiu que eu não sentisse mais prazer pelo Pablo do que por ele.

— Caracoles! — É a única coisa que consigo dizer.

— Bya?

— Oi!

— Você disse que não ia olhar para o andaime.

— Eu disse sim. E como sua amiga vou dizer que é melhor levantar e ir se refrescar, por que os meninos estão descendo do andaime. E você não está parecendo nada bem.

Ela vira o rosto para trás e se levanta fazendo um alerta.

— Bya, você prometeu. Não esquece.

— Não vou falar nada — digo tranquilizando-a. Agora esquecer, nem com outra amnésia seria capaz de esquecer o que ela me contou.

Termino de juntar as folhas, para deixar tudo preparado para o plantio amanhã cedo.

A natureza é um livro de folhas valiosas com suas histórias. As folhas que caem são como as etapas da nossa vida que acompanham a reciclagem de elementos novos.

Os meninos começam a desmontar os andaimes e eu vou até eles. Fico emocionada vendo o resultado do trabalho.

— Meninos, bom trabalho!

O brilho fosco da madeira que dá o acabamento no beiral do telhado deu um toque especial à parede branca, cor que definimos eu e o Pedro. A madeira faz parte como elemento construtivo dos detalhes da casa e está presente entre paredes e vidros que optamos juntos para o acabamento.

A semana passada o Pedro envernizou todos os guarda-corpos e portões.

Jurava que depois dos seus dias de trabalho, ele não teria fôlego nem para um carinho, mas não sei o que tinha no verniz, que o homem não só fez carinho, como me envernizou todinha com seu verniz natural.

Para quem vê de fora, o resultado dessa mistura é uma casa atual, com um toque rústico que começa no portão principal, feito sob medida e rodeando a casa, árvores altas. A mescla do branco com a madeira produziu uma leve sensação de casa de campo.

— Hoje o sol castigou — suado o Pedro me abraça — Gostei do resultado também.

— Quem estava lá em cima pintando? — O Beggo provoca. — Sou praticamente um Picasso.

A gargalhada vem do fundo da minha alma. Falar do Picasso depois de saber a história dele com a Elaine e o Pablo, não poderia vir em uma pior hora.

— Ué? O que foi? — Ele pergunta.

O Pedro também não entende e me encara com a boca torta. Tenho certeza que ele está pensando besteira, as risadas não me ajudam a pensar em uma resposta.

— Picasso! — Outra sequência de gargalhadas sai e quando vejo estou de pernas para o ar, ouvindo o Pedro falar com o Beggo.

— Recolhe sua brocha pintor, que alguém está precisando de um banho gelado de piscina.

— Pedro, me solta— mal consigo dizer — prometo te contar mais tarde.

Tarde demais.

Submersos ele me puxa para os seus braços quando nossos corpos se separam embaixo da água.

CAPÍTULO 38 – Pedro Salvatore

Espreguiçando preguiçosamente no terraço, depois da soneca de final de tarde, percebo a gradativa queda de temperatura e admiro o paisagismo do nosso cantinho. Perdida entre as plantas está ela, a criadora deste cenário lindo, aguando as plantas.

Palmeiras-imperiais seguem enfileiradas no lado direito e esquerdo acompanhando o caminho do portão até o hall de entrada.

Uma combinação de pândalos, helicônias, cicas, cruzias, intercalam-se no jardim em uma sincronia perfeita.

E na divisa entre o nosso terreno e o do vizinho ela caprichou na distribuição de leques de viajante intercalando com butiá.

Arranjos de fórmios em forma de tuchos adornam toda a lateral da casa entre pedregulhos brancos.

A minha mulher mandou bem.

Isso mesmo: minha mulher.

Ela ainda não sabe, mas amanhã saberá.

Quer dizer ansioso para que ela aceite.

Foram tantas histórias e aprendizados trocados nesses últimos anos desde que a minha pupila chegou à minha vida.

Ela transformou as lágrimas de amargura que eu tinha guardadas no meu peito em um estado de ebulição, com seu jeito carinhoso de ser.

Nunca tinha lidado bem com o TOC. No fundo eu convivia com ele, mas com reservas, medo e culpa.

Tinha dentro de mim a autoflagelação como um escape para punir meu corpo como fuga.

E ela me fez entender de uma forma espontânea e natural, que quem tinha que se aceitar primeiro era eu.

Minha **cabeça** cai para trás, entre risadas de felicidade.

Sou um fudido sortudo!

Como é bom viver ao lado dela.

A bruxinha até me convenceu a conhecer o *Brainspotting* e não é que tem me feito super bem! Venho em uma combinação de terapias que tem me feito encarar tudo com muita naturalidade.

Teimosa!

Divirto-me vendo-a puxar e brigar com a mangueira. Tenho vontade de gritar para ela que

não é assim que vai desmanchar o nó que se formou, porém sei que não adiantaria, pois ela faria um contorcionismo enorme como está fazendo e conseguiria desatar o nó como acaba de conseguir,

Se fosse comigo, eu teria ido até o nó para desfazê-lo.

Até porque meus pensamentos não permitiriam nunca. Eles logo mandariam desatar o nó e me certificar por algumas vezes se ele realmente tinha desatado, mas ela não.

Não consigo parar de rir observando-a.

Sua frustrada tentativa resolveu por alguns segundos e o nó voltou a se formar. Ela é boa em me ajudar, mas quando se trata dela é uma teimosa de mão cheia. E algumas lembranças vêm à minha mente, principalmente a do dia que inauguramos nosso cantinho.

Eu estava ansioso, era a primeira vez que meus amigos estariam todos reunidos com seus amigos para inauguração do nosso cantinho.

Bom, a ansiedade no meu caso é a inimiga número 1 do TOC. Ela desencadeia uma mistura de rituais, manias e pensamentos intrusivos de uma só vez.

Naquele dia, antes de sair de casa, perdi a conta das vezes que liguei para o churrasqueiro contratado.

Acho que até cheguei a contar quantos cubos de gelo tinha dentro da caixa térmica que estava levando as bebidas. Eu estava muito ansioso, queria que tudo desse certo e até a minha desaforada importunei aquele dia.

— Pupila, você verificou se pegou tudo? — Gritei alto suficiente para ela ouvir do quarto, já que eu estava na cozinha verificando mais uma vez se a caixa térmica estava bem fechada.

— Peguei.

— Olha de novo, pois se esquece de algo, não temos nada ainda no cantinho.

— Pedro?

— Oi!

— Você já me pediu para fazer isso três vezes. E eu já fiz! Agora sossega que vai dar tudo certo.

— Amor é sério! Pegou a caixinha de primeiros socorros?

Agachado de costas para porta não precisei virar para saber que ela estava atrás de mim. Seu perfume a denunciou.

— Seu teimoso. Quem tem TOC aqui é você, já disse que olhei — sua mão tocou meu ombro para me tranquilizar. — Agora vamos meu controlador carregar o carro, ou você me perguntará mais algumas vezes se não me esqueci de algo. Ou abrirá esta caixa mais dez vezes para ver se a bebida está gelando. — Debochada, ela tirou onda.

— Você tem razão. — Equilibrando-me levantei e a abracei pela cintura, eu estava feliz demais.

— Tenho mesmo. — Sorrindo seus olhos piscaram para me provocar e sua modéstia me levou à morte. Pronto ali se ia um homem ansioso e dava lugar a um homem sedento.

— Acho que nós vamos atrasar.

— Não vamos não.

— Vamos sim. - Seu perfume faz meus pensamentos ficar repetindo. Fode esta mulher até os miolos. Fode esta mulher até os miolos.

Seus olhos negros a denunciaram, a danada estava dizendo da boca para fora, que se importaria em atrasar.

— Sabe que este TOC não é de todo o mal. Gosto destes pensamentos repetitivos.

— Como você gosta deles?

— Gosto quando eles estão impulsivos e você me prende na parede e me ama duro e profundo.

— Adoro mascarar meu TOC e fazer você pensar como eles me tornam insano.

— Eu adoro quando você me engana.

Não a deixei terminar de falar e também perdemos a maionese que ela preparou, pois no lugar que a travessa ocupava em cima da mesa deu lugar para seu corpo quando a debrucei sobre a mesa e joguei tudo que estava em cima para dar lugar ao seu corpo para meu deleite.

Estas e todas as outras vezes que tenho manifestações de rituais ou manias, ela tira de letra e isso me conforta e torna tudo insanamente perverso, divertido e prazeroso de conviver.

Na minha vida não existe mais espaços vazios, inseguranças ou receio, pois eles foram preenchidos pelo fenômeno Beatriz.

Quando nenhum receio domina, seja ele medo do julgamento, preconceito, você se sente livre.

Quando o transtorno não o influencia ou o manipula você torna-se livre. Livre para seguir e apenas conviver com ele, não ser escravo dele.

Desde que o cantinho ficou pronto, foram poucos os finais de semana que não viemos para cá, as exceções foram ocasionadas por alguns encontros do Moto Clube em viagens curtas e em todas elas fiz questão de levar o meu tsunami de emoções junto.

Ela chegou à minha vida como uma responsabilidade imposta, foi chegando, chegando. E logo se transformou em uma prazerosa necessidade de viver como as partículas de oxigênio no ar que eu preciso para respirar.

Olhando-a aguar as plantas, não tenho dúvidas que o que decidi para amanhã à noite, foi a decisão mais sábia da minha vida.

Ela vem irritada há dias e não tem nada que eu faça, que passe essa tormenta, até mel ela deu para comer, agora.

Diz que gosta.

Ainda não sei se é alguma provocação, pois tem uma cliente nova no escritório que faz questão de marcar reuniões somente com o arquiteto e o engenheiro, ou ela realmente gosta de se lambuzar com mel.

O que sei é que não posso beijá-la quando se delicia do melado e a danada chega a virar os olhos, para me provocar.

Enquanto ela vira os olhos meus bagos se contorcem no meu saco.

Ontem à noite precisava de uma desculpa para meu plano com nossos amigos dar certo e falei que não a acompanharia no show que combinamos com nossos amigos por que teria que atender um cliente no Rio de Janeiro e que não tinha encontrado voo para chegar a tempo. Ela quase me fez engolir a espiga de milho que tínhamos acabado de assar na fogueira.

Minha malagueta ficou tão vermelha e seu olhar foi tão radioativo, que posso apostar que nos seus pensamentos ela queria que os grãos estourassem como pipoca na minha boca ou que se tornassem piruá para quebrar meus dentes.

Resultado da noite.

Dormi de conchinha, mas não pude tocá-la e ainda fiquei sem saber de sua surpresa que ela prometeu contar durante a noite. Mas o que eu podia fazer se a minha mentirinha tem um motivo muito especial envolvido?

Hoje pela manhã, ela demorou sair da cama e quando acordou encontrou a mesa de café pronta à sua espera.

Eu queria fazer as pazes.

Porra! Afinal ela precisava estar bem comigo para minha surpresa.

Fingi estar lendo o jornal quando ela chegou à cozinha.

Silenciosa ela chegou e sentou-se à mesa.

— Dizem as pesquisas que o humor é o termômetro mais exato que existe. — Inventei estar lendo uma matéria para testar seu humor, imaginei um sorriso, mas nada. — Bom dia minha pupila.

— Bom dia! — Seu humor não estava nada bom e vê-la quebrando a torrada, só confirmou seu estado, ao contrário de mim, que mesmo tendo motivos para estar mal-humorado por estar dois dias sem tocá-la, decidi tentar brincar esta manhã.

— Não mereço mais um beijo de bom dia?

Desdenhando ela passou rapidinho o mel na torrada e mordeu. Como querendo dizer. Não posso, comi mel.

— Que mel é este? — Sua cara de surpresa foi impagável. Tive que morder o lábio para não rir.

— Melado!

— Este não é meu mel.

— Pensei ser tudo melado! — Depositando o jornal sobre a mesa, completei. — Hoje decidi ser a abelha do seu mel.

— Você foi um abelhudo, isso sim!

— Abelhudo, é? Eu só quis inovar. Até queimei meu dedo, derretendo o açúcar. — Mostrei divertido meu dedo ardido.

Sem pressa levantei da mesa, arrastando a cadeira para trás e isso chamou sua atenção.

Eu queria jogá-la sobre a mesa e me afundar dentro dela e grudar nossos corpos com o caramelo até ela desmanchar aquele mau humor sem sentido.

— Tenho certeza que a calda está doce como mel — enfiando o dedo no pote o lambuzei do melado e levei à minha boca. — Hum! — Girei o dedo entre meus lábios, imaginando o bico do seu seio entre eles todo caramelizado. — Sabe minha pupila, as adaptações de sabores fazem bem para um casal — meu pau emitia físgadas por ver seu peito subir e descer de ansiedade. — Não pode estar tão diferente assim o sabor e mesmo que estiver. Duvido que a abelha seja capaz de servir a você seu melado, como eu posso servi-la.

— E como é que você pode me servir?

Como era bom ver as chamas de desejos despertarem em seus olhos.

— Posso servi-la de diversas maneiras. A abelha, por exemplo, seu ferrão fica no abdômen.

— Sorte a minha que para me deliciar do mel não preciso lambe a abelha, pois geralmente encontramos o mel já extraído das colmeias.

— Bom ponto de vista! — Aquela língua atrevida, logo ia ter um destino para ela deixar de ser tão insuportavelmente sedutora. — No entanto no meu abdômen você só encontrará melado — voltando o dedo para o pote aproveito que estou sem camisa e besunto do meu peito até minha barriga.

— Posso não querer prová-lo. Já pensou nisso? — Desafiadora e contraditória sua língua lambeu seus lábios.

Porra!

— Isso seria muito terrível. Pois tive que ir esta manhã até um exame arriscando minha vida, só para perguntar para as abelhas, qual o segredo que minha pupila estava tão fascinada em comer toda hora o seu mel.

— Suponho que com seu charme foi fácil elas cederem à receita.

— Não muito fácil. Tive que usar um pouco do meu poder de persuasão. Você não quer provar um pouquinho para ver se ficou próximo do sabor, já que in natura pode ser melhor que na torrada que você provou?

— Será que você não exagerou na perfeição e colocou no meio desta receita um ferrão junto? — Dou um passo para ela e erguendo seu queixo, percebo que ela está salivando.

— Se tivesse colocado algo seria uma flecha do cupido para atravessar seu amor.

— Essa flecha já me acertou faz tempo — ela estendeu sua mão e o feitiço virou contra o feiticeiro. Flamejante, ela abaixou o elástico da minha calça dando liberdade de expressão e virilidade ao meu pau que a contemplou com a enorme ereção que quase chegou à sua boca. — A próxima vez que visitar qualquer abelha, diga a ela que somente eu sei chupar todo o mel desta flecha — em mensagem subliminar, entendo que ela se refere à cliente que venho atendendo. — E ainda você diz a ela que o mel produzido pertence a somente uma rainha! — Despejando o caramelo pela extensão do meu pau, senti o líquido viscoso me encobrir e seus lábios o saborearem.

— Minha rainha — consegui dizer.

— Sim! Sua rainha incapaz de aceitar qualquer operária tentar se aproximar ou sentir o cheiro do que lhe pertence.

Doce, ardida e lasciva ela não só sorveu somente do melado, como me levou a nocaute em minutos e abstraiu toda a porra que saiu do meu pau, até a última gota. Provocante fez questão de limpar com os dedos os cantos dos lábios quando terminou, fazendo com que meus músculos e nervos que começavam a descontraír, se contraíssem novamente emitindo novas ondas de prazer.

— Você já pode fazer outra receita e me mostrar como ela pode ser provada dentro do meu pote.

Sem reservas passamos o resto da manhã entre geleias e todo o resto de caramelo com muito prazer.

Só de pensar nisso já me sinto faminto.

Dando meia volta sigo o caminho até ela para ajudá-la terminar de aguar as plantas.

Afinal temos um jantar ainda a ser preparado.

BEATRIZ EVA

Está certo que trabalho é trabalho e estamos em plena segunda-feira, mas poxa que cliente mais empata foda.

Hoje é show do Diego, um dos amigos do Marco e do Pedro, lá do Moto Clube. Combinamos há semanas ir assistir o lançamento do CD do Diego, o cara está arrasando e arrastando multidões por onde passa seu show.

Desde que passei a frequentar o Moto Clube conheci todos os membros, inclusive fiz grande amizade com a Maria Rosa, esposa e fã de carteirinha do seu marido.

Eu disse para ela que nunca seria esposa de um cantor, só de imaginar aquela ruiva idiota marcando reuniões com o Pedro para falar da planta da sua empresa. Empresa? Eu disse isso mesmo? Ah tá. Sou profissional e não vou desmerecer que ela é uma empresária. Se ela chama sua mais nova casa de prazer de empresa, assim tem que ser. Só não posso engolir. Agora imagina a Maria Rosa que todas as fãs querem se deleitar do Diego.

Bom! Acho que se eu fosse ela, me tornaria a bartender dos shows e sairia distribuindo coquetel com ingredientes surpresa a todas as fãs que se aproximassem do palco. Como não sou - a admiro de longe por ver seu perfeito autocontrole.

Uma batidinha na porta me faz lembrar que estou ainda no escritório e totalmente desmotivada a ir para o show.

— Atrapalho?

— Elaine desde quando você me atrapalha mulher?

A minha amiga leva a ferro e fogo seu profissionalismo, estou muito orgulhosa dela. Se bem que não muito no âmbito sentimental, que entrou nessa tal de paixão poliamor.

Mas o que vou falar quando vejo estampado no seu rosto o sorriso de lado a lado e ainda de quebra vejo meu outro amigo com o mesmo sorriso e ainda ganhei um novo amigo, que tem um sotaque latino que nos faz dançar onde estamos?

O duro nisso tudo é abrir a mente da cabeça dura do Pedro, que ainda não sabe dos detalhes, mas está bem desconfiado dessa relação louca entre eles.

No início quando a Elaine me falou um pouco sobre essa relação, que não se tratava somente do sexo em si, mas que os três tinham se apaixonado uns pelos outros, também foi difícil de entender, mas hoje tiro de letra. Apertei a tecla foda-se para o que é o certo.

Quero vê-los feliz.

— Conta tudo e não esconda nada. Não vi a cara do Pedro hoje, como ele recebeu a notícia?

— Não recebeu.

— Como assim não recebeu? Você fez o teste e me mandou foto. Por que não mostrou para ele.

Descobrir que estava grávida foi a notícia mais emocionante da minha vida. Fazer o teste de farmácia só foi uma confirmação para o que eu já sabia.

Eu sei e senti exatamente o momento que dentro de mim uma vida nasceu.

Dezesseis dias de atraso, muito enjoo, vontade imensa de ter um pote de mel como um nécessaire ao meu lado, só confirmava a cada dia os sintomas que vinha sentindo.

Na sexta-feira à noite antes de ir para nosso cantinho, comprei o teste e juro que queria dar a notícia para ele, assim que vi o resultado, mas também estava com o bichinho do ciúme me corroendo há dois dias e queria dar a notícia e fazer dela um acontecimento.

Poxa! Não era como colocar em suas mãos uma responsabilidade, onde sei que seria uma notícia maravilhosa.

Eu quero dizer para ele que ele terá uma nova responsabilidade na sua vida, mas de uma forma linda, assim como ele me acolheu.

Eu quero contar para ele as boas-novas, mas quero que seja surpreendente. Vivemos juntos, não quero que ele se sinta na obrigação de ter que casar comigo para seu filho ter pais com relação estável, por que estável nunca foi nosso emocional, porém vivemos juntos como um casal pronto a receber um pequeno ou uma pequena pupila na nossa vida.

— Eu ia mostrar. Deixei o teste embaixo do travesseiro dele, mas ele veio no meio da fogueira dizer que não poderá ir ao show com todos nós hoje, pois a porcaria do cliente dele precisava de atendimento hoje e só conseguiu voo para o final do dia. Fiquei irritada. Broxei para ser mais sincera.

— Amiga, estamos falando de gravidez.

— Eu sei. Mas quero dar a notícia para ele em um momento especial. Não quando tenho vontade de torcer seus bagos.

— Quando vai contar?

— Não sei, o teste está na minha bolsa. Até fazermos as pazes.

— Vocês estavam brigados?

— Ele não, mas o meu ciúme sim. Não gosto nada daquela Izilda. A mulher é um porre.

— Beatriz Eva, você algum dia vai colocar uma placa na frente deste escritório. “Aqui só são permitidos clientes homens”.

— Você me deu uma boa ideia. Considere-se promovida para o marketing do escritório — rimos juntas.

Momento Pedro Salvatore e Beatriz Eva.

— Isso é patético. Não preciso de toda esta caracterização. Afinal, já foi um dia muito trabalhoso para eu dizer ao mundo que quero a minha mulher.

— Não tem nada de patético — a Bárbara diz, enquanto o Marco ri, quando sobre a minha cabeça ela coloca o resto da fantasia.

— Vou morrer de calor dentro desta roupa — me olho no espelho do camarim do Diogo. Maldita hora que contei para eles que queria surpreender minha pupila.

— Este negócio está coçando meu corpo todo.

— Quando a Bya me falava que você era rabugento, eu não tinha noção do quanto.

— Ela dizia isso é?

— Da boca para fora — ela ri.

— O show já começou. Vemo-nos lá fora. — Abraçando-me o Marco bate nas minhas costas com força.

— Pode me esperar como vou sair daqui aqui, preciso de vocês.

— Eu era seu fã quando pequeno. Nunca imaginei ser seu amigo. Adorava assistir você e é claro que ajudo — ele diz zombando de mim.

— Então cuidado gatinho, pois se assistia o seriado sabia que o alienígena adora comer gatinhos.

— Sei bem o que ele adorava comer e por ser um tigrão não corro esse risco.

— Não sei onde estava com a cabeça quando pedi a ajuda de vocês dois.

— Não reclama, você está lindo. Agora deixa levarmos você até a pista de dança. Não queremos perder o show do Diogo e o seu por nada neste mundo.

A Bárbara me beija e os dois me conduzem até próximo onde todos os nossos amigos estão.

Ironicamente vejo todos que estão próximos a mim, olhar-me como um alienígena. Os segundos vão se passando e posso dizer que a ansiedade vai só aumentando.

Meus pensamentos pedem para eu girar de um lado ao outro. Outra hora pisar com o pé direito e esquerdo em uma linha branca que tem à minha frente. Para quem me observa até parece um show de animador de festa. Porém dentro de mim sei que estou uma pilha de nervos.

Sinto-me como o personagem do filme, que se colocava a si próprio em risco de ser descoberto enquanto fazia suas brincadeiras nada convencionais. Entretanto o bom que em tudo isso o personagem sempre se dava bem no final e assim que desejo que aconteça esta noite.

O sinal que combinei com o produtor do show sinaliza que chegou o momento e no telão que a pouco passava clipes das músicas da banda, fixa a tela em uma rosa vermelha.

Dando alguns passos vejo o pessoal do Moto Clube, a D. Cida se divertindo e dançando com a Elaine, o Beggo e o Pablo.

A Bya parece animada conversando com a Bárbara e o Marco, eles tentam distraí-la todo momento.

Todos cúmplices.

— Boa noite! Estamos muito felizes em recebê-los esta noite no nosso lançamento e muito mais felizes por ter um marco na vida de duas pessoas que passamos a conviver e admirá-los.

A plateia ovaciona os músicos.

O show deles está lindo.

Como eu queria que meu amor estivesse aqui.

A Elaine tinha razão, o Pablo é um pé de valsa e já dançou com metade das esposas dos nossos amigos.

O Beggo vem me surpreendendo, ele parece cada dia mais apaixonado pela Elaine e pelo Pablo também. Ele está mais maduro e menos impulsivo.

Os três começam a dançar juntos e fazem um show à parte e enquanto me seduzo à deliciosa dança, a Bárbara me chama a atenção.

— O que está achando do show, Bya?

— Adorando, Bárbara. Os meninos arrasam.

— Esta noite vai ser muito especial.

— Meu dia está sendo especial, pois sei que nunca mais estarei sozinha nesta vida.

Ela me olha espantada.

— Você está grávida?

— Antes de vir para cá, passei no laboratório e confirmei o que eu já sabia desde sábado.

Ela me abraça.

— Parabéns Bya, vocês serão os grávidos mais felizes que conheço.

— Queria o papai aqui. — Brinco passando a mão pela barriga, sonhando vê-la enorme.

— Então, hoje o dia será duplamente especial — seu olhar desvia de mim e alguns outros olhares também, fazendo-me acompanhar o que todos olham.

Quase ri.

Como assim o Alf aqui no show?

— Ei, moça! — O avatar dirige a palavra para mim.

— Oi, Alf! — Digo rindo.

— Você vai ao meu casamento?

— Se me convidar. — Gente que engraçado.

— Mas como não vou convidar se você é a noiva.

— Noiva?

— Como assim, a noiva?

Sem entender direito o que está acontecendo as luzes se apagam e no telão percebo uma tela negra com uma rosa vermelha ao centro.

Diogo, vocalista da banda, chama a atenção de todos.

— Esta música exclusiva que vamos tocar agora se chama. “Você é meu ar” — composição Fabrício Castro e como intérprete eu, Diego Milani. E esta música, Beatriz Eva e todos os convidados, é oferecida pelo meu amigo Pedro Salvatore. Este homem ama você, garota! E me confidenciou que você é seu ar.

“Eu não acreditava em amor à primeira vista

mas ao te ver fiquei sem saída

o seu encanto me enfeitiçou com o seu brilho me encantou

Eu não sabia mais o que pensar

mas o meu coração

sempre a procurar uma maneira fácil de entender

o amor que eu sinto por você.

Eu vou me declarar pra você agora

eu posso ir embora

se me der um fora

eu falo a verdade

eu te amo sim

Eu quero ter você pra mim

Eu sei que foi amor à primeira vista

seus olhos de menina

é a minha sina

eu não consigo mais te esperar

por que você é o meu ar”

Emocionada meus olhos estão marejados, que letra linda. No telão começa a piscar uma imagem e nela eu demoro a entender o filme que aparece.

— Eu e o Pedro somos os protagonistas?

— Sim! — Assusto-me quando vejo o avatar do Alf ajoelhado ao meu lado.

Rindo da situação levo as mãos ao rosto.

— Você é louco?

— Louco por você.

Começa o som do telão, meus olhos se alternam entre o meu Alf ajoelhado aos meus pés e as imagens. Porém elas me prendem, seus olhos estão fixos na tela. Seu olhar é marcante, penetrante e foram neles que me perdi, desde o dia que o vi.

— *Em primeiro lugar peço desculpas a todos que vieram assistir o show do Diogo, prometo ser breve.*

A banda toca em notas baixas, Mirrors.

— *Bya eu nunca imaginei encontrar uma pessoa que me desse paz, conforto e que me aceitasse exatamente como sou. Daí eu conheci você e você também não é nada disso. Você me tira a paz e traz novidades à minha vida, me faz flutuar pela minha zona de conforto e é uma fanfarrona que brinca com respeito do meu jeito de se, dentro das minhas imperfeições e que fez eu me aceitar. Você é o meu TOC, o meu tesão em ser obsessivamente e compulsivamente apaixonado pelo oxigênio que você representa, no ar que respiro. Nós somos muito diferentes. Somos um diferente imperfeito que se torna perfeito dentro do nosso amor. Você me completa. E eu quero completar você pelo resto da vida. O normal seria eu pedir para que você nunca mude, mas isso não faria sentido, pois a cada dia que acordo ao seu lado, tenho um dia diferente, sinto novas emoções e descubro uma maior. E por não poder viver sem respirar você, quero fazer um pedido. Casa comigo, minha eterna pupila? Por favor.*

Ela não espera o vídeo terminar, arrancando a cabeça da fantasia.

— Você tinha que ser diferente, até no pedido de casamento? — Limpando as lágrimas, ela me puxa.

— Isso é um sim?

— Ainda não é um sim.

— Não?

— Não, meu amor, porque você precisa fazer direito e na ausência do meu pai, você precisa fazer o pedido para o nosso filho que está no meu ventre.

— Você disse o quê?

— Eu disse que quem vai responder é o nosso filho, que está aqui dentro de mim.

Agarrada pela cintura eu não canso de girá-la no ar.

— Você é o meu ar, minha visão, meu tato, meu olfato e nosso filho será o nosso viver. Eu amo você hoje, Beatriz Eva, amei você ontem e amarei você amanhã e o resto das nossas vidas, até envelhecermos juntos com nossos filhos, netos, bisnetos, até a geração que Deus nos permitir viver juntos.

— Ei — ela me chama a atenção e eu paro de girá-la, com medo de estar passando mal.
— Só promete para mim, que não ensinará nossas próximas gerações este jeito especial de pedir uma mulher em casamento.

— Você não gostou?

Desta vez é ela que gira nos meus braços.

— Eu amei.

EPÍLOGO

Olá.

Eu sou o Gabriel Gimenez Gastaldo e estou aqui hoje para dizer que tenho muito orgulho da minha mãe.

No seu último capítulo ela resolveu me fazer um resumo do seu novo livro.

Inicialmente ela contou a história e disse que eu era um grande orgulho para ela, pois fui eu que a motivei escrever esta história, por proporcionar para ela conhecer o que é o TOC. Pois bem.

Como é que ela pode ter orgulho de mim, se foi ela que vem a cada dia me fazendo vencer o TOC.

Tenho 15 e faz mais ou menos quatro anos que me encontrei com ele.

Foi quando os pensamentos intrusivos começaram a fazer parte da minha vida. Mas já vou dizendo, a história que ela criou é pura ficção, pois meu pai não é como o do personagem e minha mãe está aqui vivinha ao meu lado.

Você deve se perguntar se as manias e rituais do personagem eu já vivi. Nossa! Eu vivo e sinto, mas hoje eu sou mais forte que eles e é na terapia e na medicação que encontro meus aliados.

Costumo dizer que tem horas que os pensamentos azucrinam, mas sou teimoso, acho que consigo azucriná-los mais. Assim os tenho vencido.

Enfim, vocês querem saber dos personagens não é mesmo?

Conta para seus leitores mãe, qual foi o desfecho desta história.

Desculpa leitor, mas ela disse que este fim, ela quer que eu conte então vou contar para vocês.

O casal teve uma cerimônia discreta e uma recepção íntima entre amigos.

Sua lua de mel. Bom, essa foi feita em uma linda viagem para a Argentina onde o Robson, marido da Suzete, que faz parte das Suezetes, resumiu o que é ter uma garupa em sua moto.

A sensação que tenho ao pilotar a moto na estrada é a sensação de liberdade, do poder, da conexão com o mundo de mente aberta, ver e viver as várias experiências inusitadas e ter a minha esposa na minha garupa, essa sim amplia a sensação de proteção, de segurança, intimidade, prazer e por final a do amor de ver o mundo diferente e dividir com a sua companheira o que a faz bem.

A pequena Lívia nasceu e desde o momento em que o médico informou aos pais que ela era portadora da Síndrome de Down, eles vêm a amando mais dia após dia, aprendendo com ela o seu jeito sábio. Que na vida somos peças conduzidas para viver intensamente cada acontecimento e tirar deles o que se tem de melhor, vivendo um dia de cada vez.

Fim